

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Franklin Távora
O Matuto



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Franklin Távora

O Matuto

Publicado originalmente em 1878.

**João Franklin da Silveira Távora
(1842 – 1888)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 199



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Franklin Távora: “*O Matuto*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Franklin Távora (João F. da Silveira T.), advogado, jornalista, político, romancista, teatrólogo, nasceu em Baturité, CE, em 13 de janeiro de 1842, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de agosto de 1888. É o patrono na Academia Brasileira de Letras da Cadeira n. 14, por escolha do fundador Clóvis Beviláqua.

Era filho de Camilo Henrique da Silveira Távora e de Maria de Santana da Silveira. Fez os primeiros estudos em Fortaleza. Em 1884 transferiu-se com os pais para Pernambuco. Fez preparatórios em Goiana e Recife, em cuja Faculdade de Direito matriculou-se em 1859, formando-se em 1863. Lá viveu até 1874, tendo sido funcionário, deputado provincial e advogado, com breve intervalo em 1873 no Pará, como secretário de governo. Em 1874, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde viveu como funcionário da Secretaria do Império. Foi jornalista ativo, redigindo *A Consciência Livre* (1869-1870) e *A Verdade* (1872-73).

Iniciou a vida literária ainda estudante. No que se pode chamar a sua fase recifense, publicou os contos da *Trindade maldita* (1861); os romances *Os índios do Jaguaribe* (1862); *A casa de palha* (1866); *Um casamento no arrabalde* (1869); os dramas *Um mistério de família* (1862) e *Três lágrimas* (1870).

No Rio de Janeiro, teve influência na vida literária, fundando e dirigindo com Nicolau Midosi a Revista Brasileira (2ª fase), de que saíram dez volumes de 1879 a 1881. Ao mesmo tempo, inicia uma fase de reconstituição do passado pernambucano, marcadamente regionalista, tanto na ficção quanto na investigação histórica. Fez cerrada campanha contra José de Alencar, por não concordar com o seu romantismo idealista. É tido como um dos precursores do Realismo, embora os seus romances ainda sejam grandiloqüentes e românticos. No romance *O sacrifício* (1879), são evidentes as concepções naturalistas.

Intérprete literário de um regionalismo que se vinha exprimindo ideologicamente desde o início do século, defendeu o que chamava uma literatura do Norte, em oposição a uma literatura do Sul, considerada cheia de estrangeirismos e antinacionalismo. Pseudônimos: Semprônio e Farisvest.

Fundou a Associação dos Homens de Letras e foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Academia Brasileira de Letras
Fevereiro, 2014

ÍNDICE

CAPÍTULO 1.....	2
CAPÍTULO 2.....	8
CAPÍTULO 3.....	15
CAPÍTULO 4.....	20
CAPÍTULO 5.....	25
CAPÍTULO 6.....	31
CAPÍTULO 7.....	36
CAPÍTULO 8.....	41
CAPÍTULO 9.....	47
CAPÍTULO 10.....	52
CAPÍTULO 11.....	57
CAPÍTULO 12.....	63
CAPÍTULO 13.....	70
CAPÍTULO 14.....	77
CAPÍTULO 15	83
CAPÍTULO 16.....	89
CAPÍTULO 17.....	95
CAPÍTULO 18.....	100
CAPÍTULO 19.....	106
CAPÍTULO 20.....	111
CAPÍTULO 21.....	120
CAPÍTULO 22.....	126
CAPÍTULO 23.....	135
CAPÍTULO 24.....	140
CAPÍTULO 25.....	147
CAPÍTULO 26.....	156
CAPÍTULO 27.....	169
CAPÍTULO 28.....	177
CAPÍTULO 29.....	185

Meu Amigo,

Eis o *Matuto*, prometido há perto de dois anos, e só agora publicado, por circunstâncias que não vem ao nosso caso revelar.

Fica fora deste livro a carta que escrevi, tendo a vista as objeções de amigos e inimigos á fundação, ou, antes ao reconhecimento de uma literatura que suponho, senão formada, em trabalho de formação, e a que denominei— *Literatura do norte*.

Nessa carta, além de examinar as objeções, estudo á luz do critério histórico, que me pareceu mais natural e justo, a rebelião da nobreza e posteriormente a dos mercadores em Pernambuco, a qual trouxe a guerra que passou á história com o nome de — *Guerra dos mascates*.

Por encurtar tempo e diminuir páginas deixo a carta na gaveta com a continuação, já pronta, da presente história.

Si me resolver, sairão a lume os dois escritos na mesma ocasião que, segundo suspeito, não tardará muito. Isto não é uma promessa.

Não prometo nada, para não me arriscar a faltar, como por vezes me tem acontecido.

Tempo, circunstâncias, imprevisto— eis o tudo, ou pelo menos o essencial da vida.

F.T.

Rio, Maio de 1878

CAPÍTULO 1

Pasmado é uma velha povoação, outrora aldeia de índios, duas léguas ao norte de Iguarassu, na estrada de Goiana. É célebre por seus ferreiros, ou mais especialmente pelas facas de ponta que estes fabricam, as quais passam pelas melhores de Pernambuco onde têm estendida e tradicional nomeada. Não há terra que se não distinga por usança, defeito, qualidade ou particularidade local, que vem a ser o seu como traço característico, a sua feição dominante. Quem passa por Tigipió, na estrada de Jaboatão, encontra a cada canto tocadores de viola que vêm alegres, e pé no mato pé no caminho. Dos casebres do Barro o que logo se mostra aos olhos do viandante são mulheres metediças, com as cabeças cobertas com flores, os cabeções arrendados e decotados, os seios quase de fora. Costumes dos povoados onde ainda não tiveram grande entrada o trabalho e a instrução.

Passando-se por Goiana ouve-se daqui uma trompa, dali um baixo, adiante um *pistom*, além um trombone, uma clarineta, uma flauta, um assobio, uma harmonia ou uma melodia qualquer, e não se vê sala nem corredor que não tenha nas paredes uma, duas ou três ordens de gaiolas com passarinhos cantadores e chilreadores. Há ai o instinto músico da boemia.

Quem atravessa Pasmado pela primeira vez, tem a ilusão de que todas as arapongas da mata próxima estão ali a soltar seus estrídulos acentos. Mas logo vê homens tisonados batendo com o martelo sobre a bigorna, foles assopradores, carvões ardentes e flamejantes. Então a ilusão muda. O que parece é que todas as forjas de Vulcano foram transportadas para aquele imenso laboratório de instrumentos mais destruidores do que conservadores da vida e do sossego alheio.

Neste particular, o de ser largo e opulento mercado de armas malfazejas, talvez Pasmado só possa contar em todo o império brasileiro uma rival — a corte do sobredito império, na qual a navalha do capoeira disputa a primazia, em gênero, número e caso, à faca do matuto do norte. A corte e a província neste ponto cortam-se bem. Uma não tem que falar da outra. No que Pasmado se parece com todos os velhos povos, é em ter casas esburacadas; entulhos e matos pelo meio das ruas; aqui uma baixa, ali um barreiro, onde, de inverno, coaxam os sapos dia e noite, respondendo à vozeria desentoadada dos seus semelhantes que moram nas moitas formadas por dentro dos largos, sem licença nem proibição da municipalidade. A rua mais pública e principal da povoação é aquela por onde corre a própria estrada. Perto ficam os olhos-d'água nativa onde os moradores vão prover-se da de que precisam, quando não aparam, por sua comodidade, como costumam, em potes e gamelas a que cai das biqueiras da casa durante as chuvas. O certo é que, ou indo buscá-la nas fontes ou aparando-a na porta da casa, não curtem sede os moradores de Pasmado dias e noites,

ainda de verão, como curte a pobreza deste esplendida e orgulhosa cidade — primeira capital da América do Sul.

Em um rancho ou garapeira que se via algumas dezenas de passos antes da povoação, estavam reunidos, por uma noite de 1706, à roda de um fardo de fazendas, vários matutos que voltavam do Recife, onde tinham ido vender algodão. Entre eles havia dois almocreves das proximidades de Goiana, um por nome Francisco, o outro Vitorino.

O rancho não era mais do que o prolongamento da garapeira, com a qual tinha comunicação interior. Era, como são tais pontos, apenas envarado até meia altura e coberto de telhas. De um lado estava a longa manjedoura em que os cavalos dos rancheiros passavam a noite aproveitando, de mistura com alguns pés de capim, cortados de tarde, os talos e retraços que nela tinham deixado os cavalos dos rancheiros na noite anterior. Do outro lado o alpendre mostrava-se inteiramente livre, como convinha, a fim de terem os hóspedes espaço para as suas redes, que eles armavam de um *enchamel* para outro, e donde a qualquer hora da noite podiam ver os seus animais alguns passos de distância, comendo se havia o que, ou estudando como muitas vezes acontecia. O dono da garapeira, responsável pela segurança dos animais, fechava as portas do puxado quando via os rancheiros recolhidos, e só reaparecia ai de madrugada para receber destes a respectiva paga. Muitas vezes, estava ele ainda deitado quando ouvia uma voz que lhe dizia:

— Aqui fica o dinheiro, seu Inácio.

Era a voz do rancheiro, o qual punha por baixo da porta a quantia devida. Nunca nenhum se ausentou sem ter primeiro cumprido o seu dever, com a proverbial probidade do matuto e do sertanejo do norte.

No tocante ao traje, ver um dos matutos era o mesmo que ver os demais. Camisa por cima de ceroulas de algodão — eis em que ele consistia.

Todos tinham os pés nus, e quase todos por cima do cóis das ceroulas o longo cinto de fio, cofre portátil onde traziam o dinheiro, terminando em cordões com bolotas nas pontas, os quais serviam para dar muitas voltas em torno da cintura antes do laço final. Metida entre o cinto e o cóis guardava cada um sua faca de ponta presa pela orelha da bainha. Da arma só aparecia o cabo, figurando a cabeça de uma serpente que tinha o restante do corpo oculto.

Já era noite, e dentro do rancho lançava crepuscular claridade o candeeiro de azeite, que pendia, por uma corda corrediça, de um dos caibros da coberta.

Alguns dos rancheiros estavam com as mangas arregaçadas como se foram prestes para entrar em pugilato de vida e morte.

E de feito não era de outro gênero o mister ou a luta que os ajuntara ali, uns de pé, outros inclinados sobre a barriga, todos com as vistas concentradas na superfície do fardo, onde uma taboa se pusera para servir de base a dois braços diferentes que nesse momento se alçaram e logo após se uniram pelas mãos, ficando firmes sobre os cotovelos. Um dos pegadores da queda-de-braço chamava-se Manoel Francisco; o outro era o Vitorino. A queda-de-braço era já nesse tempo em grande uso entre os almocreves do norte.

Manoel Francisco era acaboclado, feio, baixo, grosso e reforçado; Vitorino procedia de mulata e mameluco, era seco, nervoso e de semblante bem assombrado.

— Sustenta o motivo, Mané Francisco, senão Vitorino te lambe — disse um dos circunstantes, quando viu os braços inimigos se entesarem e ouviu o fardo ranger aos primeiros ensaios das duas forças que se experimentavam e mediam para uma grande luta, posto que dentro de acanhada arena.

— Este braço que estão vendo — respondeu Manoel Francisco — tem botado abaixo enquanto o inimigo esfrega um olho, muito *curema* rebingudo das ribeiras do Ceará e do Piauí.

— Agora é que havemos de ver ele para quanto presta, e se tudo isto o que você está dizendo não passa de uma história, retorquiou Vitorino. Quando quiser cair, diga.

— Se você é homem, mostre agora o seu talento — replicou Manoel Francisco, retesando o braço, como quem queria entrar sem detença no momento decisivo.

Pegaram-se definitivamente os dois atletas.

O braço de Manoel Francisco dava dois do de Vitorino; mas a resistência que encontrou neste, fez que não passasse nem uma linha da posição em que de princípio se colocara. Eram duas pirâmides pétreas, imóveis, inabaláveis, uma talhada para competir com a outra na rijeza e na resistência.

A queda-de-braço tem graça justamente quando os lutadores medem forças iguais. Dá-se então o que é natural de pleitos idênticos. Dividem-se as opiniões sobre a probabilidades da vitória. Uns, levando em conta as condições físicas dos combatentes, não hesitam em decretar, para o que lhes parece mais favorecido de tais circunstâncias, as honras da peleja; outros publicam que essas honras hão de caber, não a este mas àquele contendor, autorizados por precedentes ou por outros muitos elementos de indução e convicção. Fora da arena dos pelejadores reais, forma-se uma arena em que começam de porfiar os assistentes à pugna, discutindo, altercando, apostando cada qual pelo que supõe ter por se mais probabilidades para o vencimento.

Foi o que se deu no rancho logo depois de se terem colocado defronte um do outro, ficando o fardo de permeio, o Vitorino e o Manoel Francisco.

Ao cabo de alguns minutos, que bastaram a trazer os contendores cobertos de suor pelo esforço despendido, e antes deste pelo brio empenhado no jogo de honra, disse um dos rancheiros:

— Já você está sabendo, Mané Francisco, que o Vitorino não é quem você julgava.

— Ora que tem isso? retrucou o que se achava mais próximo do que acabava de falar. Ha de cair como os outros; não há santos que o acudam.

— Deixe-se disso, Renovato, deixe-se disso. Você não vê que ambos eles são dois cabras de talento?

— Sim, é verdade; mas você não dá o desconto. Olhe que Mané Francisco já tinha pegado com Damião e Thomaz, e a todos botou por terra.

— Ele me botou, é verdade — acudiu Thomaz despeitado; mas de outra feita talvez não tenha a mesma felicidade. Olhe como o braço já lhe está tremendo, batido por Vitorino.

— Aquilo é um *peneirado* que ele sabe.

— Sustenta o motivo, Mané Francisco — gritou Damião ao que minutos antes o tinha derribado.

— A coisa está feia. O que cair para a aguardente.

— E o rancho.

— Está dito.

— Caiu, caiu, Mané Francisco! Gritaram neste ponto muitas vozes, formando uma algazarra imensa, que repercutiu fora do alpendre.

— Ainda não, ainda não — retorquiram outros no mesmo diapasão.

— Não foi mais do que uma negaça. Vejam lá como se levanta.

De feito o caboclo, depois de derreado quase inteiramente o braço, o levantara lentamente até à altura em que se achavam no começo da luta: mas dai não passou.

— Quem vence? perguntou um, logo que viu novamente restabelecidas a indecisão e a dúvida.

— Nenhum vence — respondeu Francisco. Está visto que Mané Francisco e Vitorino têm as forças iguais.

— Não, senhor. É preciso ir até ao fim. Um deles há de poder com o outro.

— Não, não; disseram alguns da opinião de Francisco. Têm as forças iguais, está acabado.

— Eu não me levanto se Vitorino não se levanta — disse Manoel Francisco a modo de contrariado por ter encontrado no contendor força com que não contara. Eu não me levantarei senão depois da sua queda — respondeu Vitorino sem se alterar, antes com evidente serenidade.

— Levantam-se ambos, que já é tarde, e vem por aí o Valentão do Timbaúba.

— O Valentão do Timbaúba! exclamaram os rancheiros, pondo-se de pé, inclusivamente os dois lutadores, que se separaram e com a vista percorreram como sobressaltados todo o âmbito do alpendre.

— Quem disse que ele vem aí? perguntou Vitorino.

— Digo eu — respondeu Francisco. Por isso é preciso estar preparado para o receber.

— Se vier, há de encontrar gente. Somos onze. Não há de chegar um pedacinho dele para cada um de nós.

Pelo sim, pelo não — disse Thomaz — vou pôr nova escorva na minha espingarda. Vendo Thomaz encaminhar-se para o lugar onde estava encostada a arma a que aludira, Francisco rindo, atirou-se dentro da rede e disse aos companheiros ainda sobressaltados:

— Qual valentão, nem meio valentão! Rezem-lhe pela alma.

— Ele morreu?

— Morreu, sim senhor, e ficou bem morto.

— Você está gracejando, Francisco.

— Estou falando serio. Vou contar como o caso foi.

— O Valentão do Timbaúba era um malfeitor que por aquele tempo cometi roubos e assassinatos na redondeza de muitas léguas de Pasmado. Esta alcunha foi-lhe dada pelo povo. Seu nome era Valentim. Não teve a fama extensa do Cabeleira, ao qual foi muito inferior na índole natural, na coragem e no físico; mas no pequeno teatro das suas façanhas adquiriu tamanha celebridade,

especialmente nos ranchos, que de seu nome e feitos ainda hoje restam as lembranças enlutadas.

Era mais ladrão do que assassino; usava primeiro o subterfúgio, o laço, a astúcia, que a arma mortífera; mas, quando a manha não bastava, ou quando era surpreendido antes do resultado em que pusera a mira, então o encontravam facinoroso, cruel. Esfaqueava, matava, contanto que se apossasse do alheio que excitará a sua cobiça.

Era cabra-negro, magro, anguloso. Tinha os olhos vermelhos, as orelhas largas, o queixo fino, a barba espalhada e carapinha. Havia nele alguma coisa do vampiro. Mas a voz, que aliás era áspera e estridente, ele adocicava e abemolava por tal jeito que quem o não conhecesse, o teria por inofensivo e lhe daria esmola se ele a pedisse, o que muitas vezes praticou para se disfarçar.

Em luta pessoal com outro valentão, recebera deste uma facada no olho direito. De outra vez levou-o às portas da morte um tiro que lhe desfechará sobre a perna esquerda certo sertanejo, a quem roubará objetos de valor, e de cujas mãos conseguiu escapar, não obstante o ferimento. Resultou destes desastres ficar torto e coxo, o que se por um lado lhe diminuiu as faculdades do movimento e da inspeção, lhe aumentou pelo outro os meios e pretextos de iludir e explorar a credulidade dos transeuntes.

Morava ele em uma palhoça que distava três a quatro léguas de Maricota, obscura povoação que o forte combate de que em 1848 foi cenário, entre as forças praieiras e as do governo, tornou ilustre e histórica.

Valentim levantará de intenção sua morada naquelas alturas para comodidade nos seus latrocínios.

O comboio que por ali passava duas ou três horas antes do pôr do sol, tinha de sujeitar-se a uma destas duas alternativas: ou pedia rancho na própria casa do malfeitor e pagava caro a hospedagem, deixando de ordinário um cavalo, uma saca de lã, uma barrica de açúcar ou de bacalhau, que no dia seguinte nenhum esforço, por maior que fosse, era bastante a descobrir; ou ia descarregar adiante; à sombra de alguma árvore, e o tributo vinha a ser mais pesado ainda do que o primeiro, visto que, por escusas veredas, o ladrão ia ter ao rancho, e em vez de um, trazia dois ou três cavalos, duas ou três sacas, enfim muitos objetos de grande valor. Valentim vingava-se com usura de quem procurava escusar-se ao tributo que ele cobrava no deserto.

É curioso o estratagemas que ao princípio usava para enganar a vigilância e a simplicidade dos rancheiros.

A' hora que conjeturava estarem todos já deitados, aparecia no pouso sorrateiramente e com voz melíflua e vagarosa dizia estas palavras, que eram há bem pouco tempo tradicionais naqueles caminhos:

— Coitados dos comboieiros! Como estão enfadados!

Assim falando e repetindo sempre com razoáveis intervalos, estes fingidos e traçoeiros dós, metia-se por entre as redes dos rancheiros, muitas vezes passando de leve a mão esquerda por cima deles, enquanto com a direita apanhava muito naturalmente as esporas ou a faca aparelhada de prata, a maca onde vinha o melhor fato e alguma vez jóias preciosas e dinheiro, o relógio, que descansava sobre uma mala, o gibão novo que estava pendente do galho da árvore ou do punho da rede.

Tal era aquele cujo fim trágico Francisco se propôs contar aos companheiros.

Para melhor ouvirem a narração, reuniram-se os matutos ao pé do narrador, uns fumando em cachimbos de barro, outros comendo da matalotagem que traziam em mochilas de algodão ainda hoje em uso entre esta espécie de gente por ocasião de suas jornadas.

CAPÍTULO 2

Francisco principiou assim:

— O sol estava a sumir-se, quando ouvimos, já arranchados ao pé da oiticica ramalhuda, que fica adiante da casa de Valentim obra de duas léguas, uns gemidos e uns queixumes que cortavam o coração a quem os escutava.

— Quem me socorre? Cristãos, filhos de Deus, acudi-me — dizia a voz: Ai que dor! Não tenho quem me meta a vela na mão. Ai que morro neste mato sem ter quem me chame pelo nome de Jesus.

Seu sargento-mor João da Cunha, com quem eu vinha de Goiana, e que era o dono do comboio, - se por informações, ou por prevenção, não o sei bem dizer, viu logo no afligido um velhaco; e quando, assim que chegou aonde nós estávamos, arrastando-se com muito trabalho e gemendo sempre, ele lhe pediu, com voz sumida um lugar entre os arreios para passar a noite junto de quem o pudesse ajudar na hora de morte, reconheceu no pobre o Valentão do Timbaúba. Todos nós o reconhecemos também pelo olho furado e a perna quebrada.

— Estou pronto a consentir que você pernoite entre nós, mas há de ser com uma condição, - disse-lhe seu sargento-mor. Valentim respondeu: Farei tudo o

que vossa senhoria ordenar, contanto que me deixe morrer entre filhos de Deus.

Você há de dormir amarrado pelas mãos do Francisco debaixo de minhas vistas no tronco desta oiticica.

— Ai meu senhor! tornou Valentim. Compadeça-se do pobre enfermo. A ninguém ofendi nesta vida para merecer tanta crueza.

— Se não lhe serve a condição, vá morrer longe daqui enquanto é cedo.

A estas palavras de seu João da Cunha, Valentim afastou-se do lugar sem mais demora, gemendo mais do que dantes. Todos nós fizemos tenção de não pregar olho essa noite, mas o enfado da viagem tinha vencido a todos algumas horas depois. Só quem não dormiu foi seu sargento-mor, que para fazer crer que estava deitado, mandou pôr dentro da rede dele um surrão carregado, e junto dela, entre duas caixas de fazenda, se sentou escondido como quem fazia tocaia a veado, esperando pelo ladrão, com o bacamarte armado, por cima da caixa que lhe ficava na frente.

Quando foi lá pelas tantas, um vulto veio tomando chegada pé ante pé. Estava nu da cintura para cima. Tinha as calças arregaçadas e trazia uma arma de fogo na mão. Quando o ladrão ia a por a mão no cabresto de um dos animais que estavam comendo milho nos embornais defronte da oiticica, seu sargento-mor desabrochou-lhe fogo. Todo o rancho acordou atordoado e ganhou mão das armas. Eu fui o primeiro que corri ao ponto onde estavam os animais. Faltava um, e o ladrão tinha desaparecido. Seu sargento-mor ficou muito zangado com a perda do seu cavalo, e ainda mais por ter errado o tiro. Mas que se havia de fazer?

— Gosto de um cabra danado assim como o Valentim! disse um dos matutos que ouviam a narração.

— É verdade, disseram outros. Fez o que quis, e acabou antes do amanhecer.

— Sim, mas, quando amanheceu — prosseguiu Francisco — e se viu o rastilho de sangue que ele foi deixando pelo caminho afora, seu sargento-mor mandou que eu e Mameluco, seu pagem de confiança, montássemos nos melhores cavalos e lhe fizéssemos companhia, guiados pelo rastilho, em busca do Valentão.

O comboio seguiu para o sul, e nós tiramos para o poente. Pouco adiante o rastilho perdeu-se no mato; mas nós entramos por ele, e fomos dar em um riacho.

Ai, bem na beira, debaixo de uma imburana, estava o cabra.

— Acaba de matar este negro! Disse seu sargento-mor a Mameluco.

Mas, não foi preciso fazer nada mais. Valentim estava morto.

Assim acabou o Valentão do Timbaúba. Podemos, por isso, dormir todos sem susto que ninguém mais nos há de vir inquietar durante a noite. Tomando o conselho de Francisco, que, por sua idade e prudência, parecia exercer sobre os companheiros legítima influência, tranquilos e serenos estes meteram-se em suas redes e pouco depois estavam ressonando profundamente.

Como visse o rancho em silêncio, o velho Inácio apagou o candeeiro e retirou-se a seus aposentos, não sem ter primeiro fechado todas as portas, com exceção da de entrada, que de costume ficava sempre aberta para a qualquer hora da noite se recolherem os viajeros que não podiam chegar mais cedo.

Não havia luar, mais a noite estava clara. As estrelas cintilavam com a luz suave que elas têm no deserto ou nos lugares onde não há, para quebrarem sua branda claridade, as iluminações públicas.

Seriam nove horas quando de junto das cangalhas e cargas que estavam atiradas a um canto de rancho, rumor suspeito se fez ouvir distintamente por Francisco a quem ainda o sono não tinha dado a respirar os seus deliciosos narcóticos.

Francisco era prevenido, e armará a rede perto da entrada que estava livre. Ouvindo o ruído e tendo certeza de que pela porta donde ele guardava, como cão fiel, a casa adormecida, não pressentirá entrar ai viva alma, sentou-se tão cautelosamente como pôde na rede, e dai volveu vistas perscrutadoras ao lugar donde lhe chegavam os sons suspeitos. Não fossem resultado a sua inspeção. Um vulto rastejava por entre os objetos lançados a esmo no fundo do alpendre.

Quem era? Por onde entrará quem quer que era?

Estas interrogações apresentaram-se logo no espírito do matuto, que por impressão de natural superstição julgou ver na forma vaga e indecisa que se agitava sorrateiramente, senão o Valentão do Timbaúba, ao menos o seu espectro ou a sua alma malfazeja.

O vulto semelhava um cão e, a uso deste animal, andava sobre quatro pés, posto que lentamente, acusando a intenção de iludir, pela brandura dos movimentos, o sono dos incautos.

Francisco, depois de detida observação, convenceu-se enfim de que o desconhecido era vivente e arrastava consigo um volume tirado da bagagem comum.

Então todos os espíritos, um momento esmorecidos e vacilantes, voltaram a Francisco por ventura mais fortes e viris que dantes. Quem estava ali não podia ser senão um ladrão, um sucessor de Valentim no ignóbil e torpe ofício de defraudar os inofensivos viajeros, justamente quando, em lugar ermo e estranho, mais direito tinham à boa hospedagem dos moradores.

Desceu-se de manso e manso da rede, armou-se com sua faca que ele tinha metido entre as pontas de uma ripa, que vinha morrer no portal mais próximo, e em vez de ir no encalço do desconhecido quando este desapareceu por traz de um montão de cangalhas, rodeou por fora a garapeira, e correu ao seu encontro do lado da cavaliça na altura em que presumiu teria ele de sair.

Este não se fez esperar; e o matuto calculara com tanta exatidão a distancia que se metia entre se e ele, que foi inclinar-se ao pé da própria abertura do envaramento por onde em menos de um minuto o estranho visitante pôs a cabeça de fora.

Cair-lhe então com as mãos sobre o pescoço, tendo a faca atravessada na boca, foi ação que Francisco obrou em um abrir e fechar d'olhos.

— Damião, Vitorino, seu Inácio, acudam cá sem demora, que o cabra está pegado, e bem pegado! gritou o matuto com quantas forças tinha em si.

Um tiro que se tivesse desfechado subitamente naquele ponto, não produziria tão grande arruído e sobressalto como a voz de Francisco alterada pelo inopinado do acontecimento e pelo esforço usado contra o desconhecido.

Tontos do sono e da surpresa, apresentam-se os rancheiros prontamente no lugar da ação. Enquanto uns rodeavam a casa, outros passavam do outro lado através das varas. Este vem com a faca descascada, aquele com a pistola armada, seu companheiro com a catana, o outro com o facão, prestes todos eles a cair sobre o invasor.

Entretanto o ladrão, quase todo de fora, não obstante a força empregada por Francisco para o ter seguro entre os pés dos enchameis, debatia-se com tal violência e ânimo, que nas mãos de outrem que não fora Francisco, já teria logrado escapar-se.

Senão quando apresenta-se o dono da garapeira, trazendo acesa a candeia da sua serventia. O ladrão já safo e de pé lutava corpo a corpo com Francisco, despendendo hercúleos esforços a fim de fugir de suas unhas.

Quando a luz esclareceu o recinto do conflito, geral foi o espanto dos circunstantes.

Olhando para seu contendor, Francisco sentiu-se cobrir de vergonha e tristeza. Aquela luta ingente tinha sido sustentada com ele por um rapazito que não representava mais de doze anos.

Entretanto estava ali um Hércules. Aquele braço teria botado abaixo os de Manoel Francisco e de Vitorino reunidos, visto que tinha podido com os de Francisco, que era apontado em todos os ranchos, desde Goiana até o Recife, como o primeiro pegador de queda-de-braço daquelas alturas.

— Lourenço! Demônio! Ladrão sem vergonha! Exclamou enfurecido o velho Inácio, os olhos postos no ator principal daquela cena de desordem e escândalo. Quando quiserás entrar no bom caminho, coisa ruim e desprezível?

Soltem-me. Quero ir-me embora — respondeu Lourenço, rugindo de raiva, e revolvendo-se entre os braços dos matutos a quem Francisco o tinha abandonado logo que reconheceu nele os anos infantis que na escuridão o fizeram ter por forte e varonil atleta.

Que menino! disse Francisco, correndo-o com a vista de cima a baixo. Tem força que nem um touro.

Assim é que eu gosto de ver um cabrinha bom — disse Vitorino. Sem pau nem pedra está dando que fazer a todos nós.

De feito Lourenço atirava-se ora para um, ora para outro; investia contra este; atracava-se com aquele, por fugir do círculo em que o tinham como encurralado os rancheiros.

— Isto é o demônio do Pasmado — acrescentou Inácio. Não há por aqui quem não tenha o que dizer desta perversa criatura. Eu, que sou eu, tenho-lhe respeito, porque, mais dia, menos dia, se não lhe tiverem mão, virá a melar o Valentão do Timbaúba.

— Soltem-me, deixem-me passar, senão mato a um — disse Lourenço, já fatigado, mas cada vez mais enfurecido da resistência que se opunha à sua vontade serpentina.

— Pega nele, Vitorino — disse Francisco. Quero levá-lo comigo para casa. Quero ensiná-lo hei de aproveitar-lhes as forças no cabo do machado e da enxada. Há de dar para um perfeito homem do campo. Assim os pais estejam pelo que eu quero.

— Pai foi coisa que ele não conheceu — observou Inácio.

— E mãe? Perguntou Francisco.

A mãe era a Biloca, falecida há dois para três anos. Esta oncinha, que já então tinha mostrado para quanto havia de dar, quebrando as pernas dos cachorros a pedradas, furando com o espeto quente os porcos de casa a ver se lhes derretia o toucinho, segundo ele mesmo dizia, e pondo carvões abrasados na rede onde dormia um irmão menor que veio a morrer desta e de outras malindades, ficou depois da morte dela ao desamparo. Tantas tinha feito, que não houve aqui alma caridosa que não temesse tê-lo perto de si. O mais compadecido de todos os moradores, a velha Aninha, recolheu-o um dia em sua palhoça. Pelo correr da noite acordou debaixo de labaredas. Lourenço tinha posto fogo na casa da velha. Desde então todos fogem dele, até o vigário que ao princípio foi muito por ele e lhe deu de comer e de vestir. Lourenço vive agora vagando pelas ruas judiando com os animais, furtando e roubando, como vocês acabam de ver.

— Este menino só enforcado pagará o mal que tem feito — disse Damião.

— Pois se ninguém o quer, levo-o eu comigo. Faço esta obra de caridade, e fico bem satisfeito com isso, porque ele suprirá a falta que tenho de um filho para me ajudar. Queres ir comigo, Lourenço? Perguntou Francisco ao rapazito.

— Não vou com ninguém. Não sairei daqui.

— Hás de ir.

— Eu lhe mostro se vou.

— Eu te mostrarei se não vás — retorquiu o matuto.

E voltando-se para o velho Inácio, acrescentou:

— Tranque-me o menino em sua casa enquanto amanhece. Pago-lhe o dobro do rancho.

— Deus me livre — disse o velho. Se ele me cai dentro de casa tudo me arde como carvão em forja de ferreiro. Nem que me dê cinquenta cruzados.

Se fazes gosto em levá-lo contigo, amarramos o rapaz em um *enchamel*, como seu sargento-mor queria fazer com o Valentim.

Lourenço rugiu e disse:

— Soltem-me, porcos.

— Guarde-me o menino por esta noite, seu Inácio — tornou Francisco. Pago-lhe bem.

— Peça-me tudo, menos isso. Ele em me achando dormindo, era capaz de sangrar-me.

— Pois não durma. Tenha-o debaixo das vistas para de madrugada restituir-mo.

Como se calasse o velho, Francisco, tomando o seu silêncio por aquiescência, fez sinal a Vitorino e Damião para que o conduzissem à garapeira.

Os dois matutos agarraram-no com quantas forças tinham; mas antes de chegarem à porta viram-se obrigados a largá-lo, porque Lourenço a um tinha posto os braços em sangue, e sobre o outro desandará tamanho coice no estômago, que lhe tirou o ânimo para levar a efeito a empresa.

— Vejam só, vejam só — acudiu o velho Inácio. Não lhes disse? Lá dentro não me pisa esta fera. Nada. Nem por Santo Antônio. Se dois homens moços não podem com ele, que direi eu?

— Querem saber de uma coisa? Inquiriu Francisco a cabo de um momento. Largo-me agora mesmo com ele por estes caminhos. Vamos, Vitorino?

— Agora de noite?

— Que é que tem? A lua não tarda a nascer. Olhe já o clarão dela por cima da mata. Vamos. Não percamos tempo.

Em menos de um quarto de hora Lourenço estava atado com cordas pelas pernas na cangalha e em cima do cavalo que o devia conduzir para longe do povoado.

— Adeus, adeus, minha gente, disse Francisco aos companheiros que ficavam no ponto. Até nos encontrarmos outra vez por estas estradas.

— Faça boa viagem, Francisco, disse um deles. Mas fique certo de que você leva sarna para se coçar. Olhe, não se arrependa.

— A criança é de estouro — acrescentou outro.

— Deus é quem sabe. Muita vez não há de ser assim.

Francisco saltou sobre a garupa do cavalo onde estava Lourenço, que só faltou arrebentar de fúria para a qual não há qualificação possível.

Vitorino, imitando o companheiro, montou no outro animal. Com pouco desapareceram na escuridão.

Francisco ia ruminando consigo em silêncio estas idéias:

— Não tenho filho. Tratarei deste desgraçado que não tem quem por ele se doa. Farei conta que é meu filho. Espero em Deus que me há de ajudar a fazer dele um homem que sirva a gente.

Sem saber explicar como nem porque, Francisco sentia-se satisfeito com o presente que levava à sua mulher, não obstante os prantos e os uivos de que Lourenço ia enchendo o caminho no último desespero.

CAPÍTULO 3

Uma légua antes de Goiana, a estrada geral que vai do Recife à Paraíba, atravessa um lugar de presente aumentado, mas ao tempo desta história apenas formado de uma casa de barro, e duas ou três palhoças espalhadas não longe dela, por dentro dos matos circunvizinhos, sem regular alinhamento, a uso das casas que, para assim escrevermos, se improvisam nas entranhas das florestas.

A casa de barro ficava à embocadura da mata de Bujari, a qual por então tinha, não como hoje, meia légua, mas quase uma de comprido. O lugar supramencionado, já nesse tempo aprazível e risonho, era alguns anos antes um como prolongamento dessa mata, menos fechado — é certo -, mas não menos ermo e desabitado do que ela. De um cajueiro velho que se mostrava, na beira do caminho, ao que saía da espessura, adveio-lhe o nome, que hoje designa o lugar, e tem por se a autoridade da consagração do povo e do tempo.

Fizera-se subitamente a transformação daquela seção da floresta como nos contos antigos mudam as situações ao puro querer de um gênio ou de uma fada. Eis como a coisa se deu.

Um matuto passando por ali, de jornada para Tejucupapo, ficou encantado pela amenidade e beleza da situação. Do cajueiro para dentro estendia-se larga planície coberta de árvores meãs, sombrias e graciosas. Em árvores semelhantes há algum tanto das donzelas faceiras e namoradas com que se arreiam os salões e que são as graças mimosas do lar. Era o intermédio entre a espessura úmida e medonha, e a campina nua, fresca, monótona, que se seguia à planície adornada com a vegetação moderada e pitoresca. Enfim era, em escala ascendente, a transição natural para a mata virgem.

Na volta entendeu-se o matuto (que não era outro senão Francisco) com o senhor do engenho Bujari a quem as terras pertenciam, e que consentiu em que ele levantasse casa de morada e abrisse roçado.

Francisco cortou madeiras, aparelhou-as e arrumou a casa ao pé do cajueiro. Havia barro perto. As palmeiras mais formosas daquela zona estavam agitando

suas longas folhas verde-negras na espessura vizinha. Enfim, em menos de uma semana, aqueles que, de passagem para o Recife, tinham visto a casa apenas envarada ou encaibrada, vinham encontrá-la agora fechada e coberta; e os que, tendo passado por ali antes destes últimos, voltavam ao mesmo tempo que eles da capital, ficavam admirados e satisfeitos de verem uma habitação nova e risonha, onde quinze dias atrás tinham deixado a solidão e o mato fechado.

Esta novidade era obra das mãos abençoadas de Francisco, homem de trabalho e paciência.

Forte de constituição física; ajudado, senão animado, pela energia de seu espírito; afeito desde os mais verdes anos a ganhar pela força de vontade, que era o seu primeiro dote natural, a vida honesta, os dias suados mas tranquilos, as noites sem remorso, o sono solto e largo, estava o matuto habilitado a levar efeito prodígios semelhantes, e outros ainda maiores e mais admiráveis.

Francisco era semi-branco, corpulento, espadaúdo e de boa estatura. Tinha no semblante a expressão da virilidade e da resignação do que luta quase incessantemente com a pobreza, e a vence a pouco, por ventura mais forte, mas nunca invencível.

Os matutos podem dividir-se em diferentes espécies, mas as mais comuns são as dos lavradores e almocreves. Os primeiros são os que dispõem de alguns meios, a saber, escravos, cavalos, terras, os quais sem darem para ter um engenho ou, ao menos, para movê-lo, por se sós habilitam o que os possuem, a cultivar a cana nas terras do engenho alheio, posto que sujeito a dividir com o respectivo proprietário o açúcar apurado em cada safra. Os últimos são os que se alugam com sua pessoa e seu cavalo para a condução de cargas, por ajustado frete. Os lavradores são matutos limpos, que entram muitas vezes nos negócios íntimos do grande proprietário, merecem a estima deles, a pesam com seu conselho na decisão dos interesses comuns. Aos almocreves já não sucede o mesmo. Paga-lhes o senhor de engenho o salário, e eles retiram-se a seus casebres onde vão comer, com a mulher e com a ninhada de filhos que ordinariamente contam, o escasso pão que lhes deram o cavalo magro e o trabalho puxado e cansado.

E pois o cavalo é, para assim escrevermos, a primeira riqueza do almocreve, visto que por ele é que vem a sua sustentação e a de sua família; ter um cavalo é a primeira aspiração do pobre no mato. O almocreve não vota mais afeto à sua mulher do que a seu animal. Por ele dá muitas vezes a vida. Para o reaver, se lho furtam, vai ao fim do mundo e mata o ladrão.

Quando o almocreve, firmando-se pelos dois primeiros dedos do pé, sempre descalço, sobre a raiz da curva da perna do seu cavalo, ganha de um pulo a cangalha, se ele está descarregado, ou a anca se o animal tem carga, considera-

se mais feliz e garboso do que um general de mil batalhas. A seus olhos aquela altura que o homem de pé atinge com a mão, lhe parece superior a todo poder humano. Dai não teme o agente da autoridade pública, nem o golpe ou o tiro mortal que lhe desfechem. Reputa-se inacessível a todos os males da terra. Entre suas pernas, querendo-o ele, o cavalo é uma locomotiva que se perde na imensidade dos caminhos ou dos descampados; é a faísca elétrica que corre terra a terra e desaparece, rompendo fechados e abatendo folhagens, na massa densa e sombria das selvas. O touro afasta-se, a onça recua, para o deixar passar livremente na vertiginosa carreira.

De ordinário, porém, a marcha do animal do almocreve não sai do rojão de todo dia. Tendo sempre presente na lembrança o muito que lhe custou ganhar o seu precioso bem, poupa-lhe as forças quanto pôde, e só em caso extraordinário exige dele a corrida afanosa, os saltos súbitos, o galope, o cansativo esquipar.

Do número dos almocreves saem os cantadores e os repentistas, que, não obstante as privações ordinárias de sua vida quase errante, têm dias de consolação e regozijo.

Pelas festas do ano ajuntam-se na casa dos camaradas para cantar, dançar e beber.

A esses saraus campestres, conhecidos por sambas, não faltam as moças mais desembaraçadas das vizinhanças, - fadas da roça, que com suas chinelas de marroquim, seus vestidos de chita ou de cassa de florões, nos lábios, que estão a verter sangue e frescura, o riso vergonhoso e a promessa duvidosa, os cabelos enastrados de jasmims, manjericões e malmequeres, dão alma a pastoris episódios, a curiosos melodramas e muitas vezes a tragédias medonhas e fatais. Algumas delas mais desgarradas trazem os seios mal cobertos por vistosos cabeções de que pendem, não sem acertadas combinações e fantasias, bicos e rendas bem feitas e elegantes.

Tais festas têm o seu lado bom e providencial, - fazem esquecer as magoas passadas e as privações presentes. O primeiro e o mais proveitoso resultado delas é o seguinte: diminuem a estatística dos crimes graves e infamantes.

Pobres matutos!

Quantas vezes, ao ver-vos descalços, mal vestidos e mal passados, não senti apertar-se-me o coração com pena de vós?! Esta pena redobrava sempre que, passando pela frente dos vossos casebres, eu descobria ai por mobília um banco tosco, uma caixa grosseira, um pote de água suspenso entre os braços de uma forquilha enterrada no canto da salinha, e por leito de dormida para vós e vossos filhinhos uma esteira ou um giram de varas!

Então eu compreendia a razão por que em nossos encontros nos caminhos éreis vós os primeiros que tiráveis o vosso chapéu e me salváveis com mostras de profunda humildade, sem saberdes sequer quem eu era. É que vós tínheis sempre presente no entendimento a consciência da vossa pobreza e consequentemente vossa fraqueza. Esta consciência, este agulhão íntimo, que nunca se embota, vos dava uma falsa idéia de superioridade de minha parte sobre vós. Pobres criaturas sois vós, ó matutos, mais dignos de compaixão e amparo do que do riso mofador de que vos fazem alvo os que na ignorância, na simplicidade e na miséria alheia acham assunto para desenfado e divertimento próprio! Pobres sois vós dobradamente: porque recebestes de vossos pais por herança esta lamentável condição, e porque não podeis deixar em dote a vossos filhos condição diferente desta!

Francisco pertencia — é verdade — à classe dos almocreves; mas tinha seu cavalo, que não era qualquer, antes pelo contrário, era passeiro, carregava baixo e equipava tão maciamente que quem nele ia, levava a ilusão de que era conduzido e embalado em uma rede.

Entremeava o ofício de almocreve com o de trabalhador de campo. Tinha mesmo plantações, posto que fracas.

Por felicidade sua casará com Marcelina, cabocla ainda nova das proximidades da Alhandra, trabalhadeira poupona e ajuntadeira, que com as escassas economias de suas industrias ajudava o marido a achar a felicidade no seio da pobreza, e guardava a idéia de libertar-se deste estado às custas do seu esforço.

Tempos depois de mudado de Cruangi, onde ao princípio morou, para o seu sitio do Cajueiro, nome que ficou pertencendo não só ao sitio mas ao lugar de que Francisco foi o fundador, teve ele umas maleitas tremedeiras na força de rigoroso inverno. A moléstia pegou-o desprevenido, sem vintém nem dez réis, como diz o povo — ilustre saibo que versa a ciência da linguagem com autoridade e propriedade que lhe invejam os sábios de maior conta.

Mas durante ela nunca lhe faltaram remédios nem dietas: Marcelina supria as faltas e a casa com admirável prontidão.

— Donde lhe veio dinheiro para tudo isto? Perguntou uma vez Francisco à sua mulher.

— E os cestos que laço não haviam de dar dinheiro? Respondeu-lhe ela com graciosa e móvel expressão. Veja estas rodilhas de cipó que comprei ontem. Chegam para uma dúzia de cestos. Logo que estiverem prontos, não há de faltar quem os queira. Os outros, que pendurei da banda de fora, não levaram uma semana a ser vendidos.

— Ora, Marcelina, disse o marido com manifesto pesar. Para que se cansa tanto? Eu quero muito bem a meu cavalo, mas vai um cavalo hoje, virá outro amanhã. Por isso sou de parecer que, em lugar de estar a trabalhar tanto para a casa, veja antes se alguém quer comprar o pedrês. Ele está em boas carnes e pôde achar bom dinheiro.

— Quem? O seu cavalo pedrês? Vendê-lo? Não, senhor, que você precisa dele para quando ficar bom. Você mesmo bem sabe que um cavalo não vem assim tão depressa como está dizendo. Não estamos ainda em ponto de vender o nosso único bem para remir as nossas necessidades, Deus louvado.

— Deus mesmo havia sempre de ajudar-me a comprar outro.

— Mas que necessidade temos nós de nos desfazermos do animalzinho? Só se eu estivesse doida o venderia. Deus me livre.

Não tinha medidas o amor que Francisco votava a Marcelina, exclusiva possuidora do seu coração.

Os matutos não casam por mera conveniência. Suas uniões, ordinariamente precoces, não deixam por isso, em regra, de ter o principal fundamento na estima recíproca daqueles que as contraem. Grandes desgraças têm procedido das junções prematuras, mas no mato não constituem a regra geral. Ao reverso, tais junções são princípio de moralidade no lar e no povoado matuto, porque, despertando cedo no homem os afetos conjugais e paternais, enfreiam e moderam, antes das erupções naturais dos primeiros anos, as paixões juvenis, que, quando de todo soltas, têm arrojos inconvenientes e efeitos desastrosos.

A paixão que Marcelina inspirará a Francisco, se tinha serenado, como sucede a cabo de certo tempo a todos os sentimentos, ainda aos mais veementes e exaltados, não arrefecera, antes se apurara com as mil retribuições do coração da cabocla, nunca brandamente estremecido ou amorosamente agitado senão pelo matuto.

Mas a infelicidade é fatalmente na essência humana. Ainda no meio das mais intemeratas serenidades, a idéia de poder ser de um momento para outro desgraçado punge o homem e o faz reputar as venturas por ilusões, cujo principal efeito é aguar-lhe os gostos no melhor deles e entristecê-lo, quando não na face — espelho da alma, na consciência — centro de muitas suspeitas que nascem e morrem ignoradas do mundo, como os musgos interiores das cavernas inacessíveis.

Marcelina podia ter a esse tempo de vinte e dois a vinte e cinco anos. O tipo caboclo estava nela representado com opulência e genuinidade. Tez abaçanada, cabelos corridos e pretos, olhos rasos e grandes, cara cheia e redonda, estatura

abaixo da média, formas corretas, mãos e pés pequenos — eis o conjunto harmônico e admirável em que a raça a mostrava revestida.

Quando Marcelina batia sua roupa no banco que ficava debaixo da meia-água de palha levantada por Francisco para resguardar do sol o poço algumas braças da casa de morada, os matutos, que passavam pelo caminho e a não conheciam, cravavam nela olhares cúpidos, e alguns às vezes de lá lhe atiravam xetas que ele fingia não ouvir, ou a que, se lhe parecia, dava em resposta um muxoxo ou um olhar de mofa e desprezo, pelos quais ficavam sabendo que a matuta não era do pano que eles supunham.

Muitos deles só retiravam os olhos de sobre ela quando tinham de dar a volta da estrada ou entrar na mata. A razão era porque a saia, que Marcelina por essas ocasiões trazia a tiracolo pela enfiadura, lhe punha à mostra o princípio da perna — monumento de estaturia que deixava adivinhar, mas não descobria, os vendados tesouros da perfeição de que a dotará, por especial capricho, a natureza, mãe tão pródiga para ela como mesquinha para tantas outras.

CAPÍTULO 4

Uma manhã Francisco, acordando, deu por falta da mulher.

Era muito cedo ainda para o serviço da casa, e fora estava chovendo. O mato, de seu natural sombrio e ermo, desprazia antes do que convidava naquele momento a quem não fosse obrigado a buscá-lo por grande negocio.

No começo da trilha que ia ter à lagoa de presente mudada em terreno de lavoura, mas neste tempo com bastante água e oculta pelos matos que se levantavam, contornando-a em forma de semicírculo, no lugar onde acabavam as terras plantadas de abacaxis por Francisco, viu ele atirados a uma banda sobre as ervas os socos grosseiros que sua mulher usava em casa.

Pareceu-lhe claro que ela os tinha deixado ali para ter mais ligeiro e pronto o passo ao lugar aonde se dirigia.

Antes disso já tinha chamado por ela do lado da estrada; mas só teve em resposta o eco de suas próprias palavras.

Tendo agora a prova de que ela tomará direção oposta, cruel suspeita atravessou-lhe, sem o menor fundamento, o espírito, senão o coração, que sobressaltado transbordava inquietações e dúvidas.

Sem olhar para seu estado de convalescença, Francisco, que viera da casa até ali abrigado da chuva pelas folhagens das laranjeiras e dos cajueiros novos do sitio,

não hesitou mais um só momento e meteu-se pela trilha, que se lhe mostrava, agora mais do que nunca, em forma de serpente, pela planície afora. Não era grande a distancia que separava a lagoa da parte roçada; por isso, daí a pouco se achou ele por traz da renque de árvores que circulava a lagoa e pôde ter esta debaixo dos olhos, sem deixar a quem quer que fosse possibilidade para vê-lo.

Neste ponto parou Francisco, e pôs-se a examinar com a vista de um lado para outro todo o espaço livre até aonde podia chegar a sua inspeção.

Ninguém estava ali. Sobre a lagoa a chuva fina caia em forma de fumo ou de névoa espessa. Os sapos coaxavam pela beira d'água, e os jaçanãs soltavam de dentro das moitas aquáticas suas risadinhas de som vibrante e agudo; tudo o mais era imobilidade e silêncio.

Não tendo mais para onde ir, Francisco em cuja imaginação exaltada pela fraqueza física e pelos súbitos temores, se desenhavam cenas desesperadoras, não pôde acabar consigo que não chamasse novamente pela mulher.

A voz despreendeu-se-lhe irresistivelmente da garganta, e o som das palavras — Marcelina? Marcelina? Repercutiu pela vasta solidão.

Imediatamente a seus olhos se mostrou uma visão cruel.

Acima dos juncos, que formavam vastos partidos dentro da lagoa, apareceu-lhe uma cabeça coberta com um chapéu de palha. Um homem estava ali e Marcelina não podia achar-se longe. Talvez já estivesse de volta.

Francisco sobresteve um momento imóvel, como estatueta; mas notando que o madrugador tão depressa levantara a cabeça, como se abaixará e desaparecera no meio do juncal, mergulhou por entre as folhagens que o ocultavam, e saiu da outra banda no ânimo de ir por dentro da água até ao ponto onde se sumira o desconhecido.

Quando ia a atirar-se na água, a cabeça reapareceu a seus olhos, e uma voz, reboando por cima das aningas e dos juncos, foi levar-lhe aos ouvidos estas palavras, em grau de grito e em tom de repreensão:

— Que vem cá fazer, Francisco? Você quer morrer?

Era a voz de Marcelina.

Tanto bastou para que ele não avançasse mais um só passo. Fixando a vista com mais serenidade, reconheceu no desconhecido sua mulher.

— E você que está fazendo ai metida, com esse tempo todo? Saia daí, que nem sabe os sustos que me causou com sua ausência.

— Anda você sempre assustado, Francisco! Susto de que? Parece menino.

— Saia já, que eu não posso apanhar chuva.

— Agora já não pôde apanhar chuva. Há, instantinhos podia até meter-se na água da lagoa. Parece menino este meu marido. Já lá vou.

Momentos depois, Marcelina achava-se na margem, a saia a tiracolo, o chapéu de palha na cabeça, os pés descalços, a perna de fora, sobraçando um alentado feixe de juncos.

— Então acha que só devo trabalhar nos cestos e na limpa dos abacaxis? perguntou ela ao marido, logo que se achou em terra firme. Vim cortar estes juncos para fazer esteiras de cangalha. Estão dando muito em Goiana, segundo me disse ontem o compadre Vitorino, que até me encomendou umas de que precisa.

Livre do peso que lhe oprimia o coração como se fora uma montanha, não teve Francisco para sua mulher demonstrações de desagrado nem rudes expressões, antes agradecido à sua solicitude, para a qual não havia solução de continuidade; seu semblante fez-se de boa sombra, e até um risozinho meigo e terno ensaiou o matuto satisfeito com esta nova manifestação do gênio essencialmente ativo e previdente daquela com quem repartia o peso da vida.

— Não estranho, Marcelina, disse-lhe ele brandamente. — que você, vendo-me no estado em que me acho, trate de suprir as faltas da casa aumentando o seu esforço e trabalhando por você e por mim. Mas por que razão não me há de dizer o que tem de fazer antes de entrar em obra? Que lhe custa isso? Se me tivesse dito o que vinha aqui fazer, eu não teria saído de casa com risco de recair, estando já quase bom.

— Para que está dizendo isso? Se eu lhe dissesse que vinha cortar juncos na lagoa, você não me deixaria vir. Eu bem o conheço, Francisco.

— Deixava. Porque não deixava? No que eu não vejo razão foi em esconder-se de mim, quando eu já a tinha visto.

— Cuidei que não me tinha visto, senão eu tinha logo aparecido. Eu disse comigo: Francisco, não me vendo, volta para casa, e deixa-me tempo de sair da lagoa nas costas dele.

— Que lembrança esta, Marcelina! Então as ervas não haviam de declarar-me a verdade?

— Ora! Eu podia dizer-lhe que as tinha comprado ao Manoel da Hora, como disse quando você perguntou donde tinham vindo os cipós.

— E então os cipós também foram cortados por você na mata virgem?

— Está bom, Francisco; fiquemos nisso. Você tudo quer saber. Vamos já para casa; Deus queira que não lhe voltem as malditas. Não satisfeito com apanhar esta chuva, ainda queria meter-se na água.

— Marcelina, você faz mal em andar assim só pelos matos. Para que faz isso, meu bem? As vezes aparecem por estas bandas, malfeitores. Ali dentro havia até bem pouco um couro dos negros fugidos do engenho. Quem sabe se não estão metidos lá ainda alguns que seu sargento-mor não pôde descobrir?

— Não se lembre disso, Francisco. Quem é que me há de ofender? Os negros? Eles não. Conheço todos e sei que gostam de mim, porque compro algumas coisas que trazem de seus mucambos. Vamos já, que a chuva está engrossando.

Assim falando, Francisco e Marcelina meteram-se por sob as folhagens, e com pouco estavam debaixo de coberta enxuta.

De outra vez achava-se Francisco muito a seu salvo, limpando o seu partido de abacaxis, quando ouviu fortes bateduras na janela da casa.

Receando fosse alguma violência praticada pelos ditos negros, em quem ele, menos crédulo e simples do que sua mulher, não tinha a menor confiança, pôsno ombro a enxada com que estava trabalhando e que, em caso de necessidade, serviria de arma contra os agressores, e tirou para a casa. Entrou ai agitado e perturbado.

— Hoje voltou muito cedo do serviço — disse-lhe Marcelina.

— Vim correndo ver que pancadas eram estas. Cuidei que, tendo-se você trancado com medo dos negros, eles, não pensando que eu me achasse aqui por perto, estavam botando a porta abaixo. Você tem lembranças, Francisco!

Eis a causa dos estrondos, que assustaram o almocreve.

De há muito Marcelina batalhava com o marido para que lhe arranjasse uma taboa, de que dizia ter

grande necessidade. Por esquecimento ou por não lhe sobrar tempo, o matuto estava ainda em falta para com ela. Naquele dia Marcelina, que, quando tinha qualquer idéia que lhe parecia vantajosa, não descansava enquanto a não punha por obra, lembrou-se de um meio de realizar sua intenção, sem ser preciso o concurso do marido.

Não a porta, mas a janela da casa achou Francisco fora do seu lugar; só os portais tinham ficado na mesma posição que dantes. As dobradiças tinham sido mudadas para o batente inferior, a fim de que a porta, em vez de ser aberta

pelo lado, o fosse pela parte superior, e de modo que, cravado da banda de dentro no chão um pau que chegasse ao nível do primeiro batente, formasse ela, descansando sobre a cabeça do dito pau, um como balcão que pudesse ser visto por quem passasse pela estrada. O fim de Marcelina, realizando esta mudança, era ter onde expor aos viandantes frutas, tapiocas e outros produtos do comércio doméstico.

Esta pequena industria é muito praticada nos caminhos do norte. Quantas vezes, em minhas digressões pelas províncias de Pernambuco e Alagoas, não tive ocasião de chegar-me, montado em meu cavalo, ao pé da janela ou do balcão móvel da casinha pobre, onde se mostravam frutos frescos e sazonados, e de os comprar para neles me desalterar do calor do sol e do cansaço da jornada!

Não levou a mal Francisco a alteração que a mulher fizera na obra das mãos dele, antes aprovou, com elogios, a lembrança que lhe dava novo testemunho das faculdades industriais daquela que, como boa e fiel companheira, o ajudava a tornar fácil e digna a aquisição do pão custoso da pobreza.

— Se me tivesse dito que a taboa que me pedia era para este fim, já eu a teria trazido da vila.

— Gosto de fazer as minhas invenções sem dizer nada a ninguém, nem a você mesmo — respondeu Marcelina.

Vivia assim feliz, sem ter coisa alguma que lhe causasse inquietação nem tristeza, aquele casal pobre, mas honrado e discreto, só pedindo a Deus que lhes desse chuva e sol nos tempos oportunos, para que o milho, o feijão, a mandioca, a macaxeira, as batatas, os abacaxis não morressem alagados ou queimados, e que não lhes mandasse doenças graves que os privassem do trabalho, sua distração e prazer de todo dia.

Marcelina não ficava ai, levava ainda além o seu espírito empreendedor, a sua notabilíssima vocação para o pequeno comércio.

Criava porcos, galinhas, patos e perus. Nos tempos de festa os porcos ou eram vendidos por bom dinheiro na vila, ou ela os retalhava, e em sua casa expunha à venda a carne e o toucinho, sempre com tão boa cabeça que só lhe ficava a porção que reservava para seu próprio uso. As vezes, desta mesma parte fazia o picado e o sarapatel para vender aos matutos que eram perdidos por estas espécies de comidas.

Quando as criações estavam muito aumentadas, Francisco metia-as nas capoeiras, e ia vendê-las em Goiana, importante centro comercial de toda aquela redondeza, como o Recife já o era de todo o norte por aqueles tempos.

Voltava de Goiana trazendo parte dos gêneros apurada em boa moeda, e a outra parte empregada em fazendas para uso da casa.

Enfim, a vida do almocreve, a vida do pequeno negociante das estradas e feiras, ninguém nem antes nem depois daquelas duas criaturas tão irmãs e amigas uma da outra, compreendeu melhor do que elas, nem talvez tão bem como elas, em suas especiais aplicações.

Causava a todos inveja e admiração a harmonia, a felicidade desses dois entes rudes, que dispensavam lições da gente civilizada para viverem com honra e conveniência e que da beira de um caminho deserto, do pé de uma mata, sem saberem ler nem escrever, davam edificativos exemplos de moral doméstica, amor ao trabalho, e fé no Criador.

Não se pretende fazer nestas palavras a apologia da ignorância, nem a da pobreza, que são os dois maiores males da terra; o que deste rápido esboço de dois caracteres puros e respeitáveis se aspira a inferir é que o bom natural traz em se mesmo, como por instinto, a ciência da vida, e que o trabalho, ainda o mais humilde, é o primeiro meio de suprir as faltas da fortuna e vencer os defeitos da condição.

CAPÍTULO 5

Foi para esse ninho de modesta felicidade e de paz nunca perturbada, que Francisco levou consigo o trêfego Lourenço, infeliz fruto de união reprovada, precocemente apodrecido nas dissoluções da povoação, pobre de instrução, rica porém de misérias e maus exemplos.

Relatar aqui miudamente as maldades, os atentados cometidos pelo menino, entregue, até bem pouco tempo atrás, à torpe licença; rememorar os esforços usados para o reprimir e corrigir, por Francisco e Marcelina, que desde o dia de sua chegada não lhe faltaram com bons conselhos e as mais saudáveis lições de moral, fora longo e fastidioso encargo.

Imagine uma criatura humana com entranhas de tigre; na mão o pau ou a faca prestes para ofender ou ferir a quem estava perto, a pedra para atirar contra quem estava longe; sempre a saltar e a correr pelo caminho, a trepar nas árvores novas, primeiro que nas árvores idosas por serem mais fáceis de quebrar-se com o peso do corpo as primeiras do que as últimas; imagine um ente essencialmente malévolo que cortava, por gosto de fazer mal, os gerumuzinhos ainda na erva, arrancava as batatas verdes, despedaçava os maturis, queimava as cercas, quebrava as pernas às aves domésticas que se achavam a seu alcance quando ele entrava em seu furor; enfim imagine o espírito mais diabólico, o coração mais duro, a constituição mais forte aos doze

anos de idade, que tereis, não o retrato tirado pelo natural, mas apenas a miniatura de Lourenço quando chegou ao Cajueiro.

Ao cabo de um ano a luta continuada de dois sexos, dois gênios, duas idades diferentes, representadas por Marcelina e Lourenço, tinha trazido notável alteração ao natural e aos costumes de ambos. Marcelina estava cansada de lutar; as faces se lhe alquebraram; com pouco se irritava. Por felicidade, porém, Lourenço dava mostras de achar-se menos duro, menos indiferente aos castos sentimentos, menos insensível aos afetos plácidos do lar, menos forte para fazer mal, e já propenso ao trabalho e à pratica do bem.

Luta insana e titânica fora essa, mas tão gloriosa para a parte vencedora, como proveitosa para a vencida.

A mãe mais amorosa, paciente e discreta teria que invejar àquela mulher ignorante e rústica o esforço que, em sua benevolência, empregava em domesticar o ânimo da fera metido no coração da criatura humana, que ela adotará por filho.

Aquela mulher era digna do estudo das mães de família, e de ser por elas imitada. Era o modelo vivo da mãe pobre, boa e virtuosa.

— É meu filho, dizia Marcelina consigo mesma. Porque não hei de ter para ele amor e brandura? Que tem que me dê muito que fazer encaminhá-lo para o bem? Muito custa a gente acertar com o bom caminho; mas querendo-se ir por ele, ou tendo-se quem sirva de guia para ai, chega-se ao fim sempre. Hei de amolecer a natureza de pedra deste menino; hei de o fazer bom, ainda que eu fique má e dura de coração contra minha vontade.

Quem souber que o maior desejo de Marcelina era ter um filho, facilmente compreenderá os impossíveis que ela vencia para fazer Lourenço digno dos seus afetos grandiosos.

As palavras que, no momento de chegar com Lourenço da povoação, Francisco dissera à sua mulher, apresentando-lho, deram logo a esta a conhecer a grande obra em que tinha de empenhar suas gigantescas forças.

— Não pedias todo santo dia um filho a Deus? Pois aqui tens um que ele te enviou e está já em condições de te fazer companhia e ajudar, quando eu não estiver na terra. Achei-o rasgado, sujo, desamparado, obrando ações feias, de todos desprezado e odiado. Lembrou-me o teu desejo, compadeci-me da criança desviada do bom caminho, tomei-a para nós, e aqui t'a entrego. Se aprender a trabalhar, a ajuntar, e a fazer bem, de muito nos poderá servir, porque é forte como uma onça.

Lourenço estava hediondo. Os cabelos tinha-os imundos e crescidos, as unhas terrosas, os pés cortados das pedras e dos vidros dos quintais e esterquilínios por onde de noite andava em busca do alheio.

Sobre o corpo, que sendo de cor branca, se apresentava enegrecido do pó e das imundices em que se espojava, como cão, e sobre as quais dormia como porco, trazia, não roupa, mas pútridos e repugnantes andrajos.

— Onde achou você este menino? perguntou-lhe Marcelina, não sem espanto do que via e não esperava.

— Achei-o por ai além; não precisa saber onde. Toma-o à tua conta, limpa-o, trata dele.

— Não tem pai nem mãe? Poderemos tê-lo por nosso, sem risco de o perdermos ou de que alguém o venha tirar de nosso poder quando já estiver não como bicho, mas como gente?

— Não tenhas receio de que haja quem o queira, Marcelina. Todo o Pasmado entregou-mo para ficar aliviado e livre dele. Tu não sabes de quanto é capaz este menino endiabrado que nos está ouvindo sem dizer uma palavra sequer, passado de raiva e em termos de arrebentar. Enfim, para encurtar a história, basta que eu te diga que pelo que me fez em tão curta jornada, tive muitos ímpetos de o ir deixar outra vez no lugar onde o encontrei aborrecido e temido por todos. Não foi uma nem duas vezes que me arrependi da minha caridade e de me terem lembrado as tuas encomendações sempre que eu saía.

— Não diga assim, Francisco. Ele há de ficar bondinho, com o favor de Deus. Você há de ver. Não há tanta gente que nasce ruim e que pelo tempo adiante fica boa?

— Enfim, ai o tens. Foi o menino que encontrei, e agora aguenta-te com ele, que tem sangue no olho e cabelo na venta.

Dias depois, Lourenço já apresentava aspecto diferente do que trouxera. Marcelina tinha feito para ele ceroula e camisa nova, e principiou a sua obra de regeneração pela limpa do corpo.

À tardinha, entrando Francisco com o feixe de capim que fora cortar na baixa para o cavalo, ficou admirado de ver a mudança de Lourenço.

A limpa corporal tinha sido completa.

Desapareceu o cabelo sórdido e especado, que fora cortado rente, as rajás que desfiguravam a cara, as unhas que se podiam comparar com as garras dos carcarás. Lourenço mostrava-se agora na realidade outro do que viera. O banho

geral que lhe foi dado por Marcelina o pôs ao natural. A cara despojada da crosta terrena em que se envolvia, como em mascara, atestava pela brancura que o menino era de boa origem. Os vasos azuis desenhavam-se sob a cútis das faces, murchadas pouco antes, agora porém refrescadas pela ablução saudável, e como remoçadas pela pronta reação que é natural da meninice.

Conheceu-se então que o menino não era feio. Tinha a fronte espaçosa, os olhos rasgados e negros mas de desvairado brilho, efeito das insônias que curtia; aquilino o nariz; bem proporcionada a boca; fendido o queixo. Lia-se-lhe porém no semblante móvel e no olhar sorrateiro, sem deixar de ser observador, a desconfiança, que é uma das manifestações naturais de quem se afez a obrar ações reprovadas, a cuja pratica se não animaria, se lhe não fossem propícios os esconderijos, as trevas, os ermos, que prometem a impunidade e quase a asseguram.

Mas Lourenço, posto que de todo solto desde os primeiros anos, não tinha certos vícios que rebaixam nas cidades populosas a infância entregue a seu próprio e único alvedrio e direção. Ele era de índole mau, e cedendo às impreteríveis e fatais leis do instinto, fora arrastado inumeráveis vezes a cometer atos reprovados. Ignorante, porém, das vilezas que os meninos aprendem nos colégios mal administrados, e que das mais puras e inocentes almas fazem pacientes e propagadores do enredo, da mentira e de vergonhosos prazeres que desnaturam as mais fortes e viris organizações, ele guardava ainda no coração intactos e como adormecidos os estímulos próprios do homem, que ainda metido no charco das paixões, não lhes bebe a lama como a dos charcos bebem os animais.

As paixões de Lourenço davam para a briga, o roubo, e até para o assassínio, posto que nunca tivesse tirado diretamente a vida de ninguém. Causava-lhe prazer destruir as animadas e as inanimadas criaturas, que não eram bastantemente fortes para fugir às suas arremetidas, ou resistir a seu gênio demolidor. Mutilava as árvores, por despojá-las de uma parte de sua forma e fazê-las defeituosas. Dava pancadas nos cães por ouvi-los soltar gritos de dor. Com o padecimento mudo da árvore, e com o ruidoso do animal, ele se alegrava, porque era mau de coração; mas não usava habitualmente a mentira, a traição, nem tinha outros vícios feios e sentimentos vis que revelam da parte de quem os cultiva, ânimo fraco e no todo desprezível. Era o perverso da selva, duro, difícil, mas não impossível de vencer-se, e não o das cortes, nojento, infame e tão fácil de prostrar-se quão impossível de corrigir-se. Era o malvado ignorante, arrebatado, e não o corruptor manhoso, cortês, polido, muito mais danoso do que o malvado, para o qual há prisões e castigos; o corruptor entre em toda a parte impunemente, e com todos e com tudo comunica a sua perversão: suas palavras adocicadas, os gestos insinuantes, os olhares, os sorrisos, os gracejos, os agrados, os serviços gratuitos, os presentes abrem-lhe o

espírito infantil, o seio da família crédula e até o coração do amigo confiante. Dentro em pouco, de ordinário quando já não é tempo de atalhar o mal, sentem-se estes dominados da peçonha mortífera, e perdido no conceito dos que tiveram bastante habilidade ou felicidade para evitar o contato com o envenenador.

O sitio de Francisco, pelo lado do sul, confinava com as terras onde o senho do engenho Bujari tinha umas carvoeiras, que ficavam muito dentro. Não havia ai casa decente, mas uma palhoça ligeiramente feita, onde se abrigava ele, quando vinha dar-lhes uma vista d'olhos. Para evitar que estranhos, aproveitando-se dos cajueirais, fossem fazer carvão em sua ausência, tinha ali o senhor de engenho um casal de negros idosos, cuja ocupação não era outra que pôr sentido nas terras, guardá-las de intrusos, tratar dos cajueiros existentes e plantar novos, afim de que se não extinguissem os cajueirais.

Para se ir à palhoça, distante ainda menos de metade de um quarto de légua da estrada, tomava-se por um estreito trilho que desta partia, dentre duas touceiras de capimassu, e se metia para dentro, ocultando-se pouco adiante por traz das primeiras árvores da capoeira.

Um dia, já ao anoitecer, por ocasião de Marcelina entrar para acender a candeia, Lourenço, que passará a tarde amuado sobre um tronco de macaibeira que jazia estendido ao pé da casa, largou-se pela estrada afora. Pouco adiante, no ponto mesmo em que na estrada se encontrava a vereda, lobrigou ele ao longe Francisco, que tomava a casa. Deliberado a fugir da companhia dos seus benfeitores, única intenção que o fizera apartar-se de casa, o menino, para evitar o encontro com o matuto, enfiou pela vereda. Não sabia ele em que ponto ia ela morrer; mas parecendo-lhe que levava à lagoa, donde tinha visto de tarde chegar Marcelina com um braçado de juncos, e donde se podia ir ao caminho geral por um caminho particular que ela sabia, apressou os passos, e só parou quando, pressentindo gente perto da palhoça, três formidáveis cães, açulados por Benedito, molecote filho do casal de negros, lhe saíram ao encontro, não para o receberem atenciosamente, como fazem com os de fora os moradores hospitaleiros, mas para o despedaçarem com desabrido furor. Cercado de todos os lados, Lourenço mal se podia livrar dos temíveis defensores de escuso lar, quando de dentro da palhoça correu ao lugar do conflito uma negra apercebida com um jagunço, em atitude de quem o queria desancar.

— Quem é você? quem é você? — perguntou ela, sem fazer o menor gesto aos cães para que se acomodassem.

— Sei lá quem eu sou?! Respondeu com maus modos, Lourenço agitado e colérico da estranha e inesperada recepção. Vi este caminho na beira da estrada e sem ter o que fazer, enfiei por ele, para saber onde vinha dar.

— É mentira sua — retorquiu a negra. Você veio atrás das minhas galinhas, e está agora dizendo estas coisas. E eu que pensava que era a raposa que me estava dando no poleiro.

— Negra do diabo! Gritou Lourenço, cada vez mais zangado e irritado. Eu algum dia trepei no teu poleiro? O que eu sinto é não trazer na mão uma vara para te enfiar pela boca a dentro.

— Acuda cá, Moçambique, acuda cá. Estou às voltas com o ladrão das minhas galinhas — gritou a preta como possessa, e movendo o jagunço contra Lourenço.

Os cães, entretanto, açulados por ela, e autorizados por este novo gesto hostil e agressivo, já mordiam o rapaz pelas pernas como implacáveis inimigos, que de propósito se criam sem cortesia nem benevolência para maior segurança dos lares confiados à sua guarda.

Quando Lourenço sentiu as primeiras dentadas dos terríveis animais, atirou-se desesperado à preta, na intenção de lhe arrancar a arma, de que ele precisava, assim para se defender, como para castigar as ofensas que tanto dela como dos seus companheiros tinha recebido; e teria realizado o seu pensamento, se a esse tempo não se achasse junto com eles, trazendo um longo quiri, descascado ao fogo, o preto por quem a negra chamara em seu socorro.

O conflito tornou-se então sério. O menino, o molecote, a negra, o negro e os cães, tomando parte nele com o empenho de ter cada um por se a vitória, formaram pelo bracejar e revolver vertiginoso um novelo, uma onda rotatória, um medonho redemoinho, do qual se levantava surdo rumor, produzido pelo respirar confuso, e abafado dos lutadores, e pelo rosar da rábida matilha.

Lourenço era forte, segundo sabemos. Mais de uma vez atirou para longe um cão, para uma banda o moleque, para outra a negra. Mas os que ele assim afastava de ao pé de si, tornavam logo mais exacerbados ao ponto donde tinham sido atirados, e prolongavam o conflito com fúria e esforço novos. Além disso, Lourenço achava-se desarmado, o que diminuía consideravelmente a sua grande força física, incapaz para resistir às dos inimigos, que eram gigantes em comparação da sua, visto serem eles numerosos e terem, além das forças, instrumentos que contundiam, feriam e até despedaçavam. Com pouco mais sentiu-se enfraquecer. O sangue escorria-lhe de diferentes pontos das pernas; os cães, ensinados desde pequenos a dilacerar os timbus, as raposas e os maracajás — hóspedes importunos do sítio, tinham-lhe rasgado importantes vasos, e cortado com seus poderosos colmilho as carnes moídas das cacetadas. Lourenço estava quase desfalecido, e só lhe faltava cair para ser de todo vítima e não se poder levantar mais.

Achava-se neste extremo apuro, e seus pés já iam resvelando na areia poida do terreiro da casa, aonde as evoluções desordenadas do conflito tinham arrastado os que nele eram parte, quando, repentinamente, vencendo o burburinho, voz forte e vibrante fez ouvir estas palavras:

— Negro! Negro! Moçambique! Tem mão. Queres matar meu filho?

CAPÍTULO 6

Os negros sobrestiveram espantados.

— É seu filho, seu Francisco? Perguntou Moçambique ao recém-chegado, que não era outrem que Francisco mesmo.

— É meu filho, negro do diabo.

— Então, perdoa, seu moço. Ninguém sabia. Perdoa a Moçambique.

Francisco, sentindo falta de Lourenço, e atraído pelos primeiros latidos da canzoada, viera dar consigo no lugar onde a sua benéfica intervenção não podia chegar mais oportunamente.

Lourenço estava muito maltratado. Chegando à casa, caiu de cama para não se levantar senão depois de um mês. Nos primeiros dias não deram nada pela vida dele.

Este acontecimento, lastimável por um lado, foi pelo outro providencial, e, para assim escrevermos, acentuou a obra de regeneração em que se empenharam aquelas duas almas que porfiavam para pôr no bom caminho o menino perdido e infeliz.

Preso pelas mordeduras e contusões à cama, Lourenço a quem nunca em Pasmado acontecera desastre que com este se parecesse, teve ocasião de fazer irresistível e fatalmente o juízo do seu procedimento desde o dia em que caiu na lassidão das ruas, tabernas e ranchos. O senso íntimo, até aquele momento obscurecido pela inexperiência e verdor dos anos, começou a reagir contra as camadas que o impediam de lhe mostrar as trilhas do dever e da sã doutrina.

Marcelina, hábil e natural educadora, aproveitara-se do ensejo para aconselhar o menino, tomando lições do acontecimento, a não se encaminhar senão para o trabalho e o bem.

— Que ias tu fazer, Lourenço, quando os cachorros e os negros caíram sobre ti? las perder-te. Deixavas aqui pai e mãe, que olham por ti com amor e doçura;

metias-te por esse mato a dentro, com risco de morreres de fome, de doença ou de mordedura de cobra.

— O que eu queria era ganhar o caminho que vai dar em minha terra — respondeu ele. O negro e a negra não me deixaram passar; mas eles hão de pagar-me este desaforo.

— E que ias ver em tua terra? Que foi que ela te deu? maus exemplos e maus costumes. Que ias tu achar lá? A miséria, o sujo e o desprezo. No fim de contas serias recrutado e acabarias sabe Deus onde, com a farda nas costas.

— Cuida que eu tenho medo de ser soldado? Eu sou forte.

— Isso sei eu.

— E gosto de brigar e combater. Havia de vir uma guerra que eu mostraria para quanto sou.

— Assim que assentasses praça te arrependias logo da asneira feita. Pensas que o soldado tem licença para andar a toda hora por onde quer, como fazias tu antes de Francisco te trazer para o Cajueiro? Estás enganado. O soldado não tem a menor liberdade; é pior do que negro de engenho; não pode dar um passo sem ordem do seu superior. És uma criança, Lourenço; não sabes ainda o que é o mundo. Acomoda-te com os bons e busca ser um deles. Ajuda-nos a trabalhar e a viver em nosso sossego, que o trabalho por pouco que dê à gente, é sempre proveitoso e traz alegria e paz.

Quando se levantou da cama, Lourenço dava mostras de melhorado do gênio trêfego que fora causa da sua longa doença. Um grande fruto, quando outros se não pudessem apontar, tinha produzido o recolhimento forçado do menino: saíra-lhe de todo do entendimento a idéia de volver ao povoado donde viera. Aos olhos de Marcelina, que aprendeu sem que ninguém lhe ensinasse, a ler nas palavras e na fisionomia de quem com ela tratava, os íntimos pensamentos e intuitos, nenhum indicio de melhora podia parecer mais favorável do que este. A fuga de Lourenço a Pasmado era o que ela mais receava, e para tolher que semelhante desgraça viesse a suceder, ela liberalizava agrados e carinhos ao menino, e com espertos cuidados vigiava sobre ele a toda hora. Nada lhe recusava, mas também não o deixava pisar em ramo verde.

A estação veio em seu auxílio na construção da grande obra moral que tinha em mãos. Chegou dezembro. O tempo estava enxuto, não obstante se mostrarem os campos borrifados das chuvas-do-caju, nome que vem a tais chuvas de serem elas muito favoráveis a esta fruta. As laranjeiras novas, que Francisco plantara de um e de outro lado da casa, curvavam-se debaixo do peso das primícias do estio. Ao longe, para os fins do sitio, viam-se os abacaxis ostentando garbosos,

dentre suas touças louças, o distintivo que na ordem vegetal a todos lembrava a insígnia civil da realeza.

Era a melhor estação do norte. Pobres, remediados e ricos apercebiam-se, sem exceção, cada qual conforme suas forças o ajudavam, para a festa do natal, época de folganças e divertimentos no campo, à sombra das árvores e dos rústicos alpendres.

Em toda a vasta zona açucareira da província os engenhos começavam a tirar sua safra; o que ficava do outro lado da mata, que sabemos — o engenho Bujari — tinha de botar dentro de uma semana.

O dia da botada não tem igual, pelo reboliço que o caracteriza, na grande propriedade.

Ajuntam-se parentes, amigos e conhecidos para acompanharem o proprietário na sua alegria, e participarem das suas larguezas.

Francisco, a cujos bons sentimentos e qualidades devia o lugar que tinha diante do senhor de engenho, achou-se presente com Lourenço à festa rural, que oferecia ao menino novo e indizível encanto.

Não obstante ser quase nômada na povoação, nunca dai saiu este para assistir a festas semelhantes nos engenhos da freguesia pela distancia em que ficavam do lugar. De sorte que, penetrando agora com Francisco no engenho Bujari, experimentou desconhecido prazer.

Um padre veio de propósito para dizer missa na capela e benzer a nova moenda, que se achava adornada com ramos verdes, lembrança e fineza dos negros. Depois da benção, entregou ele ao senhor do engenho a primeira cana, que devia ser moída aquele ano. O sargento-mor meteu-a entre os eixos da moenda, os negros açoitaram as bestas, levantaram urras e vivas, vários moradores e convidados dispararam armas de fogo em sinal de regozijo, enfim encetou-se a moagem.

Lourenço ficou ao princípio admirado, perplexo perante aqueles acontecimentos inteiramente novos para ele; dai a pouco, porém, já lhe faltou o tempo para beber do caldo de cana ainda quente, e mais tarde comer do mel de engenho saindo da tacha, subir à almanjarra e açoiar os animais de companhia com os molecotes mais espertos.

Moços e moças formosas e elegantes, que tinham ido de Goiana à festa, faziam agradáveis digressões pelos campos e outeiros próximos da propriedade. Alguns jovens pescavam no açude, enquanto outros se metiam pelos matos a colher cajus e a passarinhar.

Lourenço ouviu de noite, de sobre as palhas da cana onde se deitara ao luar, defronte da casa da moenda, melancólicas e saudosas harmonias, que lançavam ecos suavíssimos em sua alma.

Eram as toadas com que os negros respondiam da porta da senzala, de cima da bagaceira, da almanjarra, do pátio da casa de purgar, aos regozijos da casa de vivenda, onde os toques ressoavam desacompanhados das altercações, a que dá lugar o demônio do jogo, então bem menos conhecido do que hoje do fazendeiro nortista.

Parece que se prepara grande guerra à cana de açúcar no norte. Para levar a efeito este pensamento — o da destruição da planta abençoada, servem-se de de cultivar com largueza o café no interior das províncias onde até o presente se cultivou largamente a cana.

Não me leves a mal uma declaração que farei aqui, tocante à projetada revolução agrícola.

Entristeço-me, meu amigo, a qualquer indicio de que à cultura da cana se trata de substituir cultura de planta diferente, seja muito embora esta da estatura e importância do café, ao qual desde pequeno me acostumei a votar grandes afeições. A razão é porque a cana de açúcar me inspira intima e saudável paixão, que não sei explicar, mas que tem em mim a extensão e a amplitude de uma elevada e pura estima. A meus olhos, ela não é uma planta, é um ente mágico e pitoresco. Vejo nela poesia e grandeza que irresistivelmente me levam a tributar-lhe culto do coração. Causam-me profundas alegrias seus bastos ajuntamentos, seus partidos virentes, acamados, com suas folhas, ora encurvadas, ora destendidas ao sopro dos ventos irados ou brincões. Essas folhas são como harpas gigantes, melancólicas, terníssimas, que as virações fazem vibrar docemente e que despedem harmonias eólias.

A vista da moagem produz em mim gratas alterações, e traz-me saudades da infância, recordações veneráveis dos tempos felizes em que, levando a vida entre a vila e os engenhos, entre a casa paterna e os painéis que a natureza expõe gratuitamente aos que para ela têm os seus principais afetos e a sua primeira admiração, meu espírito adejava, como os sanhaços e os bem-te-vis, por sobre as folhagens, mergulhado alternativamente já em luzes, já em sombras, mas sempre enleado e passado de inocente contentamento.

Para o homem do norte o engenho de açúcar é o representante de imemoriais e gloriosas tradições. Especialmente o pernambucano nasce vendo com amigos olhos aquelas grandes propriedades que são como os seus castelos feudais. O engenho é o solar do norte. A nobreza do país principiou por ele; não conheceu outro solar. Ele figura nas maiores páginas da história daquela parte do vasto império. Sua importância é lendária, histórica e santa.

E querem agora que à cana de açúcar se substitua o café! Promovem a extinção do gigante elemento que produziu e perpetuou fortunas respeitáveis naquela grande região!

Aperfeiçoar os processos de cultura dessa planta ilustre, a que Pernambuco deve brilho e grandeza imorredoura, é digno do progresso. O direito senão o dever de melhorar as condições da agricultura, do comércio, das indústrias, está acima de toda dúvida; mas suprimir um gênero de cultura que tem por se a consagração de muitos séculos e elevou muitas gerações e opulentou a província, não me parece nem justo, nem acertado, nem econômico.

Voz secreta e consoladora, dissipando os meus temores, segreda-me que tu, ó planta benfazeja — estandarte da independência e da riqueza do pernambucano, seja qual for a conspiração tramada contra ti, não hás de desaparecer das nossas planícies, dos nossos outeiros, dos nossos vales e encostas, por onde estendes há três séculos tua folhagem hospitaleira.

A botada tendo caído em um sábado, ficou Francisco com o menino para passar o Domingo.

De manhã muito cedo, Lourenço achou-se de pé, contentando a vista no movimento que lhe oferecia a novidade. Não se fartava de ver os negros passar com feixes de lenha e de bagaço para alentarem o fogo da fornalha. Ia e vinha com eles, fazia-lhes perguntas sobre diferentes coisas que observava, mas não compreendia. Recebia as explicações com visível prazer.

Norando que voltava aos partidos a buscar novos feixes de canas, um carro que acabava de ser descarregado à porta do engenho, Lourenço saltou sobre a mesa dele e deixou-se conduzir aos canaviais de açúcar, coisa que, para bem dizermos, só conhecia de nome.

Quando suas vistas adejaram por sobre aquele mundo de verdura, experimentou sua alma indizível impressão de contentamento.

Eis o que o menino viu.

Formando um cordão, os negros estavam ali a cortar com afiadas foicinhas de mão as canas que outros iam despojando das folhas e atirando no campo, assim privadas da sua verde plumagem. Grandes pilhas delas mostravam-se do meio do imenso tapete de folhas. As hastes, pouco antes graciosas, estavam agora nuas e sem elegância. Sua formosa roupagem cobria o seu leito de morte.

Na véspera tinha sido distribuído aos negros fato novo, que eles traziam ainda sobre o corpo, visto que a festa emendara com o Domingo. Com suas ceroulas e camisas azuis, seus chapéus de palha de pindoba, tão novos como a roupa,

figuravam eles uma linha de soldados que derrubava matos para assaltar fortificações inimigas.

Levando os olhos ao lado oposto ao de que vinha o corte, o menino só descobriu ai estendido mares de folhas ondulantes. Eram os canaviais novos, que agitavam seus panos de verdura ao sabor das virações campesinas.

Lourenço voltou do engenho perdido por ele. A festa tornara-o expansivo e contador de histórias, tudo o que com ele se passara, e o que vira, foi referido circunstancialmente a Marcelina, não esquecendo o menino nem as quedas-de-corpo que pegará com outros meninos na bagaceira.

— Se meu pai tivesse um engenho, a coisa havia de ser outra — dizia ele de quando em quando no curso da narração.

— E porque não há de ter? inquiriu Marcelina. Se tu nos ajudares, no fim de alguns anos poderemos comprar uma engenhoca, ou ao menos um torcedor. Do torcedor vai à engenhoca, e da engenhoca ao engenho. Tu bem vês que todos nós trabalhamos. Onde está Francisco? Foi à vila vender abacaxis. Eu, como vês, estou fazendo minhas esteiras para ele levar a quem as encomendou aqui adiante, na encruzilhada. Só tu não trabalhas ainda. E queres um engenho! Sem trabalhares não hás de ter nem de comer nem de vestir, quanto mais engenho.

Pensando consigo só, Lourenço levantou-se sem dizer palavra, deu volta pelo sitio, e tornou à salinha da casa, que era a oficina de Marcelina. Esta o viu arrastar um tamborete para junto dela e uma rodilha de cipós para junto de si. Sentando-se no tamborete, o menino cortou os cipós pelo modo e medida que Marcelina lhe ensinou, e hei-lo a trabalhar pela primeira vez depois da sua chegada ao Cajueiro.

Vendo-o exercitar tão bem a sua atividade espontaneamente, como tocado de celeste inspiração, Marcelina não pôde suste as lágrimas. Lourenço, a seus olhos, acabava de dar testemunho de emenda, resultado da constância e paciência com que ela o dirigia para o bem desde o dia de sua chegada.

Estava de feito ali uma conquista do seu esforço abençoado por Deus, inquebrantável esteio dos crentes.

CAPÍTULO 7

Uma manhã encaminhou-se Lourenço à mata, armado com um facão afim de cortar sambaquis de que precisava para umas gaiolas, que lhe tinham encomendado. Este serviço ele o costumava realizar nas horas vagas.

Trabalhar já era uma lei de seu espírito. Adquirir meios de comprar um engenho foi idéia que nunca mais o abandonou, antes constituiu a sua primeira e mais forte ambição. Por isso não perdia tempo, ou antes Marcelina o não deixava perder.

Tinham já passado muitos meses depois dos primeiros acontecimentos referidos nos capítulos anteriores. Colocado em novo centro e sujeito a novas leis morais, Lourenço avançava admiravelmente na requesta do bem, despertando cada dia em seus pais, por seu procedimento, novas esperanças e sendo para eles origem de inefáveis satisfações.

A transformação era obra das mãos deles, na qual se reviam não sem justo orgulho, como na fonte limpa, outrora charco, se revê o que lhe tirou as imundícies.

Por isso Lourenço era já, não somente estimado mas acariciado pelos dois consortes, que o consideravam o futuro esteio da casa, de seu natural fraca, o amigo e protetor deles, quando velhos, de seu natural forte.

A esse tempo não era a habitação de Francisco a única existente na estrada do Cajueiro. Obra de trezentas braças para o sul via-se outra de melhor parecer, de paredes de pedra e coberta de telha. Pertencia a um padre que, tendo por ali aparecido não se sabia como nem porque, fora convidado pelo sargento-mor João da Cunha para capelão do engenho. O padre Antônio escolheu aquele local para sua residência, desprezando uma boa morada que o senhor do engenho possuía dentro do cercado, e até a residência que lhe ofereceu na própria casa grande. Escolhido o local e feito o prédio, o padre chegou-se a João da Cunha e lhe disse que de há muito cumpria o voto de só morar em propriedade que fosse sua, e por isso lhe pedia declarasse por quanto vendia, com os respectivos terrenos, a casa feita. O sargento-mor, que achará aquilo singular, e enxergará no ato inocente do padre um assomo de independência e altivez, não querendo por vaidade própria da nobreza daqueles tempos ficar por baixo, declarou que lhe dava de mão beijada casa e terrenos, e disso se lavrou termo.

O novo vizinho foi recebido com alvoroço pela família do Cajueiro. Quem era que por então não tinha em alta estima o sacerdote da religião santa do Crucificado?

Francisco, saltando de contente, para me servir da frase do povo, dizia a Marcelina que dava mostras de sentir dobrado prazer com a nova vizinhança.

— Bem-dita foi a hora em que abri meu sitio nesta estrada. Olhe lá como o Cajueiro está honrado. E daqui a pouco já não haverá quem não queira vir levantar sua casa aqui por perto. Basta saber-se que o capelão de Bujari quis

antes morar no Cajueiro do que no engenho, para todo o povo correr para este ponto.

— É verdade, Francisco, é verdade, respondeu Marcelina. Temos agora bem perto de nós quem nos confesse e unja em caso de morte, o que Deus tal não permita.

— E que glória tenho eu de se dizer que fui eu que fundei o Cajueiro! acrescentou o matuto. Se ele não prestasse, não havia de querer morar nele o capelão do engenho. O que eu quero é que a todo tempo se saiba que fui o primeiro morador deste lugar. Seu padre Antônio já me fez esta justiça. Ainda ontem ele virou-se para mim, quando fui à vê-lo, em sua casa nova, e me disse que eu que tenho olho para conhecer lugar de boa moradia.

Por muito tempo levaram os moradores velhos a praticar neste sentido do novo morador. Da casa passaram ao homem físico, e do homem físico ao homem moral. Nada disseram dele na ausência que não pudesse ser dito na presença. Ainda hoje a maledicência não é qualidade característica do povo; naqueles tempos ainda o era menos.

O que Francisco disse do padre, foi que sua palidez e sua magreza indicavam que ele perdia noites de sono no serviço de Deus; Marcelina acrescentou que seus olhos pardos e como quebrados, seus sorrisos tristes, suas palavras simples revelavam consciência limpa, desprezo pelo mundo e bondade de coração. Francisco ajuntou que já uma vez em Olinda tinha visto um frade com o qual muito se parecia o padre Antônio, por sua estatura média, a cabeça grande, a testa larga, o rosto comprido, as faces descarnadas. Enfim Marcelina, recordando-se de uma novena na igreja do Senhor dos Martírios, disse que a voz fraca e branda do sacerdote que fez ai uma pratica ao povo, era a mesma do padre Antônio.

Nem o marido nem a mulher andavam longe da verdade. O padre Antônio tinha sido frade, e foi provavelmente no tempo em que ainda o era, que se encontrou com ele o matuto. Um ano depois de secularizado, de passagem para Paraíba, aposentou-se no convento do Carmo em Goiana, aonde o foi convidar para dirigir a novena dos Martírios um negociante que o conhecia quando ele pertencia à recoleta do Recife. É natural que ai o tivesse ouvido Marcelina.

Eles não estavam também longe da verdade no tocante ao moral do padre Antônio. Grande era a sua humildade, pública a sua piedade, notória a sua benevolência, de que todos davam notícia no Recife, em Olinda, e na Paraíba, donde viera para Goiana, fazia poucos meses. Com serem frades, gente de seu natural maldizente — estes sim — os do Carmo de Goiana que o conheciam, nada contavam dele que o desabonasse. Só um deles — vejam o que são frades — explicava a secularização do padre Antônio dizendo que, realizando-a, não o

fizera ele com outro fim que o de desimpossibilitar-se para herdar muitos mil cruzados de uma tia solteirona que lhe votava grande afeição. O certo é que a tia morreu, e o padre foi o único herdeiro da fortuna deixada.

O que o padre Antônio era, quais os seus sentimentos e dotes naturais, sua piedade, seu íntimo ver-se-á melhor pela presente narrativa.

Lourenço sentiu inclinarem-se para o sacerdote os seus afetos, e teve por ele instintivo respeito. Por sua vez, o padre Antônio, que parecia saber já a história do rapaz, não perdia ocasião de o encaminhar para a honestidade e a virtude com a satisfação que enche o coração do varão reto quando se lhe depara a quem beneficiar.

Lourenço parecia tão mudado, seus sentimentos eram tão diferentes dos que trouxera da povoação para a estrada, que dificilmente o padre Antônio acreditou tivessem sido praticadas pelo rapaz as feias ações atribuídas ao menino.

— Como é possível que a gente se transforme de semelhante modo? Dizia ele uma vez a Francisco. Ainda se tivesse recebido depois desses desatinos saudável educação...

— Pois é o que digo a seu padre — respondeu o matuto. Lourenço parecia ter o inimigo no couro. Eu nunca vi menino tão endiabrado. Agora, quanto a ensino, o que ele recebeu foi o que lhe deu minha companheira; e parece que não foi mau, porque o rapaz já está outro.

— Bom ensino foi o que lhe deu tua mulher, Francisco. As mulheres são muito próprias para isso. Quando elas querem, ninguém tem melhores meios de endireitar as voltas de uma índole torta e defeituosa.

— Dai a pouco, o padre, como se tivera um pensamento súbito, uma resolução heróica, acrescentou:

— Quero prestar a vocês um serviço, que não é preciso me agradeçam, visto que tenho o dever de proceder assim. Quero completar a obra que levaram tão adiante. Vou ensinar a Lourenço as primeiras letras. Lourenço, que já está bom, ficará melhor. Que dizes?

— Ho, seu padre! retorquiu o matuto, cujo semblante pareceu iluminar-se do reflexo de prazer que lhe vinha do intrínseco da alma. Não tenho expressões para agradecer a vosmecê tamanho benefício. Quem me dera ver meu filho lendo carta-de-nomes. Eu já me contentava com isso só, porque quem lê carta-de-nomes, pode chegar a ler um livro e escrever umas regras no papel. Deixa o rapaz, por minha conta, Francisco. Hei de ensinar-lhe a ler e a escrever. Não é preciso que te mostres desde já tão agradecido por um serviço que ainda não

fiz, e que, se grande valor deve ter para quem o recebe, nada custa a quem o faz; antes é seu dever prestá-lo. Vai para tua casa e dize lá à tua mulher que todos os dias logo cedo — começemos segunda-feira — mande cá o rapaz a passar comigo algumas horas. Não é preciso mais.

— Seu padre...seu padre... Deus é que lhe há de pagar esta obra de caridade.

No dia aprazado, antes do menino entrar na casa do padre para receber a primeira lição, já Marcelina tinha levado pessoalmente umas macaxeiras, uma galinha gorda e duas dúzias de ovos para almoço do ilustre vizinho, e jurado, com a eloquência dos sorrisos e das lágrimas simultaneamente, gratidão eterna e infinita àquele que se mostrava tão bom e generoso para a obscura criatura.

— Para que isto, Marcelina? Inquiriu o padre, quando ela lhe fez entrega do presente. Eu ensino de graça e não por paga. Fica sabendo que ainda sem os teus mimos, hei de fazer este serviço ao pequeno. É obra de misericórdia ensinar os ignorantes. Além disso, pelo meu sagrado ministério, tenho obrigação rigorosa de lançar nas trevas do espírito infantil a pouca luz que tiver a meu alcance. Olha. Diz-me o coração que Lourenço ainda há de ser almotacê em Goiana.

— Deus o queira, seu padre, Deus o queira.

— E porque não há de querer? Lourenço já está bom. Hoje já é merecedor das bênçãos do céu, e da proteção dos homens de bem.

O que Lourenço pospor obra na manhã supramencionada, vem desmentir este conceito e palavras de seu mestre.

Tendo vagado durante algum tempo em busca de sambaquis, por dentro da mata, foi ele dar em uma trilha que lhe era ainda desconhecida. Tomou por ela, e, quando menos pensava, deu consigo em um cajueiral que se perdia de vista. De um lado aparecia uma casa de palha, e por entre o arvoredado, em parte bastante destruído pelos machados dos lenheiros, foi descobrindo imensos socavões, de alguns dos quais saíam ainda novelões de fumo negro. O rapaz reconheceu que se achava nas carvoeiras onde tempos atrás lhe tinham ido tão mal as coisas.

De propósito, e por incessantes recomendações de Marcelina, ele tinha, desde essa fatal noite, evitado digressões por aquele lugar, tão rico de belas paisagens e frescos e aprazíveis ermos. Agora, porém, inesperada e involuntariamente achava-se de novo ali. Lembrou-lhe incontinentemente o que ali passara; pareceu-lhe ouvir a matinada dos cães, e sentir nas carnes os dentes deles e o jagunço dos negros.

Eles levaram a sua avante — disse instintivamente consigo mesmo — porque eu estava desarmado. Se nos encontrássemos agora, a coisa havia de ser outra muito diferente. Já sou homem, e trago o meu facão, que está bem amolado. Eu havia de tirar a minha desforra.

Pincel fatal ou fatídico avivava em sua imaginação a cada passo, que dava o rapaz, as cenas do

sanguinolento episódio, que parecia de todo apagado de sua memória. Imediatamente os ferozes instintos de outrora ressurgiram violentamente como línguas de serpente ou de fogo em seu cérebro, exigindo pronta vingança.

Sem mais refletir, Lourenço botou-se para a palhoça. Achou-a sem gente. Mas havia criação pelo terreiro, e debaixo do pequeno alpendre viu ele vasilhas de serviço diário, sinal de que os negros ainda ali residiam.

Quando estava a olhar para uma banda e para outra, a ver se dava com algum dos antigos conhecidos, descobriu ao longe um vulto acorçado à beira de uma das covas que apareciam no vasto tabuleiro de areia.

Encaminhou-se para ai, saboreando com antecipada sofreguidão o prazer da projetada vingança.

CAPÍTULO 8

O vulto era o moleque, já então quase negro feito, que lhe tinha posto os cachorros em cima àquela fatal noite. Lourenço reconheceu-o logo: nem foi preciso para isto esforço, visto que uma vez por outra o estava vendo, ora entrar, ora sair do sitio.

— Que está você fazendo ai? perguntou ele, com voz de senhor arrogante e provocadora.

Benedito voltou-se espantado, e por única resposta, vendo quem a ele se dirigia, proferiu estas palavras:

— Que quer saber? É da sua conta?

E com gestos e meneios de quem fazia pouco caso do visitante, deixou-se ficar na mesma posição

em que se achava, a saber, de cócoras à beira da cova, e de costas voltadas para o seu interlocutor.

Veja lá como fala — retorquiu Lourenço, aproximando-se. Não foi você quem me botou aqui há tempos os cachorros em cima como se eu fosse alguma raposa ou maracajá? Foi você mesmo, que nunca mais sua cara me saiu da lembrança.

— Fui eu mesmo — respondeu Benedito. E que tem que fosse? É você meu senhor, ou meu pai para vir falar-me assim? Ora vá fazer seus balaios e suas gaiolas, e deixe-me sossegado, que eu não faço conta de você.

— Este negro está enganado comigo, retorquiu Lourenço, como se dirigisse a terceiro. Então você acha que eu havia de esquecer aquele desaforo? Eu não sou de Goiana, sou do Pasmado; e se faço gaiolas e cestos, é para não fazer facas de ponta. Agora, quanto a dizeres, negro, que não me levas em conta, isto é coisa que é mais fácil de dizer do que mostrar.

A esse tempo Lourenço achava-se já pertinho de Benedito, e este estava de pé. As vistas de um cruzavam-se com as do outro como floretes manejados por dois inimigos, peritos no jogo, e curtidos no rancor.

De repente o olhar de Benedito se perturba, e ele, de negro, que era, faz-se fulo. Palidez mortal cobriu-lhe a face, há pouco retinta como carvão. Tinha descoberto o facão, que Lourenço trazia e em cuja larga folha se refletia a claridade do dia.

Lourenço aproximou-se mais do seu antagonista.

— Se és homem, disse ele, em atitude de quem estava mete não mete o facão no rapaz — repete as palavras que há pouco disseste.

— Você então quer brigar comigo deverás? Ora deixe-se disso. O que passou está passado.

— O que passou comigo não está passado, não, negro mofino e sem vergonha. Eu só sinto não encontrar também aqui os outros dois tições — teu pai e tua mãe — para dar a vocês todos um ensino de mestre com a folha deste facão. Mas não há de faltar ocasião.

Benedito, que não era bom, encarou novamente com Lourenço, como quem sentia voltar-lhe o ânimo que fugira um momento. Tinha-lhe lembrado um recurso, que ele passou imediatamente a pôr em pratica.

— Você diz tudo isto porque tem aí um facão na mão; se não fosse ele, não tinha barbas para o dizer. Mas ainda estando com esse ferro e não tendo eu arma nenhuma, não faço conta de você, quanto mais meu pai e minha mãe. E para que fique sabendo, de uma vez por todas, que eu não me lembro de suas valentias, vou dizer-lhe uma coisa: se tiver o atrevimento de passar outra vez de

noite por junto do poleiro, tenha certeza de que lhe hei de pôr os cachorros, como fiz da outra vez.

Ainda bem não tinha Benedito finalizado esta inocente ameaça, quando Lourenço atirava para longe o facão.

— Para te quebrar os beiços, negro, eu não preciso de arma.

Era o que Benedito queria; seu adversário estava desarmado. Então investiu contra ele como fera. Aparentemente, Benedito representava ser mais forte do que Lourenço. As ceroulas azuis arregaçadas até aos joelhos, deixavam à mostra pernas musculosas, que acusavam grande força física. O negro mesmo tinha consciência de sua robustez; do seu tope nenhum morador de quatro léguas em redondo lhe era superior. Por isso, tendo lá para se que podia com Lourenço, atirou-se sobre ele no pressuposto de o derrubar e pôr debaixo dos pés logo ao primeiro ímpeto.

Nunca porém uma falsa crença teve mais pronta e estrondosa desilusão. Agarrar-se com Lourenço foi o mesmo que se agarrar com um touro bravo. Mal sabia ele que, além da imensa força física, de que nunca supôs possuidor, tinha Lourenço meneios, jeitos e passos que o habilitavam a dar em terra com o mais corpulento animal. Em um instante o trêfego rapaz atirou o negro, não sobre a areia, mas dentro da cova próxima, onde havia um abismo de fogo, parte ainda em chamas, parte já em carvões, mas ainda vivos e ardentes.

E esta operação, rápida como passar de faísca elétrica, seguiu-se um grito nu de agonia, que atroou os ares. Benedito, que estava nu da cintura para cima, sentira no corpo, nas mãos, nos pés as dores trazidas pelo fogo.

Esse grito medonho e a vista que inesperadamente se apresentou aos olhos de Lourenço, produziram nele súbita comoção. O impulso de fera, que o levava a atirar na cova o adversário, foi instintivo, inevitável, fatal: não lhe deu tempo a refletir; tinha passado tão rápido como o pensamento, e em seu lugar estava agora a razão.

Lourenço correu a uma tora meio queimada que se via a um lado sobre a areia, e, pegando dele, e metendo-o imediatamente na cova, como se o fizera em um poço para impedir que se afogasse aquele que aliás estava nadando em puro fogo, gritou da beira da cova a Benedito, com voz comovida:

— Pegue-se neste pau e suba por ele para não se queimar. Eu nem pensei no fogo que havia ai dentro.

Era ainda cedo e o casal de pretos, inquilinos da palhoça, o qual tinha ido à Goiana, a serviço do engenho, só poderia estar de volta sobre a tarde ou talvez no dia seguinte.

Quando Benedito disse isto a Lourenço, sentiu este ainda maior abalo. A situação afigurou-se-lhe então mais difícil e penosa do que ao princípio lhe parecera. Quem trataria do negro, que se revolia, em gritos, já salvo do fogo, mas preso das extensas queimaduras, sobre folhas secas à sombra de um cajueiro próximo? Era possível que ele ficasse assim desamparado por todo esse tempo? E os gritos de dor que cada vez aumentavam mais, e o terror da situação que se tornava mais pungente e cruel, como resistir a eles sem tratar de os remediar?

Lourenço ficou abatido um momento, mas logo tornou em se e disse à vítima dos seus maus instintos:

— Não grites, não chores, que vou chamar minha mãe para tratar de ti.

Esta inspiração, que transluziu como reflexo de prazer íntimo, em seu semblante, pouco tempo antes anuviado pela sombra do desgosto, rápida se desvaneceu, deixando em seu lugar no espírito do rapaz um sem número de interrogações, cada qual mais acerba e atroz.

— Que dirá minha mãe quando souber do que eu fiz? perguntava ele em silêncio a se mesmo. Para que tomei eu esta vingança? Porque não esqueci de todo a ofensa passada? Minha mãe, meu pai, seu padre Antônio que já me quer tanto bem, que idéia ficarão fazendo de mim d'ora em diante? Um me chamará mau, outro cruel, outro desumano, coração de tigre. Minha mãe dirá que perdeu comigo seus conselhos; meu pai dirá que, em lugar de trabalhar, ando eu fazendo mal aos outros sem me lembrar de que ele só me encaminha para o trabalho. E seu padre Antônio, oh meu Deus, seu padre, que se mostra tão meu amigo, de que modo não me ficará tratando d'ora por diante? Ainda ontem ele me fazia escrever esta passagem da Escritura: "Que homem haverá por acaso entre vós, que tenha uma ovelha, e que, se esta lhe cair no sábado em uma cova, não lhe lance a mão para daí a tirar!" (S.Mat.cap.XII vers.11). Eu fui o primeiro a atirar, por vingança e malvadeza, dentro de uma cova cheia de fogo, não uma ovelha, mas um meu semelhante! Ho meu Deus! Como vai ficar descontente de mim seu padre Antônio por eu ter praticado um ato tão desumano.

Lourenço deitou a correr para que mais depressa chegasse o socorro ao aflito.

Quando Marcelina soube do que acontecera, foi ela própria com o marido e Lourenço buscar o negro queimado para a casa do Cajueiro, a fim de tratar dele, visto que, morando longe da palhoça, não podia estar a tempo e a hora prestando os serviços e cuidados de que precisava o doente.

Lourenço, quando punha os olhos neste, inclinava-os logo abatidos ao chão. O remorso, o desgosto, a vergonha pesavam como anéis de chumbo em suas pálpebras.

— Para que fizeste isto, Lourenço, com o pobre rapaz? perguntou-lhe Francisco. Já me viste fazer alguma vez coisa semelhante?

— Eu não fiz isto por vontade — respondeu ele. Não me pude conter quando o vi. Lembrei-me do que tinha acontecido, e tive ímpetos de vingar-me. O ensino que vosmecê e minha mãe me deram, não pôde vencer em mim o arranco que me atirou para aquele de quem eu guardava uma grande ofensa. Além disso, ele me maltratou de novo, e me descompôs. Mas não foi por vontade, foi sem querer que eu o empurrei para dentro da carvoeira.

Era o mau natural, ainda não vencido de todo pelos edificativos exemplos e ensinamentos da família, o que tinha levado o rapaz a praticar tão feio ato.

— Que havemos de fazer para castigar a Lourenço sem pau nem pedra? perguntou Marcelina a Francisco.

— Procura lá em teu juízo um meio, Marcelina. Eu não quero dar-lhe pancadas.

— Eu nunca lhe pus a mão senão para o acomodar ou limpar.

— Pois vê lá o que se deve fazer. A ação foi ruim, e deve ter um castigo. Neste momento entrou a Quitéria, que vinha saber como tinha o filho passado a noite.

— Olhe, sinhá Marcelina, disse a negra, o que mais sinto é meu filho perder tantos dias de serviço.

— Que quer dizer isto? Inquiriu Marcelina. Pois a única ocupação dele não era botar sentido aos cajueirais?

— Esta era a obrigação que lhe deu meu senhor. Mas o tempo chegava para mais, e Benedito já tinha ajustado limpar as canas e a roça de um homem chamado seu Zeferino, que tem o sitio nos fundos da campina de meu senhor.

Marcelina refletiu um momento, ao cabo do qual tornou à preta:

— Quero dizer-te uma coisa, Quitéria. Se o ajuste está feito, não digas nada ao Zeferino, que eu mando uma pessoa fazer o serviço. A paga fica pertencendo sempre a Benedito.

Como é isto, sinhá Marcelina? Pois vosmecê me faz esta esmola, minha senhora? Oh! fico-lhe muito agradecida. E quem é a pessoa que vai fazer o serviço em lugar de Benedito?

— É Lourenço.

— Seu Lourenço?

— É ele mesmo. Não foi ele que o botou dentro da cova?

A negra nada mais disse, e Francisco, sabendo da resolução de Marcelina ou, antes do castigo de Lourenço, aprovou-o com satisfação.

Quando Benedito se deu por pronto, Quitéria e Moçambique o vieram buscar.

Traziam estampado nos semblantes o contentamento.

Tinham recebido os cobres do Zeferino, o qual só fazia gabar o serviço de Lourenço. Os negros agradeceram pela última vez a bondade de Marcelina, e quando iam a sair, esta os fez parar e lhes disse:

— Quando Lourenço foi fazer a limpa no sitio de Zeferino, havia oito dias que Benedito estava de cama, não é verdade, Quitéria?

— É, sim senhora.

— Eu não quero que Lourenço fique devendo ao filho de vocês nem uma hora.

— Está tudo pago, está tudo pago já e repago, minha senhora — disse Moçambique.

— Não está; eu sei o que estou dizendo. O trabalho de meu filho nesses oito dias é aquele.

E indicou uma porção de cestos e esteiras de cangalhas que estavam amontoados a um canto da casa.

— Tudo isso pertence a Benedito. Não me deixem uma só esteira, nem um só cesto; levem tudo. Vendam, dêem, façam deles o que quiserem. Está completo o castigo de Lourenço. Com o seu próprio trabalho remiu ele a sua culpa.

Lourenço que assistiu à solene entrega desses objetos, filhos das suas mãos, viu com lágrimas nos olhos eles passarem do seu poder para o daquele cuja vida pusera em perigo, e a quem dera tanto que padecer.

Mas nada disse. Os olhos baixos, o semblante abatido, o coração abalado, compreendeu, do modo mais natural e positivo, que todo mal que praticasse dali por diante a outrem, seria praticado consigo próprio, não resultando em ofensa a sua pessoa, mas privando-o do resultado de sua atividade, que fosse necessário à respectiva indenização.

Nunca ele tinha compreendido tão bem, como nesse momento, que o homem que menos mal faz, é o que está menos sujeito ao mal.

Quando os pretos saíram satisfeitos e agradecidos, Marcelina dirigiu estas palavras ao filho:

— Estás vendo, Lourenço? Trabalhaste dois meses inteiros para um moleque cativo.

— Foi porque vosmecê quis — disse ele, despeitado.

— Não, foi porque assim devia ser. De ninguém te deves queixar senão de teu mau natural, de ti mesmo. Deus queira que esta lição te aproveite. Lá se foi grande parte das tuas economias. Ficaste mais longe do que estiveste de poderes comprar um engenho.

Lourenço respondeu:

— Trabalharei de dia e de noite, e em pouco tempo hei de recuperar o que perdi. Vosmecê há de ver.

— Deus permita que isto aconteça.

Nesse momento entrou o padre Antônio, a quem os negros tinham contado o que pouco antes se dera.

Venho dar-te os parabéns, Marcelina, pelo modo como castigaste teu filho. Aprovo muito esta teoria. A pena de detenção corporal, quero dizer a prisão, não repara o mal que vem do crime. Traz um constrangimento, um sofrimento físico ao delinquente, mas é estéril, sem resultado. Com exceção do crime de morte, o qual nem pela pena de morte se pode reparar, todos os mais crimes podem achar justa reparação no trabalho. Ao crime de morte mesmo é possível às justiças arbitrarem uma reparação razoável. Fizeste muito bem. E tu, Lourenço, não botes fora a lição, que de muito te há de servir na vida. Trabalha e tem fé na Providência.

CAPÍTULO 9

Pouco distante do Cajueiro tinha Vitorino sua casinha em um alto entre dois vales, por um dos quais desciam uns canaviais escassos que ai plantara, enquanto pelo outro apontava a roça graciosa que ele sempre trazia limpa e parecia sorrir feliz a todos.

Não foi preciso que decorresse muito tempo para que Vitorino e Francisco se aproximassem, e suas famílias criassem relações. A família de Vitorino

compunha-se de sua mulher, por nome Joaquina, e de Marianinha e Bernardina, filhas do casal.

Levado da simpatia natural que lhe inspiraram Francisco e Marcelina, convidou os Vitorino para padrinhos de Marianinha, que contava por então seus três para quatro anos. Este novo laço veio estreitar mais as duas famílias matutas, que já se sentiam presas por mutuas inclinações.

Por isso, era natural — e assim aconteceu — que na primeira ocasião Francisco levasse Lourenço à casa do compadre, o qual já o conhecia da garapeira, e dele dera notícia circunstanciada aos seus.

Acharam ali o menino muito bonito, muito forte, e especialmente muito artista. Este último dote de Lourenço não obistou porém a que tivessem logo para ele vistas particulares o pai e a mãe de família. No mato ainda hoje se contratam casamentos com grande facilidade e antecipação; ainda bem uma menina não se põe moça nem um menino rapaz, quando os pais falam em uni-los pelos laços do santo matrimonio e assim que atingem a idade necessária, os noivos são recebidos à face da igreja. O melhor é que essas uniões prematuras quase sempre produzem bons frutos. Contrariamente sucede nas cidades e capitais adiantadas. Aqui não direi os casamentos assim contraídos, mas até aqueles a que precederam longos noviciados, não são muitas vezes suficiente seguro de paz e felicidade no lar.

Poucos anos depois da apresentação de Lourenço em casa de Vitorino, já Marianinha, que desde os primeiros tempos sentira grande inclinação para ele, alimentava a esperança de ser sua mulher. Era isto o resultado das conversações particulares na casa do forasteiro, das comentações e gracejos das meninas das vizinhanças, enfim das suposições dos conhecidos a quem não eram estranhas as relações das duas famílias.

Não tinha então Marianinha mais de doze anos, mas já pensava na falada união com tal constância e satisfação que só com isso se considerava feliz. Lourenço era o passarinho verde dos seus sonhos infantis, a feiticeira imagem que tinha o primeiro lugar nos seus brinquedos de bonecas, e lhe enchia o espírito de suavíssimo esplendor, de dia quando ela trabalhava, de noite quando se entregava às enganosas cismas da primeira idade.

Ao menino já não sucedia o mesmo que à menina. Se estava alegre e brincão, bastava falarem no casamento, para que em seu rosto se mostrassem indícios de desprazer. Fugia, amuava-se, e só aparecia de novo dai a tempos.

Outras vezes vingava-se das finezas de Marianinha respondendo com demonstrações de pouco caso.

Eis o que aconteceu um dia em que se achou com Francisco em casa de Vitorino, por ocasião de uma arranca de feijão.

Os dois dias anteriores tinham sido empregados neste serviço. Em frente da casa viam-se os couros estendidos sobre os quais Vitorino, a mulher, as filhas, e seu sobrinho Saturnino tinham atirado a erva trazida às braçadas da plantação.

Com três tigelas de feijão mulatinho, uma do feijão branco e outra do preto que Vitorino plantara pela várzea que ficava do lado da casa e pelos pés dos altos que do outro lado a cercavam, esperava ele apanhar tantos alqueires que lhe dessem para todo o ano. Parece que o calculo não ficou longe da realidade, visto que no serviço da arranca andaram empregados durante dois dias todos aqueles braços.

Ao dar com os olhos sobre os grandes montes de vagens e ramas atiradas em cima dos couros, disse Francisco:

— Sempre cuidei que eu bateria primeiro o meu feijão do que você o seu, compadre Vitorino. Vejo agora que me enganei.

— É verdade, compadre Francisco.

— E boa apanha fez você, que putici! Dá bem seus dois alqueires.

— É quanto espero apurar.

— Mas parece que ainda era cedo para arrancar esta erva. Vejo ainda tantas vagens zanolhas entre as secas. Nem por isso. Ele já estava estralando ao sol mesmo no pé.

— Como está a comadre? Como passam as meninas?

— Nenhuma quer morrer, não, meu compadre.

— Fazem elas muito bem.

— A comadre como ficou?

— Trabalhando com seus cestos.

Apareceu nesse momento Joaquina na porta da casa, as mangas do vestido para baixo, o cabeção de rendas à mostra, os pés no chão.

— Por isso é que o dia amanheceu tão bonito. É porque o compadre Francisco tinha de aparecer hoje por aqui.

— Não presto mais para nada, comadre. Mas porém já fui um cabra mesmo pimpão. Muita mulata bonita já se remexeu por mim ouvindo-me cantar ao som

da viola, em noites de luar. Hoje deixo isso para esta mocidade que se está enfeitando, para esses frangotes que como a nossa criação vão enchendo os nossos terreiros.

E apontou para Lourenço e as raparigas que nessa ocasião conversavam entre si. Estas não se demoraram a vir cumprimentar o matuto. Marianinha chegou-se para bem parto dele, e, estendendo a mão direita, disse, corada e confusa:

— Sua benção, meu padrinho.

— Deus te dê um bom marido.

— Isto é que é o mais custoso — observou Joaquina.

— Há de aparecer, há de aparecer, tornou Francisco.

— Também se há de ser algum vadio, algum preguiçoso que não tenha ânimo nem para peiar um cavalo, melhor será que esteja ela solteira ai dentro de casa, acrescentou Vitorino.

Neste tom correu a palestra ainda por alguns minutos, Lourenço conversando a maior parte do tempo com Bernardina, e Vitorino e Joaquina com Francisco.

Entretanto o dia ia crescendo, o sol subindo e o feijão estalando no terreiro: o que levou Francisco a dirigir esta pergunta ao compadre:

— Para quando guarda bater o feijão?

— Estou esperando por meu sobrinho Saturnino, que ficou de voltar, mas ainda não chegou.

— Ora! Aqui estou eu e o Lourenço para o ajudarmos. Eu não tenho que fazer hoje. Dei este salto até cá por distrair-me.

— Pois se você quer, vamos a isso.

Francisco chamou pelo pequeno. Para terem mais desembaraçados os movimentos, tiraram as camisas; assim — nus da cintura para cima — ficaram inteiramente à vontade e conformemente ao costume do campo. Cada um pegou então do seu cacete, e começaram a surrar a grande tulha que primeiro se lhes ofereceu à vista.

As mulheres, pelo sentimento de pudor que lhes é natural, especialmente no campo, não obstante lhes faltarem as saudáveis praticas, presente da educação, tinham-se recolhido antes à sala da casa, e ai se entregaram a diferentes gêneros de ocupações. Bernardina, sentada em uma esteira de juncos, e Marianinha em um couro de cabra, faziam companhia, tendo cada uma entre as

pernas sua almofada com vistosas rendas, a Joaquina que, pousada no chão, com as pernas estiradas uma sobre outra, fiava em um fuso pastas de alvíssimo algodão que ela ia tirando de dentro do balaio, onde trazia um montão delas abertas.

Dai a pouco Bernardina entrou a cantar para se umas letras matutas, enquanto sua mãe repetia os pés de um bem-dito que de costume tirava sempre que se punha a fiar. Era lembrança da missão que um capuchinho fizera em Goiana anos atrás. Marianinha guardava silêncio. Ouvia com atenção as toadas das duas cantadeiras, porém mais atentos do que os ouvidos tinha ela os olhos, que de quando em quando levava furtivamente da renda a Lourenço por uma aberta da porta pela qual entrava com a imagem do rapaz um pedaço de céu azul.

O amor que Marianinha votava a Lourenço, vinha dos primeiros anos, mas já era ardente, continuado, exclusivo. Nasceu no momento em que o menino foi apresentado à família. Remontemo-nos a esse momento. Vitorino tinha dado do menino as piores informações; mas sua filha o achou tão bonito que ficou escrava dele. Tinha ido Vitorino abrir um roçado dentro da mata que lhe ficava por traz da quadra de terra que o senhor do engenho lhe dera para cultivar. Como não era muito grande o espaço concedido, da casa ouvia-se o ruído que, ao cair, produziam com as folhas e as árvores derrubadas pelo poderoso machado foreiro. Ao ruído das árvores, ao ciciar das por entre a folhagem de um pé de maçaranduba que ficava de um lado da casinha, ao cantar dos chechêus poisados esse momento sobre as bananeiras do quintal, Marianinha, que na ocasião de chegarem os hóspedes, estava no terreiro brincando com suas bonecas, sentiu que despertará novo sentimento em seu coração. Esse sentimento não se confundia com o que ela experimentava minutos antes ouvindo os mesmos rumores e o mesmo canto; era diferente, posto que acompanhado do mesmo natural cortejo.

A manhã estava esplendida. O sol aquecia, sem queimar, as plantas e os animais, vivificando-os. As vastas sombras dos matos e dos outeiros, projetando-se sobre o capinzal donde iam desaparecendo os últimos pingos da orvalhada brilhante da noite, poder-se-iam comparar com as folhas fechadas de um livro imenso — o livro da natureza. Poucas horas depois essas folhas estavam de todo abertas, a luz patenteava nelas muitas belezas, que a sombra ocultava antes, a saber, as moitas figurando ninhos virados, as flores inodoras, mas lindas, que costumam nascer pelos sopés das montanhas, as rolinhas, de duas em duas — modelos da união dos dois sexos estreitada pelos laços do afeto natural, modesto e sóbrio que Deus plantou no coração dos irracionais, e que só a razão, ou antes, a obliteração dela perturba na espécie humana — depinicasando silenciosas, a fazer voltas em sentidos opostos e a encontrar-se depois, como para afirmarem mutuamente que nunca jamais se separariam, a não ser momentaneamente. Nenhuma dessas manifestações da vida

campestre, nem mesmo o conjunto de todas elas, tinha despertado no coração de Marianinha o sentimento brando e indefinível que ela começou a conhecer dali por diante. Francisco e Lourenço não se demoraram, tiraram para a mata a falar com Vitorino; a impressão porém que a assaltou, quando ela viu pela primeira vez o menino, e que depois, acrescentada pelas relações de amizade e pelo tempo, se agigantou a ponto de constituir-se um mundo, uma imensidade, essa perdurou para sempre não só em seus olhos, enchendo-os de novos brilhos, mas em toda a sua alma, povoando-a de nuvens rosadas e de paisagens verdeongas.

Eis porque Marianinha olhava agora às furtadelas para o rapaz, achando graça particular no modo como ele botava o cacete sobre a tulha do feijão.

CAPÍTULO 10

Seriam dez para onze horas quando deram princípio ao trabalho.

Com o calor e as cacetadas os caroços entraram a separar-se dos longos estojos. Duas horas depois um montão de pó cobria grossa camada de sementes alvas e luzidias. Então os batedores suspenderam os cacetes e entraram para descansar. Vitorino foi direitinho a uma botija que estava sobre a mesa, e derramando aguardente dentro de uma xícara, ofereceu o refrigerante licor ao compadre. Este não se fez rogar; de um trago enxugou a vasilha. A Lourenço, que não bebera do espírito, ofereceu nesse momento Marianinha uma tijelinha com cajuada. A menina tinha preparado com suas próprias mãosinhas este refresco. Já então se achava ai o Saturnino, que não podendo ver com bons olhos o agrado, quis, com o pretexto de gracejar, tomá-lo das mãos de Lourenço. Este porém entregou-o, sem a menor oposição, ao sobrinho de Vitorino, dizendo-lhe estas palavras:

— Tome para você. Não gosto de ponche de caju.

Marianinha, corando de contrariedade e confusão, voltou a trocar os bilros em sua almofada. Ela não queria mal ao primo, mas desde esse momento começou a tratá-lo com manifesta frieza.

Entrava a esse tempo na sala a Bernardina trazendo um pedaço de cana. Lourenço foi-se a ela, no momento mesmo em que a menina o oferecia a Saturnino, e o arrancou da sua mão com surpresa. Esta violência irritou a moçoila que sem hesitar se atirou ao rapaz, a fim de retomar a propriedade. Ele resiste. A resistência leva a rapariga a insistir cada vez mais na sua resolução. Agarram-se os dois corpo a corpo. Agarrarem-se assim foi o mesmo que se abraçarem naturalmente. Os cachos dos negros cabelos da matutinha roçam pelas faces do travesso rapaz. Com ou sem intenção, conchega este aos seus

seios os seios boleados da rapariguinha gentil e ofegante. Era já tempo de Saturnino interpor-se e ele, compreendendo a gravidade da luta, não se fez esperar.

Separam-se logo os discordes, um deles — Lourenço — com o pedaço do doce fruto disputado, o outro — Bernardina — com as mãos vazias.

— A cana não é para você, Lourenço — disse ela, resmungando com raiva. Eu a guardei par Saturnino.

— Ora, deixe-se disso — respondeu o endiabrado rapaz. Saturnino ainda achou pouca a cajuada que lhe dei? Se quiser cana, vá cortá-la na baixada. Esta é minha. Está doce que sabe já a açúcar.

Travou-se então um dize tu, direi eu que só teve fim quando os rapazes foram chamados pelos velhos para continuar o serviço interrompido. Ao sair para o pátio, Lourenço, pondo os olhos casualmente em Marianinha, achou-a pálida e séria como nunca a vira. A menina tinha a vista pregada na renda, como estava esta pregada na almofada pelos espinhos de cardeiro que nela serviam de alfinetes, segundo era de costume por esses tempos entre os pobres. Marianinha não teve mais para o seu noivo in peto olhares nem sorrisos nem atenções durante o restante do dia. Quando à tardinha, levantado o papelão, que Joaquina lhe dera por tarefa, ela foi com sua mãe e irmã sessar o feijão na urupema para o expurgar da areia e do barro original, a menina tinha no rosto a grave expressão que é própria não da filha mas da mãe de família. O despeito e o ciúme mordiam pela primeira vez seu coração, antes merecedor do contentamento inefável a que ela aspirava, do que do pesar profundo que ai tinham deixado os dentes envenenados destas duas serpentes interiores. Assim se passou esse dia, que projetou sombria nuvem, em forma de espectro ou de ave agoureira, na imaginação da pequena.

Tempos depois Francisco, levando em sua companhia Lourenço, fez nova digressão à casa do compadre.

Eram todos no roçado quebrando milho, que devia ser batido como fora o feijão.

— Sempre chego em ocasião de trabalho, compadre Vitorino, disse Francisco.

— É verdade.

— A razão é porque meu compadre Francisco é muito trabalhador, observou Joaquina.

— Adeus, meninas.

— Sua bênção, padrinho, disse Marianinha.

— Boa tarde, seu Francisco, acrescentou Bernardina.

Lourenço deu o andar para onde estava esta última, e baixinho lhe perguntou:

— Lembra-se ainda do pedaço de cana? Está zangada comigo?

— Eu não, respondeu ela.

— Eu fiz aquilo somente para meter raiva a Saturnino.

— E você para que é mau, Lourenço?

— E você para que faz tantos agrados a ele?

— E você que tem com isso?

— Bernardina! Bernardina!

— É melhor que vá se importar com Marianinha, que é sua noiva e mais dia menos dia virá a ser sua mulher.

O semblante de Lourenço fechou-se subitamente. Mais depressa nuvem escura não cobre a face risonha de estrela gentil e namorada.

— Está bom, disse ele com visível contrariedade. Eu não quero destas graças comigo.

E pois estavam conversando em vozes tão moderadas que ninguém podia ouvir o que diziam. Francisco, a quem não pareceu muito agradável este colóquio, dirigiu-se nos seguintes termos ao filho:

— Ó Lourenço, vai ajudar ali a comadre, que mal pode com aquele braçado de espigas.

Em vez de levar a mal, o rapaz aceitou com as duas mãos o recurso, que se lhe oferecia, e foi prestar os seus serviços à Joaquina, não só tomando sobre se parte da carga que ela trazia, mas quebrando o milho maduro que encontrou em suas proximidades.

O aspecto do roçado era o mesmo que oferece qualquer destas plantações em ocasiões idênticas.

Em um ponto central via-se um montão de espigas secas. Junto delas estava Bernardina sentada sobre umas palhas. Sua obrigação consistia em as ir descascando e prendendo depois, de duas em duas, pelo filete de palha, de propósito deixado em cada uma para facilitar não só o trabalho da contagem

senão também o da condução. Depois de assim atadas, atirava-as para outro ponto, do qual tinham de ser levadas para casa.

O milharal, posto que na maior parte ainda de pé, estava quase todo seco. As espigas voltavam-se para a terra que alguns pés, dobrados pelos ventos fortes, beijavam com os pendões em sua maior parte despidos das flores de que se compunham.

Quebrando aqui, ali, os frutos, foi-se Francisco metendo pelo roçado a dentro até chegar ao lugar onde estava a filha mais nova de Vitorino.

— Venho ajudar-te, Marianinha, disse ele.

A menina tinha sobre os ombros alguns atilhos, de sorte que parte das espigas lhe caíam por cima dos seios e parte se derramava pelas costas.

— Para que tem esse trabalho, meu padrinho? Estamos já acabando.

— Como me acho aqui, quero perguntar-te uma coisa. Tu estás mal com Lourenço?

— Porque vosmecê pergunta isso?

— Porque ainda há pouco vi todos falarem com ele, menos tu. Que é que houve entre vocês? Eu não gosto de malquerenças.

A menina parou involuntariamente. Seu braço direito que nesse momento ela tinha alçado para uma espiga, descaiu como se força oculta e desconhecida o fizera gravitar para a terra. Os olhos, vencidos pela mesma influência, tendo relanceado primeiro para o matuto, cravou-os ela irresistivelmente no chão.

Conhecendo que tocará em uma ferida encoberta, Francisco adiantou-se a diminuir-lhe o vexame.

Eu sei que tu gostavas do Lourenço até bem pouco tempo. Como é que aparece agora esta rixa?

Passado um instante, a rapariguinha respondeu, aceso o rosto em suave rubor:

— Mas ele não gostava de mim.

— Quem foi que te meteu isso na cabeça?

— Era preciso que alguém me dissesse o que eu estava vendo com os olhos?

— Engano teu.

— Não estou enganada, não senhor. Lourenço não se importa comigo.

— E tu não queres mais bem a ele? Anda, fala. Eu bem sei que tu gostas do pequeno. Se és capaz, nega.

Tomada da maior confusão, Marianinha não soube o que responder.

— Dize o que te pergunto — insistiu o matuto. Eu guardo segredo. Não tenhas vergonha de mim.

— Eu não sei disso — retorquiu a menina, entre satisfeita e triste.

— Não sabes? Então quem é que há de saber?

A filha de Vitorino caio novamente na mudez de há pouco.

— Deixa estar, Marianinha, tornou Francisco.

— Lourenço há de casar contigo. Se não for por gosto, há de ser contra a vontade.

— Contra a vontade? Não, assim não — disse ela.

— E porque não há de ser por gosto?

— Eu sei... Ele não me quer bem, não. Se ele quisesse, me tratava de outra moda. Como é então que ele te trata?

— Eu não sei dizer como é, não, meu padrinho. Eu só sei que Lourenço é mau e ingrato.

Triste e cabisbaixa, a menina pôs-se a chorar. Era muito intensa a dor que feria seu coração. Não chores, pequena, disse Francisco abalado. Hei de fazer que ele venha a casar contigo. Pede bem a Nossa Senhora da Conceição que eu não morra. Tanto farei que ele mesmo é que me há de pedir licença para dar este passo.

Secreto pressentimento, porém, dizia à menina, não obstante este formal compromisso do matuto, que nem o coração de Lourenço nem sua mão lhe pertenceriam jamais.

Entretanto a esperança que tais palavras infundiram em seu espírito, entrou ai como luz serena e divina.

Momentos depois, voltaram todos para casa, conduzindo as mãos-de-milho. A uns derramavam-se espigas pelas costas, a outros caiam os atilhos dos braços, ou das mãos. Marianinha, enquanto os demais tinham a atenção concentrada na colheita, volvendo em torno de se seus belos olhos, há pouco cheios de lágrimas, agora repletos dos fulgores do contentamento íntimo, que se

revelava, não por palavra mas pela luz do olhar meigo, pelo rápido sorriso, pela irradiação suavíssima do semblante, tinha bem diversos pensamentos. Nas sombras crepusculares que começavam a cobrir a solidão ela descobria encantos e primores naturais, que momentos antes, de caminho para o roçado, debalde buscara na verdura da natureza, formosamente iluminada pelo clarão imenso do sol.

Nem com entrar em seu espírito acompanhada das sombras e dos mistérios do deserto tinha para ela menos brilho e formosura a esperança.

CAPÍTULO 11

Numeroso foi o concurso de pessoas de alta e distinta jerarquia durante a noite da véspera e o dia de S. João de 1711 no engenho do sargento-mor João da Cunha.

Esta respeitável campanha compôs-se dos cavaleiros que diremos: os irmãos André Cavalcanti, Luiz Vidal e Cosme Bezerra; Filipe Cavalcanti, capitão de ordenanças; Jorge Cavalcanti, sargento-mor honorário, e filho natural de André Vidal de Negreiros, o restaurador da Paraíba; Martinho de Bulhões, que veio do engenho Itambé, onde morava com seu sogro Matias Vidal, a quem o dito engenho pertencia, bem como todas as terras da povoação fundada por aquele restaurador. Além destes apontavam-se outros muitos proprietários e autoridades de Goiana, mais ou menos ligados, por laços de parentesco, amizade ou dependência particular com o senhor do engenho.

Foi uma festa que muito deu que falar, não tanto pelo brilho, como principalmente pela concorrência. Dos principais nobres da vila não faltou nenhum. A posição social e política de João de Cunha; sua procedência ilustre; seus haveres geralmente tidos por avultados asseguravam-lhe grande respeito da parte dos seus vizinhos.

Houve quem viu no importante ajuntamento, logo que ele se anunciou pela voz da fama, um pretexto para tratarem em família e em secreto os nobres de Goiana dos seus interesses ameaçados pelos mascates do Recife. Nem era mister grande penetração para fazer esta conjectura, depois do rompimento destes contra aqueles, rompimento que se realizou em 18 de junho do ano apontado, de uma para duas horas da tarde.

Para que fique inteirado do necessário o leitor que não for muito versado no conhecimento das lutas políticas de nossa terra nos tempos coloniais, indispensável nos parece examinarmos aqui, posto que de relance, a causa da agitação dos espíritos na época em que se passou esta história.

De que procedeu o sobredito rompimento? De quererem os negociantes do Recife que esta povoação passasse a vila, e de o não quererem os nobres da cidade de Olinda. Qual a razão de quererem os negociantes do Recife e de não quererem os nobres de Olinda que passasse a vila aquela provação, que aliás já tinha sido cidade no domínio holandês, por suas vantagens naturais, posição física, e principalmente por ser porto de mar e oferecer fácil ancoradouro? A razão era porque, sendo o Recife quase em sua totalidade habitado por negociantes portugueses, passariam estes a ter, com a elevação da povoação a vila, preponderância no senado da câmara, e por seus votos poderiam reduzir a nada, visto que o seu número era grande, os nobres da cidade na taxação dos gêneros, na arrematação dos contratos, enfim na governança que até então tinha sempre andado nas mãos da nobreza da terra. Um cronista, contemporâneo da guerra dos mascates, escreveu sobre este ponto as palavras que trasladaremos para melhor compreensão do leitor. São as seguintes:

“A dar-se ao Recife o termo que o governador queria, perdia a nobreza do país; porquanto, igualando-se os nobres aos mascates, e sendo estes muito mais numerosos, vinham aqueles a ser excluídos nos pelouros dos lugares da república; perdiam as rendas públicas na arrematação dos contratos, porquanto, sendo os arrematantes os mascates, e compondo estes o senado, perante quem se arrematavam, vinham eles a ser juizes e partes, e a seu salvo podiam arredar da arrematação os nobres que quisessem lançar; perdia finalmente toda a população produtora, porquanto, competindo aos almotacés taxarem os preços dos víveres, e sendo o almotacé do Recife mascate, seguia-se, como se seguiu, que os gêneros conduzidos a mercado pelos matutos se taxassem em preço mui baixo, e os que vendiam os mascates taberneiros se estimassem em subido preço”.

Por onde se vê que nem era de todo sem fundamento o ódio que nobres e mercadores se votavam mutuamente, nem a guerra a que esse ódio deu lugar podia faltar em rebentar com a veemência e crueza que a caracterizaram. Enfim, a luta era menos de fidalgos e peões do que da agricultura ameaçada de ruína, e do comércio que aparecia como tirano. Não há luta mais fatal e terrível em seus resultados do que a em que se empenham dois princípios que devem constituir, nas épocas normais, um só elemento de prosperidade pública, servindo cada qual de complemento natural do outro. Estamos por isso muito distantes dos que nesse memorável movimento querem ver, antes um testemunho de ridículos preconceitos, costumes e educação dominantes no século próximo passado, do que a séria colisão de interesses que ainda em nossos dias podem trazer, achando-se em desacordo como então se acharam, resultados ainda mais tristes e lastimosos.

Enquanto as pretensões dos mercadores não passaram de tentativas malogradas, mantiveram-se as coisas em saudável equilíbrio. As pretensões,

porém, de que é alma o interesse pecuniário ou a ambição de riquezas dificilmente se resignam a completa renúncia. Quando menos se espera, elas fazem explosão, e só então se reconhece que o silêncio em que por algum tempo estiveram a modo de sepultados, não foi o silêncio da morte, mas da concentração espiritual e o do estudo dos meios de dar vitória à dita ambição.

O governador a que alude o cronista na passagem sobremencionada, era Sebastião de Castro Caldas. Não foi o primeiro que chegando a Pernambuco e deixando-se quase dirigir por seus conterrâneos mais exaltados na sua pretensão capital, representara a el-rei a favor da criação da vila. Antes dele já o tinham feito alguns outros, inclinados sempre a proteger os interesses dos seus patrícios. Nenhum, porém, o fizera com tão fortes razões como o novo governador, homem de grandes espíritos, de ânimo ousado e tão dado à prática de ator de despotismo que o próprio rei lhe estranhará asperrissimamente, em data de 7 de outubro de 1709 o “ter invadido a jurisdição dos ministros, soltado presos, mandado tirar devassas, suspenso no procedimento dele despoticamente, abusado das regias leis e provisões e cometido outros absurdos e excessos de grande prejuízo à boa igualdade da razão e em grande dano da justiça dos povos de Pernambuco.”

É fama que pouco tempo depois de haver entrado no exercício do seu cargo, um negociante lhe foi dizer (não se sabe se havia verdade ou enredo na história do oficioso senhor) que alguns pernambucanos tinham jurado repetir com ele, se metesse a tomar o partido dos do Recife na criação da vila, o mesmo que seus antepassados tinham praticado com o governador Jerônimo de Mendonça Furtado no século anterior.

A isso respondeu Caldas: - Se são nobres e têm, segundo dizem, por se o popular da capitania, repitam o procedimento dos seus maiores. O que eu lhes asseguro é que não hei de imitar Mendonça Furtado, e que, desembainhada a minha espada, não a meterei novamente na bainha antes de embebida no coração do primeiro conjurado.

Não aconteceu, assim porém. Levado do capricho pessoal, ou do interesse, ou do ódio, ou da vaidade de dar mostras de ser capaz de arrostar com a oposição da nobreza de Pernambuco em peso, fez reiteradas instancias ao ministério e ao rei para que se realizasse a elevação do Recife a vila. Esta elevação foi afinal ordenada pela carta regia de 19 de novembro de 1709; mas, como se verificaram logo no ato da divisão de novo termo grandes vexames e violências, irritaram-se mais os ânimos de parte a parte. Caldas respondeu à reação dos pernambucanos notáveis mandando-os prender. Foram do número dos presos Leonardo Bezerra Cavalcanti, seu irmão Manoel Cavalcanti Bezerra, Luiz Barbalho, Afonso de Albuquerque e outros. O triste exemplo, produzindo impressão de terror em vários agricultores, obrigou-os a deixar suas propriedades e ocultar-se foragidos nos bosques. Enquanto porém alguns se

retiravam aterrados, a reação concertava na sombra a sua desforra. Assim que pelas 4 horas da tarde de 17 de outubro de 1710, por ocasião de passar o governador pela frente de uma casa desocupada da Rua das Águas Verdes, um tiro lhe foi daí desfechado, não tendo sido parte para que o não fizessem os dois mandatários obscuros o ir Caldas acompanhado e guardado por uma escolta de 25 homens.

Longe de o chamar à razão, o tiro, que mais parece ter sido aviso de prudência do que meio de dar cabo do poderoso inimigo, visto que, se esta fora a intenção, não teriam posto na arma tão pequena carga que, não obstante ser muito curta a distancia, a bala produziu unicamente no governador ligeira escoriação, serviu antes para o arrojado de uma vez no caminho do atentado. Bastava ter contra se suspeita de cumplicidade no nefando delito da Rua das Águas Verdes para qualquer ser atirado a horrorosa prisão. O capitão André Dias de Figueiredo foi talvez preso como cúmplice, unicamente por ter por nome o mesmo que o do juiz ordinário que em 1666 intimou ao governador Mendonça Furtado a ordem de prisão em nome do rei. Enfim, foram tantos os excessos do governador Caldas, agora mandando abrir devassas, agora ordenando prisões indevidas; ora estabelecendo presídios, como fez em S. Lourenço da Mata e em Santo_Antão, ora determinando que o povo fosse desarmado sem ter em atenção sequer estar iminente a invasão francesa, segundo acertadamente pondera o nosso cronista, que, antes do dia 5 de novembro, em que devia romper a revolução, rebentou esta por ocasião de pretender o capitão João da Mota prender o capitão-mor de Santo-Antão Pedro Ribeiro da Silva. Foi em 2 do dito mês que, em lugar de Mota prender Ribeiro quando este ia ouvir missa na matriz, o sitiou ele em seu próprio presídio e o obrigou a capitular com a condição de não voltar ao Recife enquanto o povo, que tratava de reunir-se, não descesse a atacar a vila novamente criada. Enfim, no Domingo (10 de novembro) uma multidão passante de 2.000 matutos tomou o Recife, e como não encontraram aí o governador, foram aquartelar-se em Olinda, senhores da situação. Caldas tinha fugido de véspera para a Baía sem ter cumprido a sua promessa de embeber, antes de partir, a sua espada em corações pernambucanos.

Foi logo chamado a tomar as rédeas do governo, visto vir apontado na carta regia que prevenia as vacâncias, o bispo d. Manoel Alvarez da Costa que se havia retirado, em visita pastoral, para a Paraíba com o ouvidor dr. José Ignácio de Arouche pouco simpático aos do Recife por não ter querido convir na ampliação do termo. D. Manoel volta a Olinda e assume o exercício do novo cargo em 15 de novembro. O primeiro ato do seu governo foi perdoar aos povos a sublevação e o tiro dado em Sebastião de Castro Caldas.

Como era natural, o perdão irritou os parciais do governador Caldas, os quais, não só pelos ódios próprios, mas também pelas reiteradas sugestões que lhes

chegavam do mesmo governador para que, por sua vez, rompessem contra os do outro partido, assegurando-lhes que o rei não deixaria de levar a bem semelhante serviço, não pensaram senão em tomar estrondoso desforço. Ou porque acreditassem piamente no que escrevia Caldas, ou porque o seu ódio não tinha outro objetivo que o de aniquilar a nobreza, a quem deviam tão grande revez, que os havia prejudicado em seus interesses e em sua política, os europeus, que esposavam a causa da reação, alimentavam em silêncio os seus projetos de vingança e aparelhavam-se com sagacidade e tino para o rompimento formal. Neste intuito levaram muitos meses a prover-se de mantimentos. A farinha, o feijão, o milho, o arroz, o açúcar, a carne, o peixe entravam todos os dias para os seus armazéns, onde ficavam em bom recato. Finalmente, no dia 18 de junho, aos gritos de “Viva el-rei d. João V, morram os traidores” puseram eles nas ruas a revolta, tomaram conta das fortalezas do Brum, Buraco, e Cinco pontas, e no pressuposto de restaurarem a perdida autoridade de Caldas, consideraram o bispo suspenso de suas atribuições e o recolheram no colégio dos jesuítas. Nomeando um governo monstruoso, composto de João da Mota e de um preto mestre de campo do Terço dos Henriques, obrigaram o bispo a assinar ordens que importaram em os assegurar na posse da situação, assim violentamente roubada à legalidade.

Fosse porém qual fosse o verdadeiro motivo da reunião no engenho Bujari, o certo é que nunca em sua casa reuniu João da Cunha tão numeroso concurso de pessoas escolhidas, com ser costume de longa data ajuntarem-se aí por S. João moradores de conta do lugar.

Não só por ser poderoso, senão também por ser homem de resolução e de gênio arrebatado, era João da Cunha muito temido em todo aquele termo.

Uma tradição de sangue dava a seu nome e família triste celebridade. Contava-se que varias pessoas, das quais algumas por faltas muito leves, tinham sido mandadas matar por sua ordem e enterrar depois na bagaceira. Mais de um negro tinha morrido nos açoites, e de um até se dizia que fora atirado vivo, não sabemos por que motivo, na fornalha do engenho, onde morreu queimado.

Naqueles tempos tradições semelhantes, em vez de diminuir o tamanho moral do herói dessas repugnantes ilíadas, recomendavam aos povos os sanguinários Aquiles, que por este modo se faziam conhecer e celebrar.

Por isso todos tinham pelo senhor do engenho Bujari profundo respeito; e se seu nome não vem apontado nas incompletas crônicas do tempo, como muitos outros, que não obstante pertencerem a notáveis sujeitos, ficaram inteiramente esquecidos, a tradição ainda o não deixou desaparecer de todo no pó onde jazem sepultados os que por circunstâncias inexplicáveis não puderam sobreviver aos acontecimentos.

Recebendo a influência do tempo, da educação, dos preconceitos inveterados e dos exemplos de todo o dia, a mulher de João da Cunha, d. Damiana, que procedia, como seu marido, de troncos limpos, não lhe cedia a palma em altivez, posto que de seu natural era branda e benévola.

Até a idade de 12 anos, D. Damiana morou, para assim escrevermos, em casa dos pais de João da Cunha. Sua mãe era parenta muito chegada do casal fidalgo, e costumava passar tempos no engenho onde moravam.

Quando ela morreu, d. Damiana não contava mais do que 15 anos. O pai desta tinha falecido dez anos atrás. Circunstâncias especiais influíram diretamente para que, sendo ele um dos mais abastados agricultores do termo de Goiana, só deixasse por morte à mulher um nome honrado e ilustre, herança que esta transmitiu mais aumentada, porém ainda muito menos brilhante do que a recebera, à sua filha.

Dos cinco anos até casar-se pode dizer que a jovem senhora viveu à sombra do rico fidalgo, pai do João e de Amador, de quem oportunamente se tratará. Por esse tempo João da Cunha já tinha contraído o seu primeiro casamento. Enviuvando anos depois, contraiu o segundo com d. Damiana, que, já se achando presa à família pela gratidão que lhe devia, entrava agora em suas relações íntimas e começava a fazer parte dela por laços mais perduráveis.

O senhor de engenho achou em d. Damiana afeições duplas — as de esposa e as de filha. Sua mulher, que já tinha para ele respeito, votava-lhe agora estima conjugal, que trouxe ao senhor de engenho uma reprodução da felicidade que gozara na constância do primeiro matrimônio.

Quando d. Damiana punha sobre ele seus grandes olhos negros e ternos, João da Cunha sentia no intrínseco de sua alma uma impressão de brandura, que era talvez o reflexo da benevolência da esposa penetrando na dureza natural do coração do marido, como raio de luar em profunda e escura caverna.

Então o porco selvagem fazia-se escravo da juruti meiga e naturalmente elegante. Voltava-se todo para ele e ficava como em contemplação ascética. Os cabelos abundantes e pretos, a rosto emoldurado em oval corretíssima, a cútis morena, fina e rosada, o nariz levemente erguido na ponta, a boca representante de altivez e bondade ao mesmo tempo, faziam de d. Damiana um como centro luminoso diante do qual o orgulhoso e duro João da Cunha sentia deslumbramentos.

A influência, porém, que a mulher exercitava sobre o senhor de engenho, não era absoluta.

Quando João da Cunha tomava uma resolução sobre objeto grave; quando seu orgulho exigia dela o preenchimento de um dos seus caprichos, leis do seu

caráter, nem o olhar, nem o sorriso, nem a meiguice, nem as lágrimas dela venciam a dureza marmórea do espírito, que de outras vezes parecia de cera.

CAPÍTULO 12

O engenho Bujari estava situado em um ponto de que inteiramente se perdeu a memória. O que se sabe ainda, pela tradição oral, é que, tendo ele ficado, pelo tempo adiante, todo em capoeira em consequência do longo desamparo, veio a confundir-se com a mata virgem. O engenho que traz hoje esse nome, fundou-se muito depois do desaparecimento do primeiro.

Nesse tempo — áureo período da vida do respectivo proprietário — era ele uma das mais importantes propriedades rústicas de Goiana, e a sua situação uma das mais formosas do termo.

O tempo, na forma do costume, não respeitou as prendas naturais e ainda menos as obras de grosseira arquitetura da grande propriedade de João da Cunha. No lugar onde foi a casa de vivenda — sobrado acaçapado de telhado enegrecido, que, por muito alto no centro, era a primeira parte da casa que se via de longe acima dos matos, com seis janelas quadradas, entre as quais se rasgava a porta, para onde se subia por uma escada de tijolos grosseiros — existe hoje seguramente uma renque de sicupiras colossais, cuja folhagem enche os vãos das duas salas fronteiras — uma reservada aos hóspedes, a outra à família — agora desaparecidas. Mais para o centro, no lugar dos aposentos interiores, floresce o amarelo, o pau d'arco, o jatobá. Na casa de purgar, que devia ficar à esquerda, nasceram cedros, que se mostram gigantes, cobertos de cipós, que, entrelaçando-se com a vegetação circunvizinha, formam galerias e abobadas naturais, onde não penetra luz e se acoitam durante o dia aves noturnas e cobras venenosas. À direita, no lugar da capela, é agora uma elevaçõsita, de que se atiram aos ares uns sambaquis, umas maniçóbas, uns marmeleiros, umas cabuatãs, cujos ramos e folhas se entretecortam e amigam. Por onde corria a rua dos negros, composta de vinte a vinte e cinco casinhas de cada lado, vêm-se adjuntos de embiribas e jucás. A casa da moenda foi substituída por um grupo de colossais angicos. Enfim a atividade da grande propriedade passou, para dar lugar à serenidade, ao sossego, ao silêncio majestoso e solene da mata virgem. As obras da arte substituíram-se as produções, desde as mínimas até as máximas, da natureza. Ao viver do homem sucedeu o do bicho bravo. Assim são as coisas deste mundo. No topo de uma civilização germinam latentes as raízes de uma barbaria.

Uma exceção destaca-se, para confirmar a regra geral, do círculo vicioso em que giram, após vidas, gerações, progressos humanos, os seres, ou antes, as forças indestrutíveis da matéria. Por entre uns paus secos aqui, umas moitas

enredadas ali, umas árvores frondosas além, arrasta ainda a existência um ente contemporâneo de João da Cunha. Está mais selvagem, porém mais vivo e belo.

Suas forças não diminuíram, antes aumentaram. Em suas faces há risos continuados. Não lhe alvejam na fronte as cãs da velhice. Esse ente é o rio Capibaribe-mirim, de que em 1711 passava por dentro do cercado do engenho Bujari, um braço cheio e vigoroso, o qual se estendia então sobre limpo e arenoso leito, enquanto hoje só o caçador ou algum viajor transviado o vê dilatar-se por entre matos e por baixo de frescas e amenas sombras. Semelhante às cobras que rastejam em suas margens, ele serpeia desconhecido e caracola, ora brando e vagaroso, ora barrento e assanhado, atravessando os próprios pontos onde no século passado brincava com a luz do dia e recebia os beijos da franca viração dos descampados. As águas, com que refresca essa parte central da mata banham, antes de chegar ai, as povoações denominadas Mocós e Timbaúba, únicos pontos populosos por onde passam. Toda a restante região que elas percorrem, é solitária e erma. O morador do centro civilizado fez-se quase exclusivo habitante da solidão e da floresta.

O negro André, carreiro do engenho, tinha descarregado, no pátio da casa de vivenda muito antes do anoitecer do dia 23 de junho de 1711, vários carros de lenha destinada às fogueiras de S. João. De dispor os grossos toros de angico e cajueiro tinham sido encarregados três ou quatro parceiros daquele carreiro, de propósito dispensados com cedo do serviço diário para este fim.

No sobrado habitualmente silencioso, notava-se a animação, o bulício que acompanham fatalmente esta festa popular.

Viam-se senhoras na sala dos hóspedes. Algumas delas eram mulheres, outras eram filhas dos nobres proprietários convidados para a reunião; e conversavam sentadas nas cadeiras de sola com pregaria que guarneciam a sala e das quais ainda se vêm algumas, que são como as relíquias do tempo em que representaram grande adiantamento da arte.

A mobília, não obstante ser de uma casa em que se professavam hábitos de nobreza e riqueza, não era de dar na vista; ao contrário, pouco adiantava à que se encontra presentemente em alguns engenhos, donde grande parte dos hábitos daquele tempo não desapareceu inteiramente. Além das cadeiras viam-se dois canapés, também cobertos de sola, três ou quatro bancas de acaju, e uma grande cômoda de nogueira com muitas ordens de gavetas. Sobre as bancas havia alfaias de prata e sobre a mesa estava assente um candeeiro grande do mesmo metal. Pendiam da parede, fronteiros e na mesma altura dois quadros em que apareciam retratados o senhor e a senhora do engenho.

A sala das mulheres, aquele momento deserta, atestava melhor o gosto, a educação e a mocidade de d. Damiana. Sobre cômoda de formas menos

pesadas do que o da sala contígua, certamente obra de fora, em que se procurara entalhar uns longes do gosto de Luiz XIV, via-se um rico santuário de jacarandá, que, estando aberto, deixava ver por entre ramalhetes de frescas flores naturais, formosas e ricas imagens, adornadas com seda, ouro e pedras preciosas. Por junto da parede corria um estrado coberto de damasco, e fronteiro a ele mostrava-se o bufete de especial estimação da aristocrática senhora. Um tear ao canto, bancas de jacarandá de delicadas entalhas e sobre as bancas garrafinhas e frascos de vidro e cristal completavam, com o grande espelho afixado na parede, a sala particular de d. Damiana.

Ao acender as fogueiras achavam-se os homens, não na sala de visitas, mas no aposento imediato — espécie de gabinete onde tinha João da Cunha cama para descansar, papéis, roupas e armas.

À luz amarelenta de um candeeiro, colocado sobre uma secretária de forma de piano, lia o senhor de engenho, para os amigos ouvirem, as últimas regras de uma carta que recebera de André da Cunha, morador em Olinda.

“Eis o extremo a que chegamos. Os mascates em armas, senhores do porto, das fortalezas e agora do governo, visto que tem o bispo guardado por 150 soldados e às ordens deles, tudo podem contra nós, enquanto nós muito pouco ou coisa nenhuma podemos contra eles. Se o bispo tivesse espírito, ou se o seu espírito fosse tão grande como é o seu coração, certo as coisas presentes seriam para nós pequenas. Mas é fraco e entende pouco de estratégias e ciladas. Que força se pode esperar de um governador que se deixou cair, por moleza, nas mãos dos seus próprios inimigos?”

— Que havia de fazer ele? inquiriu Matias Vidal. Aquele feixe de virtudes não é para semelhantes lutas.

— É isto exatamente o que escreve André respondeu João da Cunha.

E prosseguiu a leitura:

“Enfim o Recife está cercado de trincheiras, fortemente guarnecidas de gente e providas de munições de guerra.

“Como não tenho certeza de que esta vá ter às suas mãos, por isso que a todo canto a nobreza se está picando nos espinhos da traição, finalizo, rogando a Deus se sirva olhar por nós e por nossas famílias ameaçadas de toda sorte de calamidades, das quais a menos crua será a morte.

“Olinda, 19 de junho de 1711. — André da Cunha.”

— Meus amigos — disse João da Cunha dobrando a carta e metendo-a em um dos escaninhos da secretaria — foi menos para tomardes parte no meu prazer

do que na desgraça da pátria, que me pareceu mandar chamar-vos à minha casa. Estão consternadoras para nós — os pernambucanos — as coisas públicas. Comandada a força militar por Miguel Correa, Manoel Clemente, Euzébio de Oliveira e Antônio de Souza Marinho, mascates conhecidos como odientos por todos nós, aos filhos da terra não nos resta, a meu parecer, outro recurso que o de lançarmos mãos das armas. Devemos acudir com as nossas fabricas e moradores, ao lugar do perigo, e ai castigar a audácia dos rebeldes. Este recurso deve ser usado sem perda de tempo. Dar pancada mortal na cabeça da cobra peçonhenta.

Não obstante ser mais forte João da Cunha em preconceitos de fidalguia do que em eloquência, dote que vem do berço mas que a cultura acrescenta e apura, suas palavras ressoaram, como ecos de discurso divino, nos corações dos amigos.

Entre estes viam-se alguns que eram mais bem versados em letras e em orações incendiarias do que o sargento-mor.

Contava-se neste número Cosme Bezerra dentre todos os que ali se achavam o mais ardente membro da nobreza, e o que, por sua força de vontade e grandeza de espírito, maior nome deixou nas crônicas do tempo, porque, degredado para a Índia em 1713, dai não voltou mais à sua pátria. Era juiz ordinário e capitão de ordenanças. Tinha a presença atrativa e gestos largos e arrebatados.

Cosme Bezerra, que foi dos primeiros que reagiram contra os mercadores, como dos que sofreram as consequências dessa reação, quis tomar a mão em seguida do sargento-mor; mas antecipou-se-lhe Manoel de Lacerda, ex-alcaide-mor; emprego que devera a seus longos e distintos méritos.

— Estou de acordo convosco, disse Lacerda a João da Cunha. Querem grande e rude lição esses que só têm recebido de nós hospitalidade e favores? Pois satisfaçamos à sua vontade. Não gosto de violências; mas quando sagrados direitos andam em perigo, não olho a desastres nem espero pelo dia de amanhã. O fogo, o sangue, a morte não me amedrontam, nem o receio de ser vitima na luta me retém no regaço morno da vida doméstica.

— Demais, observou Cosme Bezerra, que estava impaciente por manifestar-se sobre o assunto, nas atuais circunstâncias a guerra é inevitável. Certo, os mascates a esperam. Se nós não formos levá-la a eles, hão de vir eles trazê-la a nós. Das fortalezas passarão às estradas, e por estas virão ter às vilas mais importantes e enriquecidos, menos pela grandeza do seu trabalho do que do nosso coração e da nossa complacência projetam sobre as ruínas da agricultura, levantar em pedestais de ouro o seu comércio ilícito e plebeu. Quem julgar que eles ficam ai, engana-se. Eles põem a mira em completar a obra do desmoronamento pernambucano, derramando o sangue daqueles que com os

nobres portugueses, e não com a gentilha de Portugal, sustentaram no mar e nos campos de batalha a honra e o poder da lusa monarquia. Hão de ir mais longe ainda, porque em seu bestunto supõem, e até o dizem, que somos tão selvagens como os índios que eles destruíram ou escravizaram. Armarão ciladas a nossa honra, tentarão manchar nossas famílias. Em seus tenebrosos planos, tem mais lugar a idéia de enxovalhar do que a de destruir a fidalguia, que os admitiu em sua terra, levada de dó pela miséria deles. E havemos de consentir em que esta baixeza sem nome se tente praticar ainda que não passe da tentativa? De modo nenhum. Cá por mim estou prestes para a luta e entendo que é tempo de a travar com esses vis e ingratos hóspedes.

— Este ponto está fora de dúvidas, acrescentou Filipe Cavalcanti. Mas o essencial é assentarmos nos meios de ferir a batalha. Temos gente pronta para seguir à metrópole da capitania? Convirá seguirmos? Ou será mais prudente esperarmos que de lá se nos peça o auxílio das nossas forças! A meu parecer são estes os pontos mais importantes e graves da presente conjuntura.

— E que mais esperamos? Inquiriu Jorge Cavalcanti. A luva está atirada, e embora nos venha de vilão, cumpre-nos apanhá-la para castigarmos a vilania.

— A nobreza da capital, ajuntou Cosme Bezerra, está ameaçada. A tardança no socorro poderá trazer males irremediáveis.

Estava neste ponto a discussão, quando Matias Vidal tomou a mão, e disse:

— Senhores, tudo o que acabo de ouvir de vossas bocas, parece-me inspirado pelo princípio da própria conservação de cada um de nós, pela dignidade da nobreza pernambucana, e pelo amor da terra de que os forasteiros querem assenhorear-se. Mas quem nos afiança que não estamos já ameaçados também de perdermos as nossas vidas e propriedades? Honroso seria correremos imediatamente à capital, afim de reforçarmos a sua defesa; mas um dever que me parece superior a todos, exige talvez a nossa presença no seio das nossas famílias. Teremos acaso tão seguros estes penhores da nossa estima que possamos, sem risco, deixá-los entregues a se próprios, enquanto vamos auxiliar os nossos parentes e amigos longe daqui? Certamente o plano dos forasteiros ficaria abaixo das suas ambições se nele entrasse o pensamento de se hostilizar a nobreza dos arredores da vila de fresco criada. Tudo ao contrário faz crer que eles conspiram contra a nobreza de toda a província, porque sem a destruição total dela não poderão ficar senhores de todo país. Não moro na vila de Goiana, mas lá mesmo no meu mato soube que o ouro dos mascates andava por aqui nas mãos de baixos comissários.

— Tendes razão, tendes razão — disse Manoel de Lacerda. O que dizeis é verdade.

Antes de montar a cavalo para vir a esta reunião, disse-me um dos meus lavradores que soubera terem sido distribuídos em Goiana, donde chegava, 14,000 cruzados para a compra de gente que apóie a causa dos mercadores. Se isto é verídico...

— É verídico — disseram muitos dos que se achavam presentes.

— Se assim é, prosseguiu Matias Vidal, não será imprudência desampararmos nossas casas, que, privadas de nosso encosto e sem nenhum meio de defesa, visto que teremos de levar conosco as nossas escravaturas, ficarão expostas a grandes desgraças.

A estas palavras, que saíram fracamente dos lábios de Matias Vidal, como dentre duas pedras caem gotas de água nativa, seguiu-se um momento de silêncio. Nelas vinha um cunho de madura prudência que abatia e resfriava os ímpetos e os estos dos precedentes oradores. Aqui estava o pai de família, o agricultor, o matuto, sem exclusão do patriota. A inspiração sensata, a lúcida intuição que adivinhava os perigos próximos, ao mesmo tempo que via os remotos já descobertos, tomaram o lugar aos assomos da soberba de João da Cunha, da valentia de Lacerda, da ardência de Bezerra, e apresentaram a solução natural do grave problema que os trazia ali reunidos.

— Ela é verdade — disse primeiro o ex-alcaide-mor, como quem caía em se e via agora de todo clara a situação há pouco envolvida em densas trevas. Junto, em torno de nós, mandatários disfarçados espreitam os nossos passos para os denunciarem aos mandantes, nossos inimigos.

— Que diz você a isto, irmão André? Perguntou Luiz Vidal a André Cavalcanti, que atento ouvira os vários conceitos dos conferentes.

— Digo que o nosso primeiro empenho deve consistir em tratarmos da nossa própria defesa. Estou por isso inteiramente de acordo com o parecer de Matias Vidal. Quem sabe se dentro de poucas horas não teremos de haver-nos com revolta idêntica à do Recife?

— Nem devemos esperar coisa diferente — disse Jorge Cavalcanti.

— A que fim, senão a este, mandaram para cá os mascates o seu ouro? Observou José de Barros.

— Ontem corria nas lojas e tabernas de Goiana — disse Manoel de Lacerda, que um motim se preparava contra a nobreza. Antônio Coelho, cuja audácia todos nós sabemos, nunca se mostrou tão derramado em arrogâncias e insultos. De noite houve ajuntamento em sua loja, ajuntamento que só se desfez quando já era noite alta e depois de muitos urras, que ressoaram nas vizinhanças. Certo está Antônio Coelho incumbido de dirigir o movimento.

— Bom será que o não percamos de vista, disse João da Cunha.

— Hoje de manhã, passando eu pela frente de sua casa, vi-o fazendo gestos no balcão. Estava, ao parecer, ébrio; não tinha curtido de todo o vinho que bebera na véspera, porque lhe ouvi palavras insultuosas que me iam lançando fora do caminho da prudência.

— Que disse ele, Cosme Bezerra? Interrogou o sargento-mor.

— Suas insolências tinham por objeto a vossa própria pessoa. “Hei de ensinar o João da Cunha; é tempo dele pagar o novo e o velho. Hei de ir com minha gente revirar a bagaceira de seu engenho, para pôr à mostra a ossada do mascate que ele mandou seus negros matar, só porque...”

— Por quê? Por quê? perguntou o sargento-mor, tomado de súbita comoção, e fazendo-se lívido. Que história contou o vilão?

— Contou que o mascate tinha sido assassinado por se queixar de lhe não terem pago certa quantia.

João da Cunha, sem o querer, tinha-se levantado.

— Querem saber como foi o caso? A mulher de um morador chamou o labrego para lhe comprar não sei que bugigangas, de que ele saiu pago. Mas como vinha tonto, depressa esqueceu-lhe que tinha recebido a respectiva importância. Hei-lo que volta e começa de exigir novo pagamento; e porque ninguém saiu a dar-lhe mais dinheiro, a todos chamou ladrões, sem exceção do senhor do engenho. Dois negros foram-lhe ao encontro e castigaram, sem que de ninguém tivessem recebido ordem para isso, a ousadia do mascate. Este caiu e não se levantou mais. No outro dia vieram dizer-me que amanhecera um homem morto na estrada. Foi então que soube do ocorrido. Castiguei os escravos, e mandei sepultar o morto, não na bagaceira, mas na capela. Se o não sepultaram onde eu disse, não lhe fizeram injustiça; os animais do campo enterram-se nos monturos. Mas deixemos a um lado esse vil mascate, e tratemos do que nos deve merecer mais atenção. Que se deve fazer, meus amigos? Devemos ir ao encontro dos rebeldes, ou esperar que eles nos venham buscar a nossas casas?

Após um momento, respondeu o ex-alcaide-mor:

— O que entendo que se deve fazer é cuidar, sem perda de tempo, de pôr em armas cada um de nós a sua gente para o que possa acontecer.

— Sairemos ou ficaremos?

— Esperaremos prestes para dar-lhes lição tremenda.

— Para andarmos seguros, parece-me conveniente que se mande um próprio, sem perda de tempo, a Olinda, a fim de sabermos dos amigos se são precisos os nossos serviços. A sua resposta nos servirá de guia.

— Acho muito acertado este último alvitre, indicado por Felipe — disse Cosme Bezerra.

— Pois bem, disse João da Cunha. Seja este o nosso primeiro passo.

A sala em que se achavam conferenciando sobre o grave assunto os principais vultos da nobreza de Goiana, tinha janelas que caíam sobre o pomar. Distante deste algumas braças passava o rio, aquela noite aumentado pelas chuvas dos dias anteriores. De seu natural escasso, volvia agora barrentas e volumosas águas que estavam lavando as estivas das toscas pontes que o atravessavam.

Mal acabara de falar Cosme Bezerra, quando chegou à sala o ruído que produziam as águas cortadas por um cavaleiro.

Em qualquer engenho nada é mais natural do que semelhantes rumores. Fosse porém porque se achavam sobre-excitados os espíritos pelo objeto da conversação, fosse porque o rumor tinha o quer que era particular e estranho, o certo é que João da Cunha julgou prudente chegar à janela, a fim de saber quem era que o produzia.

Ao clarão das fogueiras, de que a esse tempo já se atiravam aos ares longas línguas de fogo, reconheceu ele quem chegava.

Voltou-se então para os circunstantes, que guardavam silêncio, e lhes disse com certo tom de voz, em que não seria difícil adivinhar três impressões diferentes — prazer, incerteza e ansiedade:

— Vamos ter notícias frescas de Olinda.

Com pouco um matuto penetrou no aposento onde se estava celebrando a conferencia, e entregou a João da Cunha um pacote de papéis.

CAPÍTULO 13

O S. João, do mesmo modo que o natal, é festa essencialmente popular e campestre. Cada uma destas duas festas, com especialidade porém a primeira, leva vantagem à da páscoa, que, com ser comemorativa da ressurreição do proto-mártir, de quem só nos ficaram exemplos de humildade e singeleza, assumiu formas aristocráticas, e pertence hoje mais ao palácio e à cidade do que à choupana e ao povoado.

O engenho Bujari dava em 23 de junho de 1711 testemunho desta verdade. Não havia casa de lavrador ou de morador em que das 6 para as 7 horas da tarde o prazer não tivesse desabrochado entre risos e folgança.

João da Cunha, com ser de seu natural de poucos amigos, tinha em suas terras muitos lavradores e foreiros. Alguns escolhiam, para se fixar, as terras do engenho Bujari, e havia razão para esta preferência. João da Cunha era ríspido, exigente e até poder-se-á dizer — mau. Mas tinha uma grande qualidade, que em certo modo atenuava os seus grandes defeitos. Bulir com um morador do seu engenho era o mesmo que bulir com ele próprio. Excedia os limites da defesa quando algum deles era ofendido. Tomava parte pelo morador em público, ia pessoalmente aos juizes, para que ordenassem o castigo do delinquente, gastava do seu dinheiro com o pobre e sua família, enfim, deixava o papel de tirano e representava ao vivo o de pai ou zeloso protetor. Por esta razão particularmente, e porque das magníficas situações que se apontavam em derredor de Goiana onde os engenhos ainda não eram numerosos, as melhores lhe pertenciam, muitos eram os seus moradores, entre os quais alguns abastados. Ao número dos que o eram menos, pertencia Vitorino.

Na hora em que se discutiam, com a gravidade que vimos, os interesses das famílias goianistas de primeira representação, Lourenço descavalgava à porta de Vitorino.

Ai se estava festejando a noite com todo o entusiasmo e calor do estilo. As filhas do dono da casa faziam as honras aos hóspedes, de que já havia um bom número no momento em que Lourenço penetrou na salinha.

Lourenço foi entrando, e foram eles logo oferecendo a ele espigas de milho verde quebradinhas meia hora antes no roçado próximo e assadas na fogueira que iluminava o pátio e a frente da casa.

Joaquina não apareceu senão mais tarde. Estava na cozinha preparando a deliciosa canjica, que é o primeiro prato das mesas grandes e pequenas do norte nessa noite de tão formosas e prazenteiras tradições.

Não o afamado bolo de S. João, que só nas mesas ricas ou ao menos abastadas costuma aparecer, mas uns bolos de mandioca estavam assando no forno, e por terem sido feitos pelas duas filhas de Vitorino mereciam a honra de ser visitados por elas enquanto não ficavam no tom de apresentar-se.

Entre os hóspedes apontavam-se mais de meia dúzia, que eram afamados tocadores de viola e guitarra. Alguns deles temperavam já os seus instrumentos para dar princípio ao samba.

No pátio, junto da fogueira, uns meninos descalços, de camisas compridas, rodeavam Saturnino, que, de quando em quando, cantarolando e pulando de

alegria, descarregava um clavinote, em honra do santo folgazão. A estes tiros, soltados no terreiro, respondiam outros, também de armas de fogo, com que habitantes dos vales e da beira dos caminhos davam notícias suas. Trocavam assim os vizinhos, através das distancias, seus cumprimentos e as demonstrações do seu inocente prazer.

Aquele que nunca saiu da corte, onde os regozijos públicos se vestem de fitas, sedas, bandeiras, arcarias de sarrafos pintados, iluminações graciosas, fogos de artifício, apresentando o conjunto vistosas cores, caprichosas formas, elegantes perfis, não imagina que sem este aparato deslumbrante, e unicamente com a matéria prima que oferece a natureza, possam preparar-se deleitosos momentos para os espíritos mais difíceis de contentar. Não é outra porém a verdade. Ilumina-se com uma fogueira o pátio da casa, no qual se vê uma laranjeira florida, uma mangueira copada, um cajueiro ramalhudo. Enche-se o pátio do riso argentino das crianças, do assobio dos moleques, dos sons da viola, das saudosíssimas toadas do matuto cantador, das harmonias melancólicas da gaita tocada pelo negro do engenho. Tanto basta para que voe o tempo com a rapidez do raio e a satisfação das gentes de campo nada tenha que invejar a que trazem aos habitantes das cidades as músicas de pancadaria, os fogos artificiais, os esplendores agradáveis a vista com que celebram suas alegrias.

Meia hora não se tinha ainda passado depois da chegada de Lourenço, a casa de Vitorino, quando nadava com os demais em um mar de indescritível contentamento. Todos os de casa e até os de fora já tinham visto a sombra de suas cabeças ao acender das fogueiras, sinal de que não morreriam aquele ano. Achando-se fora de dúvida este ponto, não havia razão para que a alegria não fosse a primeira senão a única expressão de todos os semblantes. Por isso uns gracejavam, outros riam, outros tocavam seus instrumentos, e todos comiam e bebiam no seio da pleníssima confiança que caracterizava aquelas épocas como se foram todos membros da mesma família.

Marianinha porém, no meio do prazer imenso de que cada um tinha o seu quinhão, deixava-se tomar naturalmente de ligeira sombra de tristeza, não obstante dever ser em verdade o seu quinhão de prazer muito mais avultado do que o de qualquer dos convivas.

Não era verdadeiramente uma sombra de tristeza a que anuviava interpoladamente o seu rosto iluminado pela suave pureza da juventude. Era, sim, a asa pardacenta de receio traiçoeiro ou de dúvida íntima a causa do intermitente eclipse daqueles olhos negros e vivos, daquele sorriso franco e loução, daquela voz afinada pelas harpas dos sabiás e dos curiós que cantavam ao nascer e ao pôr do sol nas ramalhudas pitombeiras do quintal.

Quando seus olhos se encontravam com os de Lourenço, a nuvem se adelgaçava e desvanecia como fumo, e o brilho da face, antes escasso, parecia agora o de uma constelação. Se o filho de Francisco dirigia a Bernardina as mesmas palavras, os mesmos gracejos que tinham feito reacender-se no rosto de Marianinha a graça, a vida interrompida quando não eram outros mais languidos e ternos, nova interrupção vinha cortar ai a ventura recentemente morta e logo renascida. Havia naquele coração de mulher o ciúme antes mesmo do amor; havia o receio de perder a felicidade que aliás não existia senão no seu desejo, e na promessa que lhe fizera Francisco.

Marianinha de feito enganava-se. Toda ela era afetos por Lourenço; mas este não tinha para ela especiais atenções.

Mas, fosse engano, ilusão ou infantil confiança, esse amor fantástico, ideal, impossível talvez enchia-lhe o coração de suavíssimos fulgores, a alma de todos os perfumes e cânticos do paraíso terreal, de que ela tinha uma ligeira notícia por ouvir, quando era menina, a história do princípio do mundo a uma velhota das bandas de Nossa Senhora do Ó. Quando na manhã seguinte ela foi achar murcho o dente d'alho que enterrara na horta ao acender da fogueira, o que importava profético sinal de que Lourenço não casaria com ela, os olhos se lhe encheram de lágrimas. Supersticiosa e crédula, como é a mulher em geral e a filha do povo em particular, a pobre menina por um triz não deu consigo em terra, tão grande foi o golpe que atravessou seu coração.

Não aconteceu já o mesmo a Bernardina. Para esta noite de S. João foi uma grande aurora sem intervalos. Suas aspirações sendo menos altas, a sorte apressou-se em cercá-las de risinhos anúncios. Era de feito modesto o objeto delas. Este objeto era Saturnino, o qual, posto não sentisse por ela grande inclinação, antes se inclinasse mais para Marianinha, se sentia inevitavelmente arrastado pela gentileza franca, pelos requebros feiticeiros, pelos ditos engraçados, e especialmente pelos agrados da rapariga.

Sempre que Saturnino pensava em sua condição obscura — a condição do cargueiro, do almocreve sem eira nem beira — não podia ser indiferente aos afetos de sua prima, a qual, quando por outra coisa não fosse, tinha o direito de aspirar, por seus belos olhos, a um casamento mais vantajoso. Bernardina porém não encaminhava seus pensamentos para o terreno árido e escabroso das condições sociais. Tinha amor a seu primo, e este amor apagava, no conceito dela, as diferenças pessoais e nivelava a sua condição e a de seu primo. O certo é que o alho que ela plantara ao pé do de sua irmã, amanheceu com o caule de fora e como pendoado; o nome que ouviu publicar no momento de se acender a fogueira, principiava pela letra inicial do de Saturnino. E para coroar as suas esperanças, achou o grão de arroz que ela meteu em um dos três pedaços em que dividira o bocado de feijão por ocasião do jantar, não no que tinha escondido na soleira da porta do fundo não no do meio, mas no da frente.

Não havia pois que duvidar. S. João dizia que ela se casaria, não dai a três ou a dois anos, mas no próprio ano presente.

Seriam oito horas quando Joaquina começou a distribuir pelos hóspedes, em tigelinhas de barro, a canjica saborosa.

Marianinha, esquecida do que lhe acontecera por ocasião de oferecer a Lourenço a cajuada, adiantou-se para o servir, corada e trêmula. Deste vez não houve formal recusa como da outra: Lourenço recebeu a tigela e esvaziou-a em poucos instantes; mas, levantando-se imediatamente, pegou do chapéu, e encaminhando-se para a porta, disse:

Vou-me embora, minha gente. A festa está muito boa, mas vem muita chuva, e eu tenho ainda de levar minha mãe do engenho para o Cajueiro. Entrei para me recolher da neblina, e ia-me esquecendo da minha obrigação.

Ó xentes! Disseram do lado umas rapariguinhas das vizinhanças que tinham chegado minutos antes. Já vai tão cedo?

Que é isso, Lourenço? Perguntou Vitorino colando-se em frente do rapaz, como quem queria embargar-lhe o passo. Estás gracejando, ou falas sério?

— Falo sério, seu Vitorino. Vou-me embora.

— Ora, deixa-te disso. Hoje é noite de S. João.

— Por isso mesmo. Minha mãe está esperando por mim, e não é bonito que eu me deixe ficar aqui a divertir-me quando ela está com os olhos no caminho para me ver chegar. E Francisco ainda não voltou da viagem a cidade?

— Até eu sair para a vila, ela não tinha chegado. Mas prometeu que havia de vir comer conosco milho assado hoje de noite.

Pois então, se tens esta certeza, para que semelhante pressa? Assim que ele chegar, virá logo até cá.

— Ele não sabe que eu estou aqui.

— A comadre lhe há de dizer logo, e ele há de vir. Fica, rapaz. Precisamos de ti para cantares.

— Não posso, seu Vitorino.

As filhas do almocreve, compreendendo o perigo em que se achavam, de perder tão boa perna para a folgança, como era Lourenço, espontaneamente uniram seus pedidos ao do pai.

— Fique, Lourenço, fique, disse Bernardina.

— Deixe-se de escusas, acrescentou Marianinha timidamente.

Estas e outras instancias e intervenções determinaram afinal o rapaz a mudar de resolução, e a satisfazer aos rogos gerais.

Tratou-se então de principiar logo o samba. Esta providência era aconselhadas pelo interesse comum. Era o meio de prender os hóspedes a casa. Além disso não faltava nada para começar a dança. Uma das primeiras violas do lugar — o Chico Pedro; uma das primeiras vozes — Lourenço; os melhores dançadores — Nicolau e Roberto, estavam todos ali. Não faltava aguardente, nem milho verde, nem bolos. As raparigas mostravam-se bem dispostas, e algumas até impacientes por verem formar-se a roda. A fogueira dava estalidos festivos. O tempo prometia limpar. O concurso dos convidados engrossava cada vez mais. Enfim, em menos de um quarto de hora, bateu o pinho, e rompeu o samba de gosto.

Lourenço, tendo tomado uma pouca da cana, temperou a goela e soltou sua grande voz ao pé do violeiro, enquanto Bernardina, Mariquinha, as filhas da Bernarda, os sobrinhos do velho Cosme, o Manoel João, o Jacinto da Luzia e muitos outros caíam na roda por sua vez, tripudiando, fazendo recortes e negaças com o corpo, atirando embigadas na forma do imemorial estilo.

O canto de Lourenço era monótono como o dos sambistas em geral, mas a letra variava e tinha as graças naturais das composições do povo.

Eis algumas das quadras com que o rapaz gratificou a companhia. Muitas delas ainda hoje em dia têm extensa voga entre os matutos de Pernambuco, aos quais as ouvi mais de uma vez, jornadeando, entre fins de novembro e princípios de dezembro, do Recife para Goiana nos meus tempos escolares. Elas pertencem exclusivamente ao povo, e eu aqui as dou com a exatidão com que as recebi da grande musa que as produziu.

*Minha mulata, eu tenho
Vontade de te servir;
De dia falta-me o tempo,
De noite quero dormir.*

*Vou-me embora, vou-me embora
Para minha terra vou;
Se eu aqui não sou querido,
Lá na minha terra sou.
Quando eu me for não choreis,*

*Que são penas que me dais;
Deixai o chorar prá mim,
Que eu me vou, não venho mais.*

*Manjeriçãõ verde-escuro
Tem a folha miudinha;
Só em te ver eu te amo:
Que fora se fosses minha?*

*Passei pela tua porta,
Pus a mão na fechadura;
Eu falei, tu não falaste,
Coração de pedra dura.*

*Meu passarinho tão manso,
Das minhas mãos escapou;
Para mais penas me dar,
Penas nas mãos me deixou.*

— Molha a goela, Lourenço, molha a goela com a patrícia — disse neste ponto ao cantador o Inácio Macambira. A patrícia é o vinho do pobre — acrescentou Chico — rosado.

E Vitorino, despejando aguardente na xícara, que não estava quieta um só instante em cima da banquinha do canto da sala, apresentou-a a Lourenço, que dela tomou um trago forte.

Mas como se sentia cansado, poucos versos cantou ainda, e concluiu pelo seguinte:

*As convivências do mundo
São amparo da pobreza;
Enquanto o pobre convive,
Não se lembra da riqueza.*

— Aqui está o lugar para quem quiser, minha gente, disse ele, sentando-se.

— Deste tão cedo parte de fraco?

— É enquanto tomo fôlego.

— Quem vem? Quem vem? perguntou o violeiro. Quem vem, venha logo, que o fogo está esfriando.

— Vai tu, Bernardina — disse Vitorino.

— Muito bem, Vitorino.

— Logo, logo, Bernardina.

A rapariga foi ocupar o lugar deixado por Lourenço.

CAPÍTULO 14

A voz de Bernardina era volumosa e límpida. As mulheres invejavam a filha mais velha de foreiro este grande dote que atraía os homens a ela e lhe dava o prestígio e o renome de uma sereia. Não sendo tão bonita, como a irmã, via entretanto em roda como de se um sem número de entusiastas e adoradores sempre que exercitava o seu divino privilégio. Por isso, quando rapariga se encaminhou para o lugar que Lourenço deixara desocupado, surdo rumor, indicio da curiosidade, se fez ouvir em todos os cantos do casebre. Seguiu-se-lhe porém logo profundo silêncio.

Eis os versos que a matutinha cantou por entre aplausos repetidos e frenéticos:

*Benzinho, quando te fores,
Escreve-me do caminho;
Se não achares papel,
Nas asas de um passarinho.*

Assim, assim, Bernardina — disseram três ou quatro convivas, enfeitados do desembaraço, já conhecido, da filha do dono da casa.

A rapariga, requebrando-se senhorilmente, prosseguiu relanceando os olhos para o namorado, que a esse tempo, já tinha desamparado o terreiro e encostado a um canto o clavinote:

*Da boca faze o tinteiro,
Da língua pena aparada,
Dos dentes letra miúda,
Dos olhos carta fechada.*

Oh, que rapariga candeia! exclamou o Inácio Macambira, sem poder conter o entusiasmo, acrescentado pela cana.

Bernardina prosseguiu:

*Manjeriçãõ verde cheira,
Ele seco cheira mais;
Mulher que se fia em homem
Anda sempre dando ais.*

*Eu de cá e tu de lá,
Fica um rio de permeio;
Tu de lá dás um suspiro,
Eu de cá suspiro e meio.*

*Meu coração é de vidro,
Feito de mil travações:
Com qualquer coisa se quebra,
Não atura ingratidões.*

Longo tempo levou Bernardina a cantar, ora variando, ora repetindo as letras ao paladar dos circunstantes.

No mais aceso do samba, quando não só se ouviam os sons das violas, mas também os ásperos rechinar das costas da faca sobre a botija segundo praticam em ajuntamentos tais; quando os aplausos se manifestavam por meio de gritos e gargalhadas estridentes; quando não se dançava só o coco e o baiano, mas uma mistura de todas as danças populares com o acréscimo da fantasia de cada um, escaldada pelos vapores espirituosos; quando enfim era tudo algazarra, derriços pouco decentes, demonstrações menos dignas, apareceu um novo conviva no meio da multidão. Era Francisco, o qual, depois da entrega das cartas no engenho, viera em busca do filho, pelo motivo que adiante saberemos.

Não podia o matuto chegar mais oportunamente àquele ponto. No momento exatamente em que ele se fez ver por entre a matutada que enchia a salinha, sentiu Lourenço bater-lhe no ombro pesada mão, que o obrigou a voltar-se, a fim de saber quem era que lhe fazia tão estranho cumprimento. O rapaz reconheceu o Tunda-Cumbe.

Em poucas palavras poremos o leitor a par deste sujeito, que tão importante papel desempenhou na Guerra dos mascates. E para que o retrato venha com o cunho de severa autenticidade, preencheremos a nossa promessa trasladando aqui as próprias palavras em que um cronista pernambucano o descreveu para conhecimento da posteridade. “Este sujeito era um homem rústico e grosseiro, de idade já maior, que do reino de Portugal tinha há anos vindo para esta terra, trazendo da sua, por divisa, uma grande cutilada no rosto, ou para que a se não

desconhecesse, ou para que por ela fosse conhecido; mas diziam que por usar do ofício de parteira, e para disfarçá-la de algum modo, conservava os seus bigodes, ou mustachos, em tempo que ninguém fazia caso deles. Buscando meios de poder acomodar-se, fez em Goiana assento de feitor, por seu salário em casa do sargento-mor Matias Vidal, a fim de no serviço dirigir os negros; mas estes, conspirando-se contra ele em certo dia, lhe deram uma pista de pancadas que na etiópica língua chamam Tunda, e o lugar onde lhe deram chama-se Cumbe. Como se fez o caso público, por antonozia lhe chamavam o Tunda-Cumbe, e sendo por este nome de todos conhecido, como quem faz do sambenito gala, quis do modo como era apelidado, apelidar-se. Daí se foi para a freguesia da Várzea, e nela esteve com o mesmo exercício de feitor do Capitão Lourenço do Cunha Moreno, e depois tornou para Goiana, e se fez almocreve de peixe, indo, com uma besta, a buscá-lo pelas praias, e pelas portas dos moradores a vendê-lo: nesta ordem de vida se manteve até que sucedeu o levante do Recife, em que tomou parte, que veremos.”

— Então, menino cantador, disse o Tunda-Cumbe a Lourenço, com entono e arrogância mais de quem agredia, do que perguntava — será certo que você está apaixonado pela Bernardina? Pois olhe, quero preveni-lo de uma coisa, para que depois não vá você chamar-se ao engano. Sabe muito bem que todas as semanas, da Sexta para o sábado, ando eu por estas bandas a vender o meu peixe.

— Sei, disse Lourenço, sem se alterar, com os olhos postos, como quem nisso tinha propósito, na funda cicatriz do Tunda-Cumbe não tão oculta pelo espesso bigode, que se não pudesse deixar ver.

— Pois fique sabendo mais que aquilo é tainha que eu tenho contado há de cair, mais dia, dentro do meu caçua.

— Você refere-se a Bernardina?

— A ela mesma é que me estou referindo, sim, senhor.

— Pois eu também quero dizer-lhe uma coisa. Eu com ela nada tenho. Se canto e gracejo com a rapariga, é porque tenho amizade na casa. Nela não tenho intenção de espécie nenhuma, porque, quando a gente não sente inclinação para uma mulher, por muito que ela se derregue para a gente, não passa tudo isso de divertimento sem maldade. Mas como diz você que já conta com aquela tainha no seu caçua, a coisa muda de figura.

— Menino — tornou o Tunda-Cumbe, você para ter comigo esta linguagem, preciso fora primeiro que ou não estivesse no seu juízo, ou não me conhecesse devidamente. Saberá acaso com quem é que está falando?

— Sei muito bem que estou falando com seu Manoel Gonçalves Tunda-Cumbe.

— Pois então veja d’ora em diante como anda. Depois não vá dizendo que Santo Antônio o enganou.

— Você é que parece estar enganado comigo, retorquiu-lhe Lourenço, sentindo faiscar-lhe já os olhos. Eu há muito tempo não faço uma das minhas, mas, em ocasião se oferecendo, não lhe hei de torcer a cara, e bem pode acontecer quem para ficar você melhor assinalado, lhe vá eu deixar no queixo direito o golpe que lhe falta para fazer parelha com o que lhe plantaram no outro queixo, quando você tinha o ofício de partejar na santa terrinha.

A violência desta represália deixou perplexo, e como espantado por momentos o Tunda-Cumbe, pouco habituado, não obstante a tunda sabida, a ouvir cara a cara tão pesadas reprimendas.

Não conhecia ele o Lourenço senão de o ver uma vez por outra almocrelando, e pensou que com a simples ameaça, sendo tão conhecido por seus feitos que, em abono da verdade, davam para um in-fólio, levaria logo o terror ao ânimo do rapaz. O seu desengano foi formal, ou como quem procurava recursos e força dentro em se mesmo, Tunda-Cumbe esteve um instante sem proferir palavra, dizendo porém mil coisas pelos olhos que não arredou de sobre a cara de Lourenço.

— Não embatue por tão pouco, acrescentou este como em acrescentamento do pouco caso em que revelara ter o seu agressor. O que você disse está dito; não queira agora tornar atrás, que você seria mais desprezível do que a besta em que costuma vender o seu peixe velho e moído, se recuasse depois desta avançada. Agora, de que eu sou capaz de fazer o que prometi, você a seu tempo há de ter a prova. E para que fique logo conhecendo que eu não sou de caixas encouradas e que aonde vou não mando, veja lá como me ponho já a derreter com a filha de seu Vitorino, mesmo aqui nos seus bigodes.

Todo este dialogo, posto que faiscante e eriçado de perigos, não foi pressentido por nenhum dos circunstantes, a não ser por Francisco. Este mesmo o não teria testemunhado se não fora a circunstância especial que diremos. Ao chegar, talvez por fugir de ser convidado a cantar, se colocara por traz de umas esteiras, que tinham sido postas de pé em um dos cantos do casebre. Foi daí que tudo viu e ouviu sem ser visto, oculto pela concorrência.

Lourenço, se bem o disse, melhor fez. Logo que se lhe ofereceu ocasião, caiu no meio da roda. Fez o seu sapateado, deu meia dúzia de castanholas, atirou uma embigada na rapariga que lhe ficava mais perto, e foi colocar-se ao pé do violeiro, fronteiro à Bernardina, que ainda estava deliciando os sambistas com suas graciosas vozes.

Quando Bernardina conheceu que Lourenço tinha ido colocar-se ali para alternar com ela as cantigas, empalideceu, mas sorriu. O desafio lhe era agradável, posto que fosse mais forte do que ela o seu contendor. De seu natural vaidosa e leviana, nunca recusou demonstrações de apreço a Lourenço, embora tivesse o coração quase todo ocupado pela imagem de Saturnino.

Lourenço cantou este verso:

*Boca de cravo da Índia,
Dentes de marfim dourado,
Quando meus olhos te viram,
Meu corpo fez um pecado.*

Bernardina respondeu com est'outro:

*Você vai prá sua terra,
Bem pudera me levar;
Prá saber que eu quero ir
Não carece perguntar.*

Lourenço retorquiu:

*Dei um nó na fita verde,
Dei-lhe a fita de presente;
Você fala, e não repara
Que estamos diante de gente.*

Eis a resposta da rapariga:

*Amores, quando te fores,
Antes de ir tira-me a vida,
Que eu não tenho coração
De ver a tua partida.*

O desafio foi neste ponto interrompido por um rumor inesperado, idêntico ao que produz o arranco de onça por entre a folhagem. Não uma onça, mas o Tunda-Cumbe tinha atravessado de um salto, causa do rumor, a primeira ordem de pessoas que formavam o círculo, e achava-se ao pé de Lourenço, com a catana levantada contra o rapaz. Mas ainda bem não erguia o braço armado, quando um homem, saído, como ele, violentamente dentre os circunstantes, se interpunha entre o agressor e o agredido, tendo na mão fora da bainha a faca que trazia ao cós. O homem não era outro senão Francisco.

Cessaram imediatamente as vozes dos cantores e instrumentos, e todas as vistas e atenções concentraram-se no ponto do conflito.

— Que ação é esta, seu Tunda-Cumbe? perguntou Francisco a Manoel Gonçalves. O que vosmecê fizer a meu filho, terá feito a mim mesmo. O que eu quero é que me digam o motivo deste barulho, disse Vitorino apresentando-se.

— É que este menino ainda não achou quem lhe desse o ensino de que precisa, respondeu Manoel Gonçalves.

— O que eu quero saber é o motivo do barulho, repetiu Vitorino.

— Você o saberá quando for tempo. Palavra de Manoel Gonçalves Tunda-Cumbe.

Lourenço, que até então guardara silêncio, rugiu a meia voz:

Eu se não me for embora daqui, faço as todinhas e acabo ainda com muito sol. O sangue está a ferver-me.

Entretanto, o Tunda-Cumbe metera a catana na bainha, e Francisco tinha feito o mesmo com a faca.

Vitorino virou-se para este último, enquanto aquele se afastava dando a um e a outro a razão do seu procedimento; e a meia voz perguntou:

— Viu você o princípio da briga, compadre? Se viu, conte-me a história como foi.

— Para dizer a verdade, eu não sei bem a causa da contenda. Mas parece-me que a Bernardina anda no meio. Tenha paciência, compadre, e perdoe o que lhe vou dizer. É preciso acabar com estes sambas em sua casa. Quem tem filhas, não abre as suas portas assim a Deus e ao mundo.

— Eu não convidei o Tunda-Cumbe para o meu divertimento. Se ele entrou aqui foi confiado em ser nosso freguês de peixe.

— Pois abra os olhos, que ele disse que a Bernardina é tainha que ainda há de cair no seu caçuá. E adeus, adeus. Vamos, Lourenço.

— Pois ele disse isto, meu compadre? Ele não conhece Vitorino.

Quando Francisco chegou com o filho à porta do casebre, achou aí da banda de fora o Vitorino, o Tunda-Cumbe e um pardo de Goiana que tinha o ofício de sapateiro. A este último dizia o Tunda-Cumbe as seguintes palavras:

— Diga a seu Antônio Coelho que fico entendido do recado, que me mandou por você e daqui a pouco lá estarei.

O pardo, por nome Lauriano, saiu, e o Vitorino dirigiu-se nestes termos a Manoel Gonçalves:

Seu Tunda-Cumbe, eu quero dizer-lhe os meus sentimentos. A Bernardina é solteira, mas já tem noivo. Por isso escusa andar vosmecê a fazer desordens na casa alheia por causa dela.

— Eu bem sei donde partem estas histórias e por saber donde elas partem é que as suas palavras me entram por um ouvido e me saem pelo outro. Se a Bernardina tiver de ser minha, não há de ser nem você nem seus parceiros que tenham forças para o impedir. Não seja tolo, Vitorino.

Dizendo estas palavras, Manoel Gonçalves ganhou a besta de um salto e tomou a correr, a caminho de Goiana.

— Que lhe disse eu, compadre? Observou Francisco, que chegara ao lado de fora ainda a tempo de ouvir as últimas palavras do Tunda-Cumbe. Tome suas cautelas. Aquele malvado é traiçoeiro e está avisado a tirar moças solteiras da casa de seus pais.

— Ele poderá tirar alguma das minhas filhas; mas para fazer isso será preciso que primeiro me tenha morto e bem morto. Vou acabar já com esta festa.

Fosse, porém, que os espíritos estavam muito exaltados para atenderem às prudentes considerações do foreiro, fosse que Vitorino não quis desagradar àqueles que lhe honravam a casa com sua presença, o samba ferveu até o amanhecer do dia, aos estouros intermitentes do bacamarte de Saturnino, e aos gritos de — Viva S. João — soltados pelos diferentes sambistas, alguns apenas alegres, outros inteiramente entregues ao espírito vertiginoso da cana.

CAPÍTULO 15

Que razão teve Francisco para, apenas chegado da capital, ir em demanda do filho? Seria acaso para evitar que o rapaz se deixasse envolver em algum distúrbio como aconteceu? Seria para fazê-lo sair da desordem, segundo fez, no caso de já o achar colhido nas malhas dela?

A razão foi outra. Não temia Francisco os perigos do samba. Desde pequeno sentia paixão por este divertimento, de que fora ardente cultor na mocidade. Grande parte dos versos com que Lourenço deliciara os festeiros da casa de Vitorino, ele os aprendera de Francisco, insigne cantor e repentista. A fama

deste último era tal que muitos dos matutos daquelas vizinhanças andavam espreitando a ocasião de ir Francisco ao Recife para fazerem com ele as suas viagens. É fácil a explicação deste procedimento.

Em sua companhia, as longas noites que tinham de curtir na travessa de muitas léguas de solidões quase inteiramente inabitadas, eram suavizados pelos formosos cantares do matuto. Que soberbos serões não tiveram eles, ao luar, as redes armadas debaixo das árvores, os cavalos pastando peiados em frente a pousada, a viola quebrando com seus sons deleitosos a mudez da noite, e Francisco enchendo o deserto com as inspirações de sua musa soberana e as harmonias de sua voz rica de ternura e de saudade!

Razão muito diferente teve o almocreve para procurar Lourenço.

As notícias da guerra, trazidas por ele da capital, eram de suma gravidade. Ele próprio tinha ouvido em Olinda contar-se muito caso triste. Aí soube o que projetavam os mascates e os nobres. Com seus próprios olhos testemunhou os aprestos para a guerra. Viu de perto a chama imensa que começara a incendiar a província. João da Cunha, lidas as cartas, fez-lhe varias indagações, e com ele os amigos presentes, sobre o quetinha visto e sabia. Combinadas as informações pessoais do morador com as notícias enviadas por Amador da Cunha, por André, e por outros, forçado lhe foi reconhecer que, atirado o facho da revolução aos quatro ventos, dentro em pouco prenderia fogo a vila de Goiana, para onde emissários particulares dos portugueses tinham sido adrede mandados, e na qual contavam eles parciais poderosos de meios e valorosos de ânimo.

Entre estes apontavam-se Antônio Coelho, sujeito de grandes espíritos; Jerônimo Paes dinheiroso marchante, não menos ardente do que o primeiro; Belchior Ferreira, rábula que, posto fosse filho da terra, bem como o meirinho Romão da Silva que dele recebia diariamente lições incendiarias, destinadas a decidir a gentalha do lugar a tomar o partido dos mercadores, fazia grandes entradas nos espíritos por falar em nome da liberdade do povo; Manoel Gaudêncio, alfaiate pernóstico, patranheiro e ambicioso, que aspirava a melhorar de ofício com a descida dos nobres e a subida dos negociantes.

O princípio, ou antes os interesses contrários aos que estes sujeitos, e outros de idênticos sentimentos e intuitos, sustentavam eram representados pelos cavalheiros que já apontamos, isto é, pelos senhores de engenho e pelas primeiras autoridades, assim civis, como militares da localidade.

Só uma vista curta não verá na guerra dos mascates, antes uma luta travada por dois grandes princípios, do que uma revolta filha de preconceitos ridículos e costumes atrasados. Certo concorreram não pouco para essa luta o costume e o capricho antigo, inflexíveis ambos; mas o seu papel nessa grande representação

foi mais secundário do que principal. A parte essencial e verdadeiramente dramática da ação, essa pertencia a dois grandes interesses, assim das sociedades modernas, como das antigas — ao comércio e a agricultura, princípios que, quando acordes em seu desenvolvimento, trazem a propriedade e riqueza dos povos, e, quando divergentes, o seu atraso senão o seu aniquilamento.

As cartas de que Francisco foi portador, em substancia rezavam:

Que a guerra, declarada pelos forasteiros contra os pernambucanos e o governo legal, e já em princípio de execução, prometia ser de vida e morte, atentos os meios de que dispunham aqueles, e o empenho em que se mostravam de aniquilar estes;

Que esses meios, eram imensos e consistiam não só em víveres acumulados durante os seis meses últimos nos armazéns do Recife, mas também em grossas quantias com que eles habilitavam os seus confidentes nas localidades mais importantes a propagar e alentar a premeditada hostilidade;

Que esta hostilidade era tanto mais digna de temer-se quanto a patrocinavam, dando toda a força que podiam aos negociantes do Recife, o governador Caldas, da Baía, onde estava, e até alguns fidalgos portugueses, por exemplo d. Francisco de Souza e seu filho d. João de Souza, que se achavam então no sul da província;

À influência destes dois fidalgos já deviam os mascates a forte cooperação do coronel dos índios do Cabo, d. Sebastião Pinheiro Camarão, parente do grande Camarão, que tanto brilhara na guerra holandesa. D. Sebastião Pinheiro deixara seduzir-se por eles, bem como outros importantes moradores da freguesia do Cabo;

Que tinha Amador da Cunha (irmão de João da Cunha) recebido ordem do capitão-mor de Jaboatão para ir com sua gente por certo ao Recife, segundo o acordo havido com os capitães-mores de Maranguape, Iguarassu, Várzea, Santo-Antão, São Lourenço, Nossa Senhora da Luz, Ipojuca, Tracunhaem, Serinhaem e outras freguesias, afim de ver se conseguia que se rendessem os revoltosos;

Que a ele, Amador, se lhe afigurava, pelos obstáculos conhecidos ou calculados, terem os pernambucanos guerra para muitos anos, se Deus não conjurasse o medonho cataclismo que ameaçava devorar honras, fortunas e vidas.

Enfim, tanto as cartas de Amador, como as de André e outros, acordes em quase todos os pontos e notícias, respiravam sobressaltos, inquietações e até desânimo. Havia porém no meio das trevas, que traziam, um ponto luminoso,

que em todos os corações projetou um raio de esperança. Era a notícia de que o bispo se tinha libertado, por uma pia fraude, do poder dos mercadores.

O ódio, a ira, o receio, a impaciência e outros diferentes sentimentos tiveram por minutos perplexo e mudo o senhor de engenho.

Quando estava para tomar parte nas reflexões que os outros, durante o seu silêncio, iam fazendo sobre o objeto da correspondência lida, umas das senhoras que se achavam na sala imediata, apareceu à porta do aposento. Era a mulher de Matias Vidal.

— É então certo que os mascates se mostram fortes e insolentes? Perguntou ela ao sargento-mor.

— Quem vos disse tal, senhora d. Izabel? Retorquiu ele.

— As cartas que acabastes de ler, respondeu d. Damiana, aparecendo também. Daqui ouvimos toda a leitura.

— Infelizmente parece que vamos ter guerra para muito tempo.

— Que vos dizia eu ainda ontem, Matias? Disse d. Izabel, dirigindo-se ao marido.

— As guerras, observou Manoel de Lacerda, se trazem males, também trazem bens. Demos tempo ao tempo.

E levantando-se, encaminhou-se para a sala, aonde d. Damiana e d. Izabel retrocederam logo. Já aí estavam Cosme Bezerra e Filipe Cavalcanti, que a ele tinham precedido e conversavam com outras senhoras presentes.

— Estes mascotes não estão em si, dizia d. Maria Bezerra a seu marido. Não querem ver que não podem levar a melhor a nobreza da terra. Até os de Goiana, que não são muitos, hão de apresentar-se contra os nobres, disse o alcaide-mor.

— Também os de Goiana? Inquiriu com incredulidade a mulher de João da Cunha. A senhora d. Damiana dúvida que o façam? É porque ignora que os do Recife mandaram grossas quantias para cá comprar a gentilha que nos odeia. Antônio Coelho, do balcão de sua loja, que considera um trono, só tem para os nobres injurias e despezos. Belchior Ferreira, de certo tempo a esta parte, monta guarda a horas certas todos os dias, em companhia de Romão, na botica do Rogoberto, e leva horas a dizer maldades e aleives contra os senhores de engenho.

Não admira, trás sempre a imaginação excitada pelo vinho que lhe dá a beber Antônio Coelho, os olhos encandeados pelo ouro que lhe mostra, mas não lhe dá, Jerônimo Paes, disse Cosme Bezerra.

Tenha a senhora d. Izabel certeza de que dentro em pouco há de soar em Goiana o grito da rebelião. Quem sabe se a este momento não estão tramando nos esconderijos dos seus armazéns, Antônio Coelho com seus sequazes, a destruição de todos nós?

— Façam o que fizerem — observou a mulher do sargento-mor, Goiana não há de render-se a eles. Porque não há de render-se?

— Não sabemos todos que Goiana é invencível porque todas suas igrejas têm as frentes voltadas para dentro dela?

— É verdade — disse uma senhora, que até esse ponto assistira à conversação sem tomar parte nela.

— E d. Maria Bezerra acudiu em apoio da velha, confirmando o que dela ouvira. Abusões do povo, contestou Cosme.

— Os antigos já o diziam, replicou d. Maria e os antigos não diziam senão a verdade. Minha avó contava-me muitos casos de guerras, em que os que vinham a tomar Goiana ficavam destruídos ou presos nela, e nunca a puderam dominar. Os santos das igrejas olham pelos moradores. Vão lá contar destas histórias a Antônio Coelho e a Jerônimo Paes, que hão de vê-los responder à crença do povo com risos mofadores. É porque eles são dois refinados hereges, disse a velhota. E como hereges hão de acabar. Quem for vivo há de ver. Talvez que nesta guerra mesma que eles preparam, venha o seu fim encoberto.

O crepitar das labaredas com que as fogueiras iluminavam todo o largo pátio do engenho; as detonações das armas de fogo que de todos os lados estavam indicando quanto o S. João é estimado pelo povo, fizeram enfim inclinar para a festa as atenções até então absorvidas nas tristes apreensões que o grave acontecimento suscitava.

Como se compreendessem a conveniência de auxiliar esta nova disposição dos espíritos, as escravas copeiras entraram nesse momento na sala, conduzindo bandejas com bolos e doces, de que começaram a servir-se os hóspedes.

Dentro em pouco a conversação, ainda presa por uma ponta à guerra, espalhava-se pela outra em vários assuntos mais próximos e positivos. Praticou-se da abundância das chuvas, e do mal que tinham feito às canas e à roça; da escassez da farinha; da carestia da fazenda.

A razão porque a farinha não aparece no mercado, observou Manoel de Lacerda, é porque os mascates se atravessam e compram por atacado a que encontram. A razão do alto preço da fazenda é porque são eles os que a vendem.

Vai por estes dias à praça o engenho de Martins por execução que lhe move o Porto, disse Felipe Cavalcanti. Por um ano que Porto levou a suprir o engenho de Martins, fez-se credor deste em avultada quantia. Absorveu-lhe três ou quatro safras, e por fim, não contente com este resultado ainda, propôs-lhe ação em juízo e o obriga agora a dar o engenho a pagamento. Entretanto, observou Cosme Bezerra, Porto está rico. O açúcar, que recebia do Martins, em pagamento, a 400 réis a arroba, remetia a seus correspondentes na Europa à razão de 1\$400.

— Só por este modo poderia ele abrir os dois importantes armazéns que estabeleceu no Beco do Pavão, observou Jorge Cavalcanti.

— E que é feito de Martins? Perguntou um.

— Está pobre, e é hoje meu lavrador, respondeu Matias Vidal.

— E não havemos de pegar em armas contra os mascates! Exclamou Cosme Bezerra.

Foi neste ponto interrompida a conversação pela entrada de Francisco e de Lourenço. Vendo-os, o sargento-mor chamou-os ao gabinete onde minutos antes se celebrara em família a grave conferencia a que assistimos.

— Aqui está o rapaz, seu sargento-mor, disse Francisco, entrando no gabinete.

Estava impaciente pela tua volta. Dize-me cá. O rapaz poderá partir para a capital, ao nascer da lua?

— Quem? Eu? perguntou Lourenço.

— Tu mesmo, Lourenço.

— Posso partir já, assim o ordene vosmecê.

— Estás pronto de tudo?

— De tudo estou, porque nada tenho que aprontar.

— Se Francisco não tivesse chegado há pouco, ele é que havia de ir. A incumbência é de gravidade.

— E que tem que eu tivesse chegado há pouco? Perguntou o matuto.

— Estás cansado. Já não és menino para resistires a duas jornadas forçadas uma atrás da outra.

— Perdoe-me vosmecê, seu sargento-mor. Muito me agrada fazer pessoa em meu filho. Mas se é somente por me supor cansado da viagem que o escolheu,

dê preferência a mim, para ir à cidade, eu devo dizer a vosmecê que estou mais pronto do que ele para fazer a viagem. Faço de conta que tomei o rancho em Goiana, e que a minha parada é na Paraíba. Lourenço é digno de toda a confiança dos homens de bem, mas é ainda muito moço, tem viajado pouco por esses caminhos, e sem ele o querer, pode sair o seu serviço mal feito. Vosmecê entregue-me o que tinha para ele, que em menos de uma hora já estou no caminho de Olinda. Só peço licença para ir ao Cajueiro dar um adeus à minha velha.

— Pois vai. Quando voltares, receberás as minhas ordens.

— Senhor, sim.

Dentro de poucos minutos, pai e filho estavam no Cajueiro; e quando a luz apontava por cima da mata, já aquele se achava uma légua distante da vila, em direitura para a capital.

CAPÍTULO 16

Lauriano tinha sua tenda na rua do Rosário, perto da loja de Antônio Coelho. Era, como quase todos os sapateiros, paroleiro, indagador da vida alheia, e por isso sabedor de muita particularidade e segredo íntimo. Seus frequentadores não tinham nem podiam ter para ele reservas.

Na dita tenda ajuntava-se o povo baixo da vila, que o vinho e o cobre do famoso mercador, por interesseira generosidade dele, faziam simpatizar com a causa dos mascates. Para esta gente estava ela nas mesmas condições que a botica do Rogoberto para o rábula, o meirinho e outros sujeitos de igual estofa. Era o *club* permanente da plebe. Aí se discutiam com veemência e largueza os negócios da amiga e da inimiga parcialidade. Não raras vezes, no estreito recinto desse singular parlamento, resolveram-se ofensas e defesas da máxima importância. O oficial de pedreiro, o servente de obras, o aprendiz e o oficial de outros ofícios, vinham deixar na tenda as notícias que colhiam nas ruas, e daí levavam as que os outros, seus iguais, tinham trazido para o ignóbil comércio em que eram práticos.

O Tunda-Cumbe fazia parte deste congresso ilícito. Então as repugnância recíprocas entre os portugueses e os homens de cor do país não estavam tão afirmadas como depois vieram a ficar. Eram adina de fresca data os grandes exemplos da fraternidade que em conjunturas gravíssimas ligara raças estrangeiras com raças e castas nacionais; aquelas representadas por João Fernandes Vieira e outros, estas por Filipe Camarão, Henrique Dias e tantos índios, mulatos e pretos que deixaram ilustres nomes esculpido nas páginas da história e glorificados pela tradição. Não é pois de admirar que, vendido o seu

peixe na vila, fosse o Tunda-Cumbe, não por obrigação mas por devoção, tirar a ferrugem da língua na tenda do Lauriano, onde se reuniam outros mascates da sua laia.

Na antevéspera de S. João o Tunda-Cumbe tinha estado com o sapateiro e lhe havia dito que iria divertir-se à noite seguinte em casa do Vitorino. Em conversa familiar já revelara tempos antes as suas inclinações por Bernardina.

— Em toda esta redondeza por onde ando, dissera o vendedor de peixes ao de sapatos, não conheço rapariga que tanto tenha bulido com o meu sentimento como a filha do Vitorino.

O tendeiro, que com os defeitos próprios da sua condição, trazia aliado o de instigador das ruins paixões, tantas coisas lhe meteu na cabeça que o mascate saiu dali cheio da falsa idéia de que ninguém melhor do que ele tinha direito à posse da rapariga. Àquela manhã, Antônio Coelho, passando pela porta de Lauriano, perguntara pelo Tunda-Cumbe. Respondera-lhe o tendeiro que lhe seria fácil encontrar-se com o peixeiro à noite em um ponto, que sabia; e, como farejou negocio importante, ofereceu-se para transmitir-lhe o recado que o mercador quisesse dar. Este contentou-se com lhe pedir que dissesse, de sua parte, ao Tunda-Cumbe, que viesse falar com ele impreterivelmente em sua casa àquela noite. Tunda-Cumbe, não obstante ter grandes desejos de não deixar o samba senão depois de ausentes todos os convivas, correu sem demora à vila, calculando que de semelhante chamado só lhe poderiam provir vantagens, atento o estado das coisas na capital, do qual já tinham chegado as graves notícias à Goiana.

Os inimigos da nobreza, divertindo-se, como esta, ao menos aparentemente, e festejando com fogos enterrados à frente de suas casas, com reuniões, danças, comes e bebes a noite do precursor do Messias, projetavam também tenebrosas vinganças, seguindo, sem o saberem, os nobres, posto que o conjeturassem.

A morada de Coelho ficava por cima da própria loja. No vasto sobrado para isto destinado não faltava o luxo que caracteriza a vida de larguezas e deleites que o comércio dá e tira com a facilidade natural do jogo das operações mercantis. As extensas relações que tinha entre os agricultores, e a circunstância de ser o negociante de mais nota do lugar pelos meios pecuniários de que dispunha, obrigá-lo-iam a essa vida fastosa, quando certa ambição de figurar e o propósito de competir no lustre e grandeza com os primeiros fidalgos de Goiana não exigissem dele o tratamento luxuoso que sustentava. Até certo tempo atrás, fora visto com bons olhos por esses fidalgos. Mais de um deles lhe dera demonstrações de respeito e estima. Chegou-se a dizer que à influência de alguns devia Coelho a nomeação de sargento-mor com que o distinguira el-rei. Fosse porque fazia de se grande conta; fosse porque lhe parecera tempo de

firmar a sua posição ainda não de todo segura; fosse porque não pudera resistir às imposições do sentimento, deu Coelho um passo que, produzindo completa e radical mudança em sua vida, converteu em hostilidade e ódios contra se próprio as afeições e benevolências que tinham antes disso manifestado por ele os nobres da vila. Sabendo anos antes, que d. Damiana, pela qual sentia grande afeto, estava para ser dada em casamento a João da Cunha, antecipou-se ele e pediu-a para si. Foi-lhe peremptoriamente recusada; e não teve outra origem o eclipse da sua estrela, nem o ódio que cavou entre ele e o sargento-mor o abismo insondável que os separava. Ao princípio sentiu-se Coelho como curvado debaixo do peso deste grande desastre; mas, por derradeiro, reacendendo-se-lhe a chama do forte ânimo, um momento apagada pelo sopro da tormenta, o negociante ergueu a cabeça, fixou vistas altivas em seu altivo inimigo, e assentou de lutar com ele e seus parentes e iguais, até que os vencesse ou caísse de todo exangue e morto. A esse tempo já se iam manifestando as rivalidades que trouxeram como resultado a guerra. Coelho, em vez de procurar dissipá-las, foi o primeiro que em Goiana as ateou e lhes deu vulto e desenvolvimento; de modo que, quando, pela criação da vila do Recife, elas definitivamente fizeram explosão, à frente dos mascates apareceu ele, sedento de vingança, tomando para se toda a responsabilidade e direção dos ódios insurgentes e tornando-se o alvo dos rancores da nobreza. Quando o Tunda-Cumbe apareceu na sala, achavam-se aí com o dono da casa Jerônimo Paes, o português Manoel Rodrigues (taberneiro), Belchior, Romão e outros. O assunto da conversação era a guerra, nem podia ser outro o que os reunisse então. Mas aqui não se manifestavam apreensões e temores, como no engenho, entre os nobres. Aqui se tinha por segura a vitória, não obstante já se saber que o bispo se evadira e se achava exercitando o governo contra os mascates. - Que importa isso? Inquiria Jerônimo Paes. As fortalezas, os arsenais, a milícia de terra e a milícia naval, os homens bons do Recife e o povo são todos nossos. Em nossos armazéns temos gêneros acumulados para seis meses. Falava-se em que os mazombos tencionavam sitiar a vila. Estúpido plano é este. Que mal nos pode trazer semelhante sitio, quando temos livre o porto, por onde podemos comunicar-nos, não só com as outras capitánias, mas até com importantes localidades do litoral de Pernambuco?

— Hão de cansar-se eles primeiro de nos guardarem, que nós de estarmos guardados por semelhante modo — acrescentou um dos circunstantes. Dando com os olhos em Tunda-Cumbe, Antônio Coelho levantou-se e acenou-lhe com a mão que o acompanhasse ao aposento contíguo. Aí chegados, Coelho ofereceu ao peixeiro uma cadeira, e dando exemplo, disse-lhe:

— Senta-te, Manoel Gonçalves.

— Este, a modo de admirado da intimidade que equivalia a uma honra, que ele estava longe de esperar, respondeu:

— Pode vosmecê dizer o que ordena. Ouvirei tão bem estando de pé, como se sentado estivera. Senta-te. O negocio exige pratica longa.

Tunda-Cumbe sentou-se.

Por todos os de Goiana era o Tunda-Cumbe havido por meio mercador e meio bandido. Ninguém ignorava suas relações com certos sujeitos de ruim fama, alguns dos quais se dizia serem associados ao peixeiro em criminosas negociações. Havia quem soubesse que no lugar denominado Sipó tinham eles um como rancho, onde celebravam seus conciliábulos.

— Mandei chamar-te, Manoel Gonçalves...

— Aqui interrompeu Antônio Coelho, e um momento depois continuou:

Mas, antes de entrarmos no assunto, não será mau que desmanches um pedaço de bolo fresco e laves a goela com um copo de vinho puro e velho, que há dias me chegou do Porto.

Assim falando, Coelho apontava para a cômoda de cedro, onde se viam, em salvas de prata, bolos de S. João de diferentes tamanhos e formas, e em garrafas de cristal o vinho generoso a que aludira. Tenha paciência, seu Antônio Coelho, - respondeu o peixeiro. Acabo de chegar agora mesmo do divertimento em que estava, quando o Lauriano me deu o recado. Queira ter vosmecê a bondade de vir direitinho ao negocio, que eu fiquei de voltar ainda hoje ao dito divertimento, onde tenho uma grande empresa que executar, se para isso não me faltar o tempo.

— Que empresa é essa?

— Quebrar os dentes a um pé-rapado, por não terem mordido a língua dele na ocasião de me dizer meia dúzia de liberdades que lhe hão de custar bem caro.

— Folgo em encontrar-te nestas boas disposições. Mas, para não dares passo em falso, trata primeiro de organizar as tuas forças. Não tens tu vários amigos com quem te podes ajuntar a qualquer hora que seja necessário?

Tunda-Cumbe, não sem dar mostras de confusão e hesitação, inclinou a cabeça como quem respondia afirmativamente.

— Pois bem, tornou o negociante. É da máxima conveniência que de hoje para amanhã reúnas todos eles e à sua frente trates de hostilizar por todos os meios imagináveis, não só o pé-rapado a quem queres quebrar os dentes, mas tantos pés-rapados e mazombos quantos puderem cair em tuas mãos. Já debes saber o que resolveram os nossos patrícios e amigos do Recife...

— Tudo sei.

— É de nossa honra e de nosso interesse que o grito que eles soltaram na vila, acha eco em todos os pontos importantes da província, especialmente em Goiana.

— E o governo está de nossa parte?

— O governo! O governador, o legítimo, o verdadeiro governador de Pernambuco, Sebastião de Castro Caldas, este está conosco. D. Manoel é simplesmente o governador da rebeldia. Deu força aos insurgentes, e está exercendo atribuições que lhe não competem. Os que o sustentam e por eles são sustentados, tão criminosos são como ele. Opuseram-se à criação da vila, o que quer dizer que se opuseram à vontade e à ordem de el-rei; tentaram contra a vida do legítimo governador, e o obrigaram a refugiar-se na Baía para escapar à morte; na ausência dele, tomaram conta do poder tumultuária e revolucionariamente; o bispo por infame covardia ou por indigna conivência, assumiu as rédeas do governo e expediu perdão aos rebeldes e assassinos. Devíamos nós, leais vassallos de el-rei, ter por justo e legal o infame perdão, quando as justiças do céu e da terra exigiam antes as cabeças dos rebeldes? Não, mil vezes não. Acumulamos víveres, ajuntamos dinheiro para que nos não faltasse nada na ocasião do desforço. Julgando os nossos amigos do Recife chegada esta ocasião, acabam de soltar o brado em favor da restauração da autoridade legal, vil e traiçoeiramente conspurcada pelos que se apelidam nobres, quando outra coisa não são senão rebeldes e sicários. Assim, todo leal português tem o dever de lançar mão das armas para derrubar o governo de d. Manoel e levantar novamente o de Castro Caldas. Em favor desta empresa patriótica e gloriosa é que te proponho reúnas todos os amigos que puderes. O programa da luta é largo, mas resume-se nisto — destruir, seja por que meio for, qualquer força, qualquer bem, até a própria vida de todos os fidalgos de Pernambuco.

— Tudo de que precisares, a saber, dinheiro, víveres, apoio, proteção ilimitada para ti e para os teus, a fim de se preencher este plano salvador das nossas fortunas, das nossas vidas e do nome português, ser-te-á prontamente dado ou feito, contanto que a represália não fique nem por um instante retardada. Posso confiar em ti e nos teus, Manoel Gonçalves? Concluiu Antônio Coelho com gestos e expressão de quem estava de corpo e alma entregue a este pensamento e por levá-lo a efeito subiria a todas as eminências e desceria a todos os abismos.

Antônio Coelho era de boa estatura. Tinha os cabelos pretos e corridos, os olhos rasgados e úmidos. Espadaúdo e anafado, dir-se-ia que esse homem, uma vez sentado, não poderia levantar-se senão com auxílio de outrem. Nada entretanto encontraria mais a verdade, posto que maciço de formas, era pronto nos movimentos. Sua agilidade tinha o quer que fosse da eletricidade. Em seu semblante estavam esparzidos os toques de uma expressão particular que o

tornavam atrativo. Usava a palavra com veemência e mobilidade que interpretavam brilhantemente os caprichosos raptos e oscilações de seu espírito, umas vezes lento e tardo nas operações, outras franco e arrebatado até a inconveniência e a temeridade.

— Há então víveres e dinheiro bastante para serem distribuídos pela gente que eu ajuntar? Inquiriu o peixeiro, como quem não queria ainda acreditar na formal promessa que acabava de fazer-lhe o negociante.

— Há tudo de que precisares para as mais arriscadas e custosas arremetidas contra a nobreza, disse a com segurança Antônio Coelho, qual se fizesse um juramento solene. Além disso, acrescentou como por demais, o saque entrará por muito na ordem dos meios de suprir qualquer falta que se não tenha podido prever.

— Eu quero ser franco a vosmecê. Tenho já comigo, não de hoje, mas de há muito, vinte camaradas valentes e decididos. Se me autoriza a aumentar o número, dentro de pouco tempo terei uma companhia organizada. Autorizo-te a organizares um batalhão. Pagarei a todos o soldo, e a ti aquele que costumam vencer os coronéis.

— Muito bem, respondeu o Tunda-Cumbe. Pode contar comigo. De hoje a oito dias teremos gente para tomar Goiana.

Trata-se, não de tomar Goiana, que nossa é, mas de ir em socorro dos nossos amigos do Recife, que estão ameaçados de um rigoroso sitio, posto pelos rebeldes de Olinda e das vilas mais próximas. Pois sim; é para o que quiser. Sou pau para toda obra.

— Fica pois assentado que de hoje em diante andaremos de acordo nesta grande obra. Sim, senhor. Está decidido.

— Em caso de necessidade, por quem poderia mandar chamar-te?

— Por Lauriano.

— Podemos confiar nele?

— É um negro interesseiro, que odeia muito os nobres, porque de um deles foi escravo e provou muito bacalhão. Ele sabe onde há de procurar-me, nos dias em que não costumo vir à vila.

Antônio Coelho deu algumas ordens ao peixeiro, assaz agradáveis para este, por serem acompanhados de algumas moedas de prata.

Metido o dinheiro na algibeira do gibão velho que trazia, o Tunda-Cumbe retirou-se, levando consigo a convicção de que desde o momento em que fora

autorizado a acrescentar o seu séquito, era ele tão poderoso chefe senão mais do que o próprio que a isso o autorizara.

CAPÍTULO 17

Nos primeiros dias de julho, em lugar dos vinte malfeitores que dantes trazia mais ou menos ligados consigo, contava o Tunda-Cumbe número superior a duzentos; e por tal forma lhes havia imposto a sua autoridade, que a seu grado os dirigia e movia tão bem como se foram puros autômatos.

Os insultos, as arrogâncias, os furtos de cavalo, os roubos, as atrocidades de toda espécie começaram então a aumentar de modo assustador. Hoje, era a casa de um foreiro assaltada, amanhã, era um negro do engenho castigado cruelmente porque se tinha oposto a que tirassem a cana, a macaxeira, a galinha, a ovelha, que eles por fim sempre tiravam.

Para a família do pobre não houve mais respeito nem segurança. Mulheres honestas e recolhidas, moças solteiras que viviam honradamente sobre se ou em casa de seus pais eram raptadas sem o menor escrúpulo, e iam contra a vontade delas, os olhos arrasados de lágrimas, cevar a brutal concupiscência de assassinos e ladrões, que, confiando na impunidade prometida para eles por seus protetores, as deixavam ao desamparo, nos braços da devassidão, ou entre as unhas felinas da miséria, depois de saciadas suas paixões reprovadas e vis.

Constituiu-se assim o Tunda-Cumbe dentro em pouco tempo o terror de todo o norte de Pernambuco, porque para suas correrias ele não escolhia lugares nem conhecia limites; e publicar o seu nome montava publicar, não já o nome de vinte ou duzentos facinorosos, mas o de quinhentos, afeitos a desrespeitar os homens sérios, a roubar a honra das famílias fracas e a fazenda do proprietário pacífico, a matar o matuto que lhes resistia, a destruir e aniquilar homens e coisas.

Pelo mesmo tempo outro caudilho truculento começou a representar no sul as mesmas tradições de saque, sangue e morte que celebrizaram tão tristemente o Tunda-Cumbe. Era o índio Sebastião Camarão, de quem se dizia que recebera três mil cruzados dos mascates para ser por eles, com seu séquito na guerra que se acendera. Este séquito, composto em sua maior parte de homens que tinham dado inteiramente as costas à honra, à moral, à lei e a Deus, chegou a ser muito numeroso e a contar quase o dobro do outro bandido. Os maiores criminosos do sul faziam parte dele, razão porque nos lugares por onde passavam, nenhum princípio ou interesse venerável ficava sem receber deles as mais graves violações e ofensas.

De todos os senhores de engenho das cercanias de Goiana, o que servia de alvo ao ódio mais apurado do Tunda-Cumbe era Matias Vidal de Negreiros. A razão é obvia.

Durante o seu almocrevar, quando sucedia passar, não por fazer negocio, mas por encurtar distancias ou evitar grandes atoleiros ou rios cheios, pelo engenho de Matias, fazia o Tunda-Cumbe, rosando como cão irritado, esta acerba jura:

Hei de vingar-me algum dia neste vilão ruim do que me fizeram seus negros. O dia pareceu-lhe ter chegado duas semanas depois da conferencia que tivera com Antônio Coelho, e para lá se encaminhou com cerca de sessenta dos seus valentões no intuito de tomar a desforra longamente premeditada.

Quando chegou a Itambé seria meia-noite. Fazia brando luar. Tendo sido muito abundantes as chuvas aquele ano, o mato fechara consideravelmente e quase tomara os cinco ou seis caminhos que iam ter na casa. Tunda-Cumbe dividiu a gente em partidas iguais, cada uma das quais tomou a direção conveniente pelo caminho que lhe incumbiu percorrer. A casa não poderia resistir a sessenta homens, que simultaneamente a atacassem por todos os lados; mas não surtiu o plano o menor efeito, porque antes de chegados os atacantes ao ponto, diferentes tiros, partidos de dentro dos matos e canaviais lançaram susto e pavor no ânimo daqueles que tomavam da surpresa ou emboscada a sua principal valentia. Tunda-Cumbe, receoso de forças que não conhecia, ordenou a retirada.

Foi o caso que tendo Matias Vidal negros e moradores de sua confiança, devidamente espalhados por dentro do mato, e empregados em vigiar durante a noite os caminhos, por sinais assentados antes tinham estes vigias dado aviso da aproximação do bando aos outros negros e moradores, que correram sem demora a impedir o passo aos assaltantes. De há muito suspeitava Matias que o Tunda-Cumbe, em oferecendo-se ocasião oportuna, não deixaria para mais tarde a sua desforra. Todavia, não estaria preparado para frustrar tão facilmente este ataque inopinado, se outra razão o não determinasse a ter prontos meios de debelar qualquer agressão, por forte e súbita que fosse. É a razão que diremos. Assentado ficara entre os nobres em casa de João da Cunha, antes de dissolvido o ajuntamento aí celebrado na noite de S. João, que, não obstante dever-se esperar, para resolução definitiva, por notícias e indicações formais das autoridades e amigos da capital, prudente era que cada um dos proprietários presentes tratasse de organizar sem perda de tempo terços defensivos, com seus moradores e escravos. Dado este importante passo, era fácil dentro em pouco tempo, no caso de necessidade, mobilizar-se em Goiana uma grande massa de gente, que acudisse ao primeiro reclamo da capital, quer para engrossar o cerco, se esta fosse a idéia predominante, quer para tomar de assalto o Recife e destruir o governo constituído pelos mascates dentro nesta vila. Se não fossem reclamados socorros, nem por isso se perderia o que

estivesse feito, visto que, devendo-se ter por mais que provável que a reação se generalizasse mais dia menos dia, ter cada um dos senhores de engenho junto de seu contingente, era o mesmo que estar defendido em sua família e propriedade. A demonstração prática da excelência e sabedoria deste acordo, foi Matias Vidal o primeiro que a teve, pelo que fica escrito.

Esta lição, porém, longe de encurtar, posto que fosse incruenta, os arrojos do chefe dos bandoleiros, o incitou a investida ainda mais grave.

O dia seguinte sendo Domingo, apresentou-se ele muito cedo na vila, deliberado a praticar qualquer distúrbio, que, produzindo escândalo, para logo desse lugar a que seu nome soasse como o de um diligente e fiel servidor dos mascates, tanto em Goiana, testemunha do insulto, como no Recife, aonde logo havia de chegar a notícia dele.

Estava-se em 3 de julho. Os espíritos achavam-se por extremo excitados. Os parciais da nobreza, animados por saberem que tinha ela por se o governador, já restituído a sua liberdade, não perdiam ensejo de exaltar a sua força e ostentar o poder que dá a autoridade. Os parciais dos mascates não faziam por menos, publicando que sem dinheiro comprariam os mais nobres da terra, inventando inumeráveis relações de comunidade entre os rebeldes proeminentes e o governador geral do Brasil, d. Francisco de Souza, seu filho, e outros importantes vultos da Baía e de Portugal.

Varias eram as pessoas que na botica do Rogoberto matavam o tempo enquanto o sino da matriz não vibrava a Segunda chamada para a missa conventual. Entre essas pessoas apontavam-se Jerônimo Paes e Belchior. Serviam de assunto as últimas notícias chegadas do Recife. Eis a substancia de tais notícias. D. Manoel, logo que se achou de novo de posse da autoridade, mandou publicar na vila o edital pelo qual eram intimados os oficiais da milícia e os demais moradores que estavam em armas a retirar-se das fortalezas com as respectivas guarnições, a fim de entrarem os povos no sossego do costume, sob pena de serem havidos por traidores e inimigos da paz, e ficarem por isso sujeitos ao rigor das leis. Não tendo querido, porém, os revoltosos aceitar estes avisos, e devendo-se por isso dar começo a providências mais enérgicas, para as quais, por ser de paz e perdão o seu ministério, não se julgava o mais próprio, resolveu encarregar do governo militar o ouvidor geral, dr. Luiz de Valenzuela Ortiz, o mestre de campo Cristóvão de Mendonça Arraes e o senado da câmara de Olinda, que se compunha do coronel Domingos Bezerra Monteiro, capitão Antônio Bezerra Cavalcanti e tenente Estevão Soares de Aragão.

O procedimento do prelado era considerado como covardia no congresso da botica. Belchior, para dar mais autoridade a este juízo, recordava diferentes circunstâncias passadas, a saber, a partida de d. Manoel para a Paraíba quando desfecharam o tiro no governador Caldas; o ter-se deixado prender pelos

mercadores no dia 18 do mês anterior; e outras circunstâncias que não são para o nosso caso. O bispo não é mais do que um vilão ruim, um desprezível instrumento dos Cavalcantis que querem ter sempre curvados a seus pés, como têm os negros dos seus engenhos, os povos de Pernambuco. Os mascates não precisam dele para castigarem a soberba e arrogância dessa nobreza de meia tigela, que o que traz limpo em seu sangue deve a esses mesmos mascates; porque o que daí não procede, é cor da noite de África ou cor do fogo das aldeias.

Palavras não eram ditas quando um filho de Jorge Cavalcante, que vinha montado em fogoso ginete, chegando-se à porta da botica assim retorquiou, montado como estava, a Belchior com o calor e a imprudência dos primeiros anos:

— Vilões ruins são aqueles brasileiros desnaturados que se vendem ao ouro ou rendem às lábias dos estrangeiros, cujo sentimento não é outro que o de revolverem a terra onde encontraram hospedagem. Esses, sim, são os mais infames vilões que pisam na terra de Camarão e de Henrique Dias. Sua baixa não se compara nem mesmo com a dos que mordem a mão que deveriam beijar.

Replicou-lhe Belchior com quatro pedras na mão; o filho de Jorge treplicou, já com mostras de quem queria usar o chicote que trazia. Quando o gesto indicou a intenção, quase todos os que estavam na botica, tomaram o partido de Belchior, mas não tardou que varias pessoas das vizinhanças e da rua vieram em socorro do outro contendor.

Estavam justamente as coisas neste ponto, quando apareceu o chefe dos bandoleiros. Ao gibão surrado, aos calções em diferentes partes serzidos e aos sapatões grosseiros com que costumava andar, tinham-se substituído casaca e calções de veludo e sapatos de entrada baixa com fivelas. Trazia pendente um espadim que parecia novo, como o chapéu de pluma e a roupa. Naqueles tempos já o habito fazia o monge. Tanto que o Tunda-Cumbe se apresentou vestido com este apuro e galhardia, não foi preciso mais para que todos logo conjeturassem que grande transformação se operara na vida do ex-peixeiro, e já alguns lhe tirassem o chapéu, como demonstração de respeitosa cortesia. Tal houve que se afastou para que ele tivesse livre acesso ao ponto central do conflito. Muitos dos circunstantes explicaram esta atenção, atribuindo-a a vir ele acompanhado de dez a doze valentões conhecidos, pouco tempo antes seus companheiros, agora seus guarda-costas.

— Donde vem esta grandeza e este poderio a Tunda-Cumbe, que ainda não há um mês vendia bodiões e amorés pelas portas? perguntou a meia voz um parcial dos nobres.

Respondeu-lhe no mesmo diapasão o companheiro:

— Dizem que tem ordem franca dos mascates para ajuntar gente, e do Recife lhe prometem a patente de coronel em paga dos serviços, já vendidos a eles por bom dinheiro.

Entretanto o Tunda-Cumbe chegara ao ponto onde se dera o veemente bate-barbas. Achou somente aí o Belchior. O filho do Jorge Cavalcanti tinha tomado já a direção da matriz, e com pouco descavalgava e entrava.

Entendendo Tunda-Cumbe que não devia perder aquela ocasião de dar a mostra do pano, puxou do espadim e assentou-o de chapa sobre as costas de um sujeito que no canto da rua mais pública da vila exaltava a causa da nobreza e desfazia na reação dos mercadores. Não foi preciso mais para que se desse novo conflito, que dentro de alguns minutos redundou em serio motim. Houve muitas contusões, muitos ferimentos, muito sangue inutilmente derramado. Estando ainda nas mãos da nobreza a autoridade e a força pública, pode-se dominar no fim de algum tempo a assuada. O nome, porém, de Tunda-Cumbe e os dos bandoleiros mais violentos que com ele percorreram as ruas, espancando e ferindo os adversários que encontraram desprevenidos e inermes, esses nomes, especialmente o de Manoel Gonçalves, começaram desde esse momento a voar nas asas da fama, e poucos dias depois designaram celebridades que todos entraram a respeitar e temer.

Uma semana depois, Goiana foi testemunha de novas cenas, mais graves do que as primeiras, as quais chegaram a durar três dias.

Por ordem de João da Maia da Gama, capitão-mor da Paraíba, tão dedicado aos mascates que pelo senado da câmara de Olinda foi apelidado em ofício de 26 de junho de 1711 - a pedra fundamental em que os do Recife se levantaram e formaram o quimérico edifício e fabrica do industrioso levantamento -, veio Luiz Soares reunir-se com o Tunda-Cumbe a fim de irem ao Recife com sua gente passante de oitocentos homens, levantar o cerco.

Achavam-se entre os da Paraíba, não só Joaquim de Almeida, espírito por assim escrevermos, inspirador do capitão-mor João da Maia, mas também Pedro de Melo, um dos instrumentos da revolta sustentados pelo Almeida. Tendo esta por base, para tornar uniforme o movimento, dar Goiana como unida à Paraíba, veio desta Pedro de Melo eleito capitão-mor daquela. Feita a junção em Pedras de Fogo, tomam posse com ele em Goiana os oficiais da nova câmara, distribuem-se lugares aos mais esforçados cabos da rebelião, constitui-se enfim o governo da vila independente do de Pernambuco. Pedro de Melo entra no exercício do seu lugar com toda a solenidade do estilo. Sai da igreja do Carmo para a casa da câmara debaixo do palio, acompanhado dos camaristas, tão legítimos como ele, e dos frades carmelitas, executores das ordens dos da

recoleta do Recife. A vila, achando-se desguarnecida de força militar, visto que a que havia tinha ido atacar o rancho do Sipó, no pressuposto de surpreender aí o Tunda-Cumbe, viu-se obrigada a aceitar este desatino quase a portas fechadas. E o intruso e ilegítimo governo se consolidaria talvez, sustentado por Maia, se logo depois da sua posse, em 14 de julho, não tivesse chegado a guarnição incumbida da diligencia e ao mesmo tempo as forças legais mandadas de Olinda para impedir que seguissem os revoltosos e dissolver o governo intruso. Estas forças vinham comandadas pelo ajudante Bernardo de Alemão e Mendonça, o qual se unira com o capitão Bento Bezerra de Menezes, que comandava a companhia de Araripe, e com o ajudante Felipe Bandeira de Melo e os que com ele estavam na ilha de Itamaracá. Posto que não eram numerosos, tendo feito junção com a guarnição da vila, puderam por em violento e vergonhoso regresso todos os revoltosos Paraibanos.

No intuito de deixarem inteiramente serenados os espíritos dos pacíficos habitantes e restabelecida a ordem em Goiana, fixaram-se essas forças no engenho do capitão Bento Correa de Lima, que ficava à vista da vila, e onde estiveram por muitos dias.

O Tunda-Cumbe, sagaz e prevenido, tinha-se retirado com os seus ao valhacouto do Sipó, logo depois de constituído o governo que teve tão efêmera existência, o que não concorreu pouco para o aumento dos créditos da sua manha e penetração.

CAPÍTULO 18

Antes de chegar à Goiana, praticou em Pedras de Fogo o bando que viera da Paraíba, capitaneado por Luiz Soares, uma infame tragédia.

Essa povoação, da qual, por efeito de nossa viciosa divisão territorial, uma parte pertence à província da Paraíba, e a outra parte a Pernambuco, já naquele tempo representava certo espírito de resistência ao elemento estrangeiro, que depois da referida tragédia se acentuou e manteve até bem pouco tempo, segundo direi.

A principal família de Pedras de Fogo em 1711 não se caracterizava por clara linhagem nem por haveres, mas pelo número de seus membros, pelo espírito de trabalho de cada um, pela harmonia que os trazia unidos uns aos outros, e pela valentia que de qualquer deles fazia um leão.

Manoel do O', sujeito tirante a pardo, natural de Nossa Senhora do Ó fora ainda muito novo estabelecer-se com sua tenda de alfaiate em Pedras de Fogo.

Esse lugar, que ainda hoje não é notável senão por sua grande feira de gados, a qual aí se faz semanalmente, por então começava apenas a povoar-se. Poder-se-ia compor de quinze a vinte casinhas, em sua maior parte cobertas de palha.

O alfaiate casou-se com a filha de um mulato por nome José da Luz, que tinha na Rua da Feira a casa de morada e defronte desta a tenda de ourives. A união foi fecunda, cada ano nascia a Manoel do Ó um filho; de tal sorte foram as coisas, que em 1710 a sua descendência se compunha de dez filhos e vinte e dois netos. Alguns destes já taludos.

Não havia nenhum que não tivesse seu meio de vida. Alguns não o tinham muito decente e legítimo; não há família numerosa em que se não aponte qualquer lepra. Em sua maioria, porém, eram os descendentes varões de Manoel do Ó de regular procedimento e muito benquistos no lugar.

Posto que, como meio de levantar a gentilha a seu favor, os mascates fizeram publicar que a sua causa era a da liberdade e da igualdade do povo contra a tirania constituída e os privilégios antigos da nobreza, meio a que deveram a maior parte dos auxílios dos naturais da terra, Manoel do Ó, que não era tolo, convidado por Maia a aderir aos motins, escusou-se, dizendo que nada tinha nem com os nobres, nem com os mascates, visto que era ele, como todos os seus, mecânico, plebeu e homem de cor.

Tanto bastou para excitar o desagrado dos insurgentes, dos quais foram, dentro em pouco, tão positivas e repetidas as hostilidades e arrogâncias contra Manoel do Ó, que, ofendido este, ao princípio simplesmente no seu melindre de família, e por derradeiro na própria pessoa de um filho, certo dia, de um genro daí a pouco, e de um neto semanas depois, resolveu declarar-se pela causa dos nobres; e uma das tentativas de Maia para fazer junção em Goianinha com o bando do Tunda-Cumbe, a fim de se dirigirem ao Recife, foi frustrada por Manoel com sua companhia de filhos, mais ou menos ligados com ele por laços particulares. Foi tão forte e acertada a oposição, que a força mandada por Maia não pode passar sequer os limites da Paraíba.

Não foi só esta a única tentativa de junção malograda; nenhuma houve de 11 de julho para traz que surtisse efeito. Manoel do Ó achava-se diante de todas com sua gente como barreira intransponível e fatal.

Estas e outras idênticas contrariedades exacerbaram por tal forma o capitão-mor da Paraíba que este assentou de queimar o último cartucho para as fazer cessar de todo.

— Diga a esse negro Manoel do Ó, assim se exprimia ele uma vez a certo sujeito que tinha relações com o alfaiate, que muito breve lhe hei de provar que O é o mesmo que zero; e a seus filhos José da Luz e Antônio da Luz, diga igualmente

que hei de mandar apagar as luzes de sebo de Pedras de Fogo pelo meu escravo Euzébio, com tiros de bacamarte.

Dito e feito. Em 10 de julho, quando menos se esperava no povoado, rompeu o fogo para as bandas da Baixinha, lugar de Pedras de Fogo que pertence à Paraíba. Tinham sido dados os tiros pela gente de Luiz Soares contra uns sobrinhos do alfaiate que moravam desse lado.

Manoel do Ó, que não obstante a sua avançada idade tinha ainda grandes espíritos e não perdia de vista os passos de Maia, saiu logo com sua gente; e pois na véspera de noite seu filho Anacleto do Espírito-Santo, que chegara do Limoeiro, aonde tinha ido a destrocar uns cavalos, lhe dissera ter visto aí o Tunda-Cumbe, não pensou em proteger a retaguarda, até porque, sendo muito numeroso o concurso dos agressores, toda a gente viu-se obrigada a empenhar-se em lhe fazer frente.

Este foi o seu mal, porque momentos depois teve a retaguarda atacada por forças não menos numerosas que as de Luiz Soares. Foi o caso que, tendo-se entendido Maia previamente por carta com Antônio Coelho e concertado com ele o ataque ao obstáculo comum, não se fizera esperar do lado de Goiana o reforço do Tunda-Cumbe.

Vendo-se entre dois fogos o povo de Manoel do Ó, não houve esforço que não empregasse para romper qualquer dos lados, nem atos de bravura que não praticasse, a fim de levar a melhor aos agressores. Tudo porém foi debalde. Trinta homens não podiam triunfar de oitocentos.

A cabo de uma hora de peleja que não se pode descrever, Manoel com quase todos seus parentes estavam destroçados e vencidos. Restavam unicamente da família as mulheres, dois filhos e três sobrinhos, que lograram escapar-se quando reconheceram que a sorte das armas lhes era adversa. Estes, para não perderem a vida, ganharam o mato.

Não se podem imaginar as atrocidades que, vendo-se senhores do campo, cometeram na povoação, desamparada no mais aceso da luta, os bandoleiros desenfreados e sedentos.

Refugiaram-se no mato os homens feridos e as mulheres chorosas e consternadas que constituíam os últimos restos da parentela de Manoel do Ó. Aí o seu ódio cresceu e radicou-se profundamente no coração de cada um dos foragidos. Exagerados em seus desejos de desagrar-se, juraram na solidão da selva, testemunha da sua adversidade e depositaria dos seus prantos, que se pudessem voltar com vida a Pedras de Fogo, como lei de sua honra, não consentiriam jamais que nenhum português se demorasse mais de vinte e quatro horas na povoação fundada pela ilustre vítima cuja memória eles deste

modo queriam honrar. Julgavam, jurando preencher esta promessa solene, que cumpriam um preceito de alta justiça. Não era porém outro sentimento o deles, assim prometendo, que o sentimento da vingança pessoal, sempre cego e injusto.

Transmitindo-se de pai a filho, de filho a neto, nem foi esquecida a tradição do morticínio nem ficou sem preenchimento a promessa feita entre prantos e angustias há mais de um século.

Não há no que aí fica relatado, invenção de romancista. Até bem pouco tempo, logo que chegava qualquer filho de Portugal a Pedras de Fogo, era intimado de ordinário por moradores pertencentes às primeiras famílias, para que dentro de poucas horas se retirasse.

Este exagero passou de todo. A civilização, polindo o brasileiro do interior, deixou-lhe inteiramente livres os movimentos de natural generosidade e brandura, que constituem a parte essencial de seu gênio.

Enquanto estas cenas e outras semelhantes se passavam em diferentes pontos do termo de Goiana, acertadas providências eram dadas pelo governo da capital a fim de que elas não se reproduzissem.

Não sem razão inspirava aos nobres plena confiança o ajudante de tenente Francisco Gil Ribeiro. A galhardia e a bravura militar de Gil eram tradicionais, e constituíam um dos mais ricos e ilustres patrimônios da glória pernambucana. Para descansar das fadigas da sua longa e trabalhosa vida, acolhera-se o ancião na sombra do lar doméstico. Afetos brandos, inclinações respeitáveis, tinham-se substituído às violentas explosões da paixão guerreira. Estabelecera ele sua residência nas Salinas (hoje Santo-Amaro), à margem direita do Beberibe, entre cajueiros e sapotizeiros pitorescos. Daí o foi tirar o governo, para lhe entregar o comando da fortaleza de Itamaracá, ameaçada de cair no poder dos amotinados de Goiana. As notícias, porém, dos graves e sucessivos conflitos havidos nesta vila, determinaram o governo a ordenar que o ajudante de tenente, à frente de quarenta homens, e acompanhado dos alferes Carlos Teixeira e Francisco Alves, e do ajudante Felipe Bandeira de Melo, se dirigissem sem perda de tempo a pacificar aquela localidade.

Ao entrarem na estrada geral do norte, um matuto que passava do Recife, vendo a força, recuou o cavalo, para deixar livre o caminho. Parecendo suspeito a Gil este movimento de pura cortesia ou respeito, fez sinal a alguns soldados que segurassem o matuto. Este, porém, que não era outro que Francisco, adivinhando a intenção, pôs-se a respeitosa distancia, aos primeiros gestos dos soldados.

— Que idéia faz de mim, seu comandante? perguntou ele com serenidade. Pensará que sou pela mascataria? Pois se pensa, está malengonado.

Ouvindo estas palavras, Gil, com gesto imperioso e grave chamou o matuto para mais perto de si; e lhe disse:

— Quem foi que te ensinou este recado para me iludires?

— Não quero iludir ninguém.

— Cuidado com esta gente, senhor ajudante, disse Felipe Bandeira a meia voz a Gil. Parecendo simplórios, são finos e manhosos.

— Mas quem lhe disse que eu sou pela mascataria? tornou Gil a Francisco.

— Se é ou se não é, eu não posso jurar. Cá eu é que não sou nem serei por eles nem neste mundo nem no outro.

— Então, se eu tivesse necessidade de uma pessoa que me ensinasse os atalhos para chegar à vila sem ser pressentido pelos nobres, não me prestava você de boa vontade este serviço tão pequeno?

— Saberá vossa senhoria que nem de boa nem de má vontade eu lhe ensinava os caminhos da vila para este fim. Daqui mesmo destorcia para traz no meu castanho, porque para servir a tais indivíduos não há forças humanas que me obriguem, nem dinheiro que me compre.

— Grande ódio tem você à esses homens que só cuidam em viver do seu trabalho.

— Eu cá sei em que eles cuidam. Querem enriquecer à nossa custa. Vendem a fazenda pela hora da morte, agora os gêneros da terra querem comprar por pouco mais que nada. Não fazem isto só com o pobre matuto, como eu; até os senhores de engenho gemem entre as unhas deles. O que não tem o olho vivo, quando dá acordo de se está com as terras, as canas, os negros de sua propriedade metidinhos todos dentro da gaveta do mascate, que faz os suprimentos e adiantamentos. Muito francos em fiarem são os tais mascates, quando vêm que a pessoa a quem fazem seus oferecimentos, tem bens de seus. Agora, quando a conta está bem aumentada, tomam tudo pela justiça, e ficam donos de casas, escravos e fazendas do dia para noite. Se isto é ser bom, o inimigo leve esta bondade para si, que eu não a quero nem de graça, quanto mais à custa do meu roçado, do meu cavalo e da minha casinha.

Tendo dito estas palavras, Francisco, chegou a espora que trazia no pé direito à barriga do castanho e virou para o Recife. Não pode, porém, avançar muitos

passos, porque Gil, pondo as pernas à sua cavalgada, tomou-lhe logo o caminho.

— Para onde vai? Venha cá. Estamos de acordo, e podemos ir juntos até Goiana. Você é muito desconfiado, camarada, disse em tom de quem gracejava.

— Não me fiz por minhas mãos, respondeu Francisco. Foi assim que nasci da barriga de minha mãe.

— Mas não tem que desconfiar de mim.

— Meu senhor, a gente vê cara e não vê coração. Eu sei lá se vosmecê vem contra os mascates ou pelos mascates...

— Pois você não está vendo a tropa?

— Que tem a tropa? Não podia ser deles?

— Então, você vem da capital e não sabe que eles estão cercados?

— Eu sei muito bem que eles estão cercados. Sou capaz de dizer até por quem.

— Diga lá.

— Pois escute. Nas trincheiras levantadas junto do muro do S. Bento está a companhia do capitão Dionísio, e a dos Estudantes, comandada pelo capitão Antônio Tavares; nos presídios do Varadouro, Porto dos Padres, Porto das Lavadeiras, Carreira dos Masombos e Tacaruna, estão o tenente José Tavares e o sargento-mor Domingos Freire; as forças de S. Amarinho, Campina da Cerca, Curtume e Santo André são comandadas pelo padre Paulo; na Conceição, Saco, Olaria e Arraial da Boa Vista está o capitão Carlos Ferreira; na Barreta e no Arraial dos Afogados está o comandante João de Barros.

— Bem informado anda você da distribuição das forças do governo.

— Se eu passei por todas elas, porque tive de ir a Jaboatão.

— Mas então porque é que dúvida se somos pelos mascates ou pelos nobres? Inquiriu Felipe Bandeira.

— Porque duvido? Então os mascates também não tem tropas na vila? Eles não podiam mandar gente por mar do Recife para Itamaracá? Mas enfim, como vosmecês dizem que vêm por parte do governo, estou calado. Eu não duvido da palavra dos homens.

A esse tempo a tropa, que um instante estivera parada, seguia já o caminho de Goiana. Gil, Felipe Bandeira e os outros oficiais iam no couce. Francisco tinha metido o cavalo entre o de Felipe Bandeira e o de Gil.

CAPÍTULO 19

Passado um momento, perguntou o ajudante de tenente ao matuto:

- Poderemos saber quem é você, camarada?
 - Chamo-me Francisco dos Prazeres, e sou morador do engenho Bujari.
 - A quem pertence esse engenho?
 - A seu sargento-mor João da Cunha.
 - Sei quem é.
 - Havemos de passar por dentro mesmo do engenho. Vou deixar vosmecês em Goiana, e volto ao Cajueiro, onde tenho minha família. Há mais de mês não sei dela, nem nova, nem mandado. Quem sabe o que não terá acontecido à minha mulher e a meu filho durante a minha ausência?
 - Você vai encontrar todos em paz.
 - E se não encontrar, o Tunda-Cumbe é quem me há de pagar. Eu nunca matei ninguém. Trago uma faca de ponta aqui no cós para me defender. Mas se o diabo do pé-de-chumbo tiver feito alguma das suas a gente que me pertença, não pregarei olhos enquanto não lhe pregar primeiro a faca na barriga. Hei de tirar-lhe o couro como se faz aos bodes para secar e dele fazer suador do meu cavalo.
- Quando chegaram ao engenho Itapirema, em cuja capela estivera oculto em outubro do ano anterior para escapar à prisão ordenada pelo governador Castro Caldas, o ouvidor de Olinda dr. José Inácio de Arouche, era quase noite. O rio tinha tomado muita água e estava de nado.
- Como há de ser isso agora? Perguntou Gil, pondo os olhos naquele mar d'água, que se estorcia por baixo de galerias de folhagens, estrepitoso e medonho. Para atravessarmos esta imensidade agora de noite, corremos o risco de perder algum companheiro. É entretanto necessário passarmos hoje mesmo da outra banda; porque, antes que a alva esclareça, devemos achar-nos na vila. Aliás poderemos chegar já fora de tempo.
 - Eu já sei porque é esta pressa toda, disse Francisco.

— Porque é?

— É porque em Goiana se receia que da Paraíba passe a gente prometida aos mascates pelo capitão-mor. Eu de tudo sei, seu comandante.

— Mas então vê lá se nos dás remédio a isto.

— Porque não havemos de passar já? respondeu Francisco, saltando do cavalo à beira do rio, onde a tropa fora obrigada a fazer alto. Há aqui um ponto onde o Itapirema dá vão. Mas está tudo encoberto e não se pode saber onde fica a trilha.

Quase meia hora gastou ele em procurar, sempre debalde, a oculta passagem. Com água, ora pela cintura, ora pelos peitos, ora pela boca, percorreu uma extensão de cerca de vinte braças ao longo da margem. De uma vez caiu dentro de um poço, de que só se salvou por ser forte nadador.

Estava já quase de todo escuro quando, exausto do muito lutar com o impetuoso elemento, que puxava com extrema velocidade lhe pareceu ter dado com o vão desejado, que ele próprio já perdera a esperança de achar.

Veio à terra, muniu-se de um facão, e atirou-se novamente a nado para o meio do rio. Distante da margem cerca de seis braças, um mulunguzeiro, cujo tronco o ímpeto da corrente retorcera e cuja folhagem redemoinhava açoitada pelos novelões revoltos, foi o ponto negro para onde se dirigiu o matuto. Em torno da árvore desacompanhada as águas freMIAM vertiginosas, acusando de baixo delas abismo insondável.

— Eh, meu negro! Exclamou Francisco, dirigindo-se ao rio. Estás assobiando e gemendo? Não vês aqui o teu amigo, famanaz do Cajueiro? deixa as tuas raivas para outros. Eu sou teu antigo conhecido. Faz-te de cera, coração.

— Assim gracejando deixou-se o matuto levar pela força da corrente, e quando à claridade duvidosa do crepúsculo pareceu a todos os que da margem tinham os olhos postos nele, inevitável a sua perda, o matuto barafustou na folhagem retorcida e apagou-se um momento da vista dos presentes. Morreu!

— Afogou-se.

Tais foram as vozes que partiram de diferentes bocas.

Súbito ouviu-se bater o facão sobre os galhos superiores do mulunguzeiro. Ninguém viu mais Francisco, mas todos ouviram o rumor dos golpes da pesada arma, movida por sua mão possante contra o atleta vegetal que o Itapirema trabalhava por engolir. Não se demorou muito que os golpes cessaram e uma sombra negra, passando rápida, vertiginosa, como nuvem fantástica, aos olhos

da tropa, sumiu-se no turbilhão. Era a ramagem do mulunguzeiro que fugia, deixando aparecer nua, escalavrada, acima da superfície do rio, a parte superior da árvore, e no cimo desta o destemido matuto.

Mas não estava completo o serviço. Francisco veio outra vez à terra, e tendo tirado um fuzil do saco vazio que pendia do cabeçote da cangalha, encaminhou-se para uma macaibeira que a alguns passos aparecia solitária. Umas folhas secas, que a tempestade tinha abatido aí, foram apanhadas pelo intrépido matuto, e com elas improvisou ele um facho.

Então, voltando-se para a tropa disse:

— Vamos passar o rio. Eu vou na frente, feito guia. Com o homem ninguém pode, comandante. É o bicho mais valente que eu conheço. Qual cobra, nem onça, nem rio, nem raio! Quando o homem é homem, fique certo que vence pedras, água, o próprio fogo.

E meteu-se imediatamente no liquido elemento.

Quem souber o que é um rio cheio, nos caminhos do norte, especialmente o Itapirema, que pelo inverno costumava arrebatrar e ainda arrebatra às vezes algumas vidas, ajuizará da coragem de Francisco e do serviço que prestava. O rio roncava e estorcia-se ainda irritado e ameaçador. Mas a fúria que causava horror a quem um momento atrás levava a vista ao mulunguzeiro, essa, com a ausência da folhagem, tinha diminuído, deixando que as águas corressem mais livremente e menos arrebatadas que antes.

Levaram talvez um quarto de hora a romper o vasto mar, ora em linha reta na direção do norte, ora contornando cotovelos de terra firme.

De repente uma luzinha apareceu como santelmo, na margem fronteira. Era o lume da casinha de um morador do engenho.

— Estamos da outra banda, minha gente. Ali está a casa do Manoel Felix, onde poderemos tomar algum trago. Acho-me todo resfriado.

Quando pisaram terra, Gil Ribeiro, aproximando-se de Francisco, dirigiu-lhes estas palavras:

— Obrigado, camarada. Você nos prestou um serviço que não tem preço.

— Ora qual, seu comandante, eu também estou doido por ver a minha gente.

A noite estava fria, mas clara. A solidão era profunda, e o mato, onde como fogos fátuos, luziam interpoladamente os pirilampos, soturno e medonho.

Mas por entre árvores ramalhudas, moitas bastas, barreiras nuas, mostrava-se a estrada a todas as vistas, figurando o leito arenosos de um riacho que secara.

O dia vinha rompendo, quando descobriram a massa sombria da mata de Bujari. O Cajueiro estava a menos de cem braças, oculto por um cotovelo que formava a estrada.

Sentindo o coração pular-lhe de contente, Francisco virou-se para Gil:

— Seu comandante, vossa senhoria dá licença que eu vá adiante acordar minha mulher e meu filho? Estou que não posso me conter.

— Pode ir, meu bom companheiro. Corra já. É natural a sua impaciência. A nossa casinha fica ali adiante, na beira do caminho, à direita, continuou Francisco. A que fica a esquerda é a de seu padre Antônio. Até logo, seu comandante.

Francisco esporeou o castanho, que, não obstante vir caindo de fome e enfado, se empinou, ainda debaixo das pernas do senhor, naturalmente por ter sentido o cheiro da manjedoura de casa, e, contornando o cotovelo da estrada, desapareceu quase de repente da vista dos que ficavam atrás.

— Estou cativo deste matuto, disse Gil, voltando-se para os companheiros.

— Este profundo amor da família, comandante, é um dos dotes naturais do nosso almocreve, disse Felipe Bandeira.

— Bem sei. Em minha longa vida poucos tenho encontrado que desmintam este modelo. Mas o que acho especial em Francisco é o desembaraço, a graça, a franqueza que põe em suas palavras e ações. É verdade, disse o alferes Teixeira. Quase sempre os matutos se tornam bisonhos, quando se acham com pessoas a quem devem respeito.

— Se tivesse meios, era capaz de obsequiar-nos com um lauto banquete. Assim parece. Mas... que vem a ser aquilo, comandante? perguntou Felipe Bandeira, apontando para frente.

— Tinham dado a volta do caminho e entravam no Cajueiro. A casa do padre Antônio apareceu logo aos olhos de todos, à esquerda, como dissera Francisco; mas no ponto onde se devia mostrar a casa deste, o que eles viram foi um montão de cinzas, de que se levantavam ainda fumo e restos de chama por entre algumas paredes, esburacadas e enegrecidas.

— O cavalo castanho, entregue de todo à fome que trazia, devorava, sem cavaleiro, a grama verde, que guarnecia a estrada. Grande desgraça houve por aqui! exclamou Gil.

E atirou-se para diante da tropa e com pouco chegou ao pé das ruínas fumegantes.

— Francisco? Francisco? Chamou ele, sem poder dominar a sua comoção. Que foi isto, meu amigo?

O matuto, quase a queimar-se nos barrotes e caibros que ainda ardiam por entre o barro caído das paredes, revolveu com um ferro de cova, semelhando visão fantástica, os paus e a terra abrasada. Ouvindo a voz de Gil, respondeu:

— Estou desgraçado, seu comandante. Puseram-me fogo na casa, como vê. Mas o que me aterra é pensar que podem estar debaixo destes torrões minha mulher e meu filho queimados!

— Não há de ser assim, Francisco.

— Marcelina! Lourenço! Exclamava de momento a momento o matuto, cavando e revolvendo sempre os entulhos eriçados de lascas, algumas flamejantes, muitas reduzidas a carvão. Ninguém me responde, comandante, morreram todos! Morreram! Estou sem mulher, sem filho, sem casa. Só me deixaram a miséria e o luto.

As feições do matuto mostravam-se desfiguradas. Por cima de suas faces de quarenta anos, que há pouco pareciam de trinta, porque as refrescava o reflexo do jubilo íntimo, obra da esperança que lhe assegurava veria ele com brevidade os entes prediletos de sua alma, escorriam agora lágrimas lentas, e nelas se lia, em vez do prazer, a dor, a aflição, o desespero. Foi fácil a todos os circunstantes conhecer a súbita mudança, porque a esse momento o dia estava claro, e a aurora iluminava o céu e a terra com reflexos que nenhum pintor pode ainda reproduzir na tela.

Gil, sentindo a gravidade daquela crise, correu ao matuto, lançou-lhe os braços sobre os ombros, e disse-lhe em face:

— Então, que é isso, Francisco? Estás a chamar a todo instante por teu filho e tua mulher? Não vêes que não podem estar aqui?

— Mas então onde estão eles, comandante? Na casa do padre Antônio não há ninguém. Já cansei de bater na porte. Ninguém me falou de dentro. Oh! Meu Deus! Por aqui andou de certo o Tunda-Cumbe. Malvado! Malvado! Tu me pagarás.

— Isto, sim, disse Gil, conhecendo que a loucura um momento iminente ia fugindo, espancada pelo sentimento da vingança, que acordara enfim, para salvá-lo, no coração do matuto. Havemos de vingar-nos desses perversos, que queimam as casas pacíficas e levantam ranchos para novos salteadores. Não

percamos tempo. Salta no teu cavalo. Quem sabe o que não estarão praticando a esta hora na vila os infames bandoleiros. Vamos, Francisco. Quero-te a meu lado.

O matuto saltou sobre o castanho. Tinha os olhos e as faces em fogo. Na respiração sentia calor de fornalha. Da mão, em vez do chiqueirador de buranhém que trazia, pendia agora uma catana fora da bainha.

Mas de momento a momento ia repetindo, como de se para si:

— Lourenço, Marcelina, que terá sido de vocês? Coração, tu estás a anunciar-me uma desgraça sem nome. Deus se lembre de mim, Deus se lembre de mim!

CAPÍTULO 20

Eis o que tinha acontecido no Cajueiro, ao escurecer do dia anterior.

Lourenço, que depois do que se passara no samba esperava a cada momento ser ofendido por Tunda-Cumbe ou por algum dos seus sequazes, vendo entrar um vulto desconhecido no caminho das carvoeiras, pegou da espingarda de Francisco, e, sem que Marcelina soubesse, encaminhou-se para aquele ponto.

Detrás da palhoça dos negros existia uma cova imensa, em que um homem podia meter-se até aos peitos. Com as últimas chuvas tomara ela muita água, e se convertera em barreiro, donde os sapos estavam a essa hora soltando suas monótonas toadas. O rapaz avançou para ela por baixo das ramas rasteiras dos cajueiros. Na parte mais funda a água deu-lhe pela cintura. Lourenço pouco se importou com isto. O que ele queria era saber quem era o vulto e o que ia fazer ali. Eis o que viu e ouviu.

Estavam dentro da palhoça, com os habitantes do costume, um negro do serviço doméstico de João da Cunha por nome Germano e o Pedro de Lima, cabra destemido do séquito de Tunda-Cumbe, braço direito deste, para assim escrevermos, que deixou nome na história da guerra, pelas — extorsões, mortes, roubos e outras desenvolturas que cometeu em Goiana, de que fora o terror.

No momento em que Lourenço pode enxergá-los através das palhas da choupana, estava Pedro de Lima, a frente voltada para o casal de negros e o Germano, justamente a dizer-lhes estas palavras:

— É certinho o que digo; podem crer que terão vocês sua liberdade. Guardarei todo o segredo.

Lourenço compreendeu logo, por estas palavras, que o cabra prometia aos negros a alforria a troco de um levante contra João da Cunha.

— Então, então, Germano, que dizes a esta proposta? perguntou Moçambique ao negro da confiança do sargento-mor. Pois a liberdade é coisa que se enjeite?

— A liberdade é boa coisa, e eu a não enjeito, assim ela venha, respondeu Germano. Mas se os outros parceiros não quiserem aceitar a proposta, e meu senhor vier a saber que eu é que andei nisso, quem me livrará de ir ao carro ou à fornalha?

— És um pateta, moleque, disse Pedro de Lima. De hoje até amanhã hei de dar no engenho de teu senhor. Se acontecer o que eu cá espero, amanhã de manhãzinha o chumbo assobia nas urupemas de sua casa e a faca trabalha nas banhas da barriga dele. Se os negros que ele lá tem consigo prontos para dar e apanhar, faltarem na hora do apuro, não haverá santos que o livrem de ir direitinho para a bagaceira, servir de pasto aos urubus.

— Mas aí é que está a história, observou Germano. Eu sei lá se eles querem faltar ou não?

— Negros safados são todos vocês. Não prestam nem para tratar de libertar-se. Não sabem nem ao menos deixar a senzala, onde andam curtidos de fome e sono, pela mata virgem. Negros de patente eram os dos Palmares. Aqueles sim. Foram quarenta os que primeiro meteram a cabeça no mato; daí a pouco já eram não sei quantos mil. Vocês são ao pé de duzentos e têm medo do chicote do feitor. Vai, Germano, falar a João-Congo, a Thomaz, a Januario e a Jacinto. Se eles não tiverem coragem para a tragédia, faze tu o que te vou dizer.

— Diga lá.

— Quando o engenho for atacado por nós, corre a botar água dentro dos canos das armas de fogo. Isto é coisa muito fácil, e que tu podes fazer sem ninguém saber, nem ser preciso que alguém te ajude neste serviço.

Germano nada disse, e, pelos modos, deu mostras de que dentre diferentes alvitres indicados pelo audaz bandoleiro, era este o que mais lhe quadrava. Mas súbito, com gesto de quem tinha tomado uma resolução decisiva, assim falou a Pedro de Lima:

Sabe que mais, seu Pedro de Lima? Eu não faço a meu senhor isso que vosmecê propõe. Ele para mim é bem bom senhor. Até minha senhora, que é uma soberbona, essa mesma já uma vez me prometeu alforria. Pateta! Estás com medo, moleque ruim.

— Este moleque é assim mesmo, disse Quitéria. Promete as coisas e não faz. Quer e não quer. Tem medo do bacalhau — disse o cabra despeitado. Não tem agora medo de minha faca, ou do bacamarte de Gonçalo Ferreira. Eu só digo uma coisa: encontrando-te diante de mim, no momento do ataque há de ser para ti a minha primeira facada ou o meu primeiro tiro.

— Não se zangue comigo, seu Pedro de Lima, disse Germano com certa expressão e revirado de olhos, para dar a entender ao mulato que ele tinha intenção reservada. Pois se eu visse Germano metido na dança, eu também me metia nela, disse Moçambique.

— Estás ouvindo? Olha lá o que perdemos. Eu porém não quero que ninguém me acompanhe contra a vontade. Nunca pensei que não aceitasses a minha proposta. Quando te vi passar de tarde para esta banda, eu logo conheci que vinhas ao sitio das carvoeiras, e disse comigo: ‘Vou falar com Germano para ver se ele quer, a troco da sua liberdade, prestar-nos um serviçinho. Eu estava na mente de que havia de te chamar para nós; mas, como não queres, nem por isso te farei mal. O que eu disse há pouco foi gracejo. De ti, pobre negro cativo, o que eu tenho não é ódio, é pena. E adeus. Perdi meu tempo e minhas razões. De outra feita talvez a coisa já não seja assim’.

— Eu também me vou embora, que já é tarde; disse Germano. Adeus, tio Moçambique. Com Deus amanheça, tia Quitéria.

— Vai-te embora daí que tu não prestas senão para chotear de jaqueta de galão atrás de teu senhor, abrir-lhe as porteiras para ele passar, e limpar as botas dele quando vêm cheias de lama — respondeu Moçambique.

— Você também de que serve? Perguntou Germano despeitado. Não é também escravo dele, como eu sou? Não é mais que a gente se levantar contra seu senhor! Mestre Moçambique, sabe que mais? Vá contar a outro as suas valentias, que eu nelas não creio, e tanto caso faço delas como dos latidos de cachorro velho, carregado de rabuje, que já não morde, porque nem dentes tem.

— Está bom, está bom, vai-te embora, meu pimpão — disse o Moçambique. Amanhã, tu me dirás quem é o cachorro velho que não morde. Talvez que a esta hora tu estejas na ponta da faca de Pedro de Lima, e eu na mata virgem.

Germano deu o andar para a vereda, onde já entrara Pedro de Lima, que saíra antes dele.

Adiante, debaixo de um cajueiro, um vulto estava parado. Era o matuto.

— Eu bem te entendi, Germano. E para saber todo o teu pensamento, aqui fiquei à tua espera.

— Quando é que vão atacar o engenho?

— Para te falar verdade, eu não sei bem quando há de ser o ataque.

— Mas vamos cá saber uma coisa, seu Pedro de Lima: como posso ter eu certeza de que serei livre se fizer o que vosmecê propõe?

Não há dúvida que tudo há de ser conforme te digo. Pois queres melhor certeza do que a nossa vitória? Olha cá. Se vencermos a nobreza, o governo passará a ser outra vez dos mascates, e passando a ser dos mascates o novo governo, está bem visto que todos aqueles escravos que nos tiverem ajudado a dar com o governo da nobreza em terra, terão em recompensa a sua liberdade.

— E se, em lugar de darem a eles a liberdade, os mascates ficarem com os negros na escravidão, não virá tudo a dar no mesmo?

— Mas se eu te afianço que tu pelo menos ganharás a tua alforria, que mais garantia queres do que minha palavra? Não duvides da promessa. Ajuda-nos a dar um ensino de mestre a esses senhores soberbões, e eu te asseguro que não te hás de arrepender. Pois sim, seu Pedro. Eu, como confio na sua palavra, estarei pronto, quando chegar o momento, a molhar as armas. Mas, olhe: todo o meu serviço não passará disso, porque eu não quero histórias comigo.

— Nem eu exijo outro serviço além deste. Ficarei com ele muito satisfeito, e ele só será bastante para te forrares. Então, fica assentado isso mesmo, não é verdade?

— Isso mesmo. E eu vou já dizer ao Tunda-Cumbe a tua promessa, que é para não haver dúvida. Os dois tinham chegado à beira da estrada.

— Ah! Esqueci-me do saco de batatas que Moçambique mandava lá para casa. Volto a buscá-lo.

Separaram-se, Germano para tornar, como disse, à palhoça dos negros, Pedro de Lima para tomar à direita a direção da mata.

Quando eles desapareceram, saiu do mato um vulto com passo sorrateiro e cauteloso. Era Lourenço, que por entre o arvoredos havia seguido, amparado pelas folhagens, quase ombro a ombro com eles, sem que o vissem. Ele entretanto, que também os não vira, ouvira, sem perder uma palavra sequer, toda a conversa que tinham tido os dois conjurados desde a palhoça até a beira do caminho.

Marcelina estava na porta da casa.

Vendo o filho com a espingarda, as primeiras palavras que para ele teve foram estas:

— Que anda fazendo pelo mato a esta hora, Lourenço? Nem sabes que susto acabo de ter.

— Que foi que aconteceu, minha mãe?

— Passou por aqui mesmo, há instantinhos, um homem que, depois de passar, ficou ali de pé a olhar para cá e a fazer jeito de quem queria saber ou ouvir alguma coisa de cá de casa. Sabe quem era? Pedro de Lima.

— Pedro de Lima, aquele malvado?! Virgem da Conceição. Entra Lourenço, que quero fechar logo a porta. Ele que anda por aqui a esta hora, fazendo bem não é. Quer saber o que estava fazendo o cabra?

— Fala baixo, que ele ainda pode estar por ai. Mas o que foi?

— Uma das suas. Mas o pior foi o que fez o ladrão do moleque, o Germano. Em vez de ser pelo senhor, prometeu ser pelos mascates e botar água dentro das armas, quando o engenho for atacado. Que negro ingrato e perverso! Tive desejos de lhe dar um tiro na cabeça, quando lhe ouvi as traidoras palavras. Mas eu nunca atirei em ninguém.

— Virgem Maria! exclamou Marcelina. Pois querem atacar o engenho?

— Foi o que disse Pedro de Lima. Germano não tarda a passar por aqui. Ah! Ali vem ele.

— E que queres fazer? Queres dizer-lhe alguma coisa?

— Quero, sim senhora.

— Vai para dentro, que eu falo ao moleque. Ele a mim há de atender mais do que a ti.

— Ainda bem não tinha Lourenço entrado, quando o negro passava pela frente da casa trazendo o saco de batatas nas costas. Se não me engano, é Germano que vai aí, disse Marcelina em voz alta, a fim de ser ouvida. Sou eu mesmo, sinhá Marcelina, respondeu o negro. Quer alguma coisa?

— Eu logo vi que tu ainda havias de andar por aqui. Porque diz vosmecê isso?

— Se não vais com muita pressa, dá-me cá uma palavra.

O negro parou à porta da casa.

— Senta-te nessa pedra que te quero dizer uma coisa.

— A pedra está muito quente eu oiço mesmo de pé o que tiver de me dizer. Pois olha; nessa pedra mesma esteve ele sentado, há pouquinho.

- Ó xentes! Ele quem, sinhá Marcelina?
- Anda cá. Pois tu não sabes quem podia ser? O Pedro de Lima.
- Seu Pedro de Lima?! perguntou o negro subitamente alterado. Ó xentes! Seu Pedro de Lima!
- Então, ele não andou por estas beiradas ainda agorinha? Quererás negar?
- Ele andou, é verdade, respondeu Germano, entre aterrado e trêmulo.
- E que coisas te disse ele?
- Pois vosmecê sabe o que ele me disse?
- Chega-te para perto de mim, que eu não te quero botar a perder, Germano.

O negro aproximou-se, com passo tardo, porque em cada pé começou a sentir o peso de uma arroba, depois que ouvira as últimas palavras da cabocla.

— Queres saber o que foi?

— Diga, sinhá Marcelina.

— Ele esteve contigo na palhoça de Moçambique, e falando-se aí sobre os motins que tem havido na vila e a revolta dos mascates do Recife, tu te ofereceste a botar água dentro das armas de teu senhor, para elas não pegarem fogo, quando o bando de Tunda-Cumbe atacasse o engenho.

Não se pode imaginar a impressão de medo, dor, arrependimento e cólera, que estas palavras produziram no espírito do negro.

Sem o querer, caiu-lhe do ombro o saco, e ele próprio, para sustentar-se de pé, teve de apoiar-se no ferro de cova que trazia em uma das mãos.

— Ora, dize-me, Germano, prosseguiu Marcelina: isto era coisa que tu disseses àquele malvado? Podias tu prometer semelhante traição contra teu senhor, que te estima, e que, até já tem, por vezes prometido forrar-te? És um escravo indigno de ter liberdade.

O negro não respondeu. Triste, cabisbaixo, imóvel, não sabia o que dizer à cabocla.

Esta prosseguiu:

— Pois não seria muito mais bonito que, em vez de seres traidor e ingrato a seu sargento-mor, fosses o primeiro a defendê-lo na hora do ataque? Não terias tu muito mais segura a tua alforria, se, quando Pedro da Lima partisse contra seu

sargento-mor, tu partisses contra Pedro de Lima, e com a foice, o facão, o chuço ou o bacamarte impedisses que ele fizesse mal a teu senhor ou à tua senhora?

Germano não era um negro bronco.

Ouvindo estas palavras, percebeu que nelas se lhe oferecia uma porta para sair da situação cruel e desprezível a que fora arrastado.

Então soltou-se-lhe a voz, que estava presa.

— Eu quero contar a vosmecê a história como foi. Seu Pedro de Lima foi quem me fez esta proposta, com a promessa de minha liberdade. Vosmecê bem pode saber que todo cativo deseja ficar livre, ainda que seja muito bem tratado por seu senhor, como sou eu na escravidão. Eu prometi fazer isso que ele disse, mas depois que ouvi suas palavras, estou arrependido; e posso jurar que não cumprirei a promessa que fiz a seu Pedro.

— Estarás tu dizendo a verdade, Germano?

— Eu sou negro, sinhá Marcelina, mas não minto. Pode vosmecê crer que estou muito arrependido da minha ruim ação. Só uma coisa lhe peço: é que não vá dizer isso à minha senhora.

— Se eu quisesse fazer mal, já tinha corrido para lá a meter-lhe tudo no ouvido. Mas tu sabes que eu tenho bom coração. Antes quis aconselhar-te do que fazer-te a cama, mesmo porque esperava que mudasses de parecer. Tu estás muito moço; não te apresses que há de ter a tua liberdade, não pela mão de Pedro de Lima, ou do Tunda-Cumbe, mas pela mão de teu senhor mesmo. Vai-te embora descansado, que nada por minha boca se há de saber do que temos conversado. Pela boca de Pedro de Lima é que eu não respondo.

O negro levantou o saco, pô-lo novamente no ombro, e disse:

— Pela boca dele, sinhá Marcelina, respondo eu. O que ele acaba de fazer comigo, há de pagar-me com língua de palmo e meio.

— Olha bem, não te vais espetar em alguma tragédia. O cabra é malvado e traiçoeiro.

— Ele é cabra, e eu sou negro, mas porém se ele não andar muito ligeiro, eu passo-lhe o pé adiante. Ele não sabe com que negro está pegado. Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo. Ainda bem Germano não tinha entrado na mata, quando novo vulto se mostrava na estrada, do lado oposto.

— Não te recolhas já, Marcelina, disse o vulto de longe.

Quem falava era o padre Antônio.

- É vosmecê, seu padre? perguntou a cabocla admirada.
- Que será isso? disse Lourenço aparecendo. Seu padre por aqui!
- Vocês admiram-se, hein? E não deixam de ter sua razão.

Os três tornaram para dentro da casa. Marcelina, que foi a última a fazê-lo, encostou a porta de baixo, pois a sala era muito pequena, e daí mesmo, com os olhos na estrada e nos outros dois interlocutores, alternativamente, fez-se toda ouvidos. O padre então sentou-se em um tripeça, ao pé da mesinha da sala, enquanto Lourenço, de pé, com as mãos sobre o espeque onde descansava a porta da janelinha, quando estava aberta, esperava impaciente que o sacerdote quebrasse os selos do mistério que o levava ali.

— Venho pedir-te um serviço que, na ausência de teu pai, só tu me poderás prestar, Lourenço.

— Vosmecê não pede, manda, seu padre, respondeu o rapaz.

— Como tenho de fazer uma viagem esta madrugada para fora de Goiana, quero que vás agora mesmo ajudar o José a arrumar as minhas malas. Olha. Põe tudo o que é meu dentro delas. Deixa só o que absolutamente não puder ir.

— Se vosmecê quer, vou eu, disse Marcelina. Lourenço não sabe fazer bem estas coisas.

— Sabe, sabe, respondeu o padre. Demais eu tenho que te falar. Vai, Lourenço.

Quando se acharam sós o padre Antônio e Marcelina, disse aquele a esta:

— Marcelina, venho fazer-te uma confissão tão verdadeira e sincera como se a fizesse a um padre do Senhor.

— Uma confissão! Quem sou eu para merecer tanta honra e confiança?

— O que tu és, bem o sei eu. Tu és merecedora de honras e distinções muito mais altas do que esta, porque em ti a virtude fez sua morada, e a honestidade dá seus saudáveis frutos. Todos os elogios da terra ficariam ainda aquém do teu merecimento. O lar doméstico ainda não encontrou nem encontrará jamais quem o represente melhor do que tu o representas.

— Seu padre está exagerando.

— Não estou, não. Há quatro anos que moro no Cajueiro. Estou por isso habilitado a conhecer as tuas qualidades, a saber os teus sacrifícios, a admirar a rara beleza de tua alma. Mas venhamos já ao que importa. De duas partes se compõe a minha confissão. Começarei pela segunda. Estou-me vendo em uma

colisão cruel. Avalia por ti mesma. Não viste entrar hoje em minha casa o sargento-mor?

— Vi, sim senhor.

— Veio pedir-me, antes impor-me, que eu partisse hoje até amanhã para Goianinha, a fim de, por meio de praticas públicas, chamar ao partido dos nobres o povo que se declarou e tomou armas pelos mascates. Se o pedido fosse exclusivamente dele, eu acharia logo meios de escursar-me, posto que são muitos os obséquios e as atenções que me prendem ao sargento-mor. Mas infelizmente não é assim; e o sargento-mor foi portador de uma carta em que o bispo súplica que eu vá pacificar os ânimos daquele povo, e de lá siga até os limites da Paraíba com o mesmo fim. Alguém no meu caso recusaria este favor ao seu prelado e ao seu amigo? Ninguém. Pois eu acabo de recusar, quando já estava determinado a praticá-lo. Sabes porque recuei? Escuta lá, Marcelina. Não viste hoje de tarde sair de lá de casa um frade carmelita?-

— Não vi, mas Lourenço me disse.

Era o prior do convento do Carmo. Veio de propósito — vê lá tu como as coisas se ajuntam — com uma carta, antes ordem da recoleta do Recife, exigindo que eu sem perda de tempo me dirija a Paraíba, a fim de levantar os ânimos do capitão-mor João da Maia, que começam a esfriar. Esta providência foi resolvida pelo padre João da Costa, a quem devo grandes benefícios, e pelos Drs. Ferreira Castro e Mendes de Aragão, conselheiros do governo dos mascates. Não contentes com incumbir-me deste gravíssimo mister, exigem que eu me ponha a caminho de hoje para amanhã. Neste sentido recebi, à entrada da noite, nova carta de frei José de Monte Carmelo, que Antônio Coelho me mandou trazer por Pedro de Lima. Entre as três e as quatro horas da madrugada hão de estar por aqui os meus companheiros de jornada à Paraíba. Oh, que colisão cruel, Marcelina?

— E seu padre vai fazer este serviço aos mascates? Perguntou a cabocla.

— Eu deixo o Cajueiro, mas, aqui em particular, que ninguém nos ouça, devo dizer-te: não vou nem para Paraíba, nem para Goianinha. Vou para... Nem sei para onde vou eu. Vou fugindo de mascates e de nobres.

— Mas, meu Deus, como há de ser isso? Pois vosmecê nos deixa assim?

— Nem uns nem outros têm razão, Marcelina. São exagerados ambos em suas paixões. Cegou-os a vaidade, o interesse, o capricho condenável. Deviam estimar-se e auxiliar-se mutuamente como dantes; mas não; hostilizam-se, como se fossem dois povos bárbaros e inimigos, como se não tivessem laços comuns — a mesma nacionalidade, a mesma religião, a mesma língua, as mesmas leis. Porque é que brigam eles? Por um pedacinho de governo? Por uns

vinténs de mais ou de menos? Por uma vila? Mas em uma terra imensa, como esta, que ainda por muitos séculos há de ser um mundo universo, onde poderão aposentar-se todas as nações da Europa, brigar por uma vila, por um engenho, um armazém, uma loja, um assento no senado da câmara, é dar testemunho de ter o entendimento obscurecido pelas trevas da ignorância ou da loucura. Querem destruir-se os dois loucos? Pois destruam-se, como querem; eu é que não hei de ir meter-me entre eles dois. Ambos são meus irmãos; mas como não posso nem mesmo com um só deles, quanto mais com ambos juntos? O recurso que tenho é deixá-los pegados até que, pela dor física, pelo sangue derramado, pela fome criem ambos medo à luta e volte um para a loja e o outro para o engenho a tratar, já com as paixões castigadas e o juízo claro, dos seus interesses particulares. O padre inclinou a cabeça, como quem meditava, e, passado um momento, voltando-se para Marcelina, disse-lhe com evidente desprazer e tristeza:

— Vou passar ao segundo ponto de minha confissão.

— Seu padre pode falar, que eu estou ouvindo com toda a atenção, respondeu a cabocla.

CAPÍTULO 21

O padre prosseguiu assim a sua confidencia:

— Abro o livro da minha vida sacerdotal para ler a triste e vergonhosa história que te quero confiar. Custa-me por extremo volver a folha negra em que está escrita, além desta história, a minha própria condenação. Mas fio que serás indulgente para os culpados. Na juventude, Marcelina, são veementes e cegas as paixões, a carne obra como tirana; a fantasia, mais tarde estrela de branda luz, não passa então de chama afogueada — ilumina, mas queima. Quando chega a idade madura, e o entendimento, como magistrado íntimo, examinando, apreciando e julgando os atos da mocidade, descobre os montões de cinzas a que o fogo da paixão juvenil reduziu sentimentos e princípios respeitáveis, e por baixo dessas cinzas fundos abismos e tenebrosas sepulturas; quando a razão, já educada pelos anos e fortalecida com o conhecimento exato das coisas, transmite à consciência suas severíssimas leis, e exige o preenchimento delas, a frágil personalidade humana não tem para sua defesa outra voz além desta: 'Perdão, ó homens! Perdão, ó Deus!' Presta atenção, Marcelina. É chegado o momento do terrível sacrifício. Vou enfim abrir a teus olhos o lugar mais recôndito do meu coração. Não te aterres com o espetáculo, nem digas a ninguém que debaixo das cinzas de minha velhice se aninha uma serpente que me prende, como anel de fogo, ao inferno.

Seu padre! exclamou a cabocla, profundamente abalada. Juro-lhe que lhe guardarei segredo até à morte. Houve aqui há anos uma terrível epidemia de bexigas desde o Recife até à Paraíba. Morreu gente sem conta por esses povoados e estradas afora. Tu hás de estar lembrada.

— Ainda me lembro dessa peste. Se eu estive às portas da morte...

— Pois bem. Por esse tempo achava-me eu no convento de Iguarassu, donde, por ordem do bispo, parti para Três Ladeiras, a fim de prestar os socorros espirituais à pobreza, que estava aí morrendo no maior desamparo e impenitência. Uma noite de muita chuva, tenho ainda na memória bem frescos todos os passos, especialmente os primeiros do meu erro, quando eu voltava de um sitio aonde tinha ido ouvir de confissão um moribundo, senti-me de repente assaltado de tremedeiras tão fortes que não sei como não vim do cavalo em terra; estava pesteado. Felizmente, alguns passos adiante, havia uma casa na beira do caminho, e dentro dela vi lume aceso. Pedi agasalho, o qual não se fez esperar. As moradoras, que me conheciam de ver-me passar todo dia pela porta, acolheram-me com as maiores atenções. Era uma mãe com sua filha, ambas viúvas. Não só durante o período agudo da enfermidade, mas durante a convalescença, que foi longa, nunca resfriou o zelo delas. A filha era nova e mui gentil. Enfim, Marcelina, quando voltei um mês depois à minha casa, levava comigo dois inimigos cruéis, uma paixão e um remorso. O primeiro destes inimigos pude vencer, pretextando cansaço e fraqueza, e voltando ao convento; o segundo porém nunca mais saiu de minha consciência; há de baixar comigo à sepultura. Só Deus sabe, Marcelina, se esse crime não chamou sobre minh'alma a condenação eterna.

— Deus tem sempre o perdão para os bons.

— E eu fui bom? Fui pusilânime e réprobo. Tempos depois, dentro de minha cela, recebi uma carta. Aquela que me fizera cair e que eu arrastara em minha queda, tinha sido mãe e pedia-me que olhasse por ela e pelo filho. A velha tinha falecido, deixando a filha só no mundo, com o testemunho vivo do meu crime. Nos primeiros tempos olhei de longe pela infeliz e pelo fruto do nosso amor fatal; mas sabendo depois que ela se havia desmandado em sua vida, faltou-me generosidade para continuar-lhe os meus auxílios. Todavia, eu não perdia de vista esses entes com os quais o destino me prendera por inquebrantáveis cadeias. Quando ela se mudava de uma terra para outra, como muitas vezes aconteceu, eu achava sempre no novo lugar pessoa de minha confiança a quem recomendar a criança que, rendendo a homenagem devida à decência, eu dizia ser ligada comigo por parentesco remoto. Essa pessoa era o vigário ou outro qualquer sacerdote. Um dia recebo uma carta em que o vigário da freguesia, onde a mulher e o menino estavam ultimamente residindo, me informava da morte da mãe e do abandono do filho. A carta fora retardada, de sorte que quando me chegou às mãos, mais de um ano tinha decorrido depois de sua

data. Sendo-me então mais fácil tomar o menino à minha conta, não só pelo falecimento daquela que a ele tinha melhor direito do que eu, mas pela minha secularização, corro ao ponto em que o devia encontrar, impaciente por ver e conhecer aquele que na forma de espinho eu trazia incessantemente na consciência. Oh que amargas decepções não foram as minhas, quando aí cheguei! O menino tinha no lugar as mais tristes tradições que se podem imaginar, e, para cúmulo do meu desgosto, mão desconhecida o tirará violentamente, posto que com satisfação de todos os moradores.

— Meu Deus! Que está dizendo, seu padre? inquiriu Marcelina, abalada e confusa destas notícias, que caíam em seu espírito na forma de raios de luz.

— Tu sabes o resto, Marcelina.

— Eu, eu?

— Sim. Não te lembras do que fiz quando, de volta do engenho, entrei em tua casa?

— Já me não lembro, seu padre.

— Pois lembro-me eu chamei Lourenço para junto de mim, meti-o entre as minhas pernas e abracei-o. Ah! era a primeira vez que eu via meu filho. Seu filho! Pois Lourenço é seu filho, seu padre! exclamou a cabocla, fazendo gestos e meneios, que acusavam intenso e súbito prazer. Oh! meu Deus, como eu sou feliz!

As lágrimas saltavam dos olhos dela, mas não eram desacompanhadas; o padre também chorava.

— Feliz foi Lourenço, feliz fui eu, disse ele. Se não foras tu, alma privilegiada, mãe perfeita, honra das mulheres, brilho do lar, se não foras tu, o que seria desse menino que vivia como animal imundo na povoação condenada? Mas... estou ouvindo o rumor de passos. É talvez Lourenço que se aproxima. Mudemos de assunto. Não te esqueças, Marcelina, do que me prometeste. Não reveles a ninguém a minha fealdade moral. Ninguém saberá o que vosmecê acaba de contar, menos Francisco. Francisco? Tens razão. A Francisco, primeiro instrumento da Providência para a mudança radical do destino de Lourenço, podes e deves referir toda esta história. Agora uma última palavra. Retiro-me deste lugar sem saber para onde vou. Se eu vier a morrer antes de terminada esta guerra, que me aparta de vocês contra a minha vontade, logo que tiveres notícia, faze Lourenço senhor do seu próprio segredo e entrega-lhe este papel, que ele deve apresentar às justiças. Não é meu testamento, é a doação que lhe faço, de meu sitio e de todas as terras que me pertencem.

— O padre Antônio entregou a Marcelina o papel a que se referira. Era tempo. Lourenço entrava para dizer que seus serviços já não eram necessários no sítio.

Por derradeiro, quero dar-te um conselho, Marcelina, disse o padre levantando-se. Ao que parece, está projetado um ataque ao engenho. Devem passar por aqui os assaltantes, e natural é que tentem algum desacato a vocês, por se vingarem das relações que Francisco mantém com o sargento-mor. Por isso prudente me parece que não pernoitem aqui por estes tempos. No engenho, onde há mais força, deve haver mais segurança. Seu padre tem razão, respondeu Marcelina.

— Mas no engenho é que eles têm sede, observou Lourenço.

— Pois façam o que lhes parece melhor, tornou o sacerdote.

— O melhor é irmos para a casa grande enquanto é cedo, disse a cabocla.

— Verdade seja — acrescentou o rapaz — que eu devo estar junto de Germano, para ver esse negro o que faz. Vosmecê bem sabe porque é que eu digo isto, minha mãe.

— Está acertado. Vamos já.

— Adeus, Marcelina. Deus te abençoe, Lourenço, disse o padre Antônio, limpando a furto duas lágrimas que lhe apontaram nos olhos, e encaminhando-se para a estrada.

Daí voltou-se para dizer: - Escuta de lá, Lourenço. A chave da casa, na ocasião de sair, mando por debaixo da porta. Quando voltares do engenho, achá-la-às da banda de dentro. Senhor sim.

Uma hora depois Lourenço e Marcelina tomavam para o Bujari. Não se meteu muito que o padre Antônio com seu escravo José deixou como eles a estrada, seguindo porém diferente direção. Era madrugada velha quando entrou pelo Cajueiro o Tunda-Cumbe com sua gente. Pedro de Lima bateu com o coice do bacamarte sobre a porta da casa de Francisco, e como daí ninguém lhe respondeu, foi ele o primeiro que pôs fogo nela. Outros bandidos o imitaram, tomados da volúpia feroz que caracteriza os celerados. A casa do padre foi poupada por ser de quem era. Mal sabiam eles que poucas horas antes tinham voltado daí, inteiramente frustrados em sua expectativa e sem poderem explicar o fato que profundamente os contrariaria, dois parciais dos mascates mandados por Antônio Coelho com todo o necessário para acompanharem o padre à Paraíba.

Ao clarão do incêndio, penetraram os malvados na mata, caminho do engenho, supondo que iam surpreender o sargento-mor. Este porém, advertido desde

muitos dias atrás por diferentes circunstâncias, suspeitas e até boatos, tinha-se passado àquela tarde para o sobrado que costumava ocupar, quando festas públicas ou negócios particulares exigiam a sua estada temporária na vila. Marcelina e Lourenço, não tendo encontrado a família na casa grande, foram reunir-se com ela em Goiana.

O sobrado estava situado no quarteirão fronteiro à igreja do Carmo. Ficava olhando para o cruzeiro de pedra que aí se vê e do qual se diz que em seus alicerces se acha enterrado grande tesouro destinado pelo instituidor à reedificação do convento, se suceder que venha a cair em ruínas.

Esta tradição existia já em 1711 porque, por ocasião de um dos oitos motins de que, durante a guerra dos mascates, foi teatro Goiana, um bando da gente do Tunda-Cumbe atirou-se ao cruzeiro, e a uso dos vândalos, que tudo destruíam, mutilou parte da larga e solida peanha, sobre a qual ainda hoje se mostra assente a cruz, e fez profundas escavações, afim de ver se davam com o cabedal oculto. Não se sabe se a sua expectativa foi satisfeita ou iludida. Neste ponto a tradição anda adiante.

Com o sargento-mor tinha ido para Goiana grande parte da escravatura; o restante ficara no engenho para o guardar e defender, sob as ordens de alguns moradores, entre os quais se apontava o Vitorino, cuja intrepidez era por todos conhecida. A mudança fora súbita.

Quando a coluna invasora chegou ao engenho, já era aí esperada; e por isso foi recebida com todas as honras. A defesa tinha sido bem organizada por Vitorino e seus companheiros. A casa grande semelhava uma cidadela fortificada. Mas, infelizmente, o ânimo que sobejava nos moradores, faltava nos escravos. Enquanto aqueles faziam prodígios de valor, estes defendiam as entradas frouxamente. Dentro em pouco tempo conheceram os assaltantes, superiores aos assaltados não só em número, mas no manejo das armas, que a praça não tardaria em cair debaixo do seu poder. Cômico desta verdade, o Tunda-Cumbe chamou de parte o Padre Lima e o Gonçalo Ferreira, deu-lhes ordens à puridade, e, pondo as pernas ao cavalo, desapareceu por entre uns canaviais que do lado direito vinham morrer no cercado. Vitorino, que de uma das janelas tinha debaixo das vistas o movimento inimigo, viu aos primeiros clarões do amanhecer, tomar o caminho de sua casa o chefe da quadrilha.

Não foi preciso mais para compreender a intenção do bandido.

A honra de suas filhas, único tesouro, único dote delas e principal orgulho da família, afigurou-se-lhe, não sem razão, ameaçada de iminente desastre. O almocreve esqueceu o sobrado pela palhoça. Naquele estava uma fortuna de grande valor, consistente em jóias, moveis e outros muitos objetos preciosos; nesta havia a pureza de duas graciosas donzelas, que representavam a seus

olhos anos de trabalho, de sacrifícios, e de bem querer. Em seu coração, em sua alma, tinham muito mais peso os risos gentis, as graças meigas, o amor modesto, de Marianinha e Bernardina, do que toda a prata, todo o ouro, todos os brilhantes de João da Cunha e de d. Damiana. Vitorino desceu a modo de impelido por sopro de tempestade, montou em seu cavalo, que, por cautela, retivera amarrado no vão do sobrado, e por uma aberta que fez na cavaliça pode ganhar os canaviais sem ser visto pelos assaltantes.

Antes de chegar à casa, encontrou-se com Joaquina que já vinha, como louca, em procura dele.

Corre, corre, Vitorino, que talvez ainda pegues o malvado, o Tunda-Cumbe, que nos vai roubando a nossa filha, gritou a pobre mulher, os cabelos desgrenhados, as faces cobertas de lágrimas, e no semblante os traços violentos do maior desgosto que ela tinha sentido até esse momento na vida. Eu tudo vi da casa grande, disse ele. Miserável!

E logo acrescentou, descobrindo umas cinquenta braças adiante de se o Tunda-Cumbe, já a perder-se de vista, pela veloz corrida do cavalo, por entre o mato com a Bernardina atravessada sobre as pernas:

— Ou tu me matas, ou tu morres!

— Ah! minha filha, minha querida filha! dizia Joaquina, carpindo-se na sua grande aflição. E onde está Marianinha? Ó Marianinha? chamou a agoniada mãe.

Dentre umas moitas emergiu então a alguns passos de Joaquina a rapariga, por quem ela acabava de chamar. Os matos tinham-lhe rasgado a coberta em que se envolvera na ocasião de fugir com medo do malfeitor.

Vinha chorando, e estava pálida, triste, trêmula. Do grande susto o coração parecia querer sair-lhe pela boa. Ela semelhava rolinha espantada por tiro de caçador.

— Minha mãe! minha mãe! Que desgraça foi esta?

— Não podia ser maior, minha filha.

— Não fale assim, que ainda pode ser pior, minha mãe!

— Olha. Lá vai o malvado com tua irmã.

E Joaquina apontou para uma baixada, onde nesse momento apareceu o Tunda-Cumbe.

— E lá vai meu pai, lá vai meu pai já a pegar seu Manoel Gonçalves. Oh meu Deus! Que é que me está dizendo baixinho, minha mãe?

— Nada, Marianinha, estou rezando, para que Deus se lembre de nós neste cruel transe.

De repente, aquela mãe e aquela filha, como se tivessem a mesma impressão e a mesma idéia, ou se deixassem vencer pela mesma força intuitiva e fatal, deram alguns passos violentos para diante, com os olhos, para não escrevermos o coração, a alma, postos nos dois cavalheiros que corriam na baixada. Ambas tinham visto o que ia na frente, voltar arrebatadamente o animal e esperar o segundo; tinham visto este atirar-se para aquele com sua arma de fogo em uma das mãos e na outra o facão desembainhado; tinham ouvido a detonação de um tiro, à qual se seguira uma nuvem de fumo que envolveu os dois contendores.

Mas não se meteu muito que as mulheres recuaram espavoridas, levantando alto brado de dor, que atroou todo o deserto. O Tunda-Cumbe acabava de desaparecer no mato com sua presa, enquanto Vitorino ficava caído na baixada, estorcendo-se nas convulsões da morte.

CAPÍTULO 22

O engenho, que ainda defendido por Vitorino, teria de render-se às armas numerosas e práticas dos agressores, não podia, na ausência dele, sustentar-se a não ser por poucos momentos.

De feito não era ainda de todo claro o dia, quando as portas da casa grande abalada em seus fundamentos caíam a poder de machados e por cima delas entravam em borbotões os malfeitores impacientes pelo saque.

Este foi feito com desabrimento incrível. Aquela malta de homens perdidos que, no rancho do Sipó, explorados pelo chefe, se haviam acostumado a odiar os nobres e a cobiçar os seus haveres, deparava enfim, depois de esforços e tentativas malogradas, ocasião oportuna para matar a sede de vingança e ouro que os abrasava. Para quase todos havia sabor especial nesta negra vitória. A casa, que destruíam, saqueavam e humilhavam, era propriedade de João da Cunha, dentre os nobres o mais odiado, por ser talvez o mais poderoso e vingativo deles. Por isso destroem e aniquilam o que não lhes excita a ambição ou não podem conduzir em seus sacos. Moveis preciosos são jogados das janelas ao pátio, onde se despedaçam. Cada queda, cada destruição serve de objeto a indecentes motejos e dá lugar a indignos comentários. Enfim, longe iríamos se quiséssemos descrever as cenas aviltantes e lastimáveis que dentro de horas se representaram na aristocrática vivenda do sargento-mor.

Tinham eles dado com o deposito dos vinhos — a rica adega do fidalgo — e já se entregavam aos deliciosos espíritos, quando, trêmulos e aterrados, entraram correndo alguns dos espias que, por ordem do Tunda-Cumbe, estavam vigiando nos cantos mais importantes do cercado.

— Fujamos, fujamos, que ai vem uma grande força.

— Bem se dizia que ela havia de vir — disse Pedro de Lima.

— Vamos a seu encontro — gritou Gonçalo Ferreira.

— Não, não — replicou Pedro de Lima. Ganhemos o mato sem demora. Quando tiver passado, iremos atrás dela, que ficará entre dois fogos — o nosso, pela retaguarda, e o de Luiz Soares pela vanguarda. Luiz Soares a esta hora, se entrou pelo Tanquinho, já deve estar senhor da vila. Faremos a junção e queimaremos os pés-rapados um por um.

— Está dito.

‘Sair’ foi o grito que irrompeu de todos os peitos.

Ao grito seguiu-se o exemplo.

A força, como o leitor já deve ter compreendido, era a que Gil Ribeiro comandava.

Vendo da estrada abertas as portas e janelas do sobrado, espalhados pelo pátio os moveis, alguns dos quais, formando pequenos adjuntos, eram nesse momento presa das chamas, não pode Francisco acabar consigo que não fosse de perto verificar este lastimoso espetáculo.

Quando esbarrou na frente da casa e reconheceu a terrível verdade, uma idéia lhe atravessou o cérebro, iluminando-o como relâmpago. Esta idéia lhe dizia que a sua casa tinha sido abandonada por Lourenço e Marcelina, como o engenho lhe pareceu que o fora por João da Cunha.

— Eles não morreram. Estão todos no sobrado. Oh meu Deus! Permitti que assim seja.

Estas palavras consoladoras, que lhe saíram irresistivelmente dos lábios, foram como as primeiras manifestações de nova alma que lhe entrara no cérebro. Voltou imediatamente à estrada e se incorporou outra vez na tropa que já corria a marche-marche para a vila, por ordem de Gil.

Pedro de Lima não se enganava. Desde o amanhecer achava-se Luiz Soares com suas forças em Goiana e dava ai que fazer à nobreza.

Nesta vila lavrava a anarquia, ora mais, ora menos, extensamente desde 3 de julho, data do primeiro motim. Não menos de oito foram eles, número que se elevará a muito mais, se aos movimentos das ruas, em certo modo organizados, juntarmos as disputas particulares, os desforços pessoais, as afrontas e os desagrvos feitos em público, enfim todos os conflitos naturais de duas forças políticas que se hostilizam a todo o transe no pressuposto de aniquilar-se mutuamente.

Além destas circunstâncias comuns a todas as guerras civis, uma circunstância especial tornava mais perigosas e frequentes as agressões e as represálias em Goiana — a de serem os goianistas ardentes assim nas lutas da razão, como nas do sentimento.

De data imemorial é a terra de Nunes Machado, de Arruda Câmara e de tantos outros vultos eminentes, foco de faculdades viris fácil de acender-se, difícil de apagar-se. Filha legítima do Recife — vasto laboratório, em que fermentam as paixões populares sem intermitência, ainda que fria serenidade pareça algumas vezes indicar enfraquecimento ou sono da grande alma pernambucana que tem aí a sua sede, Goiana sempre representou conspícuo papel nas agitações da província.

Conhecedores da influência, não só comercial, mas também política da vila, puseram os mascates particular empenho em tê-la de seu lado; e neste pressuposto fizeram dela sua segunda praça forte, ou o principal ponto dos seus recursos e forças, depois da capital.

Logo que no Recife se fez sentir a falta de víveres, foi de Goiana que trataram de os enviar para os sitiados. Um óbice porém apresentou-se imediatamente, o qual muito deu que pensar aos insurgentes — a rixa em que estavam com os habitantes de Goiana, os da Ilha, rixa que tem sua natural explicação, que é a seguinte:

De Itamaracá sede de uma capitania independente de Pernambuco, por doação que a Pero Lopes de Souza fizera por carta de 1º de setembro de 1534 d. João III, fora mudada a câmara para Goiana em 1685. Despeitados, começaram desde então os moradores de Itamaracá a ter para os de Goiana o sobrolho carregado, e não perdiam ocasião de lhes dar mostras do seu desagrado. Altos empenhos a favor da ilha, se não foram falsas informações movidas secretamente contra a vila, deram lugar a expedir-se em data de 20 de novembro de 1709 ordem regia, determinando voltasse para aquela a câmara que de lá saíra. Este ato veio converter em novos ódios ressentimentos antigos. Por isso não foi preciso, para que os da ilha tomassem o lado do governo, isto é, o da nobreza, mais do que saberem que Goiana se amotinara contra ele. Não podendo porém a primeira competir com a segunda, e havendo até suspeitas de que, para impedirem que fossem tomadas pelas autoridades da ilha os gêneros

remetidos pelos mascates para o Recife, tentavam estes apossar-se dela, encarregaram os governadores militares o ajudante de tenente Gil Ribeiro de ocupar o Forte de Orange. O ajudante ai esteve até que partiu, por nova ordem, para Goiana, segundo vimos.

A pacificação desta vila era na realidade empresa que exigia ânimo e espíritos fortíssimos. Nunca estivera tão acesa ali a fogueira das paixões partidárias, como nos últimos dias que precederam ao da chegada de Gil Ribeiro. A nobreza, em consequência da voz, que correra dias antes, de que o bando de Paraíba, de passagem para o Recife, tomaria em Goiana larga desforra das anteriores represálias, entendeu em fortificar-se, posto que sem ostentação, visto como os seus recursos não eram grandes, nas mais importantes embocaduras.

Nesse tempo a vasta campina que hoje se interpõe entre a ponte de Goiana, na Rua do Rio, e o ancoradouro das barcas, denominado Porto da Conceição, era um sitio ocupado por Jorge Cavalcanti, no qual tinha ele grandes olarias. A casa de morada ficava no centro das terras. Do mirante punha-se debaixo das vistas toda a volta do rio Goiana que vinha do Porto da Conceição, passava pela frente da campina e ia morrer, como ainda hoje, no lugar onde se vê o trapiche, que há poucos anos serviu de casa de teatro.

Não estava então obstruindo o rio. Barcos e sumacas chegavam até ao pé das casas da rua e ai recebiam ou deixavam os seus carregamentos.

Com o pretexto de fortalecer as barreiras para o embarque de tijolos e louça, mandou Jorge Cavalcanti levantar em vários pontos estacadas de pau-a-pique. Por trás das estacadas vastas tulhas de barro, e pela frente, no espaço da margem que ficava descoberto, largos e traiçoeiros fojos, eriçados de mortíferos espeques, davam a esta posição as vantagens da primeira fortificação da nobreza, visto que cortava quaisquer inimigas comunicações da Paraíba com a vila pelo rio.

Do lado do norte eis em que condições se achava a defesa.

Nas terras que ainda se denominam — Tanquinho — tinha o ex-alcaide-mor Manoel Cavalcanti de Lacerda sua casa de morada, a qual ficava na beira da estrada que vinha da Paraíba.

O ex-alcaide-mor sem hesitar um só momento aproveitou-se dessa importante posição. Não somente concentrou ai seus recursos, mas também mandou levantar ao longo da estrada e por dentro dos matos, trincheiras singulares, que grandes danos deveram causar aos assaltantes, se eles por ai tivessem feito a sua entrada. Mas não foi isto o que aconteceu, e assim destas amplas defesas, como das de Jorge Cavalcanti, que não o eram menos senão mais, como vimos, não se disparou um só tiro contra os da Paraíba, visto que, de tudo informados,

não obstante serem grandes as cautelas tomadas e o segredo mantido sobre tais fortificações, cortando por diferentes caminhos, entraram na vila por onde não eram esperados como adiante veremos.

Cosme Cavalcanti ocupava o sobrado que ainda existe do lado direito, no fim do Beco do Pavão e que dá para a Rua do Meio.

Chamou para junto de se e lhe entregou o comando de varias ordenanças, que estavam de prontidão no pavimento térreo do sobrado, o alferes Diogo de Carvalho Maciel, o qual tão brilhante nome deixou por seus feitos nessa guerra. Felipe Cavalcanti, que morava na Rua da Soledade, e José de Barros na Rua das Porteiras tinham também consigo gente armada, e só esperavam qualquer indicio de rompimento para caírem sobre os inimigos.

Guarnecia a cadeia o ilustre capitão Antônio Rabelo, que, por ocasião dos primeiros motins, fora destacado pelo governo para auxiliar na vila a defesa das autoridades e dos moradores pacíficos; e a todos inspirava a maior confiança.

João da Cunha trazia a sua gente no vasto armazém que ficava por baixo do sobrado por ele ocupado. Varias caixas de açúcar, que a esse tempo ainda ai se viam, porque tanto que se trocaram as primeiras hostilidades, cessaram as transações entre os agricultores e os comerciantes, haviam sido colocadas por trás das portas da frente, de modo que pudessem servir de trincheiras com avançada para o Pátio do Carmo.

Estava sujeito a especiais perigos o ponto ocupado por João da Cunha, em consequência de se achar fronteiro ao convento, que era, para assim escrevermos, o quartel-general dos mascates, sendo por estes os frades, graças à influência dos da recoleta. No convento achavam-se recolhidas armas e munições mandadas de Recife para serem distribuídas pelos amotinados.

Eram estas as condições da defesa dos nobres em Goiana. Volvamos agora rápida vista-d'olhos sobre as dos seus adversários.

O plano destes era realmente tenebroso, e não ficava a dever ao da nobreza.

João da Maia, não obstante se mostrar mais moderado em sua ardência contra os senhores de engenho, do que ao princípio, escrevera na véspera o Antônio Coelho:

'Amanhã há de estar logo muito cedinho ai Luiz Soares com seu terço, passante de quinhentos homens.' O próprio Luiz Soares mandara dizer a Jerônimo Paes por seu parente Joaquim Silvério:

‘Espere por mim com minha gente para almoçarmos. Queremos panelada gorda e bom vinho.’ O Tunda-Cumbe a quem Antônio Coelho escrevera aconselhando-o a que entrasse ao mesmo tempo que Luiz Soares a fim de ser decisivo o golpe que se desfechasse sobre a nobreza, respondera dizendo que não faltaria.

Por volta das cinco horas da tarde do dia anterior ao da entrada de Gil, justamente quando em sua casa fazia Antônio Coelho com Jerônimo Paes o compute das forças, que deviam no dia seguinte tomar Goiana, entrou na sala um pardo, escuro, corpulento, mal encarado, por nome Bartolomeu. Era o mestre de uma barcaça de Antônio Coelho, circunstância a que talvez devia a particular confiança que nele tinham os principais negociantes da vila.

Ao parecer, sua chegada não era esperada, visto que deu lugar a revelarem surpresa, posto que agradável, os dois amigos.

— Já de volta, Bartolomeu! exclamou Antônio Coelho. Prósperos te foram os ventos.

— Cheguei há poucas horas, respondeu o barcaceiro.

— Então? Inquiriu Jerônimo Paes. Foste feliz na viagem? Chegaram ao Recife sem novidade os víveres que mandamos?

— Por força, respondeu Bartolomeu com segurança.

— É um herói, disse Coelho.

— Não foi sem perigo que cheguei ao meu destino. Da ilha tentaram cortar-me a marcha da embarcação. Mas eu fiz-me no largo com tão boa hora, que ainda me procuram supondo-me fora da barra, quando eu já fui e já aqui estou. E que novas nos trazes? Boas ou más? Interrogou Coelho.

— As novas mais importantes devem vir nestas cartas — disse o barcaceiro, entregando ao negociante um alentado maço de papel.

Coelho rasgou com violência o envoltório que reunia em um só volume a sua correspondência, e pôs a devorá-la.

Entretanto Jerônimo Paes não cessava as indagações sobre o estado do Recife e dos seus habitantes sitiados.

— O que eu sei dizer é que a fome dentro da vila é de meter horror, - disse o barcaceiro. Dá-se um vintém por uma espiga de milho e não se encontra. Não há carne de espécie nenhuma. De farinha não havia nem um carço antes de eu lá chegar. Um papagaio já serviu de galinha para caldo de um doente. O forte da população é o marisco-pedra, tirado nas coroas quando a vazante as descobre. Mas vosmecê não sabe que perigo corre o que lá os vai apanhar. Mais de

cinquenta negras mariscadeiras tem caído no poder dos pés-rapados que fazem o cerco da vila. Muito pescador de marisco tem morrido de tiro.

— E porque não rompem o cerco? Para que servem os que estão dentro? Onde está o ânimo dessa gente? Que faz Mota? Oh que gente! Que gente!

— A coisa não é tão fácil como parece. Seu governador João da Mota tem metido a cabeça muitas vezes para romper o cerco; mas os pés-rapados são muitos; têm toda a vila rodeada de corpos de guarda. Dormem ainda menos do que tetéu. Estão sempre alerta.

— E que tem feito d. Francisco e o Camarão? Acham cedo ainda para avançar contra os sitiantes?

— Ainda não puderam ser bons em nada. Os pés-rapados cada dia fazem uma das suas pelos caminhos e engenhos onde vão topando gente contraria. Se o cerco durar mais um mês, a vila entrega-se; porque à fome ninguém resiste. Fome tem cara de herege patrão.

Não há de ser assim — disse Coelho, atirando sobre a mesa junto à qual estava sentado, as cartas que acabava de ler — não há de ser assim. Em poucos dias nós os de Goiana havemos de romper o assedio e levantar nas ruas do Recife, livres de qualquer embaraço a autoridade real, agora vilmente abatida pelos rebeldes, já que os de lá não dão acordo de si. Aí tendes, Sr. Paes o que me escrevem Mota, Correia Gomes e Simão Ribeiro, acrescentou dirigindo-se a Jerônimo Paes. Lede. Quando acabardes, mandai levar ao provincial esta carta do padre João da Costa.

E voltando-se para o barcaceiro, perguntou-lhe como por encher o tempo:

— Que mais, Bartolomeu?

— Na botica do Rogoberto estava muito povo reunido agora mesmo. Dizia um que seu João da Cunha tem a fabrica e os moradores na vila para em caso de necessidade saírem armados contra os mascates. Dizia outro que Antônio Coelho e seu Jerônimo Paes não têm armas nem dinheiro para dar ao povo que os quiser acompanhar ao Recife.

— Qual foi o infame pé-rapado que aventurou semelhante aleivosia?

— Quem estava dizendo isto era o Ricardo.

— Ajustaremos já estas contas, disse Paes. Irei à botica para o desmentir, falarei ao povo. Isso não se atura. Hão de ver para quanto presto.

— Sim, sim, meu amigo. É da maior conveniência opor à mentira o desmentido. Ireis à botica sem falta, não é assim, Sr. Paes?

— Irei. Porque não? Irei já, agora mesmo — disse o marchante, levantando-se para sair.

— Antes de irdes, quero lembrar-vos uma providência. Bem sabeis, Sr. Paes, que sem dinheiro não se fundam reinos. Vinde comigo até cá dentro. Acompanha-nos, Bartolomeu. Quero que vejas com teus próprios olhos as coisas quais são, a fim que possas com segurança saber quanto são infames os que nos irrogam faltas e fraquezas que não temos.

— O pavimento inferior era repartido em duas metades. Para a da frente, na qual estava a loja com todas as suas dependências, entrava-se pelo lado da rua; para a outra descia-se por uma escada que comunicava com o primeiro andar por dentro de um gabinete secreto. Coelho, Paz e Bartolomeu atravessaram esse gabinete, desceram a escada e chegaram ao pavimento, que se esclareceu à luz de um candeeirinho de prata de que se munira Coelho quando teve de descer. O vão ocupava uma quinta parte do prédio. Não tinha portas nem janelas, nem sequer frestas. Era um como túmulo, sem nenhuma outra comunicação com o ar e o mundo, a não ser a que se prendia à escada. Espalhados pelo chão viam-se alguns caixões de pinho, e encostados a um canto objetos que reluziam. Coelho levantou a tampa de um desses caixões para que o barcaceiro visse o seu conteúdo. Que é que estás vendo, Bartolomeu? perguntou ele a modo de desvairado.

— Armas de fogo, patrão.

— É verdade; são armas. Foste tu mesmo que as trouxeste, supondo que trazias ferragens para o engenho que estou construindo. São trezentas espingardas e duzentos bacamartes. Aquilo que reluz dali do canto são espadas, catanas e parnaíbas. Já vês que Ricardo não passa de um mentiroso, um desprezível vilão. Agora subamos.

Subiram.

Ao penetrarem no gabinete, onde se escondia a escada, Coelho indicou ao barcaceiro um animal de tamanho descomunal, deitado aos pés da cama de seu uso.

— Que te parece isto, Bartolomeu? perguntou Coelho.

— Um grande cachorro. Oh que monstro!

— É o meu defensor. Ele agora está dormindo. Aproxima-te. Tens medo? É um cão que só tem dentes para os ladrões.

— O barcaceiro, em vez de se aproximar, afastou-se. Coelho e Jerônimo sorriram. Não fujas. O animal é benévolo e inofensivo. Pega neste candeeiro e

encosta-te bem a mim para o poderes ver de perto. Ficarás sabendo o que ele vale. Não sem receio, Bartolomeu fez o que mandara o mascate. Este meteu então no canto de um dos olhos do animal adormecido um pequeno objeto que tirara do bolso. Houve um como movimento na fera, o que fez o barcaceiro recuar amedrontado. Não fujas, Bartolomeu. Estou aqui. Aproxima-te.

— Aos olhos de Bartolomeu mostrou-se então um sonho, uma visão deslumbrante e incrível. O animal tinha-se aberto pelo ventre de banda à banda; e naquela sobre a qual estava deitado, o que o barcaceiro descobriu foram dobras em pequenas tulhas, formando carreiras pelo longo vão. Ó xentes! exclamou Bartolomeu maravilhado. Quanta moeda, quanto ouro! Meu Deus! Pois é esta a burra de seu Coelho?!

— Todo este dinheiro, disse o negociante, ganhei-o eu pela minha industria nesta terra. Devo acaso à terra ou ao meu trabalho, as minhas economias? Devo-as ao meu trabalho; a terra não dá dinheiro. Os preguiçosos não serão capazes de o ajuntar, ainda que morram de velhos no país mais fecundo e rico do globo. Dizem que esta terra é deles. Não há tal. O mundo é da humanidade. Povos que vivem hoje em um ponto, podem viver amanhã em outro com o mesmo direito. Assim os homens que trabalham. Pois bem, todo este cabedal, adquirido com o suor do meu rosto, será aplicado em defesa da autoridade real e do interesse do povo, a que os nobres tencionam antepor o seu bem estar, a sua rebeldia. Mas não percamos tempo, Sr. Paes, disse ao marchante, pegando de um açafate e atirando dentro nele algumas das tulhazinhas de dobrões, que se viam enfileiradas no ventre do cão de bronze. Eis a minha idéia. É preciso desfazer imediatamente, com dinheiro, as invenções de Ricardo. Correi à botica do Rogoberto, meu amigo e Sr. Paes. Falai do despotismo da nobreza, da covardia do bispo, da estupidez do bispo e dos nobres. Discorrei com o fervor que vos é natural, sobre igualdade, fraternidade e liberdade. O povo é perdido por estes sentimentos. Espraiai-vos em demonstrardes a conveniência de acabar-se com o cerco do Recife, o qual impede de saírem os nossos produtos, que têm bom preço nas praças estrangeiras, e de entrarem os produtos estrangeiros de que precisamos. Acrescentai que a fome e a nudez hão de chegar dentro de pouco tempo aos campos e aos sertões. Talvez que, estimulados ou advertidos por vossas palavras, muitos dos que vos escutarem queiram pegar em armas contra o juiz ordinário, o sargento-mor, enfim contra as autoridades atuais que tiveram quase todas por origem monstruosa rebeldia. Se o povo se mostrar deliberado a pegar em armas...

— E porque não se há de mostrar? interrogou Jerônimo Paes.

— Tendes razão, tendes razão. Enfim deixo o resto por vossa conta, Sr. Paes. Bem sabeis que o povo de Goiana deve pegar em armas de hoje até amanhã contra os que se dizem nobres. É indispensável que isto aconteça. É absolutamente necessário que a excitação pública, em vez de se moderar, vá

por diante cada vez mais. Ajudados por ela, os amigos, que esperamos, poderão penetrar facilmente na vila e assenhorear-se dela. Acharão os ânimos preparados para a grande empresa.

Estas palavras levaram, como eletricamente, a exaltação, a vertigem ao ânimo do marchante já de se ardente.

Dou-vos minha palavra que em menos de uma hora havemos de ter o povo solto pelas ruas em procura de nobres para amarrar, como se foram caranguejos.

A modo de alucinado, Jerônimo correu imediatamente de escadas abaixo, fazendo tinir as moedas dentro do açafate, e dizendo em altas vozes:

— São rosas que me caíram do céu. Cheguem-se a mim, que hão de ver como são bonitas e cheirosas estas flores consoladoras.

CAPÍTULO 23

Jerônimo Paes mostrava ter quarenta anos. As soalheiras que apanhava em suas frequentes jornadas para Pedras de Fogo a comprar gado e para o Recife a recendê-lo, tinham-lhe dado ao moreno do rosto e das mãos o trigueiro carregado que o fazia parecer homem de cor. Trazia o cabelo cortado rente e a barba inteira.

Esta era negra, espessa e algum tanto hirsuta. Em seu rosto liam-se a energia, a firmeza e a tenacidade do tribuno. A fronte, estreita no alto, alargava-se para os olhos, que eram pequenos, mas vivos e avermelhados. O nariz tinha o quer que era do bico da arara.

Jerônimo enviudara meia dúzia de anos depois de casado. Ficaram-lhe três filhos, a saber Justino, Miguel e Víctor, os quais ao tempo desta história viviam com certa folga de meios, que equivalia à abastança, ou melhor à independência. Além destes, já senhores de si, tinha Jerônimo em sua companhia a caçula, por nome Josefa. Em casa chamavam-lhe Zefinha.

Não era ela nem feio nem bonita, nem alta nem baixa, nem muito morena nem muito clara. Era um todo correto, proporcionado e como feito de propósito para existir justamente na burguesia. Tinha os cabelos corridos e acastanhados, os olhos pretos e algum tanto caídos, o sorriso engraçado, mas sem o colorido, sem o reflexo indefinível que acusa louras esperanças, sonhos purpurinos, anelos vagos mas não de todos cegos, férvido sentimento em quem o sorri.

Sua instrução era vulgar, e a falta dos conhecimentos morais, necessários à mulher por honra sua e segurança do lar que possa ser chamada pelo destino a formar mais tarde, ela a supria com o admirável bom senso e imensa brandura de coração, que a tornavam a primeira prenda da família.

A preocupação principal de Jerônimo Paes, depois de ver seus três filhos casados, vivendo cada um do seu negocio, era achar um homem limpo que quisesse casar com Zefinha.

Um Domingo, em que à porta do sitio que tinha nas proximidades do Poço do Rei, Jerônimo esperava pela filha para ir à missa na Soledade, passou pela frente da casa Antônio Coelho. Como já se conheciam e eram até afreguesados, o marchante tirou conversa com o negociante e o teve preso ao pé de se até que Zefinha apareceu. Seguiram então os três para a vila, e juntos ouviram a sua missa, que teve para o jovem português e a cachopa goianista, particular, posto que vaga delicia.

Zefinha voltou apaixonada. Sentiu durante todo o dia e ainda no seguinte certo bem estar, certa inquietação, certa harmonia, que lhe tiraram a vontade de comer e o sono.

Com o jovem português não se deu o mesmo. De noite já não lhe lembravam outras feições, outros feitiços, que os de d. Damiana, cuja imagem ele trazia permanentemente em seu olhos.

Desse dia por diante começou Jerônimo a aproximar-se mais vezes de Coelho. Primeiro vieram os presentes, depois as visitas, e por fim os convites para almoços ou jantares em sua casa. Dentro em pouco estavam amigos.

Mas ao passo que o marchante não poupava finezas nem esforços para prender definitivamente o negociante, lançava-lhe este outras contas muito diferentes. Gostava de Jerônimo, não desgostava de Zefinha, mas seu ser moral revoava em torno da imagem da jovem senhora de engenho, como em torno de rosa gentil e delicada, revoa, absorvendo-lhe o saudável cheiro, namorado beija-flor. Quando Jerônimo dizia consigo estas palavras: 'Como não havia de ser feliz Zefinha se casasse com Antônio Coelho!' monologava este de se para se do seguinte modo: 'Damiana, Damiana, meu amor, meu bem, minha vida, minha alma, que será de mim dentro em pouco tempo, se sorte propicia não vier arrasar a muralha que nos separa? Ah! eu não posso viver sem ti, delicia cruel de minha existência, doce fatalidade que fizeste de mim escravo e desgraçado!'

Não foi preciso muito para que Zefinha compreendesse que os sonhos de Coelho, seus pensamentos, suas ambições afetivas tinham por objeto outra mulher. Mas, por infelicidade, já sentia ela por ele todos os estremecimentos que revelam a existência da paixão. Herpe, corrosivo, o amor infeliz alastrava

suas vesículas peçonhentas pelo coração virgem da rapariga, envolvendo-o em camada de fogo que o abrasava. Ela sentia o rapaz nos olhos, na fantasia, na luz, na sombra, entre a costura e a agulha, entre o sorriso e as lágrimas, entre a esperança vã e o desengano previsto ou adivinhado. 'Ele não quer saber de mim' dizia Zefinha em seu entendimento. E chorava tristemente. Mas se Coelho aparecia, já ela sorria de novo, não porque volvesse a acreditar, como nos primeiros tempos que o português retribuía o seu afeto, mas porque sua doce imagem lhe trazia o prazer que fugia quando ele se ausentava. A poder do esforço, Zefinha mostrou-se aparentemente senhora de sua paixão. Sem indiferenças despeitosas, sem contentamentos exagerados, ela conseguiu levar ao espírito de seu pai e ao do próprio Coelho a convicção de que, se não era feliz, também não era desgraçada; que sobre o lago azul dos seus afetos pairava a calma da inocência; que por aí não sopravam os vulcões que revolvem o céu de anil da mocidade, e são antes lavas abrasadas do que sopros de tormenta.

Para chegar a tamanho resultado a moça pôs em contribuição toda sua energia, que nunca fora tão grande nem tão bem sucedida. Aquela natureza, a modo de morna e indolente, acendeu-se para a luta, e com suas próprias forças pode triunfar de se mesma. O espírito dominou tiranamente o coração. O bom senso impôs silêncio ao desprezado afeto. Poucas lutas interiores já foram maiores em uma mulher ignorante e de vulgar condição do que a sustentá-la nesse asfixiar de um amor imenso que morria às mãos de quem o devia ameigar e chegar bem ao seio, como fazia às rolinhas gentis de casa. Pelo proceder da filha veio Jerônimo a conhecer que seus desejos e esperanças estavam longe de ser preenchidos. O descontentamento, o pesar trouxe a frieza, não a quebra das relações de amizade que o prendiam ao negociante. Esta frieza durou pouco, porque de certo dia em diante Coelho, fazendo-se mais assíduo em casa do marchante, reanimou, por seu modo de tratar Zefinha, no espírito do pai dela a quase de todo extinta esperança. Se para ter explicação desta rápida e inesperada mudança o marchante houvesse podido penetrar no espírito de Coelho, teria achado aí a seguinte ordem de idéias: Despeitado com João da Cunha, voltava-se para Jerônimo, fazia-o entrever a possibilidade de vir ele Coelho a casar com Zefinha, e por este meio chamava para seu lado o primeiro elemento de hostilidade aos nobres de Goiana, o dito Jerônimo, que por seus sentimentos francamente populares, era o homem mais próprio para levantar as massas e encaminhá-las ao fim que lhe aprouvesse.

Fosse que, desconhecendo a política tortuosa e dissimulada que certos homens, práticos em explorar as paixões alheias, usam no seu próprio interesse, se prestava de boa fé ao calculo do jovem europeu; fosse que obedecia simplesmente a impulsos do seu coração, votado ao povo por quem era capaz de derramar a última gota do seu sangue; fosse que só tinha em mente, concorrendo com todos os auxílios possíveis a Coelho, penhorá-lo pela gratidão, a fim de tornar fácil a retribuição dos seus serviços com o desejado consorcio, o

certo é que Jerônimo se identificou com a causa dos mascates fervorosamente, arrastando após de se seus filhos, amigos, afeiçoados, o próprio povo, segundo se vê pela história.

O que se pode considerar fora de dúvida é que Antônio Coelho não tinha grande empenho no aniquilamento da nobreza, mas no de um nobre, João da Cunha, nem pensava verdadeiramente em outra mulher que não fosse d. Damiana. Completamos com algumas palavras mais o esboço desse caráter, que vem na história da guerra a par com o de Jerônimo Paes.

Tendo chegado ao Brasil de pequena idade, cedo revelou Coelho particulares propensões para a vida comercial, pelos progressos que fez. Quando João da Cunha o conheceu, era ele caixeiro em um dos armazéns do Recife. Ou por suas feições e maneiras atrativas, ou por seu talento que talvez fosse ainda mais atrativo do que as feições, o certo que o senhor de engenho, simpatizando vivamente com ele, convidou-o para recebedor de seus açucares em Goiana, convite que o jovem Antônio aceitou, atentas as vantagens prometidas pelo sargento-mor. Ali os seus serviços cedo atraíram-lhe tantos créditos que em poucos anos Coelho foi geralmente estimado na vila, e conhecido no Recife; teve entrada nas principais casas comerciais destes dois centros; enfim tratou de estabelecer-se por sua conta. Revelando suas intenções a João da Cunha, em vez de se opor a elas, o senhor de engenho fez que ele as realizasse logo, e a este efeito lhe prestou os necessários auxílios.

Coelho teria por então seus vinte anos. Era elegante e bem parecido. Tinha sedução no olhar, e graça especial na conversação. Sabia de cor páginas de Palmeirim da Inglaterra e as repetia tão possuído das gentilezas namoradas que encham a obra de Francisco de Moraes, que mais valia ouvi-las ao moço português do que as ler no próprio autor. Sentindo particular predileção pelos nobres em cujas relações se ufanava de aparecer ligado, foi pouco a pouco ascendendo da esfera opaca onde principiara a vida, às alturas douradas em que calculava colocar-se definitivamente como um dos astros que formavam a constelação. Seus dotes pessoais granjearam-lhe as inclinações das jovens damas e a benevolência dos cavalheiros de seu conhecimento. Por então d. Damiana, solteira ainda, passava temporadas, como já se referiu, em casa de João da Cunha. Era muito nova mas trazia já em torno de se um círculo de adoradores em cujo número Coelho soube aparecer tão conspicuamente que, passados alguns meses, os outros bateram em retirada, deixando-o senhor exclusivo do campo. É porém de notar que nem a idade de d. Damiana nem os costumes da época deram lugar a que ela tivesse conhecimento ou sequer suspeita dessa luta travada entre os primeiros jovens assim agricultores como comerciantes da vila. Contavam-se por sua raridade as reuniões familiares que se efetuavam na roda do ano ainda nas casas ricas; e mesmo nessas reuniões era tão respeitoso e cortês o trato entre os cavalheiros e as damas que, para

assim escrevermos, o amor, ao contrário do que hoje acontece em nossos salões, mais se fazia adivinhar do que declarava. Todavia, por ocasião de uma festa do orago da freguesia, em que houve cavalhadas e fandango, na qual se achou d. Damiana, pode Coelho fazer-lhe protestos de amor, que, em sua mente, foram por ela bem aceitos. Mas veio logo o desengano com a recusa que o leitor sabe. Sendo até ai um dos primeiros amigos da nobreza e seu comensal, converteu-se Coelho em seu acérrimo inimigo. O ódio que começou a votar a João da Cunha, foi tanto mais intenso e profundo quanto tinha ele para se que nenhum outro, a não ser o senhor de engenho, poderia triunfar de seu triunfo. O golpe que a desgraça vibrara em seu afeto, o fez ainda mais injusto para com aquele que lhe dera a mão no princípio da carreira. Coelho assegurava que d. Damiana fora constrangida a renunciar à afeição que consagrava a ele, e casara com o sargento-mor, não mais livremente do que fizera a dita renuncia. Minúcias são estas em que escrupuloso entrar. O coração da mulher assemelha-se à gruta profunda e inacessível: quem empreende descer-lhe ao fundo, corre vários riscos, sendo o primeiro deles o de dar com estranhos reptis não classificados ainda pela fisiologia. A verdade é que o mercador nunca mais pode apagar do coração a imagem suavíssima de d. Damiana. Fora aquele o seu primeiro amor. O objeto dele insculpira-se-lhe por tal modo na alma, que fazia parte integrante do seu ser o olhar, o sorriso, o gesto, a voz da gentil dama. Há paixões fatais que acompanham toda a vida aqueles a que se apegaram como a Nesso a túnica fatídica. O negociante era vítima de uma paixão semelhante. Às vezes a chama incessante abrandava; a vida agitada costuma trazer este efeito aos sentimentos; mas bastava encontrar suas vistas com as da senhora de engenho, para que logo sentisse reacender-se-lhe mais intensamente o fogo, um momento diminuído ou serenado. Enfim a idéia de a possuir — não importava quando — nunca mais o deixou, e essa ilusão, esse desconhecido que vagamente lhe prometia a felicidade, alentava a labareda que ele trazia como deliciosa chaga no coração, iluminava-lhe a fantasia como estrela que fulge em canto de céu prenhe de tempestades. O barcaceiro deu o andar para descer após o marchante, mas foi atalhado pelo mercador que lhe disse:

— Fica, Bartolomeu. Quero perguntar-te uma coisa: Em caso de aperto, amanhã ou depois, terás ânimo para te fazeres à vela novamente em direitura ao Recife?

— Agora mesmo abro as asas à Borboleta e largo-me por estes mares afora; assim o patrão ordene. Eu sou pau para toda obra. Conjeturo que amanhã a esta hora não exista mais um nobre em Goiana a não ser amarrado com boas cordas. Mas, como é preciso contar também com o mal, e não unicamente com o bem, ordena a prudência que tenhamos prontos os meios de escapar-nos aos inimigos se a eles pertencer a vitória. Ora, nenhum outro se me afigura mais pronto nem mais eficaz do que a viagem pelo rio.

— Vosmecê tem razão. Montado na Borboleta, só por um óculo poderão ver-me os pés-rapados. E as olarias de Jorge Cavalcanti?

— Que tem elas?

— Tem bocas de fogo sobre o rio.

— Taparemos essas bocas de fogo com as balas dos nossos bacamartes. Tens então ânimo para passar em frente às trincheiras, Bartolomeu?

— Porque não, seu Coelho? Vosmecê não conhece ainda este cabra com quem está faltando. Ora escute: Nesta mesma viagem, de que acabo de chegar, mandaram-me, quando eu ia, da fortaleza de Itamaracá um chuveiro de balas, que a outro que não fora o Bartolomeu teria feito perder a tramontana. Mas eu peguei na cana-do-leme da Borboleta e fiz com ela tais cortes e recortes por cima das ondas que nem uma tainha seria capaz de a ganhar. Eram balas de uma banda e da outra, pela popa e pela proa; mas dentro só o que caía eram as escumas dos mares que ela atravessava como jangadinha do alto.

Pois bem, Bartolomeu, disse Coelho a cabo de alguns minutos de silêncio em que, ao parecer, estivera meditando sobre grave assunto. Fica assentado que dormirás hoje a bordo da Borboleta, e de lá não virás à terra senão por ordem minha. Vai ver tua mulher e teus filhos, que deves estar impaciente por abraçá-los. Às nove horas recolhe-te à embarcação, acharás já ai todas as provisões e munições necessárias para a viagem.

— Mal tinha o negociante terminado estas palavras quando se fez ouvir do lado de fora descomunal ruído de povo, retinir de armas, rumor de passos de cavalo. Quase no mesmo instante as portas da loja se fecharam com estrondo, e logo após os caixeiros de Coelho corriam pelas escadas acima amedrontados e confusos. Que é isto? Que quer dizer isto? Inquiriu o negociante, vencendo sua surpresa, ao que primeiro penetrou na sala.

— A casa está cercada, e ai vem o juiz ordinário com ordenanças e oficiais do seu juízo.

No mesmo instante uma voz que soou aos ouvidos de Coelho como eco das gemônias infernais, fez ouvir a seguinte intimação:

— Da parte d’el-rei, componde a casa, que vimos fazer uma diligencia.

A esse tempo Cosme Bezerra assomava na porta da sala.

Trajava calções e casaca preta, meias de seda amarela, sapatos com fivelas dourado. Trazia chapéu com pluma branca, e espada pendente do talim.

CAPÍTULO 24

Coelho foi ao encontro de Cosme Bezerra, e com irritante altivez que as circunstâncias atuais até certo ponto justificavam, rompeu o silêncio que se seguira à intimação:

Da parte d'el-rei, que quereis em minha casa ao lusco-fusco e com este aparato de força, senhor juiz?

Usais de um direito que pertence à justiça — o de interrogar — respondeu Cosme Bezerra com afetada serenidade que lhe era muito custosa de manter. Mandais distribuir armas e dinheiro pelo povo a fim de derrubar as autoridades legais, e vos admirais de ter a justiça em vossa porta.

— O que se diz é o contrário, retorquiu Coelho, sem diminuir sua arrogância. Diz-se que nós os portugueses, e os que nos acompanham, nós os fiéis súditos d'el-rei nosso senhor, não temos nem dinheiro nem armas com que rebater a rebelião da nobreza.

— Pouco importa às justiças saberem se tendes dinheiro. Falei-vos em dinheiro, porque em dinheiro se fala pelas ruas da vila, Sr. negociante.

— Chamai-me mascate, já que não quereis chamar-me sargento-mor, título que não podeis tirar-me.

— Título que a nós deveis.

— Devo-o a el-rei, não a vós.

— Não vim a praticar convosco. Vim a saber se de feito tendes armas defesas que destinais aos populares por vós comprados para executores ostensivos de vossos tenebrosos desígnios.

Se tenho armas! Exclamou Coelho. Se eu armas tivesse, não as deixaria passar senão depois de morto, das minhas para as vossas mãos. De armas precisamos nós para defender a verdadeira autoridade, vilamente ultrajada por uma nobreza que na rebeldia supõe consistir a sua maior força e o seu primeiro brasão.

Em nome da lei, mascate! Gritou Cosme em tom de quem impunha silêncio. Sois apontado como perturbador da ordem, protetor de rebeldes, e um deles. À frente de todos os motins que há dois meses perturbam o sossego desta vila, todos vos vêem comprando os venais, desencabeçando os ignorantes, encaminhando para o mal, que é o vosso alvo, os desordeiros por habito e condição. Os homens bons estão já cansados de aturar as vossas provocações, a autoridade de ser desrespeitada, as famílias fracas de receber insultos e

violências dos malfeitores a que estendeis a mão cheia de ouro. É tempo de espezinhar a cascavel que tanta peçonha mortal tem vazado de sua boca imunda; e como o melhor meio de aniquilar a cobra é atacá-la em seu próprio covil, pareceu à autoridade competente que a vossa casa seja corrida, e de vosso crime se tire a devassa, se chegar à certeza de que sois criminoso.

O direito, que vos arrogais, de violar o meu asilo doméstico, nem o achais na lei, nem eu o reconheço senão como filho do vosso violento natural, de todos conhecido. O testemunho de que não sou criminoso está em sujeitar-me ao vosso desatino. Outro fora eu, que já me teríeis pago a vossa ousada. Correi, correi à minha casa. Este procedimento condiz com a fidalguia de que rezam os vossos encardidos pergaminhos. Quanto a dizerdes que sou rebelde e amotinador, cego seja para sempre aquele que ousar afirmar que primeiro se insurgiram contra a legalidade os mascates que os nobres. Cosme voltou as costas ao negociante, como quem não levava em conta suas acerbas ironias e rudes exprobrações.

A verdade, porém, é que elas o feriam, como pontas de punhais acerados no coração. Os beleguins cumpriram o seu dever, e o próprio juiz, não podendo vencer o despeito hostil e apaixonado, encaminhou-se ao interior da habitação.

A esse tempo Bartolomeu, que ainda não pudera descer, chegou-se a Coelho e lhe disse à puridade:

— Quer sair, patrão? Atiro-me daqui ao soldado, que ali está de guarda na porta, e quando ele menos esperar, estará sufocado entre as minhas mãos. Então vosmecê poderá descer com seus caixeiros, ganhar a rua e desaparecer por trás dessas moitas de jurubebas que cobrem os fundos da igreja. Eu lhe guardarei as costas. Pode ir descansado.

Pensas que eu poderia realizar o que estás indicando? Olha. A rua está cheia de gente. A casa está cercada. Ali embaixo vários soldados espreitam quem entra e quem sai. Mas porque me ausentaria eu? Que crimes cometi para fugir?

— É que as armas, que estão lá embaixo... tornou o barcaceiro a meia voz.

— Duvido que as encontres tu mesmo que comigo as viste, quanto mais ele. E se queres ter a prova do que te digo, vai à escada por onde há pouco descemos ao subterrâneo.

Sem dizer palavra, o barcaceiro encaminhou-se ao gabinete, atravessou-o e chegou ao ponto indicado.

Desciam o juiz, beleguins e soldados. Verificou então por seus próprios olhos o que lhe dissera o negociante. A escada fazia uma volta para a direita e ia dar na loja, não no esconderijo. Bartolomeu ficou um instante confuso. Lembrava-se

que por ali descera para o subterrâneo, por uma volta que a escada fazia à esquerda: mas, essa tinha desaparecido como por encanto, sem deixar o menor vestígio por onde se pudesse descobrir o segredo.

Quando Cosme volveu à sala, Coelho foi a seu encontro, e com expressão de mal disfarçado ódio, lhe disse:

Não achastes nem uma adaga, nem um arcabuz no meu armazém. Voltastes em branco. Pois bem, eu vos asseguro, senhor Cosme Cavalcanti, que dentro em pouco tempo a nobreza de Goiana há de saber para quanto prestam as armas dos mascates, que as têm e de fina tempera.

— Ah! Eles as têm?

— Eles as têm, e tenho-as eu próprio a meu alcance.

— Melhor, melhor. Servirão para atravessar ou degolar os mesmos que as guardam em seus esconderijos.

— Veremos qual de nós se engana, respondeu Coelho.

— Veremos, veremos, mascate — disse Cosme descendo com seu séquito.

Os olhos de Coelho despediam insólito brilho. Na face que a ira fazia subitamente contrair-se e dilatar-se, havia certos tons de ferocidade felina.

Miseráveis! Exclamou ele quando ainda o juiz não tinha descido de todo a escada. São ineptos na própria hostilidade com que pretendem impor seu ridículo poderio.

Então, voltando-se para um dos caixeiros:

— Vai já, já, em procura de Jerônimo Paes — disse. É preciso que ele me fale sem perda de tempo.

— Patrão, precisa de mim? perguntou-lhe Bartolomeu.

— Hoje não, amanhã, talvez. Podes sair. Espera. Quando passares pela porta do Lauriano, dize-lhe que venha falar-me agora mesmo.

Coelho deu alguns passos pela sala, penetrou no gabinete, voltou e logo após tornou a tomar para o interior. Antes de transpor a porta que dava para o quarto secreto, parou e perguntou ao segundo dos seus caixeiros se havia ainda soldados pela rua. Quando o rapaz tomava para a sacada, entrava na sala Luiz de Gouveia, mulatinho músico, de violento e desvairado patriotismo. Vinha acompanhado por diferentes homens do povo, trazia as feições demudadas, os cabelos revoltos.

Que novos ultrajes e atentados nos vens anunciar, Luiz? Inquiriu o negociante, antes que o músico falasse.

Um atentado nefando. Seu Jerônimo Paes acaba de ser ferido de um tiro de pistola, que lhe dispararam da rua, quando estava falando.

Eu esperava por isso, tornou o negociante. É natural que ao ultraje se seguisse o assassinato. Mas enganam-se, supondo aniquilar-nos, não fazem mais do que apressar a sua própria queda.

— Mas que mais esperamos, Sr. Coelho? Interrogou Luiz. Não será ainda tempo de armar o povo e atirá-lo contra os fidalgotes? Havemos de morrer às mãos deles, e só então nos meterão nas mãos as armas? Vamos com isso, senhor, vamos com isso. O povo não pede senão armas, não quer senão ir contra os nobres. E há muito povo pelas ruas?

A vila inteira está nas ruas. O tiro desfechado irritou todos os ânimos. Homens e mulheres correram à botica a saber o que tinha sucedido. Se apanham o assassino, fazem-no em postas. Dizem que é um escravo de João da Cunha.

— Há de ser, há de ser. Não tem ele mandado fazer tantas mortes? Não é useiro e vezeiro nesse ofício? Não é ele o gran senhor desta herdade, e não somos nós seus servos? Mas que a façam bem feita, porque se assim a não fizerem, com seu sangue serão lavados os insultos e agravos com que todo o dia nos batem às faces.

Coelho foi interrompido neste ponto por uma voz rouca e trêmula, que partia do meio da rua.

— É a voz de Jerônimo — disse ele.

Todos correram à sacada.

— Ali vem ele — disse o músico.

— Querem a perturbação, o sangue, a morte? Dizia o marchante. Pois hão de ter todas estas calamidades. Sou o procurados do povo de Goiana. Ainda há pouco vos dizia eu que da nobreza só tínhamos que esperar desdéns e despotismos. Agora já posso acrescentar que temos também que esperar o assassinato às escurinhas e traiçoeiramente. Não me mataram; apenas feriram-me no ombro; mas a morte dos que defendem os direitos do povo e a autoridade real, essa eles a têm decretado como meio de consolidarem o seu poder, filho da violência e do artifício. São réus de crime de primeira cabeça. Ah! o que nos fazem — tenham certeza — não o botam em saco roto.

Antes de ser ferido pelo tiro que lhe foi disparado por mão até hoje desconhecida, Jerônimo Paes tinha já encaminhado parte do povo para o movimento insurrecional.

Quando chegou à botica, ainda estava aí o Ricardo perorando em favor da nobreza. Ricardo era um rapaz de condição obscura, que à proteção de um nobre devia certo emprego de que vivia. Não tendo podido completar a carreira sacerdotal, que encetara em vida do pai, viu-se obrigado, por morte deste, a voltar à Goiana onde esperava por ele a família acéfala.

Jerônimo não teve para ele a menor cortesia na linguagem, e muito menos no gesto.

— Tuas palavras são suspeitas, rufião — disse ele ao rapaz, rudemente, mostrando-lhe um punho cerrado. Cada uma delas representa uma das migalhas com que teu protetor te matou a fome, dando-te o emprego que tens. Disseste há pouco que não temos nem armas nem dinheiro. Enganas-te, vilão. Em nossos armazéns temos armas para levantar a vila inteira contra a nobreza sem freio que jurou aniquilar-nos. Quanto a dinheiro, olha daí, e dize lá se já viste rosas tão bonitas como estas que me caíram das alturas.

Assim falando, Jerônimo Paes fez saltar as dobras ao ar e as aparou com o açafate.

Ao somido das moedas, um sem-número de mãos se estendem para sua banda, e diferentes vozes dizem à porfia:

— Dê-me uma rosa.

— Uma ao menos dessas rosinhas amarelas, seu Jerônimo Paes. Cosme Cavalcanti, a quem foram logo levar a declaração, imprudentemente feita por Jerônimo, de que havia armamento nos armazéns dos mascates, corre a cercar a casa de Coelho que vareja, segundo vimos.

Entretanto Jerônimo, no ardor da exaltação e calculando o efeito da sua generosidade, distribui, pelos que lhe parecem mais dignos do presente, uma por uma, as dobras tentadoras.

E ao mesmo tempo que com a mão as distribui, segreda com os lábios quase à puridade, ao que as recebe:

Quando sair daqui vá a casa de Coelho, José. Não deixes de ir, Antônio. Vê lá o que fazes, Martinho. Ele tem que falar a vocês acerca de uma diligencia importante e rendosa. Não faltes, Justino, nem tu, Jacinto; nem tu Sebastião.

Todos estes sujeitos respondiam afirmativamente e embolsavam a moeda.

O ouro dá calor e eloquência; dos tímidos faz audazes, dos prudentes temerários. A corrupção é feia, mas eficaz no momento; que tem que depois semelhe chaga podre, nojenta, mortal? Quando o tiro feriu o marchante, todos aqueles que tinham na algibeira uma rosa, tomaram imediatamente parte pelo ofendido e em altas vozes pediram armas para o desagravarem. Era mais o cheiro da flor do que o impulso da indignação natural o que lhes dava esta animação.

— Armas, armas, meu amigo, eis as primeiras palavras de Jerônimo quando entrou em casa de Antônio Coelho. Armas ao povo! Ele as pede; ele as quer. A vila é por nós.

Em menos de meia hora Goiana estava nos braços da anarquia. As paixões populares, exacerbadas e açuladas por Jerônimo Paes, por seus filhos, que correram em seu favor tanto que souberam do acontecido, por Belchior — o rábula, Manoel Gaudêncio — o alfaiate, Romão da Silva — o meirinho, Manoel Rodrigues — o taverneiro, e por outros conhecidos e desconhecidos parciais, desafogavam em gritos, ameaças, insultos.

O sinos e os tambores deram logo sinal de rebate.

Dos moradores, uns, manifestado o motim, correram a tomar parte nele; outros, já escarmentados das violências praticadas por ocasião dos motins anteriores, fugiam, como podiam, com suas famílias, para fora da vila; outros, não tendo para onde ir, ou receando por pé na rua com tanto povo revoltado, se deixavam ficar em suas casas, resolutos a defender-se ou a resistir se acaso fossem atacados pelas turbas. Dos que se atiravam na vertigem muitos não o faziam tendo a mira em outro alvo que o de ser sua casa respeitada pelo saque — epílogo negro de quase todos os motins populares.

Gritos contrários começaram a ressoar de pontos diferentes.

Daqui se ouvia este:

— Vivam os mascates! Morram os nobres!

D'acólá já era est'outro:

— Viva a nobreza de Goiana! Viva a nobreza de Pernambuco! Morra pé-de-chumbo.

Os adjuntos donde partiam estes últimos gritos, eram menos numerosos e menos densos. Dir-se-ia que estavam ainda em formação ou que tinham medo de formar-se. Ressoavam à porta de fidalgos conhecidos e daí não se alongavam muito.

Quando algum forte bando se aproximava deles, as manifestações diminuían ainda mais. Era medo, desdém, ou prudência?

— Silêncio, escravos! Respondiam de cá os mais exaltados.

Os de lá não retorquiam.

E o dragão popular passava revoltado, espumante, vertiginoso, cuspidando injurias e obscenidades contra os que considerava seus adversários, e pensando no desforço pessoal e no roubo público.

CAPÍTULO 25

Cosme Bezerra voltou a esquina, acompanhado de ordenanças e parciais, entrou na Rua da Matriz e foi descavalgar no Pátio do Carmo, à porta de João da Cunha.

— Ufa! Ufa! O ladrão do mascate é insolente, mas não tem armas, por mais que diga que tem. E onde as teria ele que me escapassem? Não houve escaninho que não batêssemos.

Tais foram as palavras que dirigiu às pessoas que se achavam reunidas na sala de visitas do senhor de engenho, onde fez a sua entrada já com luzes acesas.

Então contou miudamente tudo o que acabava de acontecer, e de que aí já tinha chegado vaga e confusa notícia.

Estavam presentes os principais nobres do lugar, que para esse ponto se haviam encaminhado às primeiras manifestações da desordem, como para a casa de Coelho haviam corrido os principais negociantes. E cumpre notar antes de tudo que Coelho interiormente estava satisfeito com as circunstâncias que pareciam colocá-lo no mesmo plano do senhor de engenho e fronteiro a ele. 'Se ele é sargento-mor, também eu o sou — dizia o negociante em sua mente escaldada pelo ódio e pelo despeito. Se o cercam seus amigos, a mim também me cercam os meus no momento difícil. Se projeta aniquilar-me, eu de há muito jurei reduzi-lo a cinzas. O futuro há de decidir qual dos dois ficará com a vitória de seu lado.' Por onde se vê que o alvo em que o português tinha as vistas era singular, único — João da Cunha.

Já não eram os mesmos os intuitos deste — abrangiam o mais vasto teatro. Esquecido inteiramente da origem principal do ódio com que o distinguia o mercador, ele explicava a oposição dos mascates atribuindo-lhes ambições de mando e fortuna. Nunca lhe passou pela imaginação que pudesse o amor contrariado dar inspiração e impulso àquele movimento.

A seus olhos Coelho era mais um instrumento dos mascates do Recife, instrumento cego e habilmente manejado por eles, do que uma mola importante, uma força de seu natural independente e vivaz do estranho artefato que perturbava a sociedade goianista. A verdade entretanto era justamente o contrário do que julgava o fidalgo. A ação de Coelho no movimento hostil à nobreza partia de se mesmo. A não ser esse amor contrariado, o moço português estaria ao lado dos nobres, como estiveram durante a guerra vários portugueses, por exemplo Martinho de Bulhões, genro de Matias Vidal.

Em verdade, seus sentimentos casavam-se mais com os daqueles contra os quais movia seus recursos, do que com os sentimentos daqueles com quem aparecia identificado tanto para a ofensa como para a defesa. A nobreza semelhava ainda então uma árvore de extensas raízes que penetrava profundamente no solo das sociedades, e cuja folhagem tinha a majestade das grandes alturas e das vastas sombras; a democracia era planta rasteira, sem raízes, sem ramas; era vegetação de vida duvidosa, incipiente; prometia, mas não assegurava assumir as proporções gigantes, com que um século depois sombreou o solo da pátria e abrigou as instituições a que este império deve a sua grandeza e o seu renome. Mas Coelho não tinha melhor motivo. O senhor de engenho julgava indigno e ingrato aquele que aliás fora atirado na luta pelo amor imenso e pelo despeito feroz.

Em casa de João da Cunha estavam sobressaltados não sem razão os espíritos. As notícias aterradoras que de momento a momento chegavam; os gritos dos magotes de povo que passavam, vociferando pela frente do sobrado ao princípio desordenadamente, logo após organizados para o acometimento e a pilhagem; o rebato dado pelos sinos e pelos tambores; as famílias que fugiam amedrontadas e como sem saberem caminho nem carreira; os soldados que corriam, acudindo aos toques dos clarins; enfim, todo o medonho cortejo de circunstâncias que se prende ao furor e à anarquia das turbas, e que são como o colear, o sibilar, o bote, a dentada e a peçonha de enorme réptil, solto, mas assanhado em espaço estreito, não podiam gerar no ânimo de quem se via, como os que ali se achavam, ameaçados de ser o alvo único da ferocidade da insurreição, impressões diferentes dessas.

João da Cunha e Cosme Bezerra, compreendendo a gravidade do momento, trataram logo de assentar nos meios de conjurar o cataclismo, que ameaçava engolir fortunas e vidas preciosas.

— O melhor meio — disse Cosme — é reunir as ordenanças e mandar varrer as ruas a panos de espada e a tiros de arcabuz.

— Não, não — disse Filipe Cavalcanti. Nem todos os que enchem as ruas são desordeiros. Procedendo assim, a força pública arrisca-se a ferir famílias inofensivas que fogem da anarquia, e até muitos que são por nós.

— Entendeis então que de outro modo tereis restabelecido o sossego público? Enganai-vos. Em momentos semelhantes ao presente, quem se deixa guiar pelo coração corre o perigo de morrer às unhas inimigas. O raciocínio, a justiça, o sentimento de humanidade devem estar na ponta da espada, na boca do clavinote, nas patas dos cavalos. Que dizeis, Luiz? perguntou Cosme voltando-se para seu irmão Luiz Vidal, que, de pé, olhava, com mostras de quem tinha o espírito ocupado em acertar com o verdadeiro caminho, ora para o capitão de ordenanças, ora para o sargento-mor.

Em verdade não vejo outro meio de combater a insurreição, respondeu Luiz Vidal. Entendo, porém, que não há necessidade de levar-se a repressão ao extremo que vós indicais. A força pública deve apresentar-se imediatamente nos pontos em que a perturbação se mostrar mais veemente e ameaçadora; mas deve haver particular empenho em que sua presença sirva antes para serenar os espíritos do que exaltá-los ainda mais, e muito menos para proceder a excessos que possam trazer o sangue e a morte.

Com quem estou metido! exclamou Cosme. Que dois filósofos humanitários! Observasse eu estes preceitos de refinada brandura, que amanhã Goiana em peso estaria nas garras de Antônio Coelho e de Jerônimo Paes, e cada um de nós teria o seu gasnete entre as unhas do Lauriano, do Bartolomeu ou de outros vis instrumentos do ódio português. Basta, meus amigos; dispenso os vossos conselhos. Olá, Matias? Gritou ele a um soldado, que da porta da sala assistia, sem tugar nem mugir, como era seu dever, à conversação dos nobres senhores. Corre já à casa, e dize ao alferes Maciel que espere por mim com toda a força que lá tem sob suas ordens. Põe nova carga nas minhas pistolas e mete-as nos meus coldres.

— Luiz Vidal, tendo ouvido estas ordens do irmão, deu o andar pela sala e voltou ao ponto em que se achava um minuto antes. Faço-vos companhia, Cosme, disse ele.

— Muito folgo de o saber. Eu também vou, disse João da Cunha, encaminhando-se para a porta. Pois não hei de acompanhá-los? Não é o lugar dos cavalheiros o seio quente da família quando a pátria está em perigo.

Chegando à porta que dava para a escada, o sargento-mor chamou:

— Ó debaixo? Venha cá um de vocês.

Um negro apareceu logo após.

- Onde está Germano?
- Foi chamar Moçambique e Benedito.
- E vocês estão todos aí?
- Estamos todos, sim senhor.
- Sela o meu cavalo.

Entretanto, d. Damiana chegara-se para onde estavam Cosme, Luiz Vidal e Filipe Cavalcanti e com eles conversava sobre os sucessos vistos e previstos.

Ides também percorrer as ruas, Sr. João da Cunha? Perguntou ela ao marido que, dada a ordem, tornara a seu lugar. Meu dever impõe-me este procedimento.

— Não sei se seria mais prudente não vos expordes às iras dos vossos inimigos. Penso, ao contrário, que devo ir ao encontro deles a fim de os castigar. Mas é que em vossa ausência podem vir atacar o sobrado, observou Filipe Cavalcanti.

— Meus escravos estão aí para defendê-lo. Não nos há de faltar nem pólvora nem bala.

— E não há de ser só a escravatura que o defenda. Eu também sei pegar de uma espingarda e dispará-la, disse graciosamente a jovem senhora de engenho.

— Bonito, prima! exclamou Cosme Bezerra, sorrindo. Quisera estar de parte a ver a galhardia desta valente amazona.

— Não façais pouco em mim, Sr. Cosme, respondeu d. Damiana. Bem me conheceis. Se entrardes na sala das mulheres, ficareis admirado do armamento que lá existe. Há mais de uma semana não tinha eu no engenho outra ocupação que fazer cartuchame. Podeis pois levar tranquilo vosso espírito. Na casa de João da Cunha só penetrará mascate depois que Damiana da Cunha tiver exalado o último suspiro.

A gentileza com que a senhora de engenho dizia estas palavras não se descreve, nem se imagina sequer. Outros fossem aqueles a quem ela se dirigia nesse momento, que teriam por vã e ridícula bravata essa afirmação a que a autorizava o conhecimento íntimo do quanto valia o seu ânimo. D. Damiana era de feito perita em atirar desde os quatorze para os quinze anos. Manhãs inteiras levava ela por junto das capoeiras próximas do cercado do engenho a passarinhar por distração. Mais de uma aposta ganhou a parentes seus com quem atirara ao alvo. As detonações das armas de fogo, longe de amedrontá-la, levantavam seus espíritos. Sentia nelas certa voluptuária harmonia que lhe trazia deleite. Naquela forma juvenil, graciosa e fresca havia ânimos viris, que se

impunham à vontade e condição feminil como leis fatais e impreteríveis. Enfim, era tradicional esta qualidade da mulher do sargento-mor, e lhe acarretara entre o povo certa alcunha, com que as más línguas supunham injuriá-la. Chamavam-na — a Escopeteira. Longe, porém, de se dar por ofendida, a mulher de João da Cunha não perdia ocasião de mostrar praticamente que esta alcunha lhe era agradável e que a ela tinha indisputável direito.

— Bem sei quanto valeis, senhora prima, tornou Cosme. Mas é que difere muito atirar em rolinhas e sanhaços de atirar em salteadores afeitos a torcer o corpo às balas e aos mais mortais golpes.

— Seja como for, Sr. Cosme. Guardem os negros o baixo da casa, que eu guardarei o alto. Mas receio por meu marido, porque sei quanto o odeiam os mascates e a plebe.

— Nada o há de ofender. Demais, vamos apenas dar uma volta pelas ruas mais agitadas, disse Luiz Vidal.

E estaremos dentro em pouco tempo de volta, acrescentou João da Cunha. Como a esse tempo estavam já prontos os cavalos, desceram a montá-los os cavaleiros presentes. Antes de sair, João da Cunha entrou no armazém.

— Todos estão aí, Roberto? Perguntou ele, Roberto era o feitor. Todos, menos Germano, que ainda não voltou do engenho.

— Tem cuidado, Roberto, enquanto volto.

— Senhor sim. Não há de acontecer nada. Nesse momento, de um bando que passava pela frente do sobrado, partiu um grito insultuoso, que veio ferir o senhor de engenho no coração:

— Morra o assassino! Morra a escopeteira !

João da Cunha, a modo de gelado de cólera, mal pode ir ter com os amigos que à porta da casa punham os pés nos estribos.

Conheceste aquela voz, Sr. João? Perguntou-lhe, já montado Cosme Bezerra, mal podendo conter a raiva que o assaltara. Há de ser de algum vendido ao dinheiro de Coelho ou de Paes.

— É a voz desse rábula infame que imagina fundar em Goiana uma república ateniense.

— Quem? O Belchior?

— Ele mesmo, esse velhaco, essa pústula do foro, que vive especialmente de promover a alforria dos negros dos engenhos para passar as unhas no magro

cobre deles e fazer pirraça aos senhores. Ninguém ainda se inculcou tão amante da liberdade, tão independente, tão probo como ele: a verdade, porém, é que ele não passa de um saltimbanco audaz, um charlatão formado em tretas e torpezas que despertam nojo. Mal acabadas estas palavras, novo bando que vinha nas pisadas do primeiro, parou diante da casa e repetiu o pregão, que ainda soava aos ouvidos dos fidalgos:

— Morra o assassino! Morra a escopeteira!

— Quereis saber, Sr. Cosme? disse subitamente o sargento-mor. Ide vós a vosso destino, que eu fico. Há de vir terceiro grupo parar em frente de minha casa, e é preciso que eu esteja presente para dar-lhe a resposta que merecem. Roberto, Roberto? Gritou João da Cunha da porta que punha em comunicação o armazém com a entrada. Carreguem as armas e venham colocar-se todos vocês em seus postos. Ao terceiro insulto quero ouvir soar o fogo.

— Os cavaleiros partiram, enquanto o sargento-mor, quase fora de si, subia para junto de sua mulher. Por seu gosto estaria nas ruas, promovendo a reação ou a contra-revolta. Mas compreendia que naquele momento não lhe era lícito arredar-se de casa. Preste atenção, Sr. João da Cunha, disse-lhe d. Damiana, chegando a uma das janelas da sacada onde estava o marido. Não ouvis ruído de pancadas contra as portas na Rua-direita?

— Estou ouvindo. Quem sabe se já não é o saque?

— O saque!

— Quando a plebe se solta, é aí que vai parar. Mas onde está e o que tem feito desde a tarde Antônio Rabelo com sua força? Oh não poder eu sair!

Enquanto assim falava o senhor de engenho, Cosme corria à Rua do Meio a tomar o comando da pequena força que se achava sob as ordens do alferes Maciel. Seus grandes espíritos não se compadeciam com a reação morna e frouxa. De caminho, ele descavalgava aqui para dar uma ordem, ou combinar uma providência; arrojava-se acolá temerariamente sobre os adjuntos e impunha-lhes que se desfizessem. Se era atendido, passava; se não era, empregava meios indiretos de o ser. Esses meios eram a brandura, a persuasão, a ameaça. Faltava-lhe gente para desempenhar satisfatoriamente o papel que teve nesse, como nos principais motins de Goiana; mas todas as faltas supria admiravelmente sua intrepidez por todos reconhecida de há muito e glorificada depois pelo historiador.

Logo que tomou o comando da força, encaminhou-se com ela à cadeia, para onde tinham ido Luiz Vidal e Filipe Cavalcanti a reunir-se com Antônio Rabelo, receosos de que os amotinados tentassem soltar os presos.

Antônio Rabelo foi de parecer que se não procurasse dissolver os ajuntamentos.

— Onde temos nós gente suficiente para dissolver essas multidões numerosas, Sr. Capitão? Perguntou ele a Cosme. Guarneçam a cadeia dezesseis praças unicamente. Se daqui arredarem o pé, o povo levantado virá abrir as prisões, e aumentará com os criminosos o seu número e a sua ferocidade. Vós não tendes aí convosco mais de vinte ordenanças. Julgais que com tão pequena força poderemos bater os rebeldes e ficar senhores do campo?

— Basta uma corrida forte e violenta sobre os inimigos, para que, cobrando medo, se dispersem.

— Estais enganado. Eles são muitos e não lhes faltam armas. Armas? Não as têm.

— Têm-nas, Sr. capitão., têm-nas. Reparai nos que passam. Haveis de ver cada um com seu arcabuz. Os mascates fizeram e fazem larga distribuição delas por seus asseclas. O que me espanta é que ainda não se tenham lembrado de vir atacar este posto, tão fraco quão arriscado.

Mal tinha Antônio Rabelo acabado estas palavras, quando uma massa negra começou a aparecer no princípio da rua.

Deus queira que eu me engane. Mas, ao que parece, vem ali gente para nos dar que fazer toda esta noite — disse Antônio Rabelo.

E logo mandou dobrar as guardas, e à frente da cadeia estendeu o restante da força.

— Quereis ir ao encontro do bando, Sr. capitão? perguntou Diogo Maciel, impaciente por atirar-se ao tumulto onde mais tarde praticou atos de distinta bravura. - Não; agora não enfraquecerei este ponto com a minha ausência. Os rebeldes vêm direitinhos para cá.

De feito, não tomaram eles outra direção.

O bando, passante de cem homens, vinha preparado para entrar em fogo e era capitaneado por Jerônimo Paes e seus filhos. Sua intenção era a que já tinha sido prevista — a de soltar os criminosos.

Obra de cinquenta passos antes, Antônio Rabelo intimou-lhes que passassem de largo.

Jerônimo Paes, sem se importar com esta voz, deu ainda alguns passos para diante. Rabelo mandou distribuir cartuchos e carregar. Então a multidão fez alto a respeitosa distancia.

Que querem, bandidos? Perguntou fora de se Cosme Bezerra, mal podendo sustentar as rédeas ao cavalo, pela cólera que o tomava. Bandido sois vós — respondeu Jerônimo Paes.

— A esta voz, Cosme pôs as pernas ao cavalo, cravou-lhe as esporas com movimento nervoso e atirou-se para a frente da multidão. Quando parou a três passos de Jerônimo Paes, trinta bacamartes tinham as bocas voltadas para ele. A seu lado tinham arrancado como arrastados no ímpeto vertiginoso da sua carreira, Diogo Maciel à esquerda, Filipe Cavalcanti e Luiz Vidal à direita, e atrás deles cerca de dez ordenanças bisonhas, mas animosas.

Podeis assassinar-me — disse Cosme. É o mais que podeis fazer, porque é só o que sabeis, miseráveis. Mas ainda que corra perigo a minha vida, como se me achasse diante de feras bravias, nem por isso hei de deixar passar sem oposição a vossa rebeldia. Quem fala em rebeldia! disse Jerônimo. Rebelde és tu, mazombo infame! disse para Cosme um dos filhos de Jerônimo.

E cinquenta, oitenta, cem vozes gritaram:

Tu é que és o rebelde, tu é que és o perturbador da ordem. Fora, fidalgos! Fora. Quando esta alarida serenou, ouviu-se a voz de Cosme Bezerra. Tinha todos os tons de cólera mal sofreada.

Goianistas, goianistas, gera em mim extremo pesar este vosso procedimento! Eu não falo aos mascates, falo a vós, povo de Goiana, que meia dúzia de estrangeiros ingratos tem desnorteado e pervertido.

Cala-te, cala-te, mazombo. Não te queremos ouvir. Sai de nossa presença, se não te queres arrepender. Infame canalha! Exclamou fora de se Cosme Bezerra, desembainhando a espada, e dando mostras de quem queria investir. Cosme, contende-vos, disse Filipe Cavalcanti, entrevedo os perigos que levantava contra se por suas palavras e gestos o capitão das ordenanças.

Seu aviso já não produziu o efeito saudável. O magote atirou-se sobre todos eles como vara de porcos do mato salta sobre imprudente caçador. Alguns tiros foram disparados, mas nenhuma morte se seguiu a eles. Os que pretendiam tirar a vida ao destemido capitão, cedo tiveram a prova de seu engano, vendo Cosme de espada nua abrindo caminho por entre a multidão. Seu cavalo, esse tinha sido derrubado pela descarga.

Cerca de dez minutos durava já a luta desigual de treze homens contra cem, que os queriam enlaçar, quando ao lado do Carmo apareceu uma mó de gente que corria para o ponto do conflito. Era uma parte da escravatura de João da Cunha que, com ele à frente, vinha a socorro dos parentes e amigos. Os tiros tinham servido ao senhor de engenho de aviso da luta próxima. Acompanhavam-no o

feitor e outros moradores. Lourenço ficara com Germano, já então no sobrado e o restante dos escravos no armazém, guardando a casa.

No momento em que este auxílio chegou a Cosme, o conflito já tinha tomado feição diferente. Como a intenção principal da multidão era abrir as portas da cadeia, a fim de saírem com os criminosos, dois mascates, Braga e Bernardino, ai recolhidos por delitos comuns, ela atirou-se em peso contra as entradas. Cosme, Felipe, Maciel e os demais que tinham resistido ao furacão insurrecional, agora, escapos de seus novelos, serviam, com Antônio Rabelo e sua brava guarnição, de baluartes inexpugnáveis ante os quais se quebravam as investidas dos insurgentes. Achando seus parentes e amigos salvos, João da Cunha, que estava impaciente por tomar parte na luta, veio colocar-se ao lado deles. Tornou-se assim quase impossível aos revoltosos lograrem o seu principal intento. Mas isto os não dissuadiu dele. Colocados em frente da cadeia, vociferavam contra os sustentadores da ordem. Alguns jogavam projeteis imensos e mortais sobre os que defendiam o importante passo. Garrafas vazias, grandes seixos da rua iam a miúdo bater e despedaçar-se nas portas e grades, impelidos pelas mãos dos amotinados. Seus estilhaços continuados feriam os impávidos defensores.

De repente um homem, que vinha das bandas do Carmo, procura a cadeia. Alguns dos amotinados, suspeitando nele um mensageiro da nobreza, atravessam-se diante dos seus passos. Loucos que foram esses! Um jagunço enorme, que o desconhecido manejava tão facilmente como se fora delicado espadim, prostrou dois deles por terra sem sentidos. Corre então a seu encontro maior número, que não tem sucesso melhor. O desconhecido não é muito alto, nem muito corpulento. Mas sua força muscular faria inveja à mais possante fera. Quando seu braço descarrega a arma, semelha este troço de mármore e abate a seus pés os maiores obstáculos.

Ele atira-se de ombro sobre um dos mais alentados de formas e dá com ele em terra. Consegue, enfim, derrubando e ferindo os que pretendem cortar-lhe a passagem, chegar ao pé do sargento-mor.

— Lourenço! Que vens fazer aqui? Alguma novidade por lá?

— Vim chamar vosmecê a toda pressa. Do lado do rio dirigem-se para o sobrado forças numerosas. No sobrado se diz que são as forças de Luiz Soares. Luiz Soares! exclamou o sargento-mor.

— Luiz Soares! repetiram Felipe e Cosme Bezerra.

— E que faremos agora? Inquiriu João da Cunha.

— Sabendo do que havia, Antônio Rabelo aproximou-se e disse-lhes:

— Podeis ir, senhores. Eu defenderei o meu posto até exalar o último suspiro. Pois bem, partiremos a cortar-lhe a vanguarda — disse Cosme a Antônio Rabelo. Mas ao vosso lado, senhor capitão, ficará o alferes Diogo Maciel. Tende certeza de que estareis bem acompanhado.

Com as espadas nuas nas mãos, os fidalgos afastaram-se, formando uma mó impenetrável.

Alguns dos do bando de Jerônimo Paes, que lhes saíram ao encontro, caíram ao peso da terrível massa de Lourenço, o qual ia na frente abrindo caminho temerariamente.

Seguiam após eles as ordenanças de Cosme Bezerra e os escravos de João da Cunha.

Penosa, mas rápida, tinha corrido a noite.

Raiava, enfim o dia 23 de agosto de 1711, que ficou sendo memorável nos fastos de Goiana.

CAPÍTULO 26

Não tinha ainda amanhecido de todo, quando as balas dos assaltantes já sibilavam pelas urupemas do sobrado de João da Cunha, como pelas enxárcias de navio no alto mar esfuziam as lufadas de atroz procela.

Porque fora esse o lugar escolhido para as primeiras honras do assalto? Porque, em vez de correr imediatamente à cadeia, forçá-la, quebrar-lhe os ferrolhos, soltar os sentenciados, tinha Luiz Soares tomado para o pátio do Carmo, deixando entrever a intenção de atacar a habitação do fidalgo antes do que qualquer outro ponto?

A resposta é fácil. Antônio Coelho sabia a hora precisa em que Luiz Soares teria de entrar na vila. Sabia o lugar onde essa entrada devia efetuar-se: era aquém do Tanquinho, e quase fronteiro ao oitão da igreja do Senhor dos Martírios. Tomando essa direção, escapava às trincheiras de Manoel de Lacerda, como aconteceu.

O negociante, tanto que viu aproximar-se o momento, montou a cavalo e para lá se encaminhou, seguido de cerca de cem homens. Este troço era composto em grande parte de europeus. Era o corpo de sua especial confiança. Coelho o denominava seu estado-maior. Partiram da Rua de Rosário, ao mesmo tempo que a multidão capitaneada por Jerônimo se dirigia para o lugar onde estacionou.

Quando a gente de Luiz Soares, rompendo os últimos matos, saiu na Rua dos Martírios, que não era então mais do que o caminho do Tanquinho, achou já aí para o receber o estado-maior dos mascates.

Vendo o comandante da tropa, Coelho correu a ele, chamou-o de parte e falou-lhe à puridade. Quando a cabo de alguns minutos se separaram, estava assentado o plano do ataque. Luiz Soares devia levar suas primeiras investidas contra a frente da casa do sargento-mor, enquanto o negociante a atacaria pelo lado oposto. Entre dois fogos, o soberbo fidalgo cairia no poder dos inimigos sem grande custo, e tanto bastaria para que cessasse a resistência, visto que nenhum dos outros, nem Cosme nem Filipe, nem Jorge Cavalcanti, nem Manoel da Lacerda, em uma palavra nenhum deles tinha gente para fazer frente a seus adversários. Então tudo tornar-se-ia fácil. O povo já estava solto; a vila abandonada por mais da metade dos habitantes pacíficos; seguir-se-ia a revolta como se seguiu. As tropas invasoras engrossariam com os subsídios que desse a insurreição, e tomariam sem perda de tempo o caminho do Recife, a fim de romper o cerco.

Estas foram as razões que publicou Coelho para autorizar o seu plano. Ele porém tinha a sua razão particular em querer que prevalecesse este a outros planos indicados pelo destemido Paraibano. O leitor já sabe qual ela seja. Acabar com João da Cunha era o seu fim, a sua preocupação de todo o instante. Acabado ele, poderia finalizar a guerra, que ele não teria por isso pesar nem descontentamento.

No momento em que, dando a volta da rua, descobriram os fidalgos, aos primeiros clarões da manhã, a vasta multidão, superior a seiscentos homens, uma idéia assaltou incontinenti o espírito de Bezerra. Com sua lúcida previsão a que devia tantos sucessos felizes no período de agitação de que se trata, concebeu logo ele um projeto de oposição.

— Um cavalo já para Lourenço.

E voltando-se para o rapaz, disse-lhe:

— Tu me acompanharás. Não preciso de mais ninguém.

— Aonde tencionais ir, Cosme? perguntou Filipe Cavalcanti.

— Vou a Jorge Cavalcanti, que já pode abandonar a sua fortificação, visto que as forças inimigas, a que ele pretendia impedir a entrada, já estão tomando conta da vila. Lourenço correrá ao Tanquinho a dizer a Manoel de Lacerda que venha em nosso socorro. Com a gente que cada um destes amigos tiver junta, bateremos esses bandidos. Só o que desejo me façais, João da Cunha, é que sustenteis a resistência até que eu chegue. Bastam-me cinquenta, quarenta, vinte goianistas da gema para levar estes salteadores a panos de espada, este

canalha a patas de cavalo. Em menos de dois minutos, Cosme e Lourenço, tomando pela Rua do Meio, corriam à desfilada. O momento era decisivo.

Chegando à sala, Filipe Cavalcanti, Luiz Vidal e João da Cunha deram com um espetáculo novo e singular. Cada uma das mulheres que ai se achavam — eram oito, a saber d. Damiana, Marcelina e seis mulatas escravas — mostrava-se aparelhada para travar a luta homérica. A capitoa era a mulher do sargento-mor. Seu espírito belicoso tinha-se comunicado a todas as outras, excetuada Gertrudes, velha que a amamentara e que a um canto da sala tremia de medo. Sobre os bufetes, as mesas, os estrados viam-se açafates cheios de cartuchos, obra das suas mãos e das de algumas de suas mucamas durante os dias e as noites anteriores.

— Que é isto, senhora? perguntou o sargento-mor à sua mulher, tanto que seus olhos leram na face dela a expressão da energia intima, reflexo do seu sangue e do seu orgulho.

— De que vos admirais? Mandei trazer para a sala as armas e munições que estavam nas camarinhas. Será ainda cedo para aparecerem?

—Cedo não é, disse o sargento-mor. Mas é que em mãos de uma dama e de escravas elas se me afiguram postas com muita antecipação. Em ocasiões como esta, e em havendo ainda homens, as mulheres não devem usar outras armas que os seus rosários.

— Tem vosmecê razão, seu sargento-mor, disse a velha. Eu cá por mim não posso entender-me com armas de fogo. As minhas armas são d'água — são as lágrimas. As de fogo, quando alguma vez as tenho, como agora debaixo das mãos, já me parece que vão estourar e despedaçar-me.

Gertrudes tinha de feito nesse momento a mão posta sobre o cano de um mosquete, que estava a seu lado sobre o estrado. Mal acabara de falar, um estrepito estranho e inesperado rebentou perto dela. A anciã recuou espavorida. Pareceu-lhe que se confirmava seu receio. Dera causa ao ruído uma bala inimiga que, batendo no espelho da sala, o pusera em farelos.

— Credo! Virgem santíssima! Exclamaram quase ao mesmo tempo as mulheres.

D. Damiana tinha corrido para junto do marido, como quem queria defendê-lo.

—Correis aqui perigo de vida, disse Felipe Cavalcanti. O meu parecer é que vos retireis ao interior da casa, onde estareis mais resguardadas das balas perdidas. Ide aí encomendar nossas vidas a Deus, e pedir para as nossas armas a vitória.

A senhora de engenho não quis parecer obstinada. Deu o andar para dentro com sua antiga aia, Marcelina e as mucamas. É, porém, certo que seus espíritos,

alvoroçados com a eminência do perigo, não se deixaram lá ficar, antes vieram emparelhar-se a João da Cunha, vigiando sobre ele, estremecendo por sua existência, a qualquer detonação, a qualquer vibração suspeita de lhe ser ofensiva.

Quando se acharam sós, correram os três fidalgos às urupemas a examinar o aspecto do campo inimigo.

— Estais vendo, Felipe? Inquiriu Luiz Vidal.

— Que quereis dizer?

— Aquela mó de gente de negro que se move do lado de lá do cruzeiro?

— Estou vendo. São frades, ao que parece.

— São os próprios frades do convento — disse João da Cunha — que distribuem armas e munições pelos matutos esfarrapados e imundos. Oh! os frades, os frades do Recife e de Goiana têm tido grande parte nesta guerra!

Tendo dito estas palavras, o senhor de engenho deu o andar para descer.

— Para onde ides? perguntou-lhe Luiz Vidal, carregando o mosquete de que lançara mão.

— Vou mandar subir para cá a metade dos negros. Precisamos dar logo sinal de nós, rompendo o fogo sobre aqueles magotes ferozes. Prudência, amigo, prudência! Observou Filipe. Vede bem não vá esta provocação decidi-los a acometer logo o sobrado.

— Que tem que venham? Tenho forças bastantes, não só a resistir-lhes, mas a batê-los.

— Não estareis enganado? Demais não será mais acertado nada tentarmos contra eles, antes de chegarem os reforços que Cosme foi buscar? Se aquela gente toda, reunida com a que está na frente da cadeia, vier assaltar-nos, achais que poderemos ficar vencedores?

— Só por milagre, ajuntou Luiz Vidal. Mas olhai que a força inimiga, Filipe. Não compreendeis aquela manobra, ordenada por Luiz Soares?

As forças deste caudilho tinham-se dividido em três grandes pelotões. O do centro, formando uma extensa linha ao longo da praça, parecia querer adiantar-se até ao cruzeiro, e de feito se encaminhou para ai; os das extremidades, mais numerosos e compactos, desceram, correndo a marche-marche a tomar as embocaduras, ao norte e ao sul da rua.

Claro está o plano do caudilho, disse o sargento-mor. Atentai nele. A linha do centro manterá sobre nossa frente incessante fogo, enquanto as outras duas, ganhando os lados, vêm reunir-se com ela no ponto comum, que não é outro senão as nossas portas. Houve um momento de silêncio. Os fidalgos, por trás das rotulas, olhavam para um lado e para outro, como quem estava estudando as posições inimigas. Enfim Luiz Vidal voltou-se para o senhor de engenho e lhe disse:

— Não percamos mais um momento. As forças aí vêm. Se não resistirmos, em dez minutos estaremos no poder dos rebeldes. Descei, descei, e mandai a gente para cá. O forte dela deve ficar lá em baixo. Cá em cima precisamos unicamente de quem saiba carregar e descarregar sua arma. Lá em baixo requerem-se ânimos viris. Será lá o nosso posto de honra.

João da Cunha desceu e tornou logo. Vinham com ele o Roberto e mais dez negros.

— Vês aquela linha de homens que ali vem avançando e atirando para cá? Perguntou o sargento-mor, indicando ao feitor a parte da força que era comandada pelo próprio Luiz Soares. Estou vendo, sim senhor.

— Sobre ela devem ser feitas todas as pontarias. De lá debaixo, quero ver cair aqueles alteadores atravessados pelas balas dos meus escravos. Senhor sim, disse Roberto.

Os negros foram distribuídos pelas janelas. Pelos interstícios das urupemas introduziram os canos dos bacamartes, e dispararam a voz de — fogo. O sargento-mor, tanto que viu as armas abocadas na direção conveniente, ordenou uma descarga. Queria por seus próprios olhos ter uma prova, antes de descer ao outro pavimento, do valor e da disciplina da sua gente.

No mesmo instante um só e infernal estampido encheu o âmbito da sala, e foi revoando pelos aposentos e salas imediatas. A casa, em que predominava a pesada alvenaria daqueles tempos, estremeceu, não obstante, como se fora de taipa de sebe, desde os fundamentos até ao teto, de cujo estuque se desagregaram partículas calcinadas. Dir-se-ia que ali o mundo acabava de ter uma das suas medonhas comoções, um desses terríveis cataclismos que se resolvem no aparecimento de mais um vulcão, na abertura de mais um abismo. Misericórdia! Misericórdia! Gritaram dentro algumas mulheres aterradas. Quando iam descendo, ouviram os fidalgos o estrondear de uma forte descarga do lado de fora. Era a resposta que os da rua davam aos do sobrado. Era mais do que uma simples resposta; era principalmente intimação, feita pelo fogo, a que se rendessem, senão a acerba ameaça de que dentro em pouco tempo não passariam de vencidos e prisioneiros.

A luta estava terrivelmente travada. Em alguns minutos ninguém mais pode entender-se a mosquetaria atroava os ares com suas vozes assustadoras. As descargas sucediam-se incessantemente umas às outras. Contra os paredões e muralhas de solida e antiga fortaleza não batem com mais fúria as balas de canhões inimigos do que as dos mosquetes dos matutos contra as paredes, as portas, as janelas do sobrado do sargento-mor em que eles consideravam encastelado o despotismo, o orgulho e a maldade de um senhor feudal.

— Germano? Germano? Chamou o sargento-mor, ao penetrar no vasto aposento em que tinha o grosso de sua tropa. Onde estás, moleque? Não vês que as portas da entrada se acham desamparadas? Para a frente, demônios!

João da Cunha trazia na cava do colete um punhal, no cóis dos calções uma pistola, e na mão esquerda um clavinote curto. Por cima do gibão de seu uso corria-lhe, cingindo-o, o talim, donde lhe pendia uma espada de ponta direita. Do ombro esquerdo para o quadril direito caia transversalmente uma correia lustrosa na qual se via segura uma patrona cheia de cartuchos fabricados por sua mulher. Trazia na cabeça chapéu de palha de largas abas. Com o trigueiro do rosto contrastava a barba grisalha, com o longo nariz aquilino os olhos pequeninos e redondos, como os de pomba. Em sua fisionomia liam-se sentimentos encontrados e violentos: a temeridade para avançar, a firmeza para resistir.

À voz do senhor, Germano chamou os outros e tornou com eles para as portas. Por trás destas tinham sido colocadas diversas caixas de açúcar com dobrado fim — amparar as entradas e dar aos atiradores posição sobranceira.

Subiram às caixas os negros, e nos pequenos olhais, acinte feitos nas portas por ordem do sargento-mor, puseram eles as bocas das armas.

Então o sargento-mor deu ordem para atirar. As pedras bateram nos fuzis, algumas escorvas arderam, mas nem um tiro soou.

João da Cunha, espantado, surpreso, olhou sucessivamente para os negros e para os dois fidalgos. Rápida lividez passou pelas faces destes últimos. Uma só idéia, uma suspeita cruel que lhe atravessara o cérebro, fez chegar ao rosto deles a sombra de sua asa negra.

Puseram os escravos novas escorvas nos mosquetes, que levaram novamente aos orifícios das portas. À voz de — fogo! — as escorvas arderam, mas, como da primeira vez, nenhuma arma disparou seu tiro.

Fora de si, o sargento-mor vai cair de um pulo junto de Germano, enquanto Filipe Cavalcanti e Luiz Vidal, desembainhando suas espadas, se colocam em atitude ameaçadora diante dos outros escravos.

— Negro infame, quero saber o que têm estas armas. Confessa a verdade, senão te atravesso da outra banda. João da Cunha parecia uma visão infernal. Todos os músculos do rosto, as mais delicadas linhas de seus olhos despediam duras e mudas ameaças, que falavam mais claro do que seus gestos e expressões violentas. Senhor, as armas estão molhadas, respondeu Germano. Não fui eu que as molhei, foi ele; mas já pagou.

— Molhadas as armas! exclamou Filipe. Traidores!

— Ele quem? Ele quem? Dize já quem foi o autor deste crime.

— Moçambique.

— Eis o que se tinha passado depois da subida do Roberto e dos seus companheiros para o andar superior.

Moçambique chegou-se a Germano e lhe disse:

— Que esperas, moleque? Daqui a pouco o branco vem chamar-nos para o sobrado, e nós levamos as armas enxutas. Bota logo água dentro delas.

— Cala a boca, tio Moçambique. Estás doido? Água dentro das armas! Para que fim?

— Ah! Tão depressa te esqueceste da promessa que fizeste a seu Pedro de Lima?

— Eu nada prometi, Moçambique, eu nada prometi do que você está inventando aí.

— Pois já te não lembras da conversa que tiveste ontem de tarde no mucambo?

— E que prometi eu, negro velho tonto? Melhor será que você cale sua boca. Calou Moçambique a boca um momento, mas seu espírito embrutecido, seu interesse, que sua ignorância o fazia supor muito bem amparado pelas promessas de Pedro de Lima, alteou dentro em sua mente cada vez mais as vozes falazes e persuasivas. O negro deu uma volta, como para disfarçar a intenção serpentina, dirigiu-se ao canto onde estavam encostadas as armas, e começou a esvaziar no cano de cada uma o coco, que enchia no pote d'água destinada a matar-lhes a sede.

Germano deu pela operação, no momento precisamente em que Moçambique molhava o último mosquete.

Correr ao negro velho, tomar-lhe a arma da mão, exprobrá-lo, foram atos que o moleque praticou em um momento.

— Tio Moçambique! Você sempre fez o que queria?! exclamou na realidade aterrado Germano.

— Fiz o que tu prometeste, mas não tiveste coragem para fazer, respondeu Moçambique. Negão safado! Tu ouviste eu prometer alguma coisa?

— Ouvi, sim. E se tu quiseses agora negar, eu tudo contarei ao senhor — disse Moçambique, dando mostras de querer envolver em sua queda o parceiro.

Germano era fino. Viu de um lance d'olhos todo o horror da situação, toda a imensidade do seu infame procedimento. Compreendeu que se o senhor de engenho sáísse daquele aperto e viesse a ter conhecimento do que se passara no mucambo, a força seria o seu fim, se não fosse a morte nos açoites. Então lembrou-lhe uma idéia, única que o podia salvar do abismo à borda do qual cambaleava mais morto do que vivo. Era destruir a única testemunha da sua entrevista com Pedro de Lima. Morto Moçambique, estaria ele livre da responsabilidade que o negro queria repartir com ele, e poderia até, se a vitória pertencesse aos mascates tão completamente como figuraria Pedro de Lima, exigir deste o preenchimento da promessa feita. Tanto que esta ordem de idéias se acentuou bem em sua mente, para o que não foi preciso mais do que um instante, o moleque puxou resolutamente do facão que consigo trazia, e com ele traspassou o parceiro.

Tendo contado pela rama esta fatal acontecimento a João da Cunha, Germano para dar inteira autoridade ao que dizia, indicou o canto do armazém onde se achava morto, dentro de uma poça de sangue ainda quente, o negro que punha sentido nas carvoeiras.

O sargento-mor soltou então o moleque, dizendo-lhe estas palavras:

— Em recompensa da ação que praticaste, Germano, dou-te a liberdade. Do ora por diante já não és meu escravo, mas meu amigo. Estás forro.

— Eu forro, eu livre senhor! exclamou, duvidoso ainda o negro, como quem não podia acreditar fosse senhor do sumo bem a que aspirava desde que tivera o uso da razão, mas cuja posse só em sonho considerava possível.

Estás livre. Palavra de João da Cunha. As lágrimas saltaram dos olhos do moleque, mas uma sombra, escurecendo-lhe o espírito e aguando o contentamento inefável que o repassava, volitou diante dos seus olhos. Esta sombra tinha a forma de um espectro agoureiro e medonho. Parecia com o negro morto, mas não era senão o remorso, porque, em consciência, o moleque se reconhecia traidor e assassino.

Nesse momento Roberto apareceu no armazém.

— Pólvora, senhor, queremos pólvora — disse ele. Acabaram-se todas as munições que havia lá em cima. E que fazem os inimigos? Interrogou Filipe Cavalcanti.

— Avançam, respondeu Roberto. Estão já batendo nas portas. Pólvora, Germano! Gritou o sargento-mor. E uma idéia sinistra, semelhante à sombra do inferno, atravessou seu espírito atribulado. — Se Moçambique molhou a pólvora, que será de nós?- pensou ele.

Germano corre ao barril que primeiro se lhe mostra. O sargento-mor, sobressaltado, impaciente por saber imediatamente a sorte que lhe estava reservada naquele tremendo apuro, correu após o moleque. Germano para diante do barril, abre-o com arrebatamento nervoso, e voltando-se imediatamente ao sargento-mor que tinha os olhos postos nele, exclama:

— A pólvora está molhada, senhor!

— Molhada! Molhada! Exclamam quatro vezes ao mesmo tempo, quatro vezes que se confundiram na mesma angustia, e que pareciam um só grito de maldição e de horror. Eram as vozes de João da Cunha, Filipe Cavalcanti, Luiz Vidal e Roberto.

Para se certificar, o sargento-mor meteu suas próprias mãos dentro do primeiro barril, do segundo, de todos eles. Retirou-as cobertas de uma camada espessa e úmida, semelhante à lama da rua, que se lhes aderira. Não havia mais que duvidar. O tremendo drama caminhava rapidamente à sua última cena.

Mas Germano, que não gritará, que não se surpreendera com esse grande desastre, parecia não obstante haver ele penetrado mais profunda e dolorosamente do que nos outros. Havia nisso o efeito de uma lei fisiológica, senão moral. Fora ele, ele próprio quem tinha derramado água nos barris, logo depois da morte de Moçambique. Então nem sequer lhe passara pela imaginação a idéia de ser alforriado por seu senhor. Pensava porém no que lhe dissera Pedro de Lima. Para justificar-se perante João da Cunha, se este vencesse, tinha ele o seu procedimento com o parceiro; matara-o: não podia dar melhor prova de sua lealdade. Para aparecer diante do bandido com direito a ser livre, necessário lhe era algum fato de grande alcance, cuja responsabilidade pudesse atribuir a se próprio, no caso de saírem vencedores os estrangeiros, em nome de quem o cabra prometia essas grandes recompensas. Eis porque pusera água na pólvora.

Mas a inesperada generosidade do senhor tornara-o perplexo, confuso, sem saber o que fazer. O remorso, o arrependimento, o pesar, a dor abafada e temerosa o tiveram por um momento fora do uso das suas faculdades. Germano não era mau negro. Tinha sido até ao momento de se entender com

ele o Pedro de Lima, muito dos seu senhores. Ainda depois nós o vimos como arrependido em consequência das reflexões que lhe fizera Marcelina. Desencabeçado, porém, em nome da liberdade, atirara-se naquele escabroso despenhadeiro a modo de fatalmente.

Vendo agora de perto os resultados de sua perfídia; conhecendo-se assassino, sem ter nunca pensado sê-lo; vendo seus senhores sujeitos aos duros azares que a vitória dos contrários poderia trazer; vendo a ele próprio sem ação, sem meios para afastar todos aqueles horrores, vencer todas aquelas cruéis fatalidades, encher o grande abismo que ameaçava engoli-los, enfim reparar aquela imensa desgraça de seu natural irreparável, só faltou ao negro completar o seu martírio mudo e imponderável, cortando com suas próprias mãos o fio da existência a que um momento se haviam rasgado horizontes cor de rosa, logo após convertidos em profundas e infernais escuridões. Ó liberdade, quanto pareceste dolorosa nesse transe ao pobre escravo, vítima da natural ambição de te possuir!

O estampido de uma nova descarga, abalando violentamente todos os espíritos, veio como reacender a perdida veemência do de Germano. Sua impetuosidade etiópica rebentou pujante, como a catadupa que jorra subitamente de solo frio e pedregoso.

O negro tivera uma inspiração grandiosa, digna da heroicidade romana. Pondo-a em pratica, reabilitava-se perante sua própria consciência e dava manifesto testemunho ao senhor de engenho da sua gratidão. - Senhor, senhor, - disse ele a João da Cunha, tendo na mão desembainhado o facão com que tirara a vida a Moçambique — a água molhou as armas e a pólvora, mas não molhou o facão de Germano. Ainda que estivesse molhado, era agora a ocasião de o enxugar nos corações dos mascates. Se senhor dá licença, vou esperar os inimigos da banda de fora com meus companheiros.

— Quantos estão aqui?

— Dezenove, respondeu Germano.

— Não, agora somos trinta, respondeu ao pé do sargento-mor o Roberto, que descera. Nesse momento nova descarga soou na sala do sobrado. João da Cunha, espantado, perguntou a Roberto:

— Quem é que ainda atira lá em cima? Não estão vocês todos cá embaixo?

De feito, todos os negros, que Roberto capitaneava, achavam-se com os outros no armazém.

— É a senhora d. Damiana, com as negras.

— Que loucura! E onde acharam munições? Onde acharam munições?

— Lá em cima. A senhora d. Damiana tinha muitas dúzias de cartuchos guardados. Cada um de nós tem já a patrona cheia.

— Graças, meu Deus! exclamaram os fidalgos. Mas então porque desceram, porque abandonaram seu posto? perguntou o sargento-mor.

— Foi ela que nos mandou para baixo. Ela disse que havia mais necessidade de nós cá embaixo onde nenhum tiro se disparava, do que lá em cima. E a senhora d. Damiana teve razão — disse Filipe Cavalcanti, que, tendo ido olhar pelos olhais, voltara correndo ao lugar onde estas coisas se passavam. Acudam todos. Os bandidos batem-nos à porta. Uma descarga agora contra eles deve ser de grande proveito para nós.

Correram todos os que tinham as armas carregadas. Um estampido imenso ecoou dentro do vasto armazém. No chão da rua caíram vários dos assaltantes — muitos feridos, alguns mortos. Era o primeiro sinal de vida que dava de se para o lado de fora o armazém.

Tomando por estratégia o silêncio que até então ai reinara, recuaram os assaltantes amedrontados, mas não o fizeram tão prontamente que ficassem logo fora do alcance de novos tiros disparados do sobrado, desta vez mais certos do que das outras. Novas perdas contou a força invasora.

Quando cessou de todo o estrondo da última descarga, uma voz vibrou nos ares, forte e pujante, por entre as exclamações de dor dos feridos. Partia ela do cruzeiro e parecia dirigir-se aos do sobrado.

Mulheres ímpias, mulheres ímpias, que atirais contra a cruz do redentor, vede lá não venhais rasgar as veias sacrossantas daquele que em espírito está aqui pregado nela. Ergueram-se todas as vistas ao ponto donde tais palavras caíam.

Um vulto vestido de negro destacava sobre a larga peanha do cruzeiro. Estava de pé, o braço esquerdo passado em torno da haste pétrea, enquanto o direito distendido parecia acompanhar e completar a direção e o eco de sua voz. A cara branca e macilenta, o perfil negro e esguio, a voz fina e vibrante davam aquele vulto certa aparência majestosa e patética. O que sobressaía nele, cercado de uma como virtude misteriosa e fatal, era o ânimo terso, a temeridade a modo de bárbara, a fé passiva e animal que o fizera levantar-se diante das balas inimigas, que em torno de se cortavam o fio de muitas vidas. Esse vulto, esse espectro, esse ânimo que excedia a medida humana, era um membro da Companhia de Jesus. Era o padre Henrique Celini. Fora mandado expressamente do Recife para pregar contra os nobres e a favor dos mercadores. Seu nome devia figurar depois na carta monitoria em que o bispo cometia ao Padre Manoel Lopes todas as necessárias faculdades a fim de que ‘notificasse certos

clérigos para aparecerem em sua presença, e os corrigisse da escandalosa missão de andarem seduzindo os ânimos dos que os ouviam a seguirem por seleta e segura a nova doutrina sustentada pelos conjurados do Recife, com a qual agitaram o povo e deram tanto abalo a toda a terra.'

Apenas ouviu as primeiras palavras do jesuíta, o sargento-mor correu à sala superior. As balas paraibanas tinham deixado aí traços medonhos. Viam-se nas paredes, por entre superficiais escoriações, profundos ferimentos. Parte do estuque do teto estava por terra. Das rotulas algumas se mostravam despedaçadas, outras com imensos rombos por onde do pátio se via grande parte do que se fazia na sala. A frente da casa poder-se-ia comparar com a careta de um homem vesgo e desdentado.

D. Damiana, de pé por trás de uma das rotulas mais destruídas, olhava para o pregador por um dos rombos, no momento em que seu marido entrou na sala. As outras mulheres imitavam a senhora de engenho das outras janelas. Vinde ouvir, Sr. João da Cunha, vinde ouvir o pregador — disse ela. Ainda está falando aí essa sombra do inferno? Perguntou ele, lançando as vistas para o pátio, por cima do ombro da mulher. E rapidamente levou ao rosto o clavinote, como quem o queria desfechar sobre aquele novo sustentador da desordem e da destruição que aludiam a sua posição e o seu poder.

Mas no mesmo instante sentiu-se apertado entre dois braços fortes, roliços e deliciosos. Sentiu uma macia mão pegar-lhe do pulso e obrigá-lo a abaixar a arma. Ouviu uma voz terna, aflita, plangente pedir-lhe que não atirasse.

Não atireis, não atireis, Sr. João da Cunha, sobre o padre. Seria um grande pecado. Atreveis-vos a dizer-me estas palavras, senhora? exclamou o fidalgo. O que ali está não é um padre, um ministro de Deus. É o espírito de Satanás. É um perverso que deve cair atravessado por uma bala. Peço-vos também eu que não atireis, seu sargento-mor — disse-lhe outra voz ao pé de si. João da Cunha voltou-se e deu de face com Marcelina, que dava mostras de quem ia ajoelhar-se. Alongando os olhos algum tanto mais, viu todas as mulatas na mesma atitude, acusando sua fisionomia os mesmos sentimentos manifestados pela senhora de engenho e pela cabocla. A forte guarnição que até aquele momento mantivera nutrido e mortífero fogo sobre os invasores; desamparava as posições, abaixava as armas à voz de um padre; e quando ele trovejava contra elas próprias, corriam medrosas a impedir, com súplicas e prantos, que lhe tirassem a vida.

O jesuíta entretanto prosseguia assim a sua terrível jaculação.

— Atirastes sobre a cruz do redentor. Estais por isso condenadas às profundas dos infernos. Suspendei, suspendei, filha de Satanás, a vossa impiedade. A maldição de Deus pesará eternamente sobre vós, se ousardes levantar ainda

armas infernais para o lado onde está o símbolo da fé e da religião católica. Batei nas faces, mulheres ímpias. Pedi misericórdia a Deus. Misericórdia! Misericórdia! Exclamaram irresistivelmente todas as mulheres presentes. E suas mãos ainda quentes dos canos das armas, flagelaram, a modo de impelidas por oculta e fatal força, as faces há pouco afogueadas, agora pálidas, senão lívidas.

Um dos traços característicos daqueles tempos era a fé cega no padre e na sua doutrina. O sentimento religioso confundia-se com a superstição e dela recebia a influência que ainda em nossos dias alenta no lar do rico e do pobre, do pequeno e do grande, crenças deletérias e hábitos fatalíssimos. D. Damiana, educada no seio da família católica, ao paladar da fé antiga — misto de sombra e luz, como a nuvem que no deserto guiava o povo de Israel — sentia-se fraca diante do sacerdote, não obstante ter-se mostrado um momento antes brava, senão temerária, diante das forças e das armas rebeldes, porque ela estava acostumada a ver no padre o representante de Deus na terra; a considerar suas palavras como sentenças do código divino.

Mas o sargento-mor, que já não pensava assim, ergueu o clavinote e disparou-o. A bala foi bater nos pés da cruz, e arrancar uma lasca de pedra. No mesmo instante uma fila de sangue vivo escorre do lugar onde a bala deixara profunda e alongada ferida. Viram todos o sangue descer pela pedra. Era o do padre Henrique, cujo corpo caíra traspassado aos pés do cruzeiro.

— Meu Deus, que horror! Exclamou d. Damiana. Estamos perdidos. Deus não há de ser mais por nós.

E inclinou sobre as mãos, pequenas de mais para ocultarem o horror que lhe vinha do íntimo, o rosto desfigurado e abatido.

O senhor de engenho, como se sua própria obre tivesse excedido a medida da sua intenção, teve por momentos os olhos, pasmos e desvairados, sobre o traço vermelho que descrevera um como hieróglifo ou símbolo infernal na pedra secular do símbolo santo.

Nesse momento diziam da rua:

— O tiro, que o matou, veio do sobrado onde estão a mulher e as negras do malvado. Sim, sim, veio de cima; veio.

— Foi a escopeteira que atirou.

— Foi ela, foi ela. Morra a escopeteira!

— Morra, morra. Ao sobrado, ao sobrado! Gritaram os frades em torno do cadáver do jesuíta. Ao sobrado! respondeu a multidão.

CAPÍTULO 27

O sobrado foi fortemente atacado, mas à força exterior opuseram os que estavam dentro dele heróica resistência, impossível de descrever-se.

Nos últimos momentos os negros, dirigidos por Germano, tinham-se batido quais feras. Prometera-lhes o sargento-mor a liberdade a todos, e tanto bastou para que os guaribas lutassem como se foram leões.

Mas Germano devia ser punido da sua perfídia. Defendendo a facção e a chuço com os parceiros uma das portas que os invasores tinham logrado romper, ele caíra traspassado de golpes. Com o sangue e a vida resgatara a culpa.

Tanto que considerou perdida a esperança de salvação, o sargento-mor pediu a Filipe Cavalcanti e a Luiz Vidal que pusessem a salvo sua mulher.

— E porque não nos salvaremos todos? Inquiriu um deles. Roberto podia resistir com os negros que restam, ainda alguns minutos. Teremos tempo de ganhar a cavaliça. Tomaremos os animais e ficaremos fora do alcance dos malvados.

— Desamparar a minha casa seria uma covardia, que eu nunca havia de perdoar-me, disse o sargento-mor. Ide vós. Correi, correi, senhores. Salvai-me Damiana, e não vos importais comigo. Hei de resistir até à minha derradeira. Talvez que nesse entrementes chegue Cosme.

Mal tinha acabado estas palavras que poderiam considerar-se inspiradas pela intuição do momento final, quando as outras portas que ainda estavam de pé, caíram debaixo do peso dos machados e alavancas fortemente vibrados pela turba sedenta de vingança. Na primeira linha dos atacantes viam-se, movendo os terríveis instrumentos, diferentes frades carmelitas, que assim entendiam dever ressarcir a perda do jesuíta.

À vista desta cena extrema, não havia mais que hesitar. Os dois fidalgos, dois sós, porque João da Cunha ficava embaixo, resistindo ainda, lutando sempre, atiraram-se de escada acima a fim de tentarem a fuga, com a senhora de engenho, pelos fundos do sobrado, única comunicação para uns casebres com frente para a Rua do Meio. Mas qual não foi o seu espanto e tristeza, quando se encontraram com as mucamas de d. Damiana que, espavoridas e chorosas, corriam de escada abaixo pedindo socorro?

Uma malta, não inferior a cinquenta homens, entrando justamente pela parte da casa por onde Felipe e Luiz tencionavam escapar-se, tinha já tomado o andar superior. A senhora?! Onde está a senhora?! perguntaram os fidalgos, passados de impaciência e aflição indescritível.

- Não sei — responde uma das escravas.
- Fugiu, responde outra.
- Trancou-se por dentro em um quarto, - acrescenta a terceira.
- Negras do diabo! exclamou Luiz Vidal.

E atira-se com Felipe, desesperado, agoniado, na direção que levava. A indignação e o vexame faiscavam-lhes dos olhos. Mas do topo da escada não passaram eles. Parte da multidão veio ao seu encontro e embargou-lhes o caminho.

— Afastai-vos miseráveis! gritou Luiz Vidal. Vou a salvar uma dona honrada. Para o lado, vilões! Para o lado.

— A quem vais tu salvar, mazombo infame! perguntou-lhe o sujeito que vinha na frente da onda.

Os fidalgos reconheceram o que lhes dirigira este apodo acerbo. Era o Belchior.

— Será uma escopeteira? perguntou outro sujeito em quem eles reconheceram Manoel Rodrigues — o taverneiro.

— A escopeteira! A escopeteira! articulou o terceiro com ares de mofa. Está nas unhas do nosso comandante, o bravo Antônio Coelho.

Quem assim falava era o alfaiate Manoel Gaudêncio.

Coelho, de feito, entrando no sobrado do momento em que de fora ainda se pedia o coração, a cabeça de d. Damiana em paga da vida do frade, correu à senhora de engenho e disse:

— Senhora, senhora minha, se não vos entregais em minhas mãos, mata-vos a multidão!

— E dizer-lhe estas palavras foi o mesmo que tomar pela mão a senhora de engenho, atravessar com ela por entre o seu próprio séquito, acomodando os mais exaltados e exigentes, com a promessa de que ela pagaria a sua culpa às justiças, e desaparecer por onde havia entrado na casa do sargento-mor.

Irritados pelo pouco caso e mofa que mostravam os invasores, os fidalgos precipitam-se contra eles, resolutos a abrir caminho por cima de cadáveres. Seus golpes não conseguem mais do que ferir alguns mascates. Acende-se logo pronta e terrível represália. Tomam-nos às mãos, arrebatam-lhes as armas, descarregam sobre eles pancadas e cutiladas, assacam-lhes mil impropérios.

Então já as duas multidões, pondo-se em comunicação pela escada, formavam um só corpo, uma como serpente imensa, irrequieta, assanhada, que se esfregava pelas paredes, sacudia-se pelas salas, sumia-se pelos quartos a dentro, penetrando nos pontos mais secretos da casa do fidalgo, enquanto este desarmado, ferido, coberto de baldões, via-se com seus próprios escravos entre os primeiros cabos da força de Luiz Soares, e era apontado por ele, que não ocultava a sua satisfação, como o seu primeiro troféu.

De todas as que estavam na casa de João da Cunha, só uma pessoa pode escapar-se com sua liberdade. Foi Marcelina, que correria, não por fugir, senão por acompanhar d. Damiana, no momento em que com ela rompia Antônio Coelho por entre os seus partidários.

— Hei de ir com ela até ao infinito! Dizia a cabocla correndo após a senhora de engenho. Não hei de perder de vista a pobre senhora. Meu Deus! Como tudo se mudou!

Mas a Coelho não fazia conta ser acompanhado por essa terrível testemunha, e cedo achou um meio de afastá-la de suas pisadas, por mais que a senhora de engenho pedisse depois que a deixasse passar. Para penetrar no quintal do sobrado, tinha Coelho feito caminho por um dos casebres que abriam sobre a Rua do Meio. O mascate estugou os passos, atravessou o casebre, e, quando se achou com sua presa na rua, trancou pelo lado de fora a porta. Marcelina não era mulher a quem semelhante obstáculo cortasse a carreira em que ia. Mas quando, desimpedida a saída a poder de esforço e violência, ela passou da outra banda, Coelho e d. Damiana tinham desaparecido.

— Pobre senhora! exclamou a cabocla em lágrimas. Que não fará com ela o bárbaro?

Seriam então oito horas da manhã. O dia, risonho e esplêndido, apareceu aos olhos da cabocla como a carranca de um malvado. A viração, que brincava com as folhas dos mamoeiros dos quintais, soou a seus ouvidos como a ameaça de um assassino, o riso infernal de um demônio.

Marcelina tinha até certo ponto razão deixando formar-se em seu espírito esta ilusão mentirosa.

Era geral o destroço, lúgubre o espetáculo que seus olhos descobriram na rua. Homens de feia catadura passavam carregados dos despojos da noite. Outros agora é que iam a colher os frutos que sabe a pilhagem descobrir no meio do desamparo, e por entre as lágrimas dos aflitos. Dos armazéns, onde alguns senhores de engenho tinham recolhidos seus açucars, saíam sujeitos maltrapilhos arrastando sacos e caixas, que deixavam pelas calçadas rastilhos brancos ou amarelados. Vários troços da força de Luiz Soares, tanto que fora

conhecida a vitória, espalhavam-se derrubando as portas de novos armazéns, invadindo as casas de famílias afeiçoadas à nobreza que tinham fugido para pontos desconhecidos, e daí tirando tudo o que tentava sua cobiça e podia aprazer à sua voracidade. Essas hordas passavam impunemente, sem que ninguém se atrevesse a ir ao seu encontro; porque os próprios grupos que na véspera se tinham organizado em favor dos nobres e durante a noite haviam sido em muitos pontos obstáculo ao saque, desfizera-os a notícia de que o sobrado do sargento-mor, que era como a praça-forte dos nobres, fora tomado pelo partido contrário. A plebe tomara conta da vila e levava por diante a sua obra de destruição e rapina. Enfim, o que Marcelina tinha diante dos olhos era o saque em toda sua hediondez — o saque, serpente de vasta goela e insondável estômago, que tudo engole, víveres, jóias, moveis, roupas, e o que não lhe apraz ingerir, despedaça, destrói, inutiliza, como faz a enchente de um grande rio quando inunda um ponto habitado.

Marcelina vagou sem norte, tendo o juízo em quase completa confusão, pelas ruas cheias de figuras sinistras, e de vozes e ruídos ingratos. Lembrou-se de Lourenço e de Cosme Bezerra. ‘Que será feito de meu filho?! Quem sabe o que não lhe terá acontecido? E seu Cosme que foi buscar gente e nunca mais apareceu?’

Estas interrogações tinham resposta fácil. Cosme, quando vinha com os poucos trabalhadores e escravos de Jorge Cavalcanti, encontrou-se com o bando de Tunda-Cumbe — aquele mesmo que saqueara o engenho Bujari, e foi batido. Voltou então, com Jorge Cavalcanti, derrotado e ferido. Mas ainda assim dirigira-se ao engenho Jacaré, a fim de ver se decidia o respectivo proprietário, até então indeciso, a tomar o partido da nobreza e a vir em auxílio da vila com sua fabrica e agregados. Quanto a Lourenço, tendo preenchido a comissão que o levará ao Tanquinho, lembrou-se de correr ao engenho Bujari, a fim de chamar a gente que ai ficara. Mal sabia ele o negro drama de que tinha sido teatro a risonha propriedade de sargento-mor.

Andando sempre sem destino, ora para um lado, ora para o outro, por fugir das turbas revoltas que não cessava, em seu frenesi, de botar abaixo portas, roubar o que lhe aprazia, despedaçar o que não falava à sua ambição, quando Marcelina deu acordo de se estava no oitão de uma igreja. Era a da Misericórdia. Seriam nove horas. No lugar, como se deserto, passavam com intervalos, maltas de homens, vociferando, gritando, muitos deles já nos braços da embriaguez.

De repente, ela viu vir correndo a marche-marche, pela Rua das Porteiras, em procura do oitão da igreja, onde ela se sentara, uma longa fileira de soldados, os pés nus, as calças arregaçadas. Capitaneavam-nos dois cavaleiros.

— Virgem Maria! exclamou ela, tomada de novo horror. Aonde irá isso parar! Goiana hoje arrasa-se, acaba-se de uma vez.

Supondo que era novo reforço de bandidos, correu a meter-se dentro de um fechado de arbustos que havia a um lado do oitão. A pobre mulher estava possuída de terror. Em todos via inimigos.

Abaixou-se quanto pode, e nesta posição ficou imóvel, quieta, rezando baixinho a Magnificat.

Quando estava nisso, passou por junto da moita o bando sempre a correr. Não falavam. Parecia mudos. Todos corriam apressados. Adiante ia um oficial e atrás outro, acompanhado de um paisano. Estes três vinham a cavalo.

Súbito uma voz soou aos ouvidos da cabocla.

— Veja, seu ajudante. Olhe como corre o povo solto lá embaixo.

— Estas palavras tinham sido ditas pelo paisano ao militar, apontando o que as dissera para o largo das Portas de Roma.

— Elas produziram em Marcelina o efeito de um choque elétrico. Tinha reconhecido a voz de Francisco.

— Marcelina não se pode ter mais oculta um só instante. Correu de dentro dos arbustos, gritando: Francisco, Francisco, foi Nossa Senhora que te botou por aqui.

Não se pode descrever o prazer que tomou o matuto. Saltar do cavalo abaixo e correr, louco, delirante ao encontro de sua mulher foram atos que ele praticou a modo de impellido por uma mola mágica. Apertou-a entre os braços extasiado. Por cima de suas barbas que iam pintando, mas ainda negras, desceram-lhe duas lágrimas nitentes. Sobre seus lábios crestados perpassou sorriso de inefável contentamento.

— Marcelina, meu amor, que andas fazendo por aqui só, escondida? Estás com medo dos mascates, já sei. Ah! Marcelina, Deus se lembrou de mim. Vim fugindo dos facinorosos. Os mascates estão senhores de toda a vila. Seu sargento-mor, tenho que já o mataram. As forças de Luiz Soares atacaram o sobrado e levaram tudo a ferro e a fogo. Nós resistimos, mas por fim não pudemos mais, e demos os braços.

— Já sei de tudo, Marcelina. Lá embaixo soubemos logo do que havia. Esta tropa, que estás vendo, vem de Itamaracá por ordem do governo de Olinda para acabar com os mascates. Eu vinha fora de mim, minha mulher. Nem tu sabes o que fizeram os ladrões, ao passarem pelo Cajueiro. Que fizeram eles?

— Queimaram a nossa casa, mulher, a nossa casinha, que nunca lhes fez mal.

— A nossa casinha! Que dizes tu, Francisco? Pois esses endemoniados chegaram a queimar a nossa moradinha de casa? Oh meu Deus! Cada um havia de ter sua parte nessa desgraça geral?! Até o nosso suor havia de pagar pelos males dos outros?! Mas isso não há de ficar assim. Deus há de castigar esses malvados, essas feras malfazejas!

— E que novas me dás tu de Lourenço?

— Anda ai mesmo pela vila com seu Cosme, lutando com os mascates. Mas a minha casa, a minha casinha tão bonitinha! Tudo queimado e destruído! Ah! malvados do inferno! A luz há de faltar a vocês na hora da morte.

— E as lágrimas arrasaram os olhos de Marcelina, que tinha nas faces palidez mortal, nos olhos a expressão de profunda e entranhável dor. Não chores, mulher. Foi-se uma, faz-se outra casa. E a minha caixa teria ardido também?

— Qual caixa?

— A nossa caixa, aquela onde tu guardavas o dinheiro. Se não a tiraste antes, ardeu também. Tudo lá estava em cinzas.

— Ah Lourenço, lá se foi a tua fortuna. Era na caixa que eu tinha guardado o papel que me deu seu padre Antônio no momento da despedida. Que papel era esse?

— Vamos ao Cajueiro, Francisco. Talvez ainda se possa salvar alguma coisa. Tem paciência. Agora não é possível o que queres. Vou aqui servindo de guia à tropa. Mas se queres ir, vai. Aqui te deixo o cavalo, coitado! que já não pode andar de enfadado. Vê como vais, Marcelina. Se vires alguém que te possa ofender, mete-te no mato. Eu hei de dar contigo onde estiveres. Vou direitinho à minha casa. Mas antes que me esqueça, quero dizer-te uma coisa: vê se podes descobrir sinhá d. Damiana que seu Antônio Coelho prendeu e levou consigo para entregar à justiça. Pobre senhora!

Francisco alcançou logo adiante a tropa, enquanto Marcelina, tendo arregaçado as saias, saltara sobre a cangalha e pusera o cavalo para trás.

A tropa que Francisco tinha guiado não era senão uma parte das forças comandadas pelo ajudante de tenente.

Tinha este planejado, antes de entrar na vila, formar um como cerco que avançasse das ruas de fora para as de dentro, a fim de apertar e sufocar a insurreição, de modo que ela não tivesse por onde escapar.

Obedecendo a este intuito, Gil Ribeiro dividiu as forças em duas colunas, e, ficando com a mais forte, entregou o comando da outra ao ajudante Filipe Bandeira com o alferes Carlos Teixeira. Ele fez a sua entrada pelo lado do ocidente, e um quarto de hora depois entrava no Pátio do Carmo pelo lado do rio. Ao mesmo tempo a coluna comandada pelo ajudante Filipe Bandeira, e habilmente encaminhada por Francisco, desembocava aí pelo Beco do Limoeiro. As forças inimigas estavam ainda no Pátio do Carmo, tendo à sua frente Luiz Soares, Gonçalo Ferreira, e os mais importantes mascates, seus parciais.

João da Cunha, Luiz Vidal e Filipe Cavalcanti, eram conduzidos à cadeia por Jerônimo Paes no momento em que as duas colunas desembocaram no pátio. Eles deviam ficar ali ocupando o lugar dos criminosos que a multidão ainda não tinha podido soltar, em consequência da tenaz resistência de Antônio Rabelo. A demais nobreza, menos Cosme Bezerra, Jorge Cavalcanti e Manoel de Lacerda que já se achavam de volta novamente à vila para bater os invasores, tinha fugido para o mato. Todavia Gil encontrou já uma nova reação principiada contra os amotinados. Grande número de cidadãos pacíficos, indignados com a cena do saque, tinham-se armado, e começavam a bater os que continuavam a praticá-lo. De sorte que alguns pontos, por onde passaram as duas colunas, as receberam com vivas demonstrações de contentamento.

Enfim, seriam dez horas da manhã quando o ajudante de tenente atacou os revoltosos. O povo é vário como as ondas. Não foi preciso muito para que, operando-se o quase fatal reviramento, logo se declarasse pelos vencidos.

Rompeu vivíssimo fogo de uma parte sobre a outra. Mas os matutos bisonhos, cansados e quase famintos que constituíam as forças de Luiz Soares, não podiam resistir por muito tempo às forças frescas, adestradas no manejo das armas e impacientes por darem tremenda lição, que trazia Gil.

Luiz Soares, em pouco tempo convencendo-se de que a sua estrela atingia o ocaso, tratou da retirada.

Esta operou-se por dentro do próprio convento do Carmo. Os frades, ainda desta vez com as armas nas mãos, protegeram a causa dos estrangeiros.

Mas não foi pequeno o número dos mortos e feridos que deixavam os que fugiam com medo de sua própria sombra.

No mais aceso do combate, Francisco correra a soltar os três fidalgos que eram conduzidos por um troço dirigido por Jerônimo Paes e seus três filhos.

— Eu nunca matei ninguém, meus senhores — disse Francisco ao bando. Mas para salvar esses homens, mato e morro; faço tudo, contanto que lhes de a liberdade.

Miguel, ouvindo estas palavras decisivas, partiu contra ele com o facão, e Victor imitou-o. A esse momento estavam já com o matuto algumas pessoas de Goiana, que descarregaram terríveis golpes sobre os agressores. Aproveitando a confusão, Francisco consegue chegar-se aos prisioneiros e cortar-lhes as cordas que lhes prendiam os pulsos. A um dá o facão, a outro a arma de fogo. Então eles investem terrivelmente. Pareciam feras soltas das jaulas. Em poucos instantes Jerônimo cai como morto; tinha sido alvo de golpes tremendos a que não pode resistir. Os filhos, porém, ainda que feridos, levantam o procurador do povo (Jerônimo Paes dava-se esta denominação) e fogem com ele. João da Cunha quer persegui-los, mas de repente para, como se o mundo lhe desabara aos pés, tanto que ouviu estas vozes de Francisco:

— Seu sargento-mor, os mascates estão vencidos. Mas o principal para nós está ainda por fazer. Sinhá d. Damiana.

— E que é feito da senhora d. Damiana?

— Que é feito? Está no poder do principal dos mascates. Quem? Antônio Coelho?

— Sim, senhor.

— Oh! não me digas isto, Francisco. E eu ainda aqui, vamos, corramos. Mas aonde iremos? Para onde correremos?!

— Para a casa do mascate. Correram os fidalgos e o matuto como loucos pela rua afora. João da Cunha levava o inferno no coração. Aquela triste nova dava-lhe a esgotar as fezes do cálix de amargura que bebia desde a véspera. Em toda a sua vida nunca sentira tão profunda, tão desumana dor penetrar-lhe a alma.

Todas as portas, tanto as inferiores como as superiores, estavam hermeticamente fechadas. Do lado de dentro o silêncio era profundo. Tudo indicava que na casa não havia viva alma.

A João da Cunha, perdido em cogitações e incertezas, só faltava desesperar.

— Meu Deus, meu Deus, que hei de fazer? Onde irei descobrir o infame? Onde irei achar minha infeliz mulher?

Estiveram um momento curtindo silenciosos, de pé, a modo de privados do exercício da razão, aquela angustia sem nome.

Súbito uma detonação, que parecia partir do interior do sobrado, veio ressoar do lado de fora.

— Estão ai, estão dentro. Matou-a o malvado, exclamou o sargento-mor. Adivinho tudo. Quis violentá-la, ela resistiu e ele matou-a. Mas eu o matarei também. Matarei o vilão.

Lívidos, como cadáveres, atiraram-se à porta que lhes pareceu menos resistente. A coices de arcabuz, conseguem metê-la dentro. Voam de escadas acima como quatro sombras, quatro espectros fantásticos. A claridade do dia chegava ao interior da casa como luz crepuscular; mas aos olhos deles o que se apresentava eram trevas profundas. Francisco foi o primeiro que abriu uma das portas, e João da Cunha o que se atirou para o interior da casa, que não conhecia. O cheiro da pólvora e a nuvem de fuma ainda ondulante indicaram a direção que eles deviam tomar. Chegam enfim ao dormitório do negociante. Uma voz enfraquecida fez ouvir então estas palavras:

— Não me matem, não me matem.

Aos pés do leito havia um vulto sentado e outro estendido.

— Por Nosso Senhor Jesus Cristo, não acabem comigo.

— Quem és tu, miserável? Perguntou o sargento-mor.

— Era Bartolomeu, o barcaceiro. Contou tudo. Tinha estado na véspera com o negociante. Tinha concertado esperar por ele na Borboleta; mas tendo visto os dobrões que o negociante inadvertidamente lhe mostrara, projetou logo apossar-se deles furtivamente. Esteve na barcaça até a hora em que a sorte pareceu ser pelas armas dos mascates; mas tanto que soube da entrada da tropa do governo, correu ao sobrado, calculando que Coelho seria morto, ou ao menos preso. Chegando ai, fechou-se por dentro para afastar qualquer suspeita, e forçou a burra. Quando a tampa cedeu à violência, um tiro partiu de dentro, e o feriu acima do ventre. Era o tiro que eles tinham ouvido. Em vão procurou o dinheiro que o tinha tentado. O que encontrou foi uma pistola presa ao cofre por oculto aparelho, ali posto intencionalmente para a fazer disparar sobre quem o violasse. E a Borboleta?

— Deve de estar ainda no porto à minha espera. Os quatro amigos atiraram-se imediatamente fora do aposento e ganharam a rua em violenta carreira para o porto.

CAPÍTULO 28

A enormidade e a iminência do perigo abateram o grande ânimo da senhora de engenho, a qual, percebendo levantar-se diante de seus olhos o vulto

horripilante da morte, não escolheu meios de fugir a esta fúnebre visão, e deixou-se arrastar sem resistência e como sem consciência pelo mercador.

De feito, ela ouvira centenas de vozes pedir do lado de fora a sua cabeça em resgate do crime que fora aliás praticado por seu marido; vira a casa tomada pelos amotinados, resolutos a não terem para ninguém, e muito menos para ela, se não fosse o negociante, a menor contemplação; conhecera enfim que sua vida, posto que à sombra da proteção dele, não se podia considerar ainda de todo segura. Então não hesitou, não refletiu. Pegou da mão que se lhe estendia. O instinto da própria conservação impõe-se como uma fatalidade. D. Damiana não podia mostrar-se superior a essa lei absoluta e impreterível.

Para Coelho a crise tinha chegado à solução natural e única. João da Cunha, uma vez nas mãos dos inimigos, não haveria sair delas com vida. E o homicídio, previsto pelo mercador, não esteve longe de ser cometido nos primeiros momentos depois da prisão do senhor de engenho; mas interpôs-se uma circunstância, menos filha do acaso do que da clemência com que o céu quis vir a seu socorro. Os filhos de Jerônimo Paes assentaram não lhe tirar a vida senão depois de perdida a esperança de um resgate em dinheiro, por então muito em voga.

Coelho não pensou mais senão em efetuar a sua viagem para o Recife. Ai esperaria a última palavra dos acontecimentos, que para ele não era duvidosa. Ai realizaria o seu sonho. Mas para que este resultado não estivesse sujeito ao mínimo contraste, urgia deixar Goiana. Demais, as turbas achavam-se exacerbadas e podiam ter o capricho feroz de preencher a sua vingança derramando o sangue de infeliz senhora, enfim, apresentando-se todas estas idéias ao espírito do negociante, correu ele à casa, meteu em se todo o ouro que tinha em segredo no cofre, e dizendo a d. Damiana que a ia recolher em lugar onde o povo não pudesse suspeitar seu homizio, encaminhou-se com ela em direitura para a Rua do Rio.

D. Damiana não votava desafeição a Coelho. Ele tinha sido, por assim escrevermos, seu companheiro de infância, e tanto bastava para que a seus olhos o jovem europeu não aparecesse senão como um amigo, ou um irmão. É verdade que, mais tarde, distancia maior se estendera entre eles dois, filha da desigualdade de condição que naqueles tempos tanto predominava nas relações sociais e de família. Mas as tradições da primeira idade, que, como os hieróglifos dos egípcios e os caracteres cuneiformes dos persas, que tem atravessado as eras e dizem idéias tão duradouras como as pedras em que existem entalhados, não se apagam, senão com a morte, da imaginação ou, melhor, do coração onde se gravaram e donde dizem a todo tempo a sua muda e eloquente linguagem, essas tradições extintas e sempre vivas prendiam irresistivelmente a gentil senhora de engenho, pelo passado, ao jovem

português, como na escritura comum, o traço de união liga o verbo com o pronome, e de duas vozes diferentes faz uma só.

Em sua consciência mais de uma vez protestou contra certas manifestações do desdém de João da Cunha para com o negociante; e, conquanto, melhor do que ninguém, ajuizasse da profundidade do abismo que entre eles cavara a fatalidade, nem por isso negava a Coelho certas atenções, aquelas que, pela própria fidalguia dos seus sentimentos, entendia que devia ter para o antigo amigo da casa. Nunca deixou sem retribuição os cumprimentos e as saudações do mercador, nem lhe recusou falas respeitadas, por ocasião de se encontrarem. Seu natural espírito de justiça levava-a até a justificar os profundos ressentimentos de Coelho, quando compreendeu a verdadeira causa deles. ‘ Ele cuidava — dizia d. Damiana consigo mesma — ele cuidava que poderia casar comigo. Julgava que, tendo entrada em nossas relações, estava habilitado para prender-se à família por laços que só o parentesco e a igualdade de condição podem criar. ‘

Tais eram as idéias e os sentimentos de d. Damiana. Por isso, sentindo a gravidade do momento, ela não escrupulisou acompanhar o negociante, única tábua de salvação que nos cruzados mares da súbita adversidade lhe aparecia como instrumento do céu.

E antes de passarmos adiante, justo é que deixemos bem claro este ponto essencial da presente narrativa: Coelho não era indigno da confiança que, por força das circunstâncias atuais, ou por influência irresistível de circunstâncias anteriores e remotas, depositou nele a jovem fidalga. O amor que ele lhe consagrava, era sublime e puro; tinha origem imediata no sentimento, não nos sentidos. O português estava na flor dos anos, e seu caráter não se tinha poluído ainda no trato das relações sociais. Nessa época da vida e com esta circunstância, o amor é mais do que um sentimento, é uma virtude. Tende sempre a elevar-se, e nunca a rebaixar-se. O negociante amava em d. Damiana um ente, uma criatura, um composto de qualidades corporais e imateriais, não unicamente uma feitura plástica, uma forma física, não obstante se acharem coligadas nessa forma todas as perfeições que ele sonhava para o seu ideal. Sua aspiração não se limitava à posse do olhar, do sorriso, do carinho dessa criatura; ele aspirava, não menos do que a isto, às suas perfeições morais, à parte imaterial da pessoa humana, a essa porção do ser que não é a figura corporal, o arredondado dos contornos, o donaire do talhe, o aveludado da face e da mão, o colorido da cútis, a vibração da voz, mas, mostrando-se intimamente ligada com todas estas prendas não se confunde com elas, e sem se deixar ver, porque não é visível, deixa-se adivinhar, conhecer, sentir na bondade, na dedicação, na conformidade com o sentir da pessoa que lhe é idêntica nas inclinações, nos gostos, no estado espiritual que lhes é comum.

Certamente ele imaginava ser feliz ao lado dessa existência seleta, dessa alma que constituía a essência dos seus desejos, das suas vaidades, do seu nobre orgulho; mas essa felicidade ele nunca a imaginou de outra forma. Por isso, tanto que viu entre suas mãos o tesouro longamente apetecido, a única idéia que lhe passou pela mente foi a de que cessara enfim o seu tormento e começara, pelo gozo dos bens sonhados, o resgate dos males curtidos; a idéia de, prevalecendo-se das circunstâncias, sujeitar o ente querido e alcançado ao papel de instrumento de paixões menos dignas, essa ele não a teve então, porque não a tivera nunca. No coração do jovem português havia o afeto generoso do amante, não os ardores animais do barregão.

Cortando pelas ruas exteriores, dando rodeios, atravessando becos desertos, Coelho chegou com a senhora de engenho ao embarcadouro. A Borboleta era a única embarcação surta no rio.

Como a revolta se concentrara, deste lado a vila aparecia quase deserta. O dia estava em seu começo, mas assim as casas de morada como as de negocio mostravam-se fechadas; e só por intervalos passavam pela frente delas os magotes que andavam exercitando o ignóbil ofício da rapina. Vamos embarcar, senhora — disse Coelho, descendo a margem, onde então se viam grandes mangues de basta e estendida folhagem.

— Embarcar? inquiriu a senhora de engenho, não sem surpresa. Embarcar para onde, Sr. Coelho?

— Senhora, o momento é grave, e não me dá lugar a refletir sobre a escolha do porto de salvamento. Correremos à mercê das águas e dos ventos, e, uma vez longe dos perigos que vos ameaçam, pensaremos então com serenidade sobre esse objeto.

— Que estais dizendo? tornou d. Damiana, mais pálida, e porventura mais abalada do que estava antes.

Talvez só nesse momento a sua desgraça se lhe desenhou tal qual era na imaginação, até então tolhida e obscurecida pelo terror que, por mais próximo da morte, devera ser maior e mais intenso.

— Tencionais então levar-me para fora de Goiana? perguntou ela, com trêmula e quase chorosa voz.

— Certamente, minha senhora, certamente. Goiana neste momento tem para vós sentimentos de madrasta, não de mãe. Não ouvis aqueles tiros, aqueles ruídos sinistros, aquele vozear confuso e medonho? Eles indicam que o povo é o triunfador, que os mascates estão senhores da vila...

— Já sei, já sei tudo isto — interrompeu ela freneticamente.

— Pois bem. O povo é exigente, e vingá-se neste momento dos nobres. Vosso marido, senhora minha, deve já ter acabado às mãos dos populares. Pois se ele acabou, acabarei também eu — disse a senhor de engenho soluçando.

— Não, isso nunca. Já não pertenceis nem a vós, nem a ele, observou Coelho.

— E a quem pertenço então? perguntou ela com altivez.

— O destino confiou a mim a vossa guarda, e hei de salvar-vos, ainda que a troco do meu sangue.

— Sem meu marido, senhor, não quero a vida. Senhora d. Damiana! exclamou Coelho com entranhável amargura que lhe estalara nos lábios como se fora vesícula de fel.

É o que vos digo, Sr. Coelho — repetiu a gentil senhora com a firmeza que indica as profundas convicções. Só agora, continuou ela, só agora compreendo todo o horror da minha situação. Porque fugi eu? Porque não me deixei matar pelo povo, ao lado de meu marido?

— Porque a sorte tinha já assentado que vós devíeis sobreviver a ele, talvez para completar uma existência que vegeta entre as luzes e as sombras do mundo, sem experimentar outras impressões que não sejam as que as sombras, não as luzes, despertam — respondeu o jovem negociante em tom sentido. Mas para que falais ainda — continuou logo, como quem se reanimava ao calor de uma inspiração súbita — para que falais ainda em — uma existência que já deve pertencer ao passado? A esta hora, senhora minha, deveis estar viúva, isto é, livre.

— Sois cruel, Sr. Coelho! — retorquiu com voz amargurada a mulher do sargento-mor. Porque trazeis ao meu espírito este fúnebre pensamento? Houve um momento na minha vida em que cheguei a supor que em vosso coração existia um sentimento fidalgo.

— Que quereis dizer, Sra. d. Damiana? interrogou o negociante.

— Que pensei que, não obstante o rancor que tendes ao Sr. João da Cunha, e que vós explicais atribuindo-o à contrariedade de certo afeto que vos inspirei, não hesitaríeis um só momento em salvardes do acabamento o objeto desse rancor, se a salvação dependesse de vós e eu vo-la lembrasse com as lágrimas nos olhos, como agora faço. Vejo, porém, Sr. Coelho, que o vosso ódio é maior do que o vosso amor, e que só a minha desgraça, esta sim não tem medida nem limite na terra.

— Pensáveis então, senhora... — retrucou o português — Que pensáveis vós? Dizei francamente a vossa idéia.

— Ah! Quereis ouvir-me? Pois bem, senhor, escutai. O que eu pensava era muito natural, e não era impróprio de vós nem de mim. Pensava que, em vez dos sentimentos ferozes que tendes mais de uma vez manifestado, deveríeis ter para meu marido antes benevolência e atenções respeitadas.

— Esqueceis, Sra. d. Damiana, que nenhum homem que se prezasse dignamente, beijaria jamais a mão do algoz que lhe houvesse afogado as mais caras esperanças, que lhe tivesse destruído uma felicidade irreparável.

— Vós é que esqueceis, Sr. Coelho, o passado que devíeis ter bem presente na memória. A meu marido deveis, não a desgraça, mas a posição de que soubestes fazer-vos digno. Sua mão generosa e amiga indicou-vos o caminho para a vossa independência. Por muito tempo não tivestes nesta vila outra proteção, outro amparo, outro pai além de João da Cunha. A vossa entrada nas primeiras casas, a estima que para vós tiveram os mais ricos e os mais nobres de Goiana, a quem as devestes principalmente, Sr. Coelho, quando éreis sem relações, sem nome, e sem haveres? Não vos lembro estas causas por magoar-vos, mas por ver se desperto em vosso coração o nobre sentimento que sempre conheci em vós antes do fatal desastre que levantou uma muralha entre vós e meu marido — o sentimento da gratidão.

— Sra. d. Damiana, vossas palavras trazem-me terror e confusão, disse o jovem europeu, a modo de atordoado.

Seu espírito nadava em um mar de hesitações.

— Que esse sentimento acorde enfim, senhor. É talvez tempo ainda de produzir sua ação consoladora. Não vos importeis comigo, importai-vos com o homem que um dia vos tratou como se fosseis seu filho. Correi e livrai-o do furor dos vossos parciais. Porque tanto ódio? Porque tanta vingança?

Não pode continuar este singular dialogo, que prometia chegar a um desenlace talvez patético e imprevisto. Bem perto dos dois interlocutores soaram vozes confusas e retintim de armas. O chão estremeceu, batido por um sem-número de pés que precipitada carreira movia em direitura ao rio.

Afigurou-se então aos fugitivos uma visão sinistra, um desfecho medonho.

— É o povo que vem em vossa procura, Sra. d. Damiana. Não percamos um só momento. Salvai-vos, senhora, salvai-vos enquanto é tempo.

Eles tinham chegado ao pé de uma das árvores que da margem estendiam sua grande copa sobre o rio. Perto desta árvore levantava-se um armazém, feito de tábuas, onde se fazia o embarque dos açúcares, e o desembarque dos gêneros importados pelas barcaças, quando a maré estava cheia e elas podiam ficar ao nível da estiva do armazém, do lado que entrava pelo rio sobre solidas estacas.

Nesse momento a maré cheia dava ao rio a sua natural plenitude, e a Borboleta, livrando-se sobre as águas banzeiras que acusavam a aproximação da preamar, estava em comunicação com o tosco trapiche por meio de uma prancha que para ele partia do embono de bombordo. Coelho, sem perder mais um instante, arrastou d. Damiana contra a vontade dela para dentro do armazém, e, todo preocupações e temores pela sua salvação, indicou-lhe a Borboleta, que aparecia no fim da estiva. - Correi, senhora, entrai na barcaça, mandai atirar dentro da água a prancha, e ordenai, em meu nome, que sigam incontinenti rio abaixo. Nada temais, que eles daqui não hão de passar. Contê-los-ei.

Disse, e retrocedeu acesso em brio, mas pálido como um cadáver. Seu olhas fuzilava. Os músculos, obedecendo às impressões nervosas, experimentavam súbitos estremecimentos. A terra parecia fugir-lhe sob os pés, ao mesmo tempo pesados e céleres. - Meus amigos — gritou ele, alguns passos distante do trapiche, dirigindo-se ao magote que vinha para seu lado, até onde quereis levar o vosso desforço? A lição satisfaz. A nobreza está vencida em Goiana. Tratemos agora de ir vencê-la no seu reduto principal — em Olinda. Não percamos tempo.

— Então, do bando que corria com as armas nuas reluzindo ao sol, um grito partiu, e não foi preciso mais, ouvindo-o, para que o chefe dos mascates compreendesse que se enganara e que seus dias, esses, sim, estavam contados. Ainda falas, mascate infame?!

Seguiu-se uma cena, só própria de canibais, mas que os excessos das paixões humanas estão reproduzindo todos os dias, ainda nos centros da mais adiantada civilização. Vários soldados da tropa que chegara, e que se haviam reunido aos fidalgos e a Francisco, ao saberem que eles vinham em demanda do negociante, de catanas desembainhadas se atiram sobre ele e covardemente o degolam.

Ao darem de face com este repugnante espetáculo, os fidalgos estacam horrorizados. Só um deles, a cabo de um momento de confusão, que se diria antes remorso, pode proferir estas palavras:

— E minha mulher? Onde está ela? Onde está a senhora d. Damiana?

— Na Borboleta — lembrou Luiz Vidal. Corramos. Mas eis que perto deles soa um grito, que não só traz a tranquilidade, mas descomunal prazer ao espírito de todos.

— Aqui estou, minha gente. E vós salvo, Sr. João da Cunha! Foi Nossa Senhora do Rosário quem vos salvou.

Os fidalgos apertaram em seus braços a senhora de engenho, a cujo encontro fora Francisco o primeiro que correra.

— Em poucas horas tudo estará acabado e pacificado — exclamou o sargento-mor. Os mascates serão vencidos, os populares hão de ter uma rude lição.

— E até os frades também hão de ter a sua, para não serem tão audazes e metidos nas coisas do mundo — acrescentou Luiz Vidal. E Antônio Coelho? interrogou d. Damiana, que ainda ignorava o trágico fim do negociante. Deste estamos livres. Hei-lo ali morto, degolado — respondeu o sargento-mor, apontando para o cadáver que a poucos passos se mostrava rodeado pela mó de soldados, agora ocupados em apanhar o ouro, que, na ocasião de cair, se lhe entornara das algibeiras.

— Morto! Morto! Fostes cruéis, senhores! Exclamou como alucinada a senhora de engenho. Quem praticou tamanho latrocínio? Oh meu Deus! Que horror!

— Não foi nenhum de nós — responderam Francisco e Filipe ao mesmo tempo.

— Não foi nenhum de nós, repetiu o sargento-mor, fitando na mulher seu olhar inflamado e a modo de pasmo. Mas eu o mataria, se fosse eu o primeiro a encontrá-lo. Era um espírito danado.

— Engana-vos. Era uma alma generosa, um bom coração; era um mártir — respondeu d. Damiana em lágrimas. Ele ia a salvar-vos, Sr. João da Cunha, supondo em perigo a vossa vida. Oh! meu Deus, por que razão as grandes criaturas não se hão de entender melhor e formar uma companhia só na terra? Mas fujamos daqui. Não posso ter os olhos nesta desgraça que me esmaga.

E a senhora de engenho foi a primeira que deu o exemplo da retirada.

Era tempo de se ausentarem todos desse ponto deserto, porque Luiz Soares, batido fortemente pelo ajudante de tenente Gil Ribeiro, pelo ajudante Felipe Bandeira e pelo capitão Antônio Rabelo, demandava esse lado para escapulir-se com sua gente. Conseguiu-o, com mais quinhentos, entre Paraibanos e portugueses.

Enfim, segundo anunciara o sargento-mor, algumas horas depois Goiana estava pacificada.

Mas era contristador o aspecto que apresentava, como facilmente se imagina. O saque tinha deixado nas casas vestígios profundos de sua passagem fecunda em ruínas e desastres. O sangue manchava a terra, berço de tantos heróis ilustres e afamados. No Pátio do Carmo, de mistura com vários cadáveres pertencentes aos invasores, viam-se alguns das forças legais, e muitos da escravatura de João da Cunha.

Jerônimo Paes, os filhos, Belchior, e outros proeminentes vultos do partido vencido tinham sido presos, e daí a três dias seguiam para Olinda, no meio da

tropa vitoriosa de Gil Ribeiro. Paes mal podia consigo. Recebera durante a luta nove tiros, e inumeráveis cutiladas na cabeça.

Conta-se que, por ocasião de lhe darem na prisão a notícia da morte de Coelho, dissera ele o seguinte, formais palavras:

— Se desta não morrer, hei de vingar-me ainda de João da Cunha. O que ele devia a Antônio Coelho há de pagar a mim, quando tivermos de ajustar as nossas contas. Estão muito anchos com o sucesso, esses infames mazombos. Já pensam que os mascates se acabaram de uma vez. Estão enganados. Hei de ver ainda João da Cunha e Cosme Bezerra correrem as ruas de Goiana, amarrados com cordas pelas minhas mãos, como se fossem negros fugidos.

Estas palavras foram proféticas. Mas não antecipemos acontecimentos que tem lugar próprio na continuação desta história.

Diz-se que Zefinha faleceu a cabo de algumas semanas, depois do lastimoso fim de Antônio Coelho, e da prisão do pai e dos irmãos. Atribuem seu falecimento à profunda impressão que produziram nela tão estranhos e cruéis golpes.

Porque não havia de ser assim?

Era uma excelente alma a rapariga.

CAPÍTULO 29

Lourenço tinha tirado para o engenho à desfilada, e antes de chegar ai nuvens de fumo já lhe tinham indicado o que ele suspeitava, pelo que fora vendo ao sair da vila. Em seu trajeto do Cajueiro para esta, os bandoleiros de Pedro de Lima tinham posto fogo nos canaviais, e casas fechadas ou desamparadas, que ardiam agora como se a terra por ali, na combustão primitiva, lhes houvesse comunicado o incêndio.

— Não há que duvidar - disse o rapaz. Andaram por aqui os ladrões. Estiveram no engenho, e quem sabe o que por lá fizeram?

Como tinham cortado quase por dentro do mato os bandoleiros, pode o rapaz chegar ao Cajueiro sem com eles se encontrar; e cedo testemunhou com seus próprios olhos, dando de face com a casa de Vitorino, o estrago, o desbarato, as ruínas, que ai deixara a horda sem freio.

Das portas algumas tinham sido arrancadas, outras postas por terra. Só as janelas estavam nos seus lugares.

Lourenço não pode fugir de entrar, não obstante sua pressa em chegar à casa grande. O estado interior da habitação do almocreve não era mais animador do que o seu estado exterior. Tamboretas, caixas de madeira, girais de varas, potes, estavam despedaçados e destruídos. Lia-se ali só perversidade, porque nesses moveis e vasilhas ninguém suspeitava a existência de objetos que pudessem tentar a cobiça, e explicar até certo ponto a sua violação ou arrombamento. E para onde teriam fugido as mulheres? inquiriu de se para se o matuto. Ao montar de novo, o espírito cheio de pesar e incertezas, lançou Lourenço as vistas casualmente ao chiqueiro, onde Joaquina tinha o cevado, que devia dar uma fartadela à família no dia de S. Thomé. A sangueira, que cobria o chão desde o chiqueiro até a meia-água de palha, a cuja sombra as mulheres lavavam a sua roupa, fazia certo que o cevado passara pela execução capital antes do dia aprazado, e que se tinham aproveitado dele, não a família, que devia encher de alegrias, mas os salteadores e assassinos. O banco de lavar roupa, coberto de sangue, e aos pés dele uns restos de palha queimada indicavam que ali mesmo se praticara o cruento sacrifício.

Triste e colérico ao mesmo tempo, Lourenço prosseguiu o caminho.

Adiante apareceu-lhe a casa de Manoel das Dores, matuto muito pegado com Vitorino, de quem se dizia contra-parente. Este sujeito era solteirão do lugar. Vivia muito metido consigo mesmo, e só uma vez ou outra surgia sem ser esperado em casa dos vizinhos.

Ainda de longe o rapaz reconheceu que por ali passara também o devastador soão. As portas, às escancaras, deixavam à mostra a destruição efetuada dentro. Não havia ficado ai pedra sobre pedra. Pela estreita sala viam-se espalhadas esteiras e roupas velhas. O chão fora revolvido à ponta de espada ou de ferro-de-cova. Praticando assim, os salteadores deixavam manifesta a sua intenção. Tinham procurado dar com o mealheiro em que se dizia guardava o velho a pratinha que podia ajuntar.

— Oh meu Deus! Não vejo ninguém. Onde se meteu esse povo? Nem morador nem negro do engenho! Parece que todos fugiram para o mato com medo dos ladrões.

Estas palavras escaparam dos lábios de Lourenço como uma dor que não cabia no coração.

Adiante da casa do velhote, era a de Sabino, em cuja companhia morava Saturnino. Do lado de fora, ao pé da porta da frente, via-se um volume imóvel, no meio de uma poça de sangue, por cima do qual esvoaçava um enxame de moscas. Era o cão de Sabino, que por ser fiel defensor da morada de seu senhor, e ter feito fortes e repetidas investidas sobre os assaltantes, para impedir que

entrassem, recebera uma bala, que o deixou por terra, com a cabeça aberta e a língua a nadar sobre sanguinolento escumeiro.

Começou a impressionar-se Lourenço com esta solidão, este deserto cruel em que só se lhe deparavam indícios de atrocidades e carnificinas, de fraqueza e terror.

Tinha já descoberto o oitão da casa grande e ia passar para ela por entre a capela e o pomar, quando um vulto se lhe apresenta do lado dos canaviais. Afirmando a vista, reconheceu Marianinha.

Correu para ela tomado de súbita alegria. As antigas reservas e aborrecimentos não lhe lembraram nesse momento. A presença da moça fora como um raio de luz que atravessara as densas sombras que enchiam o espírito do rapaz.

— Você por aqui, Marianinha?! Estou cansado de ver solidão, estragos e sangue. Onde está sua gente? Não ouço nenhum rumor, nem vejo ninguém na casa grande. Que quer dizer isto?

— A primeira resposta da moça foram as lágrimas. Depois, em rápidas palavras, ela contou toda a desgraça, ou antes a serie de desgraças de que o engenho fora teatro momentos antes.

— Ouvindo a fúnebre narração, Lourenço não soube o que dizer por alguns instantes. Ficou a modo de privado, do uso da razão. O pesar, a cólera, o desejo de vingar-se o tiveram entre o idiotismo e a loucura. O estado melindroso de suas faculdades aumentou ainda mais, quando ele soube que no engenho não havia ninguém com quem contar para ir em socorro dos que estavam precisando dele na vila. Alguns corpos sem vida era só o que restava das forças que tinham ficado para defesa da casa grande. Os negros que no combate não tinham caído mortos ou feridos, esses haviam fugido para o mato, determinados a não voltarem segunda vez para a escravidão.

— Para contar o acontecido, Marianinha parara ao pé da ingazeira centenária que se levantava de um dos lados do caminho, e que com outras formava uma como galeria por cima do braço de rio que cortava por dentro do cercado. Foi aí, na sombra e no retiro, que davam mais solenidade às suas palavras, mais gravidade a seus prantos, que ela desfiou o rosário dos episódios de que tinha conhecimento. Quando chegou ao da morte de Vitorino, a pobre rapariga entrou a chorar como louca.

— Vamos para fora, Marianinha, disse Lourenço, vencendo a custo sua comoção. Quero ver sua mãe. Vamos, sim, disse a moça. Eu tinha vindo em busca de Saturnino para ajudar minha mãe...

— Ajudá-la a que...?

— Você vai já saber, Lourenço — respondeu a moça, deixando-se banhar cada vez mais em suas aflitas lágrimas. Do lado de fora da galeria, à luz livre da manhã, luz graciosa e tépida que parecia um sorriso de noiva, luz que patenteava os mínimos acidentes da natureza, pode Lourenço ver melhor Marianinha.

Trazia ela os cabelos revoltos, avermelhados os olhos de muito chorar, crestada a macia pelúcia das faces, que não obstante mais acesas se mostravam de natural rubor. Mas esses olhos, posto que chorosos, tristes e afligidos, eram ainda tão matadores, tão ternos, que parecia concentrarem em se toda a suavíssima beleza, esparzida pelas várzeas, pelos vales distantes, na luz que caía do céu como chuva de ouro, nas flutuações da folhagem, na frescura das vastas sombras, atiradas como leitos de paz e tranquilidade no meio da solidão rica de esplendores e cantos.

Entraram na capela pela portinha da sacristia.

Ao penetrar na estreita e sombria nave, o espetáculo que a Lourenço se mostrou, foi o seguinte:

No meio da igreja, ao lado de um monte de terra fresca, jazia um cadáver; era o de Vitorino. Entre esse cadáver e o monte, uma mulher tirava do chão onde estava abrindo uma cova, pás de terra, que atirava sobre a que havia fora. Era Joaquina.

Lourenço quase a não conheceu, tão demudado estava o resto da infeliz. A dor envelhecera-a em poucas horas. A dor tem mais violência e rapidez na sua obra do que o próprio tempo.

— Joaquina só se deixava ver da cintura para cima. A outra parte do corpo estava metida na cova. Os cabelos, em sua maior parte embranquecidos pelas necessidades usuais da vida do pobre, e agora pelo sopro da adversidade que lhe enrelegara os últimos alentos, caindo sobre as faces murchadas e macilentas, davam-lhe uma feição que gerava vexame em quem a via.

— Sem dizer uma palavra sequer, Lourenço que aprendera de Marcelina a ter para os cadáveres pias demonstrações, ajoelhou-se aos pés do corpo de Vitorino, rezou em silêncio sua oração, e, erguendo-se, aproximou-se de Joaquina, tomou-lhe a pá das mãos e pôs em lugar dela a prosseguir o último trabalho que o morto exigia dos vivos na terra. A mãe e a filha, mudas e taciturnas, acompanharam com suas lágrimas as que o rapaz verteu, abrindo o leito final do seu vizinho, amigo de seu pai e quase seu parente, a quem votava estima e prestava respeito.

— Chegou enfim o momento de ser entregue à sepultura o corpo do finado. O pranto das mulheres redobrou. Marianinha fazia exclamações de cortar o

coração. Joaquina carpia-se inconsolável, envolvendo com o nome do marido o da filha mais velha que lhe fora arrebatada momentos antes da perda do primeiro. A mão trêmula, o braço hesitante, começou Lourenço a impelir para dentro da cova, depois de se haver sumido nela para sempre o seu mudo habitador, com a pá que lhe pesava como barra de ferro, a terra acumulada nas bordas. A tristeza era profunda, solene o momento, indescritível o espetáculo. Que será de mim sem meu marido? exclamou Joaquina soluçando.

Que será de mim sem meu pai? acrescentou Marianinha, desfazendo-se em lágrimas e suspiros. Lourenço tinha posto na cova a última pá de terra.

Sua mão descaíra sobre o cabo do instrumento.

Por impulso irresistível de espírito, ele voltou-se para as mulheres, ouvindo aquelas palavras, e disse-lhes:

— E onde estão os outros filhos de Deus? Onde está meu pai? Onde está minha mãe? Onde estou eu? Deus é Deus em toda a parte, e quando tira um arrimo ao necessitado, já tem posto outro diante dos olhos dele.

Ouvindo estas palavras, Marianinha sentiu descer-lhe ao íntimo do coração um como bálsamo reparador e divino. Ergueu os olhos ao rapaz. Estavam inundados de um clarão suave. Havia ali talvez um agradecimento que lhe dirigia pela doce esperança que, depois de tantas contrariedades, penas e agonias, muitas delas ocasionadas por ele próprio, ressurgia agora, posto que banhada em prantos, no solo crestado, que de repente se tornava fresco e fecundo ao calor dessa bendita consolação.

Nesse momento ouviram bater a porteira do engenho, e logo após o estrepito das pisadas de um animal que corria à toda a brida. Lourenço lança-se à porta da igreja, a fim de ver quem era o cavaleiro, e dá com olhos em Marcelina.

O conforto no coração de Joaquina e de Marianinha aumentou com a chegada da cabocla, e especialmente depois que souberam que Francisco estava na vila, e que os mascates naquele momento deviam ter já perdido a mão.

Lourenço quis voltar imediatamente a Goiana, mas Marcelina não consentiu que o fizesse, dizendo-lhe que em pouco tempo Francisco se acharia com eles.

De feito, não se meteram duas horas que o matuto se reuniu à família, trazendo a importante nova da vitória. Para Marianinha a vitória maior foi a que o matuto exprimiu nestas palavras:

Não chores, Marianinha. Perdeste teu pai, mas ali tens teu marido. E indicou Lourenço que, com os olhos pregados na imagem do Crucificado, se mostrava nesse momento diante do altar, inteiramente alheio ao que se falava a seu lado.

Eis em que estava absorvido o rapaz.

Quando viera de Goiana horas antes, encontrara caído, entre a casa de Vitorino e a de Manoel das Dores, um bandoleiro de Pedro de Lima à sombra de uma árvore. O malfeitor tinha passado a noite em claro, e na adega do senhor de engenho fora do que mais entraram pelo vinho generoso, o qual, dando-lhe na fraqueza, o impossibilitou para preencher o seu ofício naquele dia. Em uma das mãos tinha ainda um saco, de que marejava sangue.

Lourenço saltou do cavalo abaixo, tirou o saco das mãos do dono que estava ressonando, e abriu-o para ver o que continha. Era a cabeça do cevado de Joaquina, com que o salteador tencionava aumentar o almoço que por eles devia estar esperando, segundo calculava, em casa de Coelho ou de Paes.

Teve então o rapaz a idéia de tomar uma vingança original. Com cordas do seu cavalo suspendeu por baixo dos braços o bandido ao alto da árvore. Ligou um pé ao outro, para que não tivesse meios de passar as pernas no tronco, e desprender os braços, que atou pelos pulsos na altura da cabeça da vitima, porém afastados. Enfim o todo figurava uma crucificação.

Planejava Lourenço queimar vivo o infeliz. Além de ser de seu natural mau, acabava de ver os males trazidos pela horda de que o malfeitor fazia parte, à inofensiva propriedade de pessoas de seu conhecimento e estima. Apanhara-o mesmo com o roubo na mão, praticado na casa a que mais se sentia preso por gratos elos dentre todas as casas das vizinhanças. Enfim, vinha da vila trazendo o coração repleto de fel e chama pelo que ai faziam desde a noite anterior os companheiros do malfeitor. Por tudo isso não hesitou em levar a efeito a abominável inspiração do seu ódio e da sua maldade. Quem o visse então, o acharia outro do que era. A brandura de coração, obra de Marcelina, tinha cedido o lugar, que não era ainda exclusiva propriedade sua, à paixão animal, que o acompanhava do berço. A educação pode muito, quando ajudada de muitas lições e exemplos e ao cabo de tempo bastante, converter, pelo processo que em fisiologia é ainda um mistério, o espinho original em rosa filha do artifício, da delicadeza e da perseverança.

Como tinha pressa, Lourenço deixara ai bem segura a sua presa, calculando sujeitá-la ao repugnante suplício depois de vencidos os inimigos.

Agora, porém, casualmente erguendo as vistas ao crucificado, lembrara-lhe a crucificação, de que um momento o tinham feito esquecer-se os últimos acontecimentos.

Francisco aproximou-se do rapaz, bateu-lhe no ombro e perguntou-lhe a causa do seu enleio.

— Vosmecê não viu suspenso na gameleira do caminho o cabra que matou o porco de sinhá Joaquina? tornou ele.

— Vi, sim. Sabes quem era? Leonardo, sobrinho de Gonçalo Ferreira. Quem foi que lhe fez aquela crueldade? Coitado! Por um pouquinho não morreu.

— Pois eu estava agora mesmo pensando em ir acabar de matar aquele ladrão, aquele assassino.

— Quem? Tu, Lourenço?

— Eu mesmo, sim senhor.

— Não digas isto. Estás já um homem e deves pensar melhor. Até onde queres levar o teu mal natural?

— Mas então eu não devia ter feito o que fiz? o ladrão não botou portas abaixo, não pôs fogo nos canaviais e nas casas dos outros, não tirou o que não era seu?

— Fez tudo isso, mas tu não és juiz, não és Deus para julgar os homens.

— Eu pensei — replicou o rapaz com ironia — que qualquer homem podia por suas mãos vingar-se de um malfazejo, matar um malvado que tivesse tirado a vida a muita gente. Estás enganado. Nem eu te quero para palmatória ou espada do mundo. Sabes o que fiz quando vi o pobre gemendo e esperneando, pendurado, sem saber o que fazer para soltar-se? subi-me ao pau, cortei as cordas e disse a Leonardo que corresse, que fugisse para não cair no poder dos soldados do ajudante de tenente. Foge dessas maldades, Lourenço, foge delas. Deus não há de permitir, por esta hora em que estou falando, que pratiques ainda ações como essa. Olha. Eu te quero para bom, e não para mau. Quero-te para servires de arrimo aos teus na velhice. Quero-te para casares com esta pobre menina, que hoje mais do que nunca precisa de quem olhe por ela, e que está morrendo de te querer bem.

E indicou a filha de Vitorino.

Lourenço, que tivera os olhos postos no chão durante todo o tempo em que Francisco discorria com tão boa moral, levou-os à cova, a Marianinha, ao Crucificado, ao templo — morada de Deus, seja o templo católico, judaico, chinês ou árabe — e não disse nada.

Marianinha cruzou os dela, ainda rasos de lágrimas, com os do rapaz, e enrubesceu.

Mais corada não se mostra fresca rosa de maio, aljofrada pelo orvalho da madrugada.

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014